



GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

**PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE BACHARELADO EM ENGENHARIA
FLORESTAL**

Macapá-AP
2024

Projeto Pedagógico do Curso de Graduação de Bacharelado em Engenharia Florestal
Macapá - 2024





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

Prof.^a Dra. Kátia Paulino dos Santos
Reitora

Prof.^a Dra. Marcela Nunes Videira
Vice-Reitora

Prof. Dr. Márcio Moreira Monteiro
Pró-Reitor de Planejamento e Administração

Prof.^a Dra. Heryka Cruz Nogueira
Pró-Reitora de Graduação

Prof. Dr. Gabriel Araújo da Silva
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Prof.^a Dra. Raimunda Kelly Silva Gomes
Pró-Reitora de Extensão

Prof.^a Dra. Carla Priscilla Távora Cabral
Coordenadora do Curso de Engenharia Florestal

Prof. Dr. Breno Marques da Silva e Silva
Prof.^a Dra. Carla Priscilla Távora Cabral
Prof. Dr. Driss Wagner Pantoja Pena
Prof. Dr. Fernando Galvão Rabelo
Prof. Dr. Jadson Coelho de Abreu
Prof.^a Dra. Mariana Martins Medeiros de Santana
Prof. Dr. Robson Borges de Lima

**Membros responsáveis pela reestruturação do Projeto Pedagógico do Curso de
Bacharelado em Engenharia Florestal**





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

SUMÁRIO

1 IDENTIFICAÇÃO DA INSTITUIÇÃO.....	7
1.1 CRIAÇÃO E INSTITUCIONALIZAÇÃO	7
1.2 MISSÃO, OBJETIVOS E METAS INSTITUCIONAIS	7
1.3 HISTÓRICO	7
1.4 ESTRUTURA, LOCALIZAÇÃO, CURSOS E FUNCIONAMENTO	9
1.5 CURSOS DA UEAP.....	10
1.6.1 Políticas de ensino.....	11
1.6.2 Políticas de pesquisa e pós-graduação	12
1.6.3 Políticas de extensão	14
2 JUSTIFICATIVA INSTITUCIONAL.....	14
3 JUSTIFICATIVA DO CURSO	15
4 IDENTIFICAÇÃO DO CURSO	16
4.1 DENOMINAÇÃO DO CURSO	16
4.1 FORMA DE INGRESSO NO CURSO	16
4.3 NÚMERO DE VAGAS OFERECIDAS POR PROCESSO SELETIVO	16
4.4 GRAU	16
4.5 TURNO DE FUNCIONAMENTO	17
4.6 MODALIDADE DE ENSINO	17
4.7 REGIME DE MATRÍCULA	17
4.9 PERÍODO DE INTEGRALIZAÇÃO	17
4.10 CARGA HORÁRIA DO CURSO	17
4.11 LOCAL DE FUNCIONAMENTO DO CURSO	18
5 PERFIL INSTITUCIONAL	18
6 DIRETRIZES GERAIS DA EDUCAÇÃO	19





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

6.1 LEIS.....	19
6.2 DECRETOS.....	20
6.3 REFERÊNCIAS NORMATIVAS.....	20
6.4 PORTARIAS, PARECERES E RESOLUÇÕES.....	21
6.5 ENGENHARIA FLORESTAL.....	24
7 ORGANIZAÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA.....	24
7.1 OBJETIVOS DO CURSO.....	24
7.2 PERFIL PROFISSIONAL DO EGRESSO.....	25
7.2.1 Competências e habilidades gerais:	26
7.2.2 Competências e habilidades específicas.....	27
7.3 ÁREA DE CONHECIMENTO DO CURSO.....	28
8 PROPOSTA PEDAGÓGICA.....	28
8.1 MATRIZ CURRICULAR.....	29
8.1.1 FLUXOGRAMA DA MATRIZ CURRICULAR DO CURSO DE ENGENHARIA FLORESTAL.....	31
8.1.2 Núcleo de conhecimentos básicos.....	40
8.1.3 Núcleo de conhecimentos profissionais essenciais.....	40
8.1.4 Núcleo de conhecimentos essenciais específicos/Disciplinas Optativas.....	41
8.1.5 Estágio Curricular Supervisionado Obrigatório.....	43
8.1.6 Atividades Complementares de Graduação - ACG.....	43
8.1.7 Trabalho de Conclusão de Curso - TCC.....	44
8.1.8 Unidades Curriculares de Extensão - UCEX.....	45
8.2 EMENTÁRIO.....	47
8.3 MATRIZ EQUIVALENTE.....	157
9 A EDUCAÇÃO INCLUSIVA.....	162
9.1 UNIDADE DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA – UEI.....	162





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

10 METODOLOGIAS DE ENSINO.....	162
10.1 ACOLHIMENTO E NIVELAMENTO DOS DISCENTES	163
11 AVALIAÇÃO	164
11.2 SISTEMA DE AVALIAÇÃO DO PROJETO DO CURSO.....	166
11.3 AUTOAVALIAÇÃO DO CURSO.....	168
11.4 ACOMPANHAMENTO DOS EGRESSOS E EVASÃO DE INGRESSANTES	170
12 INTERDISCIPLINARIDADE E TRANSVERSALIDADE	170
13 INTEGRAÇÃO DO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO.....	172
14 RECURSOS HUMANOS	175
14.1 CORPO DOCENTE	175
14.2 CORPO TÉCNICO.....	175
15 NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE	178
16 COORDENAÇÃO DO CURSO	178
16.1 FUNCIONAMENTO	180
16.2 COMPOSIÇÃO	180
16.3 PERFIL DE COORDENADOR E VICE COORDENADOR.....	180
16.4 PROCESSO ELEITORAL	180
17 CONSTITUIÇÃO E FUNCIONAMENTO DO COLEGIADO DO CURSO.....	180
18 INFRAESTRUTURA.....	181
18.1 INFRAESTRUTURA ATUAL	181
18.1.1 Instalações gerais	181
18.1.2 Sala da coordenação do curso de Engenharia Florestal	182
18.1.3 Sala dos professores.....	182
18.1.4 Salas de aula	182
18.1.5 Laboratórios didáticos e auditórios	182





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

18.1.6 Biblioteca	183
18.2 INFRAESTRUTURA NECESSÁRIA	184
19 REFERÊNCIAS	187
19.1 BÁSICAS	187
19.2 COMPLEMENTAR	187
20APÊNDICES	187
20.1 REGULAMENTO DAS ATIVIDADES COMPLEMENTARES DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE ENGENHARIA FLORESTAL	187
20.2 REGULAMENTO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO DO CURSO DE ENGENHARIA FLORESTAL	199
APÊNDICE A – Ficha de coleta de dados dos acadêmicos de Estágio Obrigatório	222
APÊNDICE B – Formulário do Setor de Estágio Curricular	224
APÊNDICE C – Modelo de Plano de Estágio	225
APÊNDICE D – Ficha de avaliação – Estágio Supervisionado Obrigatório	227
APÊNDICE E – Ficha de avaliação do Estágio pelo(a) Estagiário(a)	230
APÊNDICE F – Ficha de Frequência Mensal – Estágio Supervisionado Obrigatório	232
APÊNDICE G – Ficha de Solicitação para Concessão de Estágio Supervisionado	233
APÊNDICE H – Termo de Desligamento de Estágio Obrigatório	235
APÊNDICE I – Certificado de Conclusão de Estágio Curricular Supervisionado	236
20.3 REGULAMENTO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE ENGENHARIA FLORESTAL	237
20.4 REGULAMENTO DO NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE DO CURSO DE ENGENHARIA FLORESTAL	274
20.5 REGIMENTO INTERNO DO COLEGIADO DO CURSO DE BACHARELADO EM ENGENHARIA FLORESTAL	279





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

1 IDENTIFICAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

1.1 CRIAÇÃO E INSTITUCIONALIZAÇÃO

A Universidade do Estado do Amapá (UEAP) foi criada através da Lei nº. 0969, de 31/03/2006 e instituída pela Lei nº. 0996, de 31/05/2006. É regida pelos instrumentos normativos: Estatuto; Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI); Regimento Geral; Projetos Pedagógicos de Cursos.

1.2 MISSÃO, OBJETIVOS E METAS INSTITUCIONAIS

A sua missão é promover o acesso ao conhecimento, estimulando a produção, integração e divulgação dos saberes, com a responsabilidade de formar cidadãos comprometidos com a ética, o desenvolvimento humano e sustentável dos recursos naturais, que possam contribuir para a geração de uma sociedade justa e democrática.

Os seus objetivos são promover o ensino superior, desenvolvendo o conhecimento universal, com especial atenção para o estado do Amapá e para a Amazônia; realizar pesquisa e estimular atividades criadoras, valorizando o indivíduo em seu processo evolutivo, incentivando o conhecimento científico relacionado ao homem e ao meio ambiente; participar e colaborar com as políticas de desenvolvimento do estado do Amapá.

As metas e ações que dão suporte ao fortalecimento institucional em âmbito administrativo, organizacional e especialmente nas atividades relacionadas ao ensino, pesquisa e extensão, estão sempre em constante construção. Informações atualizadas estão disponíveis no PDI da IES, liberado para consulta no site da universidade (<http://www.ueap.edu.br/>).

1.3 HISTÓRICO

A Universidade foi instituída pela Lei nº 0996, de 31 de maio de 2006, de autoria do Executivo estadual. Em dezembro de 2005, um Grupo de Trabalho Institucional (GTI) foi criado com a incumbência de elaborar a proposta de implantação da UEAP. Como parte dos trabalhos do GTI, foi realizado de 04 a 07 de fevereiro de 2006 um ciclo de audiências públicas durante as quais instituições governamentais e não governamentais apresentaram informações acerca da situação atual da formação em nível superior no estado do Amapá, assim como sugestões e propostas quanto aos cursos a serem abertos na UEAP.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

No ano de 2007, por meio da Lei 1.114 de 31 de agosto, foram criados grupos de trabalho, câmaras técnicas e comissões para elaboração dos documentos oficiais que orientariam a prática pedagógica da Instituição e a elaboração dos Projetos Pedagógicos de Curso (PPC). Naquele mesmo ano, foi realizado o primeiro Processo Seletivo (Vestibular) que ofertou 100 vagas para os cursos de Engenharia Florestal, Engenharia de Pesca, Engenharia de Produção e para as licenciaturas em Química, Letras e Pedagogia. Durante todo o período em que a instituição ficou sem concurso público, a composição integral do quadro docente foi feita por meio de Processo Seletivo Simplificado para contratação temporária.

Em 2008, foi implantado o curso de Licenciatura em Filosofia e em 2009, o curso tecnológico em Design. Os cursos de Engenharia Ambiental, Engenharia Química e Licenciatura em Ciências Naturais foram criados em 2010. Neste mesmo ano, visando atender o que estabelece a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9.394/1996, no que tange à formação de nível superior para os professores da Educação Básica, a UEAP, em parceria com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, passa a ofertar 06 turmas de Pedagogia (Licenciatura) e 01 de Química (Licenciatura), no âmbito do Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR) para os professores da rede municipal e estadual de ensino.

Em atendimento à demanda da sociedade civil organizada, no ano de 2011, a UEAP ofertou, como projeto piloto, o curso de Ciências Agrárias (licenciatura) em parceria com as Escolas Famílias do Amapá e entidades parceiras afins, que tem como princípios filosóficos e metodológicos a pedagogia da alternância.

A partir de 2011, na gestão da Magnífica Reitora Prof.^a Dra. Maria Lúcia de Teixeira Borges, inicia-se uma agenda interinstitucional de trabalho com vistas ao processo de legitimação da UEAP junto aos órgãos de fiscalização da educação superior no estado, o Conselho Estadual de Educação (CEE) e a Secretaria de Regulação e Supervisão do Ensino Superior (SESU/MEC), órgão que reúne os dados cadastrais de todas as IES existentes no Brasil e do qual a UEAP não fazia parte.

Em continuidade aos avanços de 2011, foram realizadas a análise e a discussão do Plano de Desenvolvimento Institucional - PDI e do Projeto Pedagógico Institucional –PPI, visto que vigoravam desde 2007 e, portanto, necessitavam ser reestruturados. Também foram criados o Núcleo Docente Estruturante - NDE de cada curso e a Comissão Permanente de Avaliação –





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

CPA, requisitos exigidos em lei para o reconhecimento dos cursos superiores e que até aquele momento não existiam. Outro requisito cumprido diz respeito à construção dos Projetos Pedagógicos dos Cursos existentes, revisados e atualizados com a legislação vigente.

Ainda no ano de 2011, a UEAP realizou a primeira Outorga de Grau em dois momentos, totalizando a saída de 136 graduados nas áreas de Engenharia de Pesca, Engenharia Florestal, Letras, Pedagogia, Filosofia e Química. No final desse ano, o Conselho Estadual de Educação, com base no cumprimento dos requisitos para reconhecimento dos cursos, expede a Resolução nº 84/11-CEE, autorizando a emissão de diploma até que o processo de reconhecimento seja concluído, conferindo credibilidade aos cursos da Universidade.

O lançamento do primeiro edital (Lei 1.301/2009) para contratação do quadro efetivo de professores da UEAP foi fundamental para o reconhecimento dos cursos mesmo que em caráter excepcional. Esse processo seletivo disponibilizou 72 vagas, das quais 35 foram preenchidas. Os professores aprovados e empossados iniciaram suas atividades em fevereiro de 2012, mudando significativamente a organização acadêmica da Instituição, o que possibilitou pleitear financiamentos e programas junto a órgãos de fomento, como CAPES e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq.

Os profissionais que atuam nas diferentes áreas de formação da instituição têm se mobilizado a fim de fortalecer as propostas pedagógicas dos cursos, promovendo momentos para debates sobre os atuais currículos, políticas educacionais e práticas docentes. Um dos marcos foi a realização do 1º Fórum das Licenciaturas da UEAP, em junho de 2012, no Teatro das Bacabeiras, que contou com a participação efetiva de acadêmicos, docentes e técnicos da Universidade, bem como das demais instituições que atuam no campo das Licenciaturas no Estado.

1.4 ESTRUTURA, LOCALIZAÇÃO, CURSOS E FUNCIONAMENTO

Atualmente a Universidade possui 2 Campi: o primeiro localizado na capital do Estado (Macapá) é denominado Campus I, o qual compreende a unidade Presidente Vargas (Av. Presidente Vargas, n. 650 Centro, Macapá – AP, CEP: 68.900-070) e a unidade Graziela (localizado na Av. Duque de Caxias, 60 Centro, CEP: 68900-071); enquanto o segundo, localizado no Município de Amapá, é denominado Campus Território dos Lagos (localizado na





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

Avenida Desidério Antônio Coelho, 470, Sete Mangueiras, CEP 68950-000, na cidade do Amapá – AP).

A Universidade ainda possui o Núcleo Tecnológico (NTE), localizado na Avenida 13 de Setembro, 2081, Buritizal, CEP: 68902-865, Macapá - AP e o Setor Administrativo e de Ensino, localizado na Avenida FAB, n. 262, Bairro Central, Macapá – AP, CEP 68900-073.

Como canais oficiais de contato, a instituição possui o site oficial (<http://ueap.edu.br>) e o e-mail (ueap@ueap.edu.br).

1.5 CURSOS DA UEAP

A UEAP oferece cursos gratuitos e de qualidade em áreas estratégicas para as políticas públicas e para o setor produtivo – demarca importante espaço para o desenvolvimento local e regional e, não por acaso, a implantação dessa universidade faz emergir potencialidades que servirão para alavancar ações mais efetivas, com vistas a desenvolver a economia, a cultura e a sociedade amapaense.

Ao definir a criação de cursos de Graduação, orientados para o fortalecimento da educação em todos os níveis de ensino e ao mercado de trabalho como um de seus principais desafios (PDI – UEAP, 2018), a UEAP assume a responsabilidade de investir na educação e na produção de conhecimentos associados à realidade local, regional, nacional e global, contribuindo, assim, com a formação do cidadão, capaz de dar respostas positivas às demandas da sociedade amapaense.

Em relação à oferta de cursos a UEAP atende a necessidade de qualificação de profissionais de nível superior com vistas as potencialidades econômicas, sociais, ambientais, educacionais e culturais do estado do Amapá. Com base nas necessidades de qualificação profissional para o desenvolvimento local e atender as demandas sociais, a UEAP oferta cursos de bacharelado, tecnologia e licenciatura.

A UEAP possui cursos que atendem os aspectos econômicos do Amapá que se encontra concentrado nas atividades comerciais e no setor de serviços, trata-se de seis cursos de engenharia e um tecnológico, são eles: Engenharia Ambiental; Engenharia de Pesca; Engenharia Florestal; Engenharia de Produção; Engenharia Química; Engenharia Agrônoma; bacharelado em Direito; e Tecnologia em Design. Estes possuem a participação significativa





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

dos recursos públicos, principalmente através dos investimentos governamentais e da renda dos funcionários públicos estaduais e federais (UEAP/PDI, 2018-2022).

Os cursos da UEAP incentivam o crescimento econômico do estado, na possibilidade da implantação de novos empreendimentos, da qualificação avançada de mão de obra, do incentivo à difusão e transferência de tecnologias e da indução às atividades empreendedoras, através das micro e pequenas empresas, estimulando os negócios com base no potencial de recursos naturais do estado (UEAP/PDI, 208-2022).

Outro eixo de desenvolvimento que a UEAP privilegia, na contribuição social e econômica, é na base de formação de professores, pois se entende que a educação é necessária e significativa para o processo de desenvolvimento pleno do Estado. Por isso, oferta sete cursos de Licenciatura em Pedagogia, Licenciatura em Filosofia, Licenciatura em Letras, Licenciatura em Ciências Naturais, Licenciatura em Química, Licenciatura em Matemática e Licenciatura em Música.

Assim, os cursos de Licenciatura da UEAP contribuem para a formação de professores, especificamente, para atuar em 16 municípios do Estado do Amapá e alguns municípios do estado do Pará com a intenção de qualificar o processo educacional. A formação dos profissionais atende a demanda da docência em ambientes: escolar e não escolares.

1.6 PLANO INSTITUCIONAL DE DESENVOLVIMENTO (PDI)

Em relação ao PDI 2018-2022, regido pela resolução nº 261/2018 e alterada pela resolução nº 800/2023, a Instituição assumiu as seguintes políticas:

1.6.1 Políticas de ensino

Para o próximo quinquênio, a UEAP estabelecerá como política de ensino premissas que extrapolem a intenção de aumentar o número de vagas, vislumbrando como objetivo maior a formação de pessoas preparadas para tomar decisões e dominar novas tecnologias, lidando com a produção de bens, serviços e conhecimentos. As ações pertinentes à composição do ensino da UEAP são:

I. Expandir e diversificar a oferta de cursos, nos seus diversos níveis e modalidades, considerando as demandas de mercado, sociais e a capacidade técnico-pedagógica da Instituição;





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

- II. Assegurar a formação geral e de cidadãos acadêmicos;
- III. Formar profissionais com visão empreendedora e senso crítico;
- IV. Formar profissionais na área tecnológica e de licenciatura com qualidade e competência;
- V. Adotar mecanismos de planejamento e desenvolvimento que favoreçam uma prática pedagógica compatível com o avanço científico, tecnológico e cultural;
- VI. Ampliar e melhorar a capacidade de atendimento ao ensino, bem como aos atores envolvidos;
- VII. Reavaliar e manter atualizados os currículos dos cursos oferecidos;
- VIII. Promover avaliação do processo educativo visando otimizá-lo;
- IX. Consolidar estratégias de capacitação para o corpo docente e administrativo ligado ao ensino.

1.6.2 Políticas de pesquisa e pós-graduação

De acordo com a Resolução nº 261/2018 alterada pela Resolução nº 426 de 2019 do Conselho Superior da UEAP, a política de pesquisa da Universidade do Estado do Amapá, ainda que possa trilhar caminho próprio e constituir a sua identidade, será desenvolvida em estreita relação com a pós-graduação, por dois motivos: primeiro, porque o engajamento na atividade de pesquisa requer dos docentes a qualificação necessária, nos níveis de mestrado e doutorado; segundo, a produção de pesquisa da Instituição deve contribuir para a criação e consolidação dos cursos de pós-graduação *stricto sensu*, fortalecendo as linhas de pesquisa que norteiam cada curso.

A produção de pesquisa e, portanto, do conhecimento científico no estado do Amapá teve seu início na década de 1970, quando foram criados o Museu de História Natural Ângelo Moreira da Costa Lima e o Museu Histórico Joaquim Caetano da Silva. Contudo, passados 30 anos, o estado do Amapá conta ainda com poucas instituições de pesquisa, sendo uma estadual, o Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Amapá (IEPA), e três federais, a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), a Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) e o Instituto Federal do Amapá (IFAP). Acrescenta ainda nesse espectro de instituições a participação da Secretaria de Ciência e Tecnologia (SETEC) na condução da





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

política de C&T, através da definição das diretrizes políticas, no fomento da infraestrutura, de projetos e de bolsas de pesquisa, bem como na divulgação e popularização do conhecimento.

O Amapá é um estado demandante de pesquisadores qualificados e de produção científica, embora tenha um potencial inigualável para a pesquisa em todas as áreas do conhecimento. O potencial para pesquisa no estado encontra-se na rica diversidade biológica e cultural de seu meio ambiente e de sua população.

Em termos de produtos naturais, destacam-se o complexo de proteção ambiental estabelecido pelas unidades de conservação e terras indígenas, bem como pelo manancial de recursos hídricos proporcionados pelo estuário amazônico. Neste sentido, a Universidade do Estado do Amapá participa desse contexto de instituições científicas, tanto no processo de qualificação de recursos humanos quanto na produção de pesquisa, visando contribuir com as políticas públicas do Amapá. A UEAP pode contribuir com o crescimento científico do estado através das seguintes iniciativas:

- I. Criação de cursos de pós-graduação nos níveis lato sensu e stricto sensu;
- II. Participação em projetos de pesquisa de âmbitos local, regional, nacional e internacional, cujas pesquisas sejam de interesse do estado e da sociedade local;
- III. Participação em cursos de pós-graduação integrados com outras instituições;
- IV. Criação de cursos de pós-graduação direcionados à formação profissional para o mercado de trabalho, tais como especialização, mestrado e doutorado profissionalizantes;
- V. Continuação dos programas de iniciação científica com objetivo de engajar estudantes na atividade de pesquisa;
- VI. Definição de linhas programáticas para captação de recursos para a pesquisa nas áreas de recursos naturais, sociedade e cultura e na área tecnológica visando à inovação de processos e produtos;
- VII. Criação de mecanismos de difusão e transferência de conhecimentos e tecnologias de interesse da população do Amapá;
- VIII. Criação de condições e apoio às diversas formas de divulgação científica promovendo a relação entre a instituição, os docentes pesquisadores, os estudantes e a população em geral que deve ser a principal beneficiária dos conhecimentos gerados pela Universidade.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

1.6.3 Políticas de extensão

Seguindo a Resolução nº 426/2019, bem como a Resolução nº 360/2019, a UEAP pretende desenvolver projetos que associem ensino e a pesquisa à sociedade. Desta maneira, o programa extensivo à comunidade terá como interface o desenvolvimento do processo pedagógico participativo, possibilitando um envolvimento social com a prática profissional voltada para as demandas suscitadas pela sociedade. A política de extensão deverá, portanto, reforçar o compromisso social da UEAP em promover acesso à sociedade ao mundo do trabalho e à cidadania, através de projetos articulados com as coordenações de curso e professores de acordo com as potencialidades da UEAP.

A Universidade também realiza, através da Unidade de Ações Culturais, projetos de natureza artística e cultural, de modo a promover a integração da comunidade acadêmica e desta com a sociedade, valorizando a cultura local e regional. Através da Divisão de Ações Comunitárias e Assuntos Estudantis são elaborados projetos visando atender às necessidades socioeconômicas de acadêmicos e servidores, bem como, acompanhamento psicopedagógico que são encaminhados pelo Diretório Central dos Estudantes e coordenações de curso. Ainda, desenvolvendo junto aos órgãos governamentais ou não governamentais programas que fomentem atividades de assistência ao estudante.

2 JUSTIFICATIVA INSTITUCIONAL

A Universidade do Estado do Amapá (UEAP) está emergindo como uma instituição de destaque em pesquisa científica no contexto regional do Amapá e da Amazônia. Situada dentro do maior bioma do Brasil, reconhecido pela sua rica biodiversidade, a UEAP desempenha um papel fundamental na produção de conhecimento científico relacionado a essa região de grande importância ecológica.

A predominância de estudantes oriundos do próprio estado e provenientes do sistema público de ensino atesta o compromisso da universidade em proporcionar uma formação acadêmica de qualidade para os cidadãos amapaenses. Essa abordagem contribui para a democratização do acesso ao ensino superior e para a valorização dos talentos locais, capacitando-os para atuar em diversas áreas do conhecimento.

Além disso, a UEAP desempenha um papel relevante na resolução de problemas sociais enfrentados pelas comunidades por meio de projetos de extensão. Através dessas iniciativas, a





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

universidade estende suas atividades além dos limites do campus, promovendo a interação entre estudantes, professores e a comunidade local. Essa interação possibilita a aplicação prática dos conhecimentos adquiridos em sala de aula e a busca por soluções inovadoras para desafios sociais, contribuindo para o desenvolvimento sustentável da região.

Como resultado de seu compromisso com a pesquisa e o engajamento comunitário, a UEAP tem desempenhado um papel cada vez mais relevante no avanço científico e no desenvolvimento socioeconômico do Amapá. Suas contribuições científicas têm consolidado a universidade como uma fonte de referência para questões relacionadas à região amazônica, fortalecendo sua reputação e reconhecimento tanto a nível local quanto nacional.

3 JUSTIFICATIVA DO CURSO

O Estado do Amapá figura como um dos três estados brasileiros com maior cobertura de vegetação nativa em relação a sua área total (78,87%), de acordo com o IBGE, que realizou a contabilidade do uso da terra para as unidades da Federação, com dados dos anos de 2000, 2010, 2012, 2014, 2016 e 2018 (IBGE, 2021). Além da grande área florestal preservada e destinada ao uso sustentável, através das concessões florestais, o estado conta ainda com grandes empresas que demandam profissionais nessa área, como a Amapá Florestal Celulose – AMCEL, além de escritórios de consultoria em meio ambiente e assistência técnica. Cabe destacar também que o setor florestal possui um grande potencial econômico na produção de produtos florestais não madeireiros, como óleos essenciais, frutas, castanhas, entre outros.

Portanto, a justificativa para a criação/continuidade do curso de Engenharia Florestal ofertado pela UEAP é fundamentada em diversos fatores relevantes para a região e para o país como um todo, como por exemplo: preservação e manejo sustentável de ecossistemas; desenvolvimento econômico e geração de empregos; combate ao desmatamento e a atividades ilegais; e ampliação de atividades de pesquisa e inovação.

O curso de Engenharia Florestal da UEAP foi criado no dia 16 agosto de 2006, na 1ª Reunião Ordinária do Conselho de Implantação da UEAP– CONSIMP e aprovado pela Resolução nº 162/2017 – CONSU/UEAP. O ingresso da primeira turma ocorreu em 2007 e continua suas atividades até os dias atuais. Durante esse processo, o curso de Engenharia Florestal da UEAP buscou aumentar o leque de conhecimento ofertado aos seus alunos,





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

atualizando a matriz curricular para englobar as áreas de biotecnologia, melhoramento vegetal, linguagem de programação e inteligência artificial.

A formação de profissionais locais capacitados em Engenharia Florestal tem ajudado a suprir a demanda por especialistas na região, reduzindo a necessidade de buscar profissionais de outros estados e incentivando a permanência dos talentos locais. Além disso, a criação do curso de Engenharia Florestal no Amapá contribui para fortalecer a educação no estado, ampliando as opções de formação acadêmica na área ambiental.

4 IDENTIFICAÇÃO DO CURSO

4.1 DENOMINAÇÃO DO CURSO

Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal.

4.1 FORMA DE INGRESSO NO CURSO

O ingresso de novos acadêmicos deverá ocorrer mediante igualdade de condições, baseado nas notas obtidas no Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM por meio do Sistema de Seleção Unificada-SISU-MEC.

Para ingressar é preciso ter concluído o Ensino Médio e ser aprovado no Processo Seletivo. Não há restrição alguma em relação à idade dos candidatos. Aos menores de 18 anos, no entanto, é exigida a presença do responsável legal no ato da matrícula.

Em suma, o ingresso pode ser feito de duas formas, além da transferência por "força de lei". A primeira e mais importante ocorre após a submissão ao Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e, a segunda através do ingresso extra vestibular, por meio de Processo Seletivo, na forma estabelecida em Edital próprio, se aprovado pelo colegiado do Curso e homologado pelo Conselho Superior Universitário (CONSU), de acordo com o PDI 2018/2022 – UEAP.

4.3 NÚMERO DE VAGAS OFERECIDAS POR PROCESSO SELETIVO

Serão oferecidas 50 vagas anualmente.

4.4 GRAU

Bacharel.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

4.5 TURNO DE FUNCIONAMENTO

As vagas serão ofertadas em período integral em decorrência das peculiaridades do curso e necessidade de atividades práticas durante o período matutino ou vespertino, no qual parte da carga horária, como as das atividades complementares de Graduação, estágios supervisionados obrigatórios, trabalho de conclusão de curso e unidades curriculares de extensão, ocorrerá no contraturno de oferta das disciplinas.

4.6 MODALIDADE DE ENSINO

Presencial. No entanto, as apresentações e/ou defesas de TCC, estágios e correlatos podem ocorrer de forma remota ou híbrida com a anuência da coordenação de curso, como forma de agilizar o processo e estimular a participação de profissionais externos em bancas avaliadoras.

4.7 REGIME DE MATRÍCULA

Semestral.

4.8 Título Acadêmico Conferido

Bacharel em Engenharia Florestal.

4.9 PERÍODO DE INTEGRALIZAÇÃO

No mínimo de 10 e no máximo de 15 semestres.

4.10 CARGA HORÁRIA DO CURSO

O curso possui uma carga horária total de efetivo trabalho acadêmico de 4.285 horas relógio, distribuídas em 3.915 horas de disciplinas obrigatórias, 315 horas de disciplinas optativas, 160 horas de estágio supervisionado obrigatório (ESO), 120 horas de atividades complementares de graduação (ACG), 50 horas de trabalho de conclusão de curso (TCC) e 430 horas de unidades curriculares de extensão (UCEX).

Disciplinas eletivas são aquelas cursadas em outros cursos da UEAP ou em outras IES. A carga horária a ser contabilizada será de 30 horas/disciplina, mesmo que a disciplina tenha





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

carga horária superior. Essa carga horária poderá ser contabilizada no componente curricular Atividades Complementares de Graduação (ACG), em campo específico.

Em virtude de Mobilidade Acadêmica em outras IES, nacional ou internacional, nos cursos de graduação em Engenharia Florestal ou similar em Ciências Florestais, ou em cursos de graduação da UEAP, para disciplinas não ofertadas neste PPC deverão obedecer ao Art. 32 do Regimento Acadêmico da UEAP, aprovado pela Resolução nº 596/2021. Para tanto, a referida solicitação será devidamente acompanhada dos seguintes documentos:

1. Mobilidade Acadêmica em outros cursos da UEAP: atestado de matrícula, histórico escolar, ementa contemplando o título de disciplina, conteúdo, carga horária, bibliografia básica e, se houver bibliografia complementar;
2. Mobilidade Acadêmica em outras IES: Termo de Cooperação ou similar, Termo de Concessão de Bolsa e/ou Auxílio de Mobilidade Acadêmica ou similar e, quando houver, Credenciamento da Instituição no MEC ou similar, Portaria de Reconhecimento do Curso ou similar, Atestado de matrícula ou similar e histórico escolar ou similar da instituição parceira, assim como, Ementa contemplando o título de disciplina, conteúdo, carga horária, referencial básico e, se houver referencial complementar.

4.11 LOCAL DE FUNCIONAMENTO DO CURSO

O curso de Engenharia Florestal funcionará no Campus I, localizado na Avenida Presidente Vargas, nº 650–Centro, CEP 68.900-070, na área urbana de Macapá/AP e em outros Campi, conforme a Política de Expansão do Curso e da Universidade.

5 PERFIL INSTITUCIONAL

O projeto pedagógico do curso deverá observar a competência científica e tecnológica e progresso social no qual permitirá ao profissional a atuação crítica e criativa na identificação e resolução de problemas, considerando seus aspectos políticos, econômicos e sociais, ambientais e culturais, com visão ética e humanística, em atendimento às demandas da sociedade.

O Curso de Graduação em Engenharia Florestal deverá assegurar a formação de profissionais aptos a compreender e traduzir as necessidades de indivíduos, grupos sociais e comunidade, com relação aos problemas tecnológicos, socioeconômicos, gerenciais e





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

organizativos, bem como utilizar racionalmente os recursos disponíveis, além de conservarem o equilíbrio do ambiente.

6 DIRETRIZES GERAIS DA EDUCAÇÃO

As diretrizes gerais da educação são instrumentos essenciais que estabelecem os princípios norteadores do sistema educacional. Essas diretrizes, são definidas em leis, decretos, normativas, portarias, pareceres ou resoluções e têm como objetivo promover uma educação de qualidade, equitativa e inclusiva, garantindo a formação integral dos indivíduos.

6.1 LEIS

- A Constituição Federal de 1988.
- A Lei nº 9394/1996, que estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional –
- A Lei nº 9.795 de 1999 e o Decreto nº 4.281 de 2002, que institui a Política Nacional da Educação Ambiental.
- Lei nº 10.861, de 14 de abril de 2004, que institui o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior – SINAES e dá outras providências.
- Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, que dispõe sobre o Estatuto do Idoso.
- Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008, que dispõe sobre o estágio de estudantes; altera a redação do art. 428 da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996; revoga as Leis nº 6.494, de 7 de dezembro de 1977, e 8.859, de 23 de março de 1994, o parágrafo único do art. 82 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e o art. 6º da Medida Provisória nº 2.164-41, de 24 de agosto de 2001; e dá outras providências.
- Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010, que institui o Estatuto da Igualdade Racial; altera as Leis nos 7.716, de 5 de janeiro de 1989, 9.029, de 13 de abril de 1995, 7.347, de 24 de julho de 1985, e 10.778, de 24 de novembro de 2003.
- Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, que aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências.
- Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015, que institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência).





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

- Lei nº 13.168, de 6 de outubro de 2015, que altera a redação do § 1º do art. 47 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

- Lei nº 1.907, de 24 de junho de 2015, GEA, que dispõe sobre o Plano Estadual de Educação - PEE, para o decênio 2015-2025, e dá outras providências.

6.2 DECRETOS

- Decreto nº 5.296, de 02 de dezembro de 2004: Regulamenta as Leis nos 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências.

- Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005: Regulamenta a Lei nº 10.436 que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS.

- Decreto nº 6.872, de 04 de junho de 2009: Aprova o Plano Nacional de Promoção da Igualdade Racial (PLANAPIR), e institui o seu Comitê de Articulação e Monitoramento

- Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009: Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007.

- Decreto nº 7.037, de 21 de dezembro de 2009: Institui o Programa Nacional de Direitos Humanos.

- Decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011: Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências.

6.3 REFERÊNCIAS NORMATIVAS

- Resolução CONFEA nº 1010/2005 - Discrimina as atividades do Engenheiro Florestal
- Resolução CONFEA nº 1002/2002 - Adota o Código de Ética profissional
- Resolução CONFEA nº 218/1973, Art. 10 - Discrimina as atividades do Engenheiro Florestal.

- Resolução CONSU nº 162/2017 – Aprova Ad referendum a criação dos cursos de Licenciatura em Letras, Pedagogia, Química e Engenharias Florestal, Pesca e Produção na Universidade do Amapá- UEAP.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

- Resolução nº 010, de 16 de dezembro de 2008: Aprova o Regimento Geral da Universidade do Estado do Amapá.
- Resolução CONSU nº 08/2009 - Aprova os Projetos Pedagógico dos Cursos de Licenciatura em Química, Engenharia Florestal, Engenharia de Produção e Licenciatura em Filosofia da UEAP.
- Resolução CONSU nº 48/2013 - Aprova alterações no Projeto Pedagógico e na matriz curricular do curso de Engenharia Florestal da UEAP.
- Resolução CONSU nº 76/2014 - Aprova alterações no Projeto Pedagógico de Curso de Engenharia Florestal, quanto à matriz curricular.
- Resolução CONSU nº 70/2014 - Aprova alterações na matriz curricular do curso de Engenharia Florestal.
- Resolução nº 077, 26 de dezembro de 2014-CONSU-UEAP: Aprova as normas de Trabalho de Conclusão de Curso de graduação da Universidade do Estado do Amapá-UEAP.
- Resolução nº 081/2022-CEE/AP renova os efeitos da resolução nº 111/2017 – CEE/AP que reconhece os cursos de licenciatura em: Química, Pedagogia, Letras, Filosofia e Ciências Naturais; de engenharia em: Química, Ambiental, Florestal, de Pesca, de Produção; e Tecnologia em Design da Universidade do Estado do Amapá – UEAP
- Resolução CONSU nº 360/2019 - Regulamenta a integralização das atividades de extensão nos cursos de graduação no âmbito da UEAP.
- Resolução CONSU nº 631/2021 - Aprova o Regulamento do Estágio Curricular Supervisionado dos cursos de Graduação de Bacharelado e Tecnólogo da Universidade do Estado do Amapá.

6.4 PORTARIAS, PARECERES E RESOLUÇÕES

- Portaria MEC nº 40, de 12 de dezembro de 2007: Reeditada em 29 de dezembro de 2010, que institui o e-MEC, sistema eletrônico de fluxo de trabalho e gerenciamento de informações relativas aos processos de regulação, avaliação e supervisão da educação superior no sistema federal de educação, e o Cadastro e-MEC de Instituições e Cursos Superiores e consolida disposições sobre indicadores de qualidade, banco de avaliadores (Basis) e o Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE) e outras disposições.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

- Parecer CNE/CES nº 583/2001 - Orientação para as diretrizes curriculares dos cursos de graduação.
- Parecer CNE/CES nº 67/2003 - Referencial para as Diretrizes Curriculares Nacionais – DCN dos Cursos de Graduação
- Resolução CNE/CES nº 2, de 18 de junho de 2007: Dispõe sobre carga horária mínima e procedimentos relativos à integralização e duração dos cursos de graduação, bacharelados, na modalidade presencial.
- Resolução CNE/CES nº 03, de 02 de julho de 2007: Dispõe sobre procedimentos a serem adotados quanto ao conceito de hora-aula e dá outras providências.
- Resolução CONAES nº 1 de 2010: Normatiza o Núcleo Docente Estruturante e dá outras providências.
- Instrumento de Avaliação de Cursos de Graduação presencial e a distância: Resoluções do Conselho Estadual de Educação do Amapá (Resoluções 049/2014e050/2014).
- Parecer CNE/CP nº 14, de 06 de junho de 2012: Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental.
- Resolução 111/2017 CEE/AP: Reconhece os cursos de Licenciatura em: Química, Pedagogia, Letras, Filosofia e Ciências Naturais; Engenharia: Química, Ambiental, Engenharia Florestal, de Pesca, de Produção; e Tecnologia em Design da Universidade do Estado do Amapá- UEAP.
- Resolução nº 261/2018 – CONSU/UEAP: Aprova o Plano de Desenvolvimento Institucional da Universidade do Estado do Amapá para o quinquênio 2018-2022.
- Resolução 325/2018 – CONSU/UEAP: Aprova a alteração do Sistema de Avaliação Acadêmica da Universidade do Estado do Amapá.
- Resolução CONFEA Nº 1.073/2016 que regulamenta a atribuição de títulos, atividades, competências e campos de atuação profissionais aos profissionais registrados no Sistema CONFEA/CREA para efeito de fiscalização do exercício profissional no âmbito da Engenharia e da Agronomia.
- Resolução CONFEA nº 1002/2002 – “Adota o Código de Ética Profissional da Engenharia, da Arquitetura, da Agronomia, da Geologia, da Geografia e da Meteorologia e dá outras providências”.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

- Resolução Nº 218/1973 - CONFEA, “discrimina atividades das diferentes modalidades profissionais da Engenharia, Arquitetura e Agronomia. No Art. 10 Discrimina as atividades do Engenheiro Florestal”.
- Resolução nº 083/2016 – CEE/AP, que aprova, em extrato, os indicadores dos Instrumentos de Avaliação Institucional Externa e avaliação de cursos de graduação - bacharelado, licenciatura e tecnológico – presencial e a distância, da educação superior.
- Resolução nº 010, de 16 de dezembro de 2008: Aprova o Regimento Geral da Universidade do Estado do Amapá.
- Resolução nº 077, 26 de dezembro de 2014-CONSUEAP: Aprova as normas de Trabalho de Conclusão de Curso de graduação da Universidade do Estado do Amapá–UEAP.
- Resolução nº 360/2019 – CONSUEAP - Regulamenta a integralização das atividades de extensão nos cursos de graduação no âmbito da UEAP.
- Resolução CONSU nº 631/2021 - Aprova o Regulamento do Estágio Curricular Supervisionado dos cursos de Graduação de Bacharelado e Tecnólogo da Universidade do Estado do Amapá.
- Resolução Nº 333/2018 – CONSUEAP que Altera o art. 39 da Resolução nº 077/2014-CONSUEAP, de 26 de dezembro de 2014, que aprova as normas de Trabalho de Conclusão de Curso de graduação da Universidade do Estado do Amapá- UEAP.
- Resolução nº 305/2018 – CONSUEAP, que dispõe sobre o Sistema de Créditos das disciplinas ofertadas nos cursos de Graduação e Pós-Graduação da UEAP.
- Resolução nº 325/2018 – CONSUEAP, que aprova as alterações do Sistema de Avaliação Acadêmica da UEAP.
- Resolução nº 596/2021 - CONSUEAP Aprova o Regimento Acadêmico da Universidade do Estado do Amapá e dá outras providências.
- Resolução 358/2019 - CONSUEAP Dispõe sobre a Política de Extensão da Universidade do Estado do Amapá e dá outras providências.
- Resolução nº 659/2022 Regulamenta as Atividades Teórico-Práticas ou Atividades Complementares dos cursos de Graduação da Universidade do Estado do Amapá.
- Resolução nº 644/2021 – CONSUEAP Aprova a regulamentação da solicitação de aproveitamento de crédito de disciplina nos cursos de graduação da Universidade do Estado do Amapá UEAP.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

- Resolução nº 660/2022 – CONSU/UEAP - que aprovou a regulamentação da Conversão das cargas horárias no SIGAA dos componentes curriculares presentes nos Projetos Pedagógicos dos Cursos de graduação da Universidade do Estado do Amapá- UEAP.

6.5 ENGENHARIA FLORESTAL

- Resolução CNE/CES nº 3/ 2006 - Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Engenharia Florestal e dá outras providências.

- Resolução CNE/CES nº 02, de 24 de abril de 2019 e Parecer CNE/CES nº 01/2019, que institui Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de graduação em Engenharia;

- Resolução nº 1, DE 26 DE MARÇO DE 2021 (*) Altera o Art. 9º, § 1º da Resolução CNE/CES 2/2019 e o Art. 6º, § 1º da Resolução CNE/CES 2/2010, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação de Engenharia, Arquitetura e Urbanismo.

7 ORGANIZAÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA

7.1 OBJETIVOS DO CURSO

Objetivo Geral

Graduar o Engenheiro Florestal com sólida formação geral, que seja capaz de adaptar-se de modo flexível, crítico e criativo às novas situações, que tenha postura ética e humanística e possua capacidade de identificação, tomada de decisão e resolução de problemas, que saiba compreender e traduzir as necessidades de indivíduos, grupos sociais e comunidade amapaense, bem como utilizar de forma sustentável os recursos disponíveis para conservar o equilíbrio do ambiente.

Objetivos Específicos

- Formar profissionais com vasto conhecimento teórico e prático na área florestal;
- Formar profissionais para atender as demandas do estado na área florestal;
- Formar profissionais para ações de ensino, pesquisa e extensão, visando à promoção do desenvolvimento regional;
- Promover ao longo do curso a integração entre ensino, pesquisa e extensão;
- Oportunizar aos acadêmicos do curso, atividades de extensão por meio das UCEX, relacionadas a setores da comunidade, a exemplo de Empresas, Cooperativas, Ongs, Órgãos Governamentais, Instituições etc., tanto de caráter público quanto privado.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

- Promover a interdisciplinaridade e transversalidade dos componentes curriculares.

7.2 PERFIL PROFISSIONAL DO EGRESSO

O perfil do profissional egresso do Curso de Engenharia Florestal está expresso na resolução nº 2, de 24 de abril de 2019 que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Engenharia. Alterada pela Resolução CNE/CES nº 1, de 26 de março de 2021, que expressa em seu Art. 3º O perfil do egresso do curso de graduação em Engenharia deve compreender, entre outras, as seguintes características:

- I- Ter visão holística e humanista, ser crítico, reflexivo, criativo, cooperativo e ético e com forte formação técnica;
- II- Estar apto a pesquisar, desenvolver, adaptar e utilizar novas tecnologias, com atuação inovadora e empreendedora;
- III- Ser capaz de reconhecer as necessidades dos usuários, formular, analisar e resolver, de forma criativa, os problemas de Engenharia;
- IV- Adotar perspectivas multidisciplinares e transdisciplinares em sua prática;
- V- Considerar os aspectos globais, políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e de segurança e saúde no trabalho;
- VI- Atuar com isenção e comprometimento com a responsabilidade social e com o desenvolvimento sustentável.

E também expresso no Artigo 5º da resolução nº 03/2006 – CNE/CES, que institui as Diretrizes Nacionais do Curso de graduação em Engenharia Florestal definidas pelo Conselho Nacional de Educação do Ministério da Educação. Assim sendo, a Universidade do Estado do Amapá se propõe formar Engenheiros Florestais com sólida base nas ciências biológicas, exatas e humanas; forte consciência ética e ecológica; e conhecimento:

- I- Sólida formação científica e profissional geral que possibilite absorver e desenvolver tecnologia;
- II- Capacidade crítica e criativa na identificação e resolução de problemas, considerando seus aspectos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais, com visão ética e humanística, em atendimento às demandas da sociedade;
- III- Compreensão e tradução das necessidades de indivíduos, grupos sociais e comunidade, com relação aos problemas tecnológicos, socioeconômicos, gerenciais e





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

organizativos, bem como utilização racional dos recursos disponíveis, além da conservação do equilíbrio do ambiente; e

IV- Capacidade de adaptação, de modo flexível, crítico e criativo, às novas situações.

Portanto, o curso pretende formar o Engenheiro Florestal que possua visão holística seja capaz de fazer associação matéria florestal e qualidade dos produtos florestais e tenha aptidão para trabalho em ambientes naturais e atividades do desenvolvimento rural. Assim sendo, espera-se o graduado formado pela UEAP seja um Engenheiro Florestal com competência para atuar no setor florestal com vistas ao planejamento, organização, implantação e manejo das florestas, dirigir o uso dos recursos naturais renováveis e a transformação dos produtos florestais para atender as necessidades de abastecimento do setor florestal, visando gerar benefícios permanentes à sociedade preservando o equilíbrio dos ecossistemas.

7.2.1 Competências e habilidades gerais:

O profissional formado pela UEAP será orientado para o desenvolvimento das seguintes competências e habilidades de acordo com o artigo 4º da Resolução 02/2019 - CNE/CES:

I - Formular e conceber soluções desejáveis de engenharia, analisando e compreendendo os usuários dessas soluções e seu contexto:

a) Ser capaz de utilizar técnicas adequadas de observação, compreensão, registro e análise das necessidades dos usuários e de seus contextos sociais, culturais, legais, ambientais e econômicos;

b) Formular, de maneira ampla e sistêmica, questões de engenharia, considerando o usuário e seu contexto, concebendo soluções criativas, bem como o uso de técnicas adequadas;

O curso de Engenharia Florestal da UEAP visa ainda proporcionar aos seus egressos:

➤ Ser capaz de identificar, formular e propor soluções aos desafios relacionados ao seu campo de conhecimento;

➤ Projetar, planejar e desenvolver atividades experimentais, avaliando e criticando os dados obtidos;

➤ Planejar, supervisionar e coordenar sistemas de produção, produtos e serviços nas áreas abrangidas por sua especialidade;

➤ Comunicar-se eficientemente nas formas escrita, oral e gráfica;





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

- Exercer as atividades profissionais, considerando os aspectos políticos, econômicos, sociais e ambientais, a partir da estrutura ética e comprometida com a melhoria da qualidade de vida;
- Participar e ou coordenar equipes de trabalho, com visão crítica, interdisciplinar e sistêmica;
- Buscar formação profissional continuada, considerando as inovações tecnológicas e científicas;
- Compreender a significação do desenvolvimento regional e do país e suas relações mundiais;
- Interessar-se pela pesquisa e pelo empreendedorismo;
- Desempenhar atividades coletivas, fortalecendo o relacionamento interpessoal.

7.2.2 Competências e habilidades específicas

De acordo com a resolução nº 3, de 2 de fevereiro de 2006 que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Engenharia Florestal e dá outras providências, o Engenheiro Florestal deverá estar apto a:

- a) estudar a viabilidade técnica e econômica, planejar, projetar, especificar, supervisionar, coordenar e orientar tecnicamente;
- b) realizar assistência, assessoria e consultoria;
- c) dirigir empresas, executar e fiscalizar serviços técnicos correlatos;
- d) realizar vistoria, perícia, avaliação, arbitramento, laudo e pareceres técnicos;
- e) desempenhar cargo e função técnica;
- f) promover a padronização, mensuração e controle de qualidade;
- g) conhecer e compreender os fatores de produção e combiná-los com eficiência técnica e econômica;
- h) aplicar conhecimentos científicos e tecnológicos;
- i) conceber, projetar e analisar sistemas, produtos e processos;
- j) identificar problemas e propor soluções;
- k) desenvolver, e utilizar novas tecnologias;
- l) gerenciar, operar e manter sistemas e processos;
- m) comunicar-se eficientemente nas formas escrita, oral e gráfica;





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

- n) atuar em equipes multidisciplinares;
- o) avaliar o impacto das atividades profissionais nos contextos social, ambiental e econômico;
- p) conhecer e atuar em mercados do complexo agroindustrial e de agronegócio;
- q) compreender e atuar na organização e gerenciamento empresarial e comunitário;
- r) atuar com espírito empreendedor;
- s) conhecer, interagir e influenciar nos processos decisórios de agentes e instituições, na gestão de políticas setoriais;
- t) Ser capaz de aplicar os conhecimentos adquiridos no curso e aplicá-los na sociedade por intermédios de atividades de extensão nas UCEX;
- u) Capacidade de repassar esses conhecimentos à sociedade por meio de atividades de extensão via UCEX.

7.3 ÁREA DE CONHECIMENTO DO CURSO

O curso de Engenharia Florestal contempla os conhecimentos técnico-científicos das Ciências Agrárias, tendo ainda a contribuição de outras áreas como Ciências Biológicas, Geociências, Engenharias, Química, Física, Matemática, Probabilidade e Estatística. Dessa forma, o egresso do curso terá a possibilidade de sair da universidade com um vasto conhecimento para aplicar em diversas áreas no campo da Engenharia Florestal. O conhecimento e desenvolvimento profissional podem variar, mas geralmente incluem perspectivas como o ambientalismo, o desenvolvimento sustentável, a ecologia, a conservação da natureza e a gestão de recursos naturais. O curso valoriza a interdisciplinaridade, integrando conhecimentos de ciências naturais, engenharia, economia, legislação ambiental e ética.

8 PROPOSTA PEDAGÓGICA

A educação superior é uma instituição cujo papel fundamental é formar a elite intelectual e científica de uma sociedade, na busca pela expansão do atendimento às suas necessidades visando melhorar a qualidade de vida (COLOSSI et al., 2001). Essas necessidades podem ser voltadas para o mercado, ou seja, prevalecendo critérios econômicos, ou podem ser voltadas para a sociedade onde prevalecerão critérios sociais para o desenvolvimento de tal seguimento da população (VAHL, 1991). Dessa forma, a formação dos estudantes precisa estar sintonizada





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

com a configuração exigida pelo mercado e pela sociedade. O curso de Engenharia Florestal é influenciado por diferentes correntes filosóficas, pedagógicas e ideológicas que moldam sua abordagem educacional. Dentre as tendências pedagógicas clássicas que norteiam as práticas em instituições de ensino superior destacam-se a Pedagogia Liberal, que se subdivide nas formas Tradicional, Renovada Progressivista, Renovada Não Diretiva e Tecnicista e a Pedagogia Progressiva que se apresenta em Libertadora, Libertária e Crítico-Social dos Conteúdos (LIBANÊO, 1985).

Por outro lado, novas modalidades de ensino, criadas através da utilização de tecnologias de ponta e/ou de última geração, têm se tornado mais comuns como modalidades pedagógicas alternativas de ensino e aprendizagem (MONTEIRO et al., 2000), como por exemplo, o Ensino Colaborativo (CENA, 2000). Diante dos aspectos mencionados, as correntes pedagógicas que norteiam o presente PPC adotadas são a Pedagogia Liberal e a Pedagogia Progressiva, com enfoque em uma atuação com tendências generalistas, críticas reflexivas, humanísticas e/ou tecnicistas. Ressalta-se que, futuramente quando a instituição dispuser de estrutura tecnológica adequada, poderá ser discutido a implementação de outras possibilidades de abordagens pedagógicas como a Educação a Distância e o Ensino Colaborativo.

8.1 MATRIZ CURRICULAR

O curso de Engenharia Florestal é regido, além da resolução específica, pela Resolução nº 02/2019 – CNE/CES, alterada pela Resolução nº 01/2021 – CNE/CES, desta forma, o Art. 9º, § 1º da Resolução CNE/CES 2/2019 passa a ter a seguinte redação:

Art. 9º Todo curso de graduação em Engenharia deve conter, em seu Projeto Pedagógico de Curso, os conteúdos básicos, profissionais e específicos, que estejam diretamente relacionados com as competências que se propõe a desenvolver. A forma de se trabalhar esses conteúdos deve ser proposta e justificada no próprio Projeto Pedagógico do Curso.

§ 1º Todas as habilitações do curso de Engenharia devem contemplar os seguintes conteúdos básicos, dentre outros: Administração e Economia; Algoritmos e Programação; Ciência dos Materiais; Ciências do Ambiente; Eletricidade; Estatística. Expressão Gráfica; Fenômenos de Transporte; Física; Informática; Matemática; Mecânica dos Sólidos; Metodologia Científica e Tecnológica; Química; e Desenho Universal.

Neste sentido, a matriz curricular do curso está distribuída em 10 semestres (Figura 1). A carga horária será cumprida de segunda a sábado em 15 semanas letivas por semestre nos turnos matutino (08:00 às 13:15) e vespertino (14:00 às 18:25). A carga horária total do curso é de 4.285 horas-relógio, divididas, conforme os requisitos mínimos da legislação vigente em





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

Formação Básica (FB), Formação Profissional Geral (FPG) e Formação Profissional em Engenharia. A integração da matriz consistirá em todas as disciplinas obrigatórias mais, no mínimo, 7 (sete) disciplinas optativas dentre as listadas neste PPC.

Assim, o PPC possui 06 (seis) eixos de componentes curriculares (Tabela 02). O eixo das disciplinas optativas será ofertado a partir do 4º semestre, com uma carga horária mínima de 45h a ser cumprida por semestre, contabilizando 315h/a ou 262,5h/r (Tabela 02). O curso disponibilizará o rol de disciplinas optativas como forma de ampliar a formação do acadêmico, na qual os alunos poderão escolher dentre as disponíveis, aquelas disciplinas que os ajudarão na capacitação para atuar na área desejada, sendo obrigatório cursar o mínimo de 45h no semestre.

O curso poderá ofertar mais de uma optativa, desde que haja professor com carga horária disponível para o atendimento, bem como, espaço e horário disponíveis. Quanto ao discente cumprir mais de um componente optativo, por semestre, este será contabilizado para o cômputo das 315 hora/aula estabelecida para a integralização da turma e a carga excedente deverá constar no histórico do aluno.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

8.11 FLUXOGRAMA DA MATRIZ CURRICULAR DO CURSO DE ENGENHARIA FLORESTAL

Figura 01. Fluxograma da matriz curricular do curso de Engenharia Florestal da UEAP.

Núcleo de Conhecimentos Básicos		Núcleo de Conhecimentos Profissionais Essenciais		Núcleo de Conhecimentos Essenciais	Trabalho de Conclusão de Curso	Estágio Supervisionado Obrigatório	Unidades Curriculares de Extensão	Atividades Curriculares Complementares	
I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X
Cálculo I 75	Cálculo II 75	Física II 60	Genética Geral 60	Constituição, Propriedades e Classificação de Solos 60	Viveiros Florestais 60	Inventário Florestal 60	Manejo de Florestas Plantadas 60	Planejamento e Administração Florestal 60	Sistemas Agroflorestais 60
Álgebra Linear 60	Microbiologia 60	Dendrologia 60	Ecologia Florestal 60	Cartografia e Topografia 45	Crescimento e Produção Florestal 60	Tecnologia de Produtos Florestais Madeiros II 60	Manejo de Florestas Tropicais 60	Mecanização e Exploração Florestal 60	Silvicultura Urbana 60
Química Geral 45	Sistemática Vegetal 60	Entomologia Geral 60	Experimentação Florestal II 45	Propriedades Físicas e Mecânicas da Madeira 60	Tecnologia de Produtos Florestais Madeiros I 60	Construções de Madeira 60	Práticas Silviculturais 45	Pesquisa Operacional Para Fins Florestais 60	Recuperação de Áreas Degradadas 60
Desenho Técnico 45	Química Orgânica 45	Cálculo III 75	Química da Madeira 60	Fitopatologia 60	Ciência dos Materiais 60	Manejo de Bacias Hidrográficas 45	Economia Florestal 60	Política e Legislação Florestal 60	Trabalho de Conclusão de Curso II 30
Biologia Celular 60	Estatística Aplicada à Ciência Florestal 60	Fisiologia Vegetal 60	Gênese do Solo 60	Dendrometria 60	Sensoriamento Remoto 60	Silvicultura Tropical 60	Proteção Contra Pragas em Plantios Florestais 30	Trabalho de Conclusão de Curso I 30	Estágio Supervisionado Obrigatório II 80
Introdução à Engenharia Florestal 30	Bioquímica 60	Química Analítica Aplicada 60	Física III 60	Melhoramento e Biotecnologia Florestal 60	Manejo Integrado de Pragas 60	S.I.G. Aplicado à Engenharia Florestal 60	Tecnologia de Produtos Madeiros III 60	Estágio Supervisionado Obrigatório I 80	Optativa VII* 45
Morfologia e Anatomia Vegetal 60	Física I 60	Ecologia Básica 45	Anatomia, Identificação e Classificação da Madeira 60	Tecnologia de Sementes Florestais 60	Fertilidade do Solo e Nutrição de Plantas 60	Optativa IV* 45	Extensão Florestal 45	Optativa VI* 45	
Zoologia Geral 60	Algoritmo e Linguagem de Programação 60	Experimentação Florestal I 60	Proteção contra Incêndios Florestais 45	Meteorologia Aplicada a Sistemas Florestais 60	Optativa III* 45		Optativa V* 45		
		Metodologia Científica e Tecnológica 60	Optativa I* 45	Optativa II* 45					





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

			UCEX I 60	UCEX II 60	UCEX III 60	UCEX IV 60	UCEX V 60	UCEX VI 60	UCEX VII 70
CHS H/A- 435h	CHS H/A- 480h	CHS H/A- 540h	CHS H/A- 495h	CHS H/A- 510h	CHS H/A- 465h	CHS H/A- 390h	CHS H/A- 450h	CHS H/A- 411h	CHS H/A- 351h
Atividades Complementares de Graduação- ACG - 120 horas/relógio (60 min.)									

Tabela 01. Estrutura Curricular por semestre, apresentando carga horária teórica, prática e semestral das disciplinas obrigatórias do curso de Engenharia Florestal da UEAP.

1º SEMESTRE												
-----	-----	-----	-----	Carga horária em hora/aula (50 min.)			Carga horária em hora/relógio (60 min.)			Carga horária em hora/relógio (SIGAA)		
Código	Disciplinas	Pré- Requisito	CR	CHT	CHP	CHS	CHT	CHP	CHS	CHT	CHP	CHS
010EF24	Cálculo I	-	5	75	0	75	62,5	0	62,5	63	0	63
011EF24	Álgebra Linear	-	4	60	0	60	50	0	50	50	0	50
012EF24	Química Geral	-	3	30	15	45	25	12,5	37,5	25	13	38
013EF24	Desenho Técnico	-	3	15	30	45	12,5	25	37,5	13	25	38
014EF24	Biologia Celular	-	4	30	30	60	25	25	50	25	25	50
015EF24	Introdução à Engenharia Florestal	-	2	15	15	30	12,5	12,5	25	13	12	25
016EF24	Morfologia e Anatomia Vegetal	-	4	30	30	60	25	25	50	25	25	50
017EF24	Zoologia Geral	-	4	60	0	60	50	0	50	50	0	50
CARGA HORÁRIA TOTAL		-	29	335	100	435	262,5	100	362,5	264	100	364
2º SEMESTRE												
-----	-----	-----	-----	Carga horária em hora/aula (50 min.)			Carga horária em hora/relógio (60 min.)			Carga horária em hora/relógio (SIGAA)		





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

Código	Disciplinas	Pré-Requisito	CR	CHT	CHP	CHS	CHT	CHP	CHS	CHT	CHP	CHS
020EF24	Cálculo II	-	5	75	0	75	62,5	0	62,5	63	0	63
021EF24	Microbiologia	-	4	30	30	60	25	25	50	25	25	50
022EF24	Sistemática Vegetal	016EF24	4	30	30	60	25	25	50	25	25	50
023EF24	Química Orgânica	-	3	30	15	45	25	12,5	37,5	25	13	38
024EF24	Estatística Aplicada à Ciência Florestal	-	4	60	0	60	50	0	50	50	0	50
025EF24	Bioquímica	-	4	60	0	60	50	0	50	50	0	50
026EF24	Física I	-	4	45	15	60	37,5	12,5	50	38	12	50
027EF24	Algoritmo e Linguagem de Programação	-	4	30	30	60	25	25	50	25	25	50
CARGA HORÁRIA TOTAL		-	32	360	120	480	300	100	400	301	100	401

CHT: Carga horária teórica; **CHP:** Carga horária prática; **CHS:** Carga horária semestral; **CH SIGAA:** Carga horária semestral convertida para o Sistema Acadêmico;
CR:
Crédito.

3º SEMESTRE												
-----	-----	-----	-----	Carga horária em hora/aula (50 min.)			Carga horária em hora/relógio (60 min.)			Carga horária em hora/relógio (SIGAA)		
Código	Disciplinas	Pré-Requisito	CR	CHT	CHP	CHS	CHT	CHP	CHS	CHT	CHP	CHS
030EF24	Física II	-	4	45	15	60	37,5	12,5	50	38	12	50
031EF24	Dendrologia	022EF24	4	30	30	60	25	25	50	25	25	50
032EF24	Entomologia Geral	-	4	45	15	60	37,5	12,5	50	38	12	50
033EF24	Cálculo III	-	5	75	0	75	62,5	0	62,5	63	0	63
034EF24	Fisiologia Vegetal	016EF24	4	45	15	60	37,5	12,5	50	38	12	50
035EF24	Química Analítica Aplicada	012EF24	4	45	15	60	37,5	12,5	50	38	12	50
036EF24	Ecologia Básica	-	3	45	0	45	37,5	0	37,5	38	0	38





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

037EF24	Experimentação Florestal I	024EF24	4	45	15	60	37,5	12,5	50	38	12	50
038EF24	Metodologia Científica e Tecnológica	-	4	60	0	60	50	0	50	50	0	50
CARGA HORÁRIA TOTAL		-	-	435	105	540	362,5	87,5	450	366	85	451
4º SEMESTRE												
-----	-----	-----	-----	Carga horária em hora/aula (50 min.)			Carga horária em hora/relógio (60 min.)			Carga horária em hora/relógio (SIGAA)		
Código	Disciplinas	Pré- Requisito	CR	CHT	CHP	CHS	CHT	CHP	CHS	CHT	CHP	CHS
040EF24	Genética Geral	-	4	60	0	60	50	0	50	50	0	50
041EF24	Ecologia Florestal	036EF24	4	45	15	60	37,5	12,5	50	38	12	50
042EF24	Experimentação Florestal II	037EF24	3	30	15	45	25	12,5	37,5	25	12	38
043EF24	Química da madeira	-	4	45	15	60	37,5	12,5	50	38	12	50
044EF24	Gênese do Solo	-	4	45	15	60	37,5	12,5	50	38	12	50
045EF24	Física III	-	4	45	15	60	37,5	12,5	50	38	12	50
046EF24	Anatomia, Identificação e Classificação da Madeira	-	4	45	15	60	37,5	12,5	50	38	12	50
047EF24	Proteção contra Incêndios Florestais	-	3	30	15	45	25	12,5	37,5	25	13	38
***	Optativas*	-	3	45	-	45	37,5	-	37,5	38	-	38
150EF24	UCEX I**	-	-	-	-	-	-	60	60	-	60	60
CARGA HORÁRIA TOTAL		-	33	390	105	495	325	147,5	472,5	328	145	474

CHT: Carga horária teórica; **CHP:** Carga horária prática; **CHS:** Carga horária semestral; **CH SIGAA:** Carga horária semestral convertida para o Sistema Acadêmico;

CR:

Crédito.

*Optativas: carga horária mínima obrigatória do semestre.

** Carga horária em hora/relógio da Unidade Curricular de Extensão I

***Os códigos das disciplinas optativas estão alocados na tabela 03, onde se encontra o rol de disciplinas optativas do curso. Desta forma, o código cadastrado no SIGAA será aquele da disciplina escolhida para oferta, conforme demanda do curso.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

5º SEMESTRE												
-----	-----	-----	-----	Carga horária em hora/aula (50 min.)			Carga horária em hora/relógio (60 min.)			Carga horária em hora/relógio (SIGAA)		
Código	Disciplinas	Pré- Requisito	CR	CHT	CHP	CHS	CHT	CHP	CHS	CHT	CHP	CHS
050EF24	Constituição, Propriedades e Classificação de Solos	044EF24	4	45	15	60	37,5	12,5	50	38	12	50
051EF24	Cartografia e Topografia	-	3	30	15	45	25	12,5	37,5	25	13	38
052EF24	Propriedades Físicas e Mecânicas da Madeira	046EF24	4	45	15	60	37,5	12,5	50	38	12	50
053EF24	Fitopatologia	021EF24	4	45	15	60	37,5	12,5	50	38	12	50
054EF24	Dendrometria	042EF24	4	45	15	60	37,5	12,5	50	38	12	50
055EF24	Melhoramento e Biotecnologia Florestal	040EF24	4	45	15	60	37,5	12,5	50	38	12	50
056EF24	Tecnologia de Sementes Florestais	034EF24	4	30	30	60	25	25	50	25	25	50
057EF24	Meteorologia Aplicada a Sistemas Florestais	-	4	60	0	60	50	0	50	50	0	50
***	Optativas*	-	3	45	-	45	37,5	-	37,5	38	-	38
151EF24	UCEX II**	-	-	-	-	-	-	60	60	-	60	60
CARGA HORÁRIA TOTAL		-	34	390	120	510	325	160	485	328	158	486
6º SEMESTRE												
-----	-----	-----	-----	Carga horária em hora/aula (50 min.)			Carga horária em hora/relógio (60 min.)			Carga horária em hora/relógio (SIGAA)		
Código	Disciplinas	Pré- Requisito	CR	CHT	CHP	CHS	CHT	CHP	CHS	CHT	CHP	CHS
060EF24	Viveiros Florestais	056EF24	4	45	15	60	37,5	12,5	50	38	12	50
061EF24	Crescimento e Produção Florestal	054EF24	4	45	15	60	37,5	12,5	50	38	12	50





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

062EF24	Tecnologia de Produtos Florestais Madeireiros I	052EF24	4	45	15	60	37,5	12,5	50	38	12	50
063EF24	Ciência dos Materiais	052EF24	4	45	15	60	37,5	12,5	50	38	12	50
064EF24	Sensoriamento Remoto	051EF24	4	45	15	60	37,5	12,5	50	38	12	50
065EF24	Manejo Integrado de Pragas (MIP)	036EF24 032EF24	4	45	15	60	37,5	12,5	50	38	12	50
066EF24	Fertilidade do Solo e Nutrição de Plantas	050EF24	4	45	15	60	37,5	12,5	50	38	12	50
***	Optativas*	-	3	45	-	45	37,5	-	37,5	38	-	38
152EF24	UCEX III**	-	-	-	-	-	-	60	60	-	60	60
CARGA HORÁRIA TOTAL		-	-	360	105	465	300	147	447,5	304	144	448

CHT: Carga horária teórica; **CHP:** Carga horária prática; **CHS:** Carga horária semestral; **CH SIGAA:** Carga horária semestral convertida para o Sistema Acadêmico;

CR:

Crédito.

*Optativas: carga horária mínima obrigatória do semestre.

** Carga horária em hora/relógio das Unidades Curriculares de Extensão II e III.

***Os códigos das disciplinas optativas estão alocados na tabela 03, onde se encontra o rol de disciplinas optativas do curso. Desta forma, o código cadastrado no SIGAA será aquele da disciplina escolhida para oferta, conforme demanda do curso.

7º SEMESTRE												
-----	-----	-----	-----	Carga horária em hora/aula (50 min.)			Carga horária em hora/relógio (60 min.)			Carga horária em hora/relógio (SIGAA)		
Código	Disciplinas	Pré- Requisito	CR	CHT	CHP	CHS	CHT	CHP	CHS	CHT	CHP	CHS
070EF24	Inventário Florestal	054EF24	4	45	15	60	37,5	12,5	50	38	12	50
071EF24	Tecnologia de Produtos Florestais Madeireiros II	052EF24 062EF24	4	45	15	60	37,5	12,5	50	38	12	50
072EF24	Construções de Madeira	052EF24	4	45	15	60	37,5	12,5	50	38	12	50





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

073EF24	Manejo de Bacias Hidrográficas	-	3	45	0	45	37,5	0	37,5	38	0	38
074EF24	Silvicultura Tropical	-	4	45	15	60	37,5	12,5	50	38	12	50
075EF24	S.I.G. Aplicado à Engenharia Florestal	064EF24	4	45	15	60	37,5	12,5	50	38	12	50
***	Optativas*	-	3	45	-	45	37,5	-	37,5	38	-	38
153EF24	UCEX IV**	-	-	-	-	-	-	60	60	-	60	60
CARGA HORÁRIA TOTAL		-	-	315	75	390	262,5	122,5	385	266	120	386

8º SEMESTRE

-----	-----	-----	-----	Carga horária em hora/aula (50 min.)			Carga horária em hora/relógio (60 min.)			Carga horária em hora/relógio (SIGAA)		
Código	Disciplinas	Pré- Requisito	CR	CHT	CHP	CHS	CHT	CHP	CHS	CHT	CHP	CHS
080EF24	Manejo de Florestas Plantadas	061EF24	4	45	15	60	37,5	12,5	50	38	12	50
081EF24	Manejo de Florestas Tropicais	-	4	45	15	60	37,5	12,5	50	38	12	50
082EF24	Práticas Silviculturais	074EF24	3	30	15	45	25	12,5	37,5	25	13	38
083EF24	Economia Florestal	-	4	60	0	60	50	0	50	50	0	50
084EF24	Proteção contra Pragas em Plantios Florestais	032EF24 041EF24	2	30	0	30	25	0	25	25	0	25
085EF24	Tecnologia de Produtos Florestais Madeireiros III	052EF24	4	45	15	60	37,5	12,5	50	38	12	50
086EF24	Extensão Florestal	-	3	30	15	45	25	12,5	37,5	25	13	38
***	Optativas*	-	3	45	-	45	37,5	-	37,5	38	0	38
154EF24	UCEX V**	-	-	-	-	-	-	60	60	-	60	60
CARGA HORÁRIA TOTAL		-	-	330	75	405	275	122,5	397,5	277	122	399

CHT: Carga horária teórica; **CHP:** Carga horária prática; **CHS:** Carga horária semestral; **CH SIGAA:** Carga horária semestral convertida para o Sistema Acadêmico;

CR:

Crédito.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

*Optativas: carga horária mínima obrigatória do semestre.

** Carga horária em hora/relógio das Unidades Curriculares de Extensão IV e V.

***Os códigos das disciplinas optativas estão alocados na tabela 03, onde se encontra o rol de disciplinas optativas do curso. Desta forma, o código cadastrado no SIGAA será aquele da disciplina escolhida para oferta, conforme demanda do curso.

9º SEMESTRE												
-----	-----	-----	-----	Carga horária em hora/aula (50 min.)			Carga horária em hora/relógio (60 min.)			Carga horária em hora/relógio (SIGAA)		
Código	Disciplinas	Pré- Requisito	CR	CHT	CHP	CHS	CHT	CHP	CHS	CHT	CHP	CHS
090EF24	Planejamento e Administração Florestal	-	4	60	0	60	50	0	50	50	0	50
091EF24	Mecanização e Exploração Florestal	-	4	45	15	60	37,5	12,5	50	38	12	50
092EF24	Pesquisa Operacional para Fins Florestais	080EF24	4	60	0	60	50	0	50	50	0	50
093EF24	Política e Legislação Florestal	-	4	60	0	60	50	0	50	50	0	50
***	Optativas*	-	3	45	-	45	37,5	0	37,5	38	0	38
160EF24	Trabalho de Conclusão de Curso I	-	2	30	0	30	25	0	25	25	0	25
170EF24	Estágio Supervisionado Obrigatório I	-	5	96	0	96	80	0	80	80	0	80
155EF24	UCEX VI**	-	-	-	-	-	0	60	60	0	60	60
CARGA HORÁRIA TOTAL		-	26	396	15	411	330	72,5	402,5	331	72	403
10º SEMESTRE												
-----	-----	-----	-----	Carga horária em hora/aula (50 min.)			Carga horária em hora/relógio (60 min.)			Carga horária em hora/relógio (SIGAA)		
Código	Disciplinas	Pré- Requisito	CR	CHT	CHP	CHS	CHT	CHP	CHS	CHT	CHP	CHS
100EF24	Sistemas Agroflorestais	080EF24	4	45	15	60	37,5	12,5	50	38	12	50
101EF24	Silvicultura Urbana	060EF24	4	45	15	60	37,5	12,5	50	38	12	50





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

102EF24	Recuperação de Áreas Degradadas	041EF24	4	45	15	60	37,5	12,5	50	38	12	50
***	Optativas*	-	3	45	-	45	37,5	-	37,5	38	-	38
161EF24	Trabalho de Conclusão de Curso II	160EF24	2	0	30	30	25	0	25	25	0	25
171EF24	Estágio Supervisionado Obrigatório II	170EF24	5	-	0	96	0	80	80	0	80	80
156EF24	UCEX VII**	-	-	-	-	-	0	70	70	0	70	70**
CARGA HORÁRIA TOTAL		-	22	180	75	351	175	187,5	362,5	177	186	363

CHT: Carga horária teórica; **CHP:** Carga horária prática; **CHS:** Carga horária semestral; **CH SIGAA:** Carga horária semestral convertida para o Sistema Acadêmico;
CR: Crédito.

*Optativas: carga horária mínima obrigatória do semestre.

** Carga horária em hora/relógio das Unidades Curriculares de Extensão VI e VII.

***Os códigos das disciplinas optativas estão alocados na tabela 03, onde se encontra o rol de disciplinas optativas do curso. Desta forma, o código cadastrado no SIGAA será aquele da disciplina escolhida para oferta, conforme demanda do curso.

ATIVIDADES COMPLEMENTARES DE GRADUAÇÃO

-----	-----	-----	-----	Carga horária em hora/aula (50 min.)			Carga horária em hora/relógio (60 min.)			Carga horária em hora/relógio (SIGAA)		
Código	Disciplinas	Pré- Requisito	CR	CHT	CHP	CHS	CHT	CHP	CHT	CHT	CHP	CHT
	Atividades Complementares de Graduação-ACG****	-	-	-	-	-	-	-	120	-	-	120

****As Atividades Complementares de Graduação deverão ter o cumprimento mínimo de 120 horas em hora/relógio, que devem ser efetivadas pelo acadêmico no decorrer do curso, de acordo com a normativa institucional e interna do curso que regem o componente curricular.

OBS: A carga horária destacada na matriz está contabilizada em hora aula, para melhor entendimento dos acadêmicos que fazem o acompanhamento de sua integralização curricular.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

A estruturação da Matriz Curricular do curso de Engenharia Florestal está ordenada por semestre, apresentando a carga horária semestral, teórica e prática das disciplinas obrigatórias do curso, pré-requisito e créditos (Tabela 01). Consta na Tabela 01, o resumo dos requisitos para a integralização do curso, juntamente com a carga horária total.

Alunos de outros cursos da UEAP podem assistir as disciplinas ofertadas pelo curso, assim como, alunos de Engenharia Florestal podem cursar disciplinas em outros cursos e/ou em outras instituições de ensino superior de caráter público. A mobilidade acadêmica para outras instituições não poderá ultrapassar o limite de 20% das disciplinas do curso. Respeitando o número máximo de alunos por classe e de não haver duplicidades de horários.

Entende-se por mobilidade acadêmica como o processo que possibilita ao estudante matriculado na Instituição cursar disciplinas em outras Instituições de Ensino Superior (IES) pública e, após a conclusão dos estudos, a emissão de atestado de comprovante de estudos, com registro em sua instituição de origem.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de Engenharia Florestal, aprovadas pelo CNE, instituídas através da Resolução nº 03 de 02 de fevereiro de 2006, recomendam os seguintes Núcleos Curriculares:

8.1.2 Núcleo de conhecimentos básicos

As disciplinas do núcleo de conteúdos básicos contemplam grandes áreas que fornecem embasamento teórico, integrando subáreas de conhecimento necessário para que o futuro profissional possa desenvolver seu aprendizado. Esse núcleo será integrado por disciplinas nas áreas de Biologia, Estatística, Expressão Gráfica, Física, Informática, Matemática, Metodologia Científica e Tecnológica, e Química.

8.1.3 Núcleo de conhecimentos profissionais essenciais

As disciplinas do núcleo de conteúdos profissionais essenciais estão destinadas à caracterização de identidade do profissional. Esse núcleo é constituído por: Avaliação e Perícias Rurais; Cartografia e Geoprocessamento; Construções Rurais; Comunicação e Extensão Rural; Dendrometria e Inventário; Economia e Mercado do Setor Florestal; Ecossistemas Florestais; Estrutura de Madeira; Fitossanidade; Gestão Empresarial e Marketing; Gestão dos Recursos Naturais Renováveis; Industrialização de Produtos Florestais; Manejo de Bacias Hidrográficas;





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

Manejo Florestal; Melhoramento Florestal; Meteorologia e Climatologia; Política e Legislação Florestal; Proteção Florestal; Recuperação de Ecossistemas Florestais Degradados; Recursos Energéticos Florestais; Silvicultura; Sistemas Agrossilviculturais; Solos e Nutrição de Plantas; Técnicas e Análises Experimentais; e Tecnologia e Utilização dos Produtos Florestais.

8.1.4 Núcleo de conhecimentos essenciais específicos/Disciplinas Optativas

O núcleo de conteúdos profissionais específicos é composto por um conjunto de disciplinas optativas para enriquecer e complementar a formação profissional (Tabela 02), proporcionando a introdução de projetos e atividades que visem à consolidação de vocações e interesses regionais, inclusive suprimindo áreas de conhecimentos emergentes relacionadas às áreas da Engenharia Florestal. Sua inserção no currículo permitirá atender peculiaridades locais e regionais e, quando couber, caracterizar o projeto institucional do Curso com identidade própria.

Tabela 02. Estrutura Curricular por semestre, apresentando carga horária semestral e créditos das disciplinas optativas do curso de Engenharia Florestal da UEAP. Onde: CR: Crédito; CHS (h/a) Carga horária semestral em hora aula; CHS SIGAA: Carga horária semestral convertida para o Sistema Acadêmico

Código	Disciplinas	Pré-Requisito	CR	CHS (h/a)	CHS SIGAA
240EF24OP	Sociologia Rural		3	45	38
241EF24OP	Seminários em Ciências Florestais		3	45	38
242EF24OP	Dendrologia Aplicada		3	45	38
243EF24OP	Insetos de Interesse Florestal	32EF24	3	45	38
244EF24OP	Introdução ao R	37EF24	3	45	38
245EF24OP	Educação Ambiental		3	45	38
246EF24OP	Comunicação e Expressão		3	45	38
247EF24OP	Informática Básica		3	45	38
248EF24OP	Libras I		3	45	38

5º SEMESTRE

Código	Disciplinas	Pré-Requisito	CR	CHS (h/a)	CHS SIGAA
251EF24OP	Manejo de Áreas Silvestres		3	45	38
252EF24OP	Modelagem Florestal	032EF24	3	45	38
253EF24OP	Apicultura	037EF24 036EF24	3	45	38
254EF24OP	Ecologia Numérica	037EF24	3	45	38
255EF24OP	R para Ciências Florestais I	244EF24OP	3	45	38





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

256EF24OP Libras II 248EF24OP 3 45 38

6º SEMESTRE

Código	Disciplinas	Pré-Requisito	CR	CHS (h/a)	CHS SIGAA
260EF24OP	Avaliação de Impactos Ambientais		3	45	38
261EF24OP	Tecnologia de Produtos Florestais não Madeireiros		3	45	38
262EF24OP	Cultura de Tecidos Vegetais		3	45	38
263EF24OP	Apicultura Prática	032EF24	3	45	38
264EF24OP	R para Ciências Florestais II	255EF24OP	3	45	38

7º SEMESTRE

Código	Disciplinas	Pré-Requisito	CR	CHS (h/a)	CHS SIGAA
270EF24OP	Nutrição e Manejo de Solos Florestais	065EF24	3	45	38
271EF24OP	Melhoramento de Eucalipto		3	45	38
272EF24OP	Propagação de Espécies Florestais		3	45	38
273EF24OP	Elaboração e Análise de Projetos		3	45	38
274EF24OP	Gestão da Qualidade		3	45	38
275EF24OP	Indústria Moveleira		3	45	38
276EF24OP	R para Ciências Florestais III	264EF24OP	3	45	38
277EF24OP	Avaliação e Perícias Rurais		3	45	38
278EF24OP	Georreferenciamento de Imóveis Rurais		3	45	38

8º SEMESTRE

Código	Disciplinas	Pré-Requisito	CR	CHS (h/a)	CHS SIGAA
280EF24OP	Manejo e Conservação do Solo		3	45	38
281EF24OP	Manejo de Fauna Silvestre		3	45	38
282EF24OP	Serraria, Secagem e Acabamento		3	45	38
283EF24OP	Preservação da Madeira		3	45	38
284EF24OP	Sensoriamento Remoto Avançado	064EF24	3	45	38
285EF24OP	Cadeias Produtivas Florestais		3	45	38
286EF24OP	Paisagismo		3	45	38
287EF24OP	Ecoturismo		3	45	38
288EF24OP	Identificação de Madeiras		3	45	38

9º SEMESTRE

Código	Disciplinas	Pré-Requisito	CR	CHS (h/a)	CHS SIGAA
290EF24OP	Tecnologia de Celulose		3	45	38
291EF24OP	Energia da Madeira		3	45	38





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

292EF24OP Utilização de Resíduos Florestais para Bioenergia

293EF24OP Gestão de Pequenos e Médios Empreendimentos Florestais

294EF24OP Fertilizantes

3

45

3

10º SEMESTRE

Código	Disciplinas	Pré-Requisito	CR	CHS (h/a)	CHS SIGAA
300EF24OP	Ética e Legislação Profissional		3	45	38
301EF24OP	Certificação Florestal		3	45	38
302EF24OP	Legislação Ambiental		3	45	38
303EF24OP	Empreendedorismo		3	45	38
304EF24OP	Projeto em Estrutura de Madeira Assistido por Compensado		3	45	38
305EF24OP	Tecnologia de Papel		3	45	38
306EF24OP	Compósitos lignocelulósicos		3	45	38

8.1.5 Estágio Curricular Supervisionado Obrigatório

O Estágio Supervisionado Obrigatório é um componente curricular obrigatório, cuja carga horária total é de 160 horas e será ofertado nos dois últimos períodos do curso, e serão oferecidas as 80 horas em cada período. As modalidades de estágio supervisionado devem se encaixar nos quatro eixos de formação que compõe o curso de Engenharia Florestal:

Eixo I: Silvicultura;

Eixo II: Manejo Florestal;

Eixo III: Conservação e Meio Ambiente; Eixo IV: Tecnologia de Produtos Florestais.

O estágio supervisionado obrigatório visa assegurar o contato do formando com situações, contextos e instituições, permitindo que conhecimentos, habilidades e atitudes se concretizem em ações profissionais, em acordo com a Resolução CONSU nº 631/2021, que aprovou o Regulamento do Estágio Curricular Supervisionado dos cursos de Graduação de Bacharelado e Tecnólogo da Universidade do Estado do Amapá.

8.1.6 Atividades Complementares de Graduação - ACG

As atividades complementares são regidas pela Resolução nº 659/2022 e são componentes curriculares que possibilitem, por avaliação, o reconhecimento de habilidades, conhecimentos, competências e atitudes do aluno, inclusive adquiridos fora do ambiente acadêmico.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

As atividades complementares de graduação do curso de Engenharia Florestal da UEAP podem incluir projetos de pesquisa, monitoria, iniciação científica, projetos de extensão, módulos temáticos, seminários, simpósios, congressos, conferências e até disciplinas oferecidas por outras instituições de ensino ou outros cursos da própria UEAP.

As atividades complementares se constituem de componentes curriculares enriquecedoras e implementadoras do próprio perfil do formando, sem que se confundam com o estágio supervisionado obrigatório.

O Regulamento das Atividades Complementares de Graduação do Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal da UEAP descreve de forma objetiva a importância, concepção e composição deste componente curricular para o Curso. (ANEXO)

8.1.7 Trabalho de Conclusão de Curso - TCC

O trabalho de curso é componente curricular obrigatório, a ser realizado ao longo do último ano do curso, centrado em determinada área teórico-prática ou de formação profissional, como atividade de síntese e integração de conhecimento e consolidação das técnicas de pesquisa. O Trabalho de Conclusão de Curso de Engenharia Florestal da UEAP (TCC) segue a Resolução nº 077/2014-CONSU/UEAP e sua alteração (Resolução nº 333/2018-CONSU/UEAP). O TCC do curso de Engenharia Florestal da UEAP será dividido em dois momentos: Elaboração de um projeto de pesquisa (TCC I) em que será oferecido no 9º semestre, com carga horária de 25 horas, o qual deverá ser avaliado por uma banca examinadora que irá avaliar a temática escolhida pelo acadêmico, os objetivos, a problemática e justificativa do estudo, e a metodologia proposta (Exame de Qualificação). O segundo momento será o desenvolvimento do projeto e a apresentação dos seus resultados (TCC II), oferecido no 10º semestre (CH = 25 horas) também avaliada por banca examinadora composta por especialista na área de estudo (Defesa). Tanto no TCC I como no TCC II, a avaliação do projeto e do trabalho final se dará pela análise do trabalho escrito e da defesa oral pública.

O Regulamento de Trabalho de Conclusão de Curso de Engenharia Florestal da UEAP descreve a concepção, as modalidades aceitas, as etapas de elaboração e execução, orientação, avaliação e procedimentos administrativos. Este Regulamento foi elaborado com base nas Resoluções institucionais e orientações previstas na Resolução CNE/CES nº 3/2006 e está disponível na seção de “APÊNDICES” deste PPC.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

8.1.8 Unidades Curriculares de Extensão - UCEx

A extensão universitária é uma estratégia de formação, de integração da UEAP em seu contexto político-social e de produção de conhecimento. Entende-se por extensão universitária toda atividade educativa, cultural e científica, protagonizada pelo(a) estudante e pelo(a) docente, que conjuga diálogo e interação entre a universidade e a comunidade, em integração com a pesquisa e com o ensino. Há, assim, um fluxo, uma troca de saberes sistematizados, acadêmico e popular, que tem como consequência: a produção do conhecimento resultante do confronto com a realidade local e regional; a democratização do conhecimento acadêmico e a participação efetiva da comunidade na atuação da universidade.

De acordo com a Resolução Nº 360/2019 CONSU/UEAP, que regulamenta a integralização das atividades de extensão nos cursos de graduação (Unidade Curricular de Extensão - UCEx) no âmbito da Universidade do Estado do Amapá, o curso de Engenharia Florestal deve dispor de no mínimo 10% da sua carga horária total em atividades de extensão, o que está devidamente atendido na distribuição de carga horária entre os componentes curriculares, totalizando para este componente um total de 420 horas relógio.

As UCEx's poderão ser ofertadas em forma de projeto integrador ou componente curricular, devidamente cadastrados na Pró-Reitoria de Extensão da UEAP. Estes poderão contemplar cursos, oficinas, eventos e prestação de serviços. Cada projeto deve ser coordenado por um ou mais docentes, havendo planejamento quanto à atuação dos discente e contemplando a comunidade externa à Universidade. No Curso de Engenharia Florestal, as Unidades serão ofertadas a partir do quarto até o décimo semestre, totalizando 7 UCEx's de 60 horas.

Serão consideradas atividades de extensão aquelas que envolverem diretamente as comunidades externas à IES e com o protagonismo dos discentes em sua execução, nos termos da Resolução Nº 360/2019 CONSU/UEAP e suas regulamentações. O cumprimento das UCEx será por meio de programas e/ou projetos definidos da seguinte maneira:

I - Componentes curriculares específicos de extensão: constituídos de ações de extensão, ativas e devidamente cadastradas na Pró-Reitoria de Extensão (cursos, oficinas e eventos de extensão). Estes compõem o itinerário curricular do Curso, com creditação e carga horária pré-definida.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

II. Projeto Integrador: é um componente estratégico que possibilita a criação de temas geradores a partir dos núcleos disciplinares semestrais, conectando o ensino e a pesquisa como eixo integrador das Unidades Curriculares de Extensão.

Caberá ao NDE realizar a planejamento, sistematização e monitoramento das UCEX no âmbito do Curso de Engenharia Florestal, com o levantamento de demandas e diálogo junto aos docentes do curso antecipadamente aos semestres de oferta dos componentes.

RESUMO DA CARGA HORÁRIA DO CURSO

Descrição	CH Total (hora/aula)	CH Total (hora/relógio)	CH Total (hora/SIGAA)
Disciplinas do Eixo de conteúdos Básicos	1.425	1.187,5	1.191
Disciplinas do Eixo de conteúdos profissionais	2.490	2.075	2.078
Disciplinas do Eixo de conteúdos específicos/Disciplinas optativas	315	262,5	266
Trabalho de Conclusão de Curso	60	50	50
Estágio Curricular Supervisionado	192	160	160
Atividades Complementares – ACG	-	120	120
Unidades Curriculares de Extensão	-	430	430
CH TOTAL DO CURSO	4.482+ACG+UCEX	4.285h	4.295h

Como é possível observar, ao obter **4.285 de carga horária/relógio**, o curso de Engenharia Florestal atende e ultrapassa o mínimo exigido pela Resolução CNE/CES nº 2, de 18 de junho de 2007 que dispõe sobre carga horária mínima e procedimentos relativos à integralização e duração dos cursos de graduação, bacharelados, na modalidade presencial, onde para o curso de Engenharia Florestal há a determinação do mínimo de **3.600h**.

Importa destacar que a contabilização elencada na coluna “SIGAA” foi incluída de acordo com a resolução nº 660/2022 – CONSU/UEAP que aprovou a regulamentação da Conversão das cargas horárias no SIGAA dos componentes curriculares presentes nos Projetos Pedagógicos dos Cursos de graduação da Universidade do Estado do Amapá- UEAP. Desta forma, ao realizar a conversão da carga horária de hora aula para hora relógio na resolução, houve arredondamento dos números fracionados, o que provocou uma alteração na carga horária relógio.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

Assim, há a necessidade de dispor essa informação dentro do PPC do curso, como é possível observar no Art. 4ª da resolução: “Os PPC’s que se encontram em tramitação e ainda não aprovados devem indicar, em cada componente curricular, tanto a carga horária em hora-aula com duração de 50 minutos, como a carga horária convertida que será cadastrada no SIGAA;”.

No entanto, conforme resolução supracitada, em seu Art. 1º, parágrafo Único: “Para efeito de contagem de crédito de disciplina e contagem de carga horária semanal do docente, não haverá alteração daquilo que está descrito nos PPCs e na Resolução 305/2018-CONSU/UEAP”, ou seja, para efeito de contabilização de carga horária total do curso, deve-se considerar a carga horária em hora relógio de 60 minutos, consoante à orientação da Resolução nº 02/2007 – CNE/CES, no art. 2º, inciso II: “**a duração dos cursos deve ser estabelecida por carga horária total curricular, contabilizada em horas, passando a constar do respectivo Projeto Pedagógico**” (grifo nosso).

Frente às informações acima, a carga horária total do curso está contabilizada em hora relógio, de 60 (sessenta) minutos, em conformidade com a resolução nº 02/2007 – CNE/CES.

8.2 EMENTÁRIO

O Ementário das disciplinas do curso segue anexo ao PPC com as ementas, os programas, bibliografia básica e complementar das disciplinas obrigatórias e optativas.

010EF24 – Cálculo I		
EMENTA	Carga Horária: 75 h	Crédito: 05
Números reais. Noções de Funções. Limites e Continuidade. Derivadas de Funções de uma Variável Real. Taxas Relacionadas. Primitivas. Integrais Definidas e Indefinidas. Técnicas de Integração. Integrais impróprias. Aplicações.		
REFERÊNCIAS BÁSICAS		
GONÇALVES, Mirian Buss; FLEMMING, Diva Marília. Cálculo A . 6ª Ed. São Paulo: Pearson Brasil, 2007.		
GUIDORIZZI, H. L. Um Curso de Cálculo . vol.1. 5 ed., Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 2011.		
LEITHOLD, L. O Cálculo com Geometria Analítica , vol. 1. 3 ed. São Paulo: Harbra, 1994.		





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

THOMAS, George Brinton; FINNEY, R. **Cálculo** - Volume 1. 11ª ed. São Paulo: Livros Técnicos e Científicos, 2009. (Biblioteca Virtual Pearson)

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

ANTON, H.; BIVENS, Irl; DAVIS, S. L. **Cálculo**. 8.ed. Porto Alegre: Bookman, 2007.
ÁVILA, G. **Cálculo I**. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos, 2003.

IEZZI, Gelson. MURAKAMI, Carlos. **Fundamentos de Matemática Elementar V.8** Limite, deriva e Integral. 9ª Ed. São Paulo: Atual, 2013.

LARSON, R. E., HOSTETLER, R. P., EDWARDS, B. H. **Cálculo com Geometria Analítica**. vol. 1. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1998.

011EF24 – Álgebra Linear

EMENTA

Carga Horária:
60 h

Crédito: 04

Matrizes, Determinantes, Sistemas lineares; Vetores no R^2 e R^3 ; Espaço vetorial; Transformação linear; Geometria analítica.

REFERÊNCIAS BÁSICAS

ABREU, C. F. de. **Geometria Analítica**. São Paulo: Ao livro Técnico, s.d. 1963.

BOLDRINI, J. L. **Álgebra Linear**. São Paulo: Harper e Row do Brasil, 1978.

LIMA, R. de B. **Curso Básico de Vetores**. São Paulo: Ed. Nacional, 1976.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

CALLIOLI, C. A. **Álgebra Linear e Aplicações**. São Paulo: Atual, 1978.

JEZZI, G. et al. **Fundamentos de Matemática Elementar**. São Paulo: Atual, 1981.10. v.

LIMA, R. de B. **Elementos de Geometria Analítica**: Curso Moderno. São Paulo Ed. Nacional, 1976.

LIPSCHUTZ, S. **Álgebra Linear**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1978.

012EF24 – Química Geral

EMENTA

Carga Horária:
45 h

Crédito: 3





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

Ciência e química. Energia e ionização e tabela periódica. Visão microscópica do equilíbrio. Equilíbrio heterogêneo. Equilíbrio de dissociação: ácidos e bases. Processos espontâneos e eletroquímicos.

REFERÊNCIAS BÁSICAS

ATKINS, P. W. & JONES, L. **Princípios de Química: Questionando a Vida Moderna e o Meio Ambiente**. São Paulo: Bookman, 1999.

RUSSELL, J. B. **Química Geral**. São Paulo: Makron Books, v.1 e 2, 1994.

BRADY, J. B. & HUMISTON, G. E. **Química Geral**. Rio de Janeiro: LTC Livros Técnicos e Científicos, 1995.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

KOTZ, J. C. & TREICHEL, P. M. **Química e Reações Químicas**. Rio de Janeiro: LTC Livros Técnicos e Científicos, v. 1 e 2, 1998.

MAHAN, B. M. & MYERS, R. J. **Química: um Curso Universitário**. São Paulo: Edgard Blucher, 1993.

013EF24 – Desenho Técnico

EMENTA

Carga Horária:
45 h

Crédito: 3

Introdução ao desenho técnico. Normatização para elaboração de desenho técnico. Escalas. Sistemas de projeção. Elaboração de Projetos. Expressão gráfica. Computação gráfica. Desenho universal: conceitos e aplicações. Acessibilidade, Metodologias para projetos específicos com ênfase na acessibilidade espacial. Deslocamento seguro em um ambiente ou em uma rota pré-definida. Compreensão dos conceitos e definições que situam a deficiência em um contexto amplo e abrangente, para a elaboração de projetos adequados à diversidade humana, em especial para pessoas com alguma deficiência ou mobilidade reduzida.

REFERÊNCIAS BÁSICAS

BORGES, G. C. M. [et. all.]. **Noções de Geometria Descritiva: Teoria e Exercícios**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1998.

CHING, Francis D. K. 2001. **Representação gráfica para desenho e projeto**. Barcelona: Gustavo Gili.

FREITAS, M. I. C de; VENTORINI, S. E. **Cartografia Tátil: orientação e mobilidade às pessoas com deficiência visual**. Jundiaí: Paco Editorial, 2011.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

- FRENCH, Thomas E. 1999. **Desenho técnico e tecnologia gráfica**. Porto Alegre: Globo.
- MORAES, Andréa Benício de. **A expressão gráfica em cursos de engenharia: estado da arte e principais tendências**. Dissertação. (Departamento de Engenharia de Construção Civil e Urbana). Escola Politécnica da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2001. 136f
- MONTENEGRO, Gildo A. 2001. **Desenho arquitetônico**. 4.ed. São Paulo: Edgard Blucher.
- SAAD, Ana Lúcia. **Acessibilidade**. Guia Prático Para o Projeto de Adaptações e de Novas Edificações. 1ª edição. Editora PINI. São Paulo, 2011.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

- BESSANT, C. B. **CAD/CAM Projeto e fabricação com o auxílio do computador**. 3.ed. Rio de Janeiro, Campus, 1988.
- BONSIEPE, Gui. **Design, cultura e sociedade**. São Paulo: Blucher, 2011.
- BONSIEPE, Gui. **Design como prática de projeto**. São Paulo: Blucher, 2012.
- FORTY, Adrian. **Objeto de desejo – design e sociedade desde 1750**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- RANGEL, A. P. **Projeções cotadas: Desenho Projetivo**. Livros Técnicos e Científicos, 1976.
- SILVA, G.S. **Curso de Desenho Técnico**. 1.ed. Sagra-Luzzatto, 1993.
- SILVA, A.; RIBEIRO, DIAS. C. T.; J., SOUSA, L. **Desenho Técnico Moderno**, 8.Ed. Lidel, 2008.
- SPECK, Henderson José. 1997. **Manual básico de desenho técnico**. Florianópolis: Ed. Da UFSC. UFSC. 1997. 1ª ed.

014EF24 - Biologia Celular		
EMENTA	Carga Horária: 60 h	Crédito: 4
Célula e teoria celular. Componentes químicos da célula. Membrana celular e transporte de membrana. Citoesqueleto. Citosol e organelas citoplasmáticas. Núcleo celular e seus constituintes. Metabolismo energético: respiração e fotossíntese. Divisão celular: mitose e meiose. Métodos de estudo em biologia celular.		





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

REFERÊNCIAS BÁSICAS

ALBERTS, B.; et al. **Biologia Molecular da Célula**. 6ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 2017.

JUNQUEIRA, L.C.; CARNEIRO, J. **Biologia celular e molecular**. 10ª Ed. São Paulo: Guanabara Koogan, 2023.

LODISH, H.; et al. **Biologia Molecular da Célula**. 7ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 2017.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

ALBERTS, B.; et al. **Fundamentos da Biologia Celular**. 4ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 2017.

BARONEZA, J. E. **Atividades práticas em biologia celular**. 1ª Ed. Fortaleza: Edições UFC, 2019.

COX, M.; DOUDNA, J.; O' DONNELL, M. **Biologia Molecular: Princípios e Técnicas**. 1ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 2022.

015EF24 – Introdução à Engenharia Florestal

EMENTA

**Carga
Horária: 30 h**

Crédito: 2

Estrutura organizacional da UEAP e do curso de Engenharia Florestal. Regime Didático. Formação básica do Engenheiro Florestal. Filosofia da Ciência Florestal. Formação profissional sobre silvicultura, manejo florestal, tecnologia da madeira e ambiência. Linhas de pesquisa em Ciência Florestal.

REFERÊNCIAS BÁSICAS

ADEODATO, S.; MONZONI, M.; BETIOL, L. S.; VILLELA, M. **Madeira de ponta a ponta: o caminho desde a floresta até o consumo**. São Paulo: FGV RAE, 2011. 128p.

SABOGAL, C.; et. al. **Silvicultura na Amazônia brasileira: avaliação de experiências e recomendações para implementação e melhoria dos sistemas**. Belém: CIFOR, 2006. 190p.

SCOLFORO, J. R. S. **Manejo Florestal**. Lavras: Editora UFLA, 1998. 438p. (Série: Textos Acadêmicos) SERVIÇO FLORESTAL BRASILEIRO. Florestas do Brasil em resumo - 2010: dados de 2005-2010. Brasília: SFB, 2010. 152 p.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

COMISSÃO MUNDIAL SOBRE DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE. **Nosso Futuro Comum**. Rio de Janeiro: Instituto de Documentação, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1988.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

SANTANA, A. C. (Org.) **Perfil do profissional de Ciências Agrárias**. Belém: Universidade Federal Rural da Amazônia, 2003.

SCHENEIDER, R. R. et al. **Amazônia sustentável**: limitantes e oportunidades para o desenvolvimento rural. Brasília: Banco Mundial; Belém: Imazon, 2000.

016EF24 – Morfologia e Anatomia Vegetal

EMENTA

Carga Horária: 60 h

Crédito: 4

Técnicas básicas em Anatomia Vegetal: Conceitos, microscopia de luz, microscopia eletrônica, preparação de material e interpretação de imagens. Células e tecidos vegetais: Célula vegetal, parede celular, organelas citoplasmáticas, tecidos meristemáticos, tecidos de revestimento, tecidos fundamentais, tecidos vasculares, estruturas secretoras. Organização do corpo da planta: Raiz, caule, folha e estruturas reprodutoras.

REFERÊNCIAS BÁSICAS

DAMIÃO-FILHO, C. F.; MÔRO, F. V. **Morfologia vegetal**. 2.ed. Jaboticabal: FUNEP, 2005. 172p.

RAVEN, P.; EVERT, R.; EICHHORN, S. **Biologia Vegetal**. 7. ed. Ed. Guanabara Koogan, 2007. 858 p.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

CORTEZ, P. A.; SILVA, D. C.; CHAVES, A. L. F. **Manual prático de morfologia e anatomia vegetal**. Ilhéus-BA: Editus, 2016. 92 p.

LEMONS, J. R.; CHAVES, B. E. **Morfologia e anatomia vegetal**: uma abordagem prática. Teresina:EDUFPI,2022.131p.Disponível em:

https://ufpi.br/arquivos_download/arquivos/edufpi/Livro_morfologia_final_final.pdf

MARTINS, R. C. V. et al. **Noções morfológicas e taxonômicas para identificação botânica**. Brasília, DF: Embrapa, 2014. 111p. Disponível em: RODRIGUES, A. C.; AMANO, E.; ALMEIDA, S. L. **Anatomia Vegetal**. Florianópolis: Biologia/EaD/UFSC,2015.152p.Disponível em:

<https://antigo.uab.ufsc.br/biologia/files/2020/08/Anatomia-Vegetal.pdf>

017EF24- Zoologia Geral

EMENTA

Carga

Horária: 60 h

Crédito: 4

Padrão morfológico de um animal. Classificação filogenética dos animais. Características gerais, diversidade e filogenia, ecologia, morfologia e fisiologia dos seguintes grupos: Lophotrochozoa (Platyhelminthes, Annelida e Mollusca), Ecdysozoa (Nematoda e Arthropoda) e Chordata (peixes, anfíbios, répteis, aves e mamíferos)





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

REFERÊNCIAS BÁSICAS

BRUSCA, R.C.; MOORE, W.; SHUSTER, S.M. **Invertebrados**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2018, 1032p.

HICKMAN, C.P.; ... [et al.]. **Princípios integrados de zoologia**. 18ª Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2022, 888p.

KARDONG, K.V. **Vertebrados - Anatomia Comparada, Função e Evolução**. 7ª Ed. São Paulo: Roca. 2016, 824p.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

POUGH, F.H.; JANIS, C.M.; HEISER, J.B. **A vida dos vertebrados**. São Paulo: Atheneu, 2008. 750p.

HILL, R.W.; WYSE, G.A.; ANDERSON, M. **Fisiologia Animal**. 2ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

FRANSOZO, A.; Negreiros-Fransozo, M. L. **Zoologia de invertebrados**. 1ª Ed. São Paulo: Roca: Guanabara Koogan, 2016, 716p.

020EF24 – Cálculo II

EMENTA

Carga Horária:
75 h

Crédito:
5

Funções de Várias Variáveis. Limite e Continuidade. Funções Diferenciáveis. Derivadas Parciais. Regra da cadeia. Derivações Implícitas. Gradiente. Derivada Direcional. Divergente. Rotacional. Máximos e Mínimos. Multiplicadores de Lagrange. Integrais Múltiplas. Aplicações.

REFERÊNCIAS BÁSICAS

GONÇALVES, Mirian Buss; FLEMMING, Diva Marília. **Cálculo B**. 6ª Ed. São Paulo: Pearson Brasil, 2007.

GUIDORIZZI, H. L. **Um Curso de Cálculo**. vol.2. 5 ed., Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 2011.

STEWART, J. **Cálculo**, vol.2. 7ª ed. São Paulo: Cengage Learning, 2013.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

THOMAS, George Brinton; FINNEY, R. **Cálculo** - Volume 2. 11ª ed. São Paulo: Livros Técnicos e Científicos, 2009. (Biblioteca Virtual Pearson)

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

ÁVILA, G. **Cálculo II**. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos, 2003.

BOULOS, P.; ABUD, Z. I, **Cálculo Diferencial e Integral**. Vol. 2. São Paulo: Markon Books, 2002.

GUIDORIZZI, H. L. **Um Curso de Cálculo**. vol. 2, 5 ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 2011.

LARSON, R. E., HOSTETLER, R. P., EDWARDS, B. H. **Cálculo com Geometria Analítica**. vol. 2. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1998

021EF24 – Microbiologia

EMENTA

Carga Horária: 60 h

Crédito:
4

Introdução a Morfologia, Classificação e Fisiologia de microrganismos: fungos, bactérias, vírus, nematoides e algas. Genética microbiana. Crescimento e controle de microrganismos. Agentes antimicrobianos. Isolamento e caracterização de microrganismos: Microbiologia e biotecnologia: principais aplicações da microbiologia e biotecnologia em plantios florestais. Micorrizas, rizosfera. Efeito dos agrotóxicos sobre a microbiota. Composição da população microbiana no solo, ecologia dos microrganismos no solo. Técnicas de Laboratório

REFERÊNCIAS BÁSICAS

BIER, O. **Microbiologia e imunologia**. 24. Ed. São Paulo: Melhoramentos, 1985.

DHINGRA, O. D. **Basic plant pathology methods**. Florida, U.S. A.: C.R.C Press, IMC, 1986.

KIMATI H. et al. **Manual de fitopatologia**. São Paulo: Agronômica Ceres, V.I. 1995.

NEDER, R. N. **Microbiologia**: manual de laboratório. São Paulo. Nobel. ed. 138 p. 1992.

PELCZAR, M. et ali. **Microbiologia**. São Paulo: Mc Graw- Hill do Brasil, 1980.

PELCZAR, M. J. et al. **Microbiologia**: Conceitos e Aplicações. São Paulo: MAKRON BOOKS, 1996.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

RELCZAR, M.J., REID, R. **Microbiologia**. Chan, E.C.S. São Paulo. Mc Graw- Hill do Brasil. V.1. 1980.

RELCZAR, M.J., REID, R. **Microbiologia**. São Paulo. Mc Graw-Hill do Brasil. V.2. 1981.

ROITMAN, I. et al. **Tratado de microbiologia**. Editora Manole LTDA, Volume 2. 1991.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

SCHUMACHER, M.V., HOPPE, J.M. A complexidade dos ecossistemas. Porto Alegre. Afubra. 50 p. 1997.

SIQUEIRA, J.O. Biologia do solo. Lavras: ESAL – Gráfica Universitária, 1993.

TORTORA, G.J., FUNKE, B. R., CASE C. L. Microbiologia. São Paulo: Artmed, 6 ed. 2002.

TRABULSI, L. R. Microbiologia. São Paulo. Atheneu ed. 386 p. 2ª ed. 1996.

TRAVASSOS, L. R., ROITMAN, I., AZEVEDO, J. L.. Tratado de Microbiologia. S. Paulo: Editora Manole, Volume 1. 1991.

022EF24 – Sistemática Vegetal

EMENTA

Carga Horária:
60 h

Crédito:
4

Caracterização das espermatófitas. Morfologia externa dos órgãos vegetativos e reprodutivos. Reprodução. Sistemas de classificação e nomenclatura botânica. Coleções botânicas. Herbário e técnicas de herborização.

REFERÊNCIAS BÁSICAS

BARROSO, G. M. et al. **Sistemática das angiospermas do Brasil**. Rio de Janeiro, LTC/EDUSP/UFV, 1978. v. 1; 1984(v.2); 1986(v.3).

RAVEN, P.; EVERT, R.; EICHHORN, S. **Biologia Vegetal**. 7. ed. Ed. Guanabara Koogan, 2007. 858 p.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

AMARAL, L. da G.; SILVA-FILHO, F. A. **Sistemática vegetal II**. Florianópolis: Biologia/EaD/UFSC, 2010. 162p. https://antigo.uab.ufsc.br/biologia//files/2020/08/BIO_SistVegII_cap1-3_WEB_.pdf





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

JUDD, W. S. [et al.]. **Plant systematics**: A Phylogenetic Approach. Sunderland, Massachusetts, Sinauer Associates, 1999. 464p. https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5813296/mod_resource/content/1/JUDD_et_al-2009-Sistematica_vegetal_um_e.pdf

MARTINS-DA-SILVA, R. C. V. [et al.]. **Noções morfológicas e taxonômicas para identificação botânica** Brasília, DF: Embrapa, 2014. 111p. Disponível em: <https://www.alice.cnptia.embrapa.br/bitstream/doc/992543/1/LivroIdentificacaoBotanica.pdf>.

MENDES, R. M. de S.; CHAVES, B. E. **Sistemática vegetal**: noções básicas com enfoque em algumas famílias de angiospermas representativas no Brasil. 2. ed. – Fortaleza: Ed. UECE, 2015. 220p. https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/176805/2/Livro_Ciencias%20Biologicas_Sistematica%20Vegetal.PDF

SANTIAGO, S. A. **Morfologia e sistemática vegetal**. Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S. A., 2018. 216 p. Disponível em: http://cm-cls-content.s3.amazonaws.com/201802/INTERATIVAS_2_0/MORFOLOGIA_E_SISTEMATICA_VEGETAL/U1/LIVRO_UNICO.pdf

023EF24 – Química Orgânica

EMENTA

Carga Horária:
45 h

Crédito:
3

Introdução ao estudo da química orgânica. Sinopse das funções orgânicas. Alcanos. Alquenos e alquinos. Hidrocarbonetos aromáticos. Álcoois, éteres e fenóis. As substâncias quirais. Aminas. Aldeídos e cetonas. Os ácidos carboxílicos e seus derivados funcionais.

REFERÊNCIAS BÁSICAS

MCMURRY J. **Química Orgânica**. 4ª ed. v. 1. Rio de Janeiro: LTC - Livros Técnicos e Científicos Editora, 1997.

SOLOMONS, T. W. G; FRYLE. **Química Orgânica**. v.1 e v. 2. 9º Edição, Rio de Janeiro: LTC, 2009.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

BRUCE, P. Y. **Química orgânica**. 4. Ed. V. 1. e V. 2 São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2006.

CLAYDEN, Jonathan; GREEVES, Nick; WARREN, Stuart; WOTHERS, Peter. **Organic Chemistry**. 2nd ed. Oxford: Oxford University Press, 2012.

MORRISON, R. T. e BOYD, R. **Química orgânica**. 6. Ed. Lisboa: Fundação Calouste





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

Gulbenkian, 1996.

024EF24 - ESTATÍSTICA APLICADA À CIÊNCIA FLORESTAL

EMENTA

Carga Horária:
60 h

Crédito: 4

1. Conceitos gerais de Estatística; 2. Estatística Descritiva; 3. Regressão e Correlação; 4. Análise de Variância; 5. Testes de hipóteses; 6. Conceitos Básicos de Modelos Probabilísticos e 7. Funções de Probabilidade.

REFERÊNCIAS BÁSICAS

BUSSAB, W. O. e MORETIN, P. A., “**Estatística básica**”, Editora Atual, 1987. Oficina de Textos, 2007.

DRAPPER & SMITH, **Applied Regression Analysis**, Wiley Series in Probability. 1998

FERREIRA, P. V. **Estatística experimental aplicada à agronomia**. 3ª. Ed. Maceió: EDUFAL, 422p. 2000.

LIMA, P. C.; ABREU, A. R. **Delineamento e análise de experimentos**. Lavras: UFLA, 2000. 72p.

MEYER, P. L., “**Probabilidade: aplicações a estatística**” - 2 ed., Editora LTC, 1983
TRIOLA, M. F. **Introdução à estatística**. Rio de Janeiro: LTC. 2005. 410p

VIEIRA, S. **Bioestatística: Tópicos Avançados**. Editora Campos. 2003. 212p.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

DEVORE, J.L., “**Probabilidade e Estatística para Engenharia e Ciências**”, Editora Thomson, 2006.

LARSON, R.; FARBER, E. **Estatística aplicada**. 2 ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007. 476p.

MONTGOMERY, D. C., 1943-; RUNGER, George C., “**Estatística aplicada e probabilidade para engenheiros**”, Editora, LTC, 2003.

MEYER, P. L., “**Probabilidade: aplicações a estatística**” - 2 ed., Editora LTC, 1983





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

025EF24 – Bioquímica		
EMENTA	Carga Horária: 60h	Crédito: 4
Carboidratos. Lipídios. Ácidos nucleicos. Aminoácidos e proteínas. Enzimas. Princípios de bioenergética. Catabolismo de carboidratos. Catabolismo de lipídios. Utilização do Acetil-CoA. Fosforilação oxidativa e fotofosforilação. Catabolismo de compostos nitrogenados. Biossíntese de carboidratos. Biossíntese de lipídios. Biossíntese de ácidos nucleicos e proteínas.		
REFERÊNCIAS BÁSICAS		
DATTA, P.S., OTTAWAY, J. H. Bioquímica . Ed. Guanabara Koogan, 1976.		
KOOLMAN, J.; KLAUS, H. R.; Bioquímica Texto e Atlas . TRAD. EDISON CAPP. Porto Alegre: Artmed Editora S. A, 478p. 2005.		
NELSON, D. L.; COX, M. M. Princípios de Bioquímica de Lehninger . 6.ed. São Paulo: Editora Artmed, 2014.		
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES		
CHAMPE, P.C.; HARVEY, R.A.; FERRIER, D.R. Bioquímica ilustrada , 5.ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.		
MARZZOCO, A.; TORRES, B.B. Bioquímica básica . 4.ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 2015.		
STRYER, L. Bioquímica . 7.ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 2014.		
VIEIRA, E.C.; GAZZINELLI, G.; MARES-GUIA, M. Bioquímica celular e biologia molecular . 2.ed. São Paulo: Atheneu, 1999. 375p.		
VOET, D.; VOET, J.G. Bioquímica . 4.ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.		

026EF24 – Física I		
EMENTA	Carga Horária: 60 h	Crédito: 4
Medidas físicas. Vetores e sistemas de coordenadas. Movimento retilíneo. Movimento no plano. Leis de Newton para o movimento. Aplicações das leis de Newton para o movimento. Energia e transferência de energia. Mecânica dos sólidos. Conservação da energia mecânica. Momento Linear e colisões. Dinâmica das rotações		





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

REFERÊNCIAS BÁSICAS

NUSSENZVEIG, H. M. **Curso de Física Básica**. Mecânica. Volume 1. São Paulo: Editora Blücher, 1998. (978-85-212-0298-1)

SERWAY, R. A.; JEWET JR, J. W. **Princípios de Física**. Mecânica Clássica. Volume 1. São Paulo: Cengage Learning, 2005. (ISBN 978-85-221-0382-8)

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

ALONSO, M.; FINN, E. J. **Física**. Lisboa: Escolar Editora, 2013. (ISBN 978-97-259-2296-5)

HALLIDAY, D.; RESNICK, R.; WALKER, J., **Fundamentos de Física**. Eletromagnetismo. Volume 3. Rio de Janeiro: LTC, 2012. (ISBN 978-85-216-1605-4)

SEARS, F. W.; ZEMANSKY, M. W. **Física I**. Mecânica. Volume 3. São Paulo: Pearson, 2012. (ISBN 978-85-886-3930-0)

027EF24 – Algoritmo e Linguagem de Programação

EMENTA

Carga Horária:
45h

Crédito:
3

Fundamentos de Informática básica, Computadores, Hardware Básico, Software - Sistemas Operacionais (Windows / Linux), Editores de Texto – (Microsoft Word / BrOffice Writer), Planilha Eletrônica (Microsoft Excel / BrOffice Calc), Editor de Apresentações de Slides (Microsoft PowerPoint / BrOffice Impress), Internet, Correio Eletrônico, Aspectos Básicos de Segurança de Informática. Noções de Lógica. Introdução a Algoritmos. Resolução de problemas utilizando algoritmos e raciocínio lógico. Tipos de Dados. Variáveis e Constantes. Expressões e Operadores. Estruturas de Controle: Estruturas Básicas, Estruturas Condicionais e Estruturas de Repetição. Estruturas Básicas de Dados: Vetores, Matrizes e Registros. Arquivos. Funções.

REFERÊNCIAS BÁSICAS

ASCENIO, Ana Fernanda Gomes; CAMPOS, Edilene A. V. de. **Fundamentos da programação de computadores**: algoritmos, Pascal, C/C++ (padrão ANSI) e Java. 3. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2012.

EDELWEISS, Nina; LIVI, Maria A. Castro. **Algoritmos e Programação com Exemplos em Pascal e C**. Porto Alegre: Bookman, 2014. v. 23. (Livros didáticos informática UFRGS). Ebook.

FARRER, Harry et al. **Programação estruturada de computadores**: algoritmos estruturados. 3. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2014.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

FEOFILOFF, Paulo. **Algoritmos em linguagem C**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

FORBELLONE, André L. V.; EBERSPACHER, Henri F. **Lógica de Programação: a construção de algoritmos e estrutura de dados**. 3. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2005.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

MARÇULA, Marcelo; BRNINI FILHO, Pio Armando. **Informática: conceitos e aplicações**. 3.ed. São Paulo: Érica, 2008.

MIZRAHI, Victorine Viviane. **Treinamento em linguagem C**. 2. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2008.

NORTON, Peter. **Introdução à informática**. São Paulo: Pearson Makron Books, 2007.

PINHEIRO, Francisco de Assis C. **Elementos de Programação em C**. Porto Alegre: Bookman, 2012. Ebook.

SHILDT, H. **C completo e total**. 3. ed. rev. atual. São Paulo: Pearson Makron Books, 2012.

SOFFNER, Renato. **Algoritmos e Programação em Linguagem C**. Ebook. São Paulo: Saraiva, 2013.

030EF24 - Física II

EMENTA

Carga Horária:

60 h

Crédito:

4

Gravitação. Estática dos fluidos. Dinâmica dos fluidos. Fenômenos de transporte. Oscilações harmônicas simples. Oscilações amortecidas e oscilações forçadas. Ondas. Acústica. Temperatura e a primeira lei da termodinâmica. Máquinas térmicas e a segunda lei da termodinâmica. Teoria cinética dos gases

REFERÊNCIAS BÁSICAS

HALLIDAY, D.; RESNICK, R.; WALKER, J. **Fundamentos de Física: Gravitação, Ondas e Termodinâmica**. Volume 2. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

NUSSENZVEIG, H. M. **Curso de Física Básica: Fluidos, Oscilação e Ondas, Calor**. Volume 2. São Paulo: Editora Blücher, 1998.

OLIVEIRA, M.J. **Termodinâmica**. São Paulo: Liv. da Física, 2005. 365p.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

ALONSO, M.; FINN, E. J. **Física**. Lisboa: Escolar Editora, 2013.

SEARS, F. W.; ZEMANSKY, M. W. **Física II: Termodinâmica e Ondas**. Volume 2. São Paulo: Pearson, 2012.

SERWAY, R. A.; JEWET JR, J. W. **Princípios de Física: Movimento Ondulatório e Termodinâmica**. Volume 2. São Paulo: Cengage Learning, 2005.

031EF24 – Dendrologia

EMENTA

Carga Horária:
60 h

Crédito: 4

Definição, evolução e importância. Conceito, origem, classificação e nomenclatura da árvore. Características dendrológicas. Métodos de Reconhecimento de árvores na floresta tropical. Gimnospermas ornamentais e, ou, produtoras de madeiras. Angiospermas de interesse florestal. Fenologia e formações florestais.

REFERÊNCIAS BÁSICAS

PINHEIRO, A. L. **Fundamentos em Taxonomia Aplicados no Desenvolvimento da Dendrologia Tropical**. Viçosa: Editora UFV, 2014. 278p.

PINHEIRO, A. L.; SOUZA, P.B.; PINHEIRO, D. T. & CÂNDIDO, J. B. **Curso Prático de Dendrologia**: Características de espécies do Bioma Floresta Atlântica e suas Áreas Ecotonais. Viçosa: NIED, 2018. 331p.

RIZZINI, C. T. **Árvores e madeiras úteis do Brasil**: manual de dendrologia brasileira. São Paulo: Edgard Blucher, 1971. 294p.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

BARROSO, G. M. [et al.]. **Sistemática de angiospermas do Brasil**. Viçosa: Imprensa Universitária, 1984. v.2. 377p.

BARROSO, G. M. [et al.]. **Sistemática de angiospermas do Brasil**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Ed. 1978. v.1. 255 p.

LOUREIRO, A. A. & SILVA, M. F. da. **Catálogo das madeiras da Amazônia**. Belém: SUDAM, Ed. Falangola, 1968. 411p.

MELO, E. C. **Estudo dendrológico de essências florestais do Parque Nacional de Itatiaia e os caracteres anatômicos de seus lenhos**. Rio de Janeiro: Parque Nacional do Itatiaia, 1950. 172p.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

- MIROV, N. T. **The Genus Pinus**. New York: Ronald, 1967. 602p.
- PRANCE, G. T. & SILVA, M. F. da. **Árvores de Manaus**. Manaus: INPA, Ed. Falangola, 1975. 312p.
- REITZ, R.; KLEIN, R. M. & REIS, A. **Projeto madeira de Santa Catarina**. Itajaí, Santa Catarina: Herbário Barbosa Rodrigues, 1978. 320p.
- VIDAL, W. N. & VIDAL, M. R. R. **Botânica-organografia**. Viçosa: Imprensa Universitária, 1979. 118p.

032EF24 - Entomologia Geral

EMENTA

Carga Horária:
60 h

Crédito: 4

Fundamentos de entomologia. Anatomia e fisiologia. Estímulos comportamentais. Reprodução. Desenvolvimento e história de vida. Evolução e filogenia das principais ordens de Insecta. Fundamentos ecológicos das ordens de interesse florestal. Socialidade em insetos. Manejo de pragas. Coleções entomológicas

REFERÊNCIAS BÁSICAS

DE CAMARGO, A.J.A.; DE OLIVEIRA, C.M.; FRIZZAS, M.R.; SONODA, K.C.; CORRÊA, D.C.V. **Coleções entomológicas: legislação brasileira, coleta, curadoria e taxonomia para as principais ordens**. 1ª Ed. Brasília: Editora Embrapa, 2015

GULLAN, P.J.; CRANSTON, P.S. **Insetos - Fundamentos da Entomologia**. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2017.

RAFAEL, J.A.; DE MELO, G.A.R.; DE CARVALHO, C.J.B.; CASARI, A.S.; CONSTANTINO, R. **Insetos do Brasil: Diversidade e Taxonomia**. 1ª Ed. Ribeirão Preto: Holos, 2012.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

GRIMALDI, D.; ENGEL, M.S. **Evolution of the Insects**. 1ª Ed. Reino Unido: Cambridge University Press, 2005.

MOREIRA, A.F.C. **Manejo integrado de pragas florestais: fundamentos ecológicos, conceitos e táticas de controle**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Technical Books, 2013.

TRIPLEHORN, C.; JONNISON, N. **Estudos dos insetos**. 2ª Ed. São Paulo: Cengage Learning, 2015.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

033EF24 – Cálculo III		
EMENTA	Carga Horária: 75h	Crédito: 5
Sequências e Séries. Critérios de Cauchy e de Dirichlet para Séries. Equações Diferenciais de Primeira e Segunda Ordem. Métodos de Resolução. Sistema de Equações Diferenciais Lineares. Transformada de Laplace. Aplicações.		
REFERÊNCIAS BÁSICAS		
GONÇALVES, Mirian Buss; FLEMMING, Diva Marília. Cálculo C . 6ª Ed. São Paulo: Pearson Brasil, 2007. (Biblioteca Virtual Pearson)		
LEITHOLD, L. O Cálculo com Geometria Analítica , vol. 2. 3ª ed. São Paulo: Harbra, 1994.		
STEWART, J. Cálculo , vol.2. 5ª ed. São Paulo: Cengage Learning, 2013.		
THOMAS, George Brinton; FINNEY, R. Cálculo - Volume 3 . 11ª ed. São Paulo: Livros Técnicos e Científicos, 2009. (Biblioteca Virtual Pearson)		
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES		
ANTON, Howard; BIVENS, Irl; DAVIS, Stephen. Cálculo-Volume II-10 . Bookman Editora, 2014.		
BOULOS, P.; ABUD, Z. I., Cálculo Diferencial e Integral . Vol. 3. São Paulo: Markon Books, 2002.		
CRAIZER, Marcos. Cálculo integral a várias variáveis . Rio de Janeiro: Edições Loyola, 2002.		
GUIDORIZZI, H. L. Um Curso de Cálculo . vol. 3, 5 ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 2011.		

034EF24 – Fisiologia Vegetal		
EMENTA	Carga Horária: 60 h	Crédito: 4
Fotossíntese – conceitos e reação; fases fotoquímicas e bioquímica e fatores que afetam o processo. Respiração – conceitos e reação; fases e fatores que afetam o processo respiratório; gliconeogênese. Relações Água-planta - estrutura e propriedades da água; a importância do sistema solo-planta-atmosfera na aquisição e perda de água pelas plantas; o mecanismo estomático. Nutrição Mineral - Importância e classificação dos minerais; como as plantas adquirem os minerais; funções dos elementos minerais e sintomas de deficiência. Crescimento		





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

e Desenvolvimento – conceitos; medidas do crescimento; curvas de crescimento; reguladores do crescimento e hormônios vegetais; fitocromo e fotomorfogênese; fotoperiodismo.

REFERÊNCIAS BÁSICAS

RAVEN, P.; EVERT, R.; EICHHORN, S. **Biologia Vegetal**. 7. ed. Ed. Guanabara Koogan, 2007. 858 p.

TAIZ, L.; ZEIGER, E. **Fisiologia Vegetal**. Porto Alegre: Artmed Editora S. A, 2004. 719p.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

CID, L. P. B.; TEIXEIRA, J. B. **Fisiologia vegetal**: definições e conceitos. Brasília, DF: Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia, 2017. 65 p. - (Documentos / Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia, 356). Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/187023/1/FisiologiaVegetal-final21.pdf>

FREITAS, H. M. B. F. [Org.]. **Manual de fisiologia vegetal**: manual de atividades práticas. Salvador: Edufba, 2006. 84p. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/33880/1/ManualDeFisiologiaVegetal-RI.pdf>

LIMA, G. M.; CHAER, L. **Anatomia e fisiologia vegetal**. Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A., 2018. 192p. Disponível em: http://cm-cls-content.s3.amazonaws.com/201802/INTERATIVAS_2_0/ANATOMIA_E_ISIOLOGIA_VEGETAL/U1/LIVRO_UNICO.pdf

PAULILO, M. T. S., VIANA, A. M., RANDI, A. M. **Fisiologia Vegetal**. 2015. 182p. Disponível em: <https://antigo.uab.ufsc.br/biologia//files/2020/08/Fisiologia-Vegetal.pdf>

PEIXOTO, C. P. [Org.]. **Princípios de fisiologia vegetal**: teoria e prática. 1. ed. - Rio de Janeiro: Pod, 2020. 256 p. <https://podeditora.com.br/wp-content/uploads/2020/07/Livro-FISIOLOGIA-VEGETAL-site.pdf>

RAVEN, P. H.; EVERT, R. F.; EICHHORN. **Biologia Vegetal**. Sexta edição. Editora Guanabara Koogan, Rio de Janeiro. 906p. 2001

035EF24 – Química Analítica Aplicada

EMENTA

Carga Horária:
60 h

Crédito: 4





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

Equilíbrio químico (ácido-base de Bronsted; de precipitação; de complexação; gás-líquido e sistemas de oxiredução): Reações e avaliação qualitativa, semi quantitativa e quantitativa. Aplicação em sistemas químicos de interesse na área de formação dos alunos; Análise Quantitativa clássica: Processos de diluição (Cálculo de concentrações e diluições), Razão estequiométrica/molar; Princípio geral da titulação. Cálculo de Concentração a partir de técnicas de titulação (neutralização, precipitação, óxido-redução e complexação). Métodos de separação (troca iônica, etc.)

REFERÊNCIAS BÁSICAS

BACCAN, N.; ANDRADE, J.C.; GODINHO, O.E.S.; BARONE, J.S. **Química Analítica Quantitativa Elementar**. 3a ed. São Paulo: Edgard Blücher; Campinas Universidade Estadual de Campinas, 2001, 308p.

OLIVEIRA, A.F. **Equilíbrio químico em solução aquosa orientado à aplicação**. Campinas, Brasil: Átomo, 2009, 311 p.

SKOOG, D.A.; WEST, D.M.; HOLLER, F.J.; CROUCH, S.R. **Fundamentos de Química Analítica**. 8a ed. São Paulo: Pioneira Thonson Learning, 2006, 999 p.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

ALEXEYEV, V. **Análise Qualitativa**. Porto: Ed. Livraria Lopes da Silva, 1982.

MENDHAN, J.; DENNEY, R.C.; BARNES, J.D.; THOMAS, M.J.K. **Vogel - Análise Química Quantitativa**. 6a ed. Rio de Janeiro: LTC, 2002. 462 p.

OHWEILLER, O.A. **Química Analítica Quantitativa**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1974. 3 vols.

RUBINGER, M.M.M.; FREITAS, J.F.; TEÓFILO, R.F.; CARLOS, E. A. **Tutoria em química analítica aplicada: exercícios**. Viçosa, Ed. UFV, 2005. 93 p.

VOGEL, A.I. **Química Analítica Qualitativa**. São Paulo: Mestre Jou. 1981, 685 p.

036EF24 – Ecologia Básica

EMENTA

Carga Horária:
45h

Crédito: 3

Introdução à ecologia. Ecologia e evolução. Condições e recursos. Ecologia de populações. Histórias de vida. Interação entre populações. Regulação populacional. Ecologia de comunidades. Teias alimentares e estabilidade. Ecologia de ecossistemas. Padrões de riqueza de espécies. Alterações antrópicas. Ciência do Ambiente: População Humana e Recursos Naturais Renováveis e Não Renováveis; Interação entre o Homem e Ambientes Naturais ou Construídos; Ambientes Brasileiros Terrestres e Aquático; Análise de Ambientes: Diagramas





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

Energéticos e Modelos; O Homem como Modificador do Ambiente; População, Energia, Clima, Ecotoxicologia, Extinção, Biodiversidade e Sustentabilidade; Direito Ecológico e Política Ambiental; Responsabilidade do Profissional com Relação à Sociedade e ao Ambiente.

REFERÊNCIAS BÁSICAS

MARTINS, S. V. (Ed.). **Ecologia de Florestas Tropicais do Brasil**. 2ª Ed. Viçosa: Editora UFV, 2012. 371p.

MILLER JUNIOR, G. Tyler. **Ciência Ambiental**. São Paulo: Cengage Learning, 2007. 592 p. 11ª ed. ISBN 9788522105496.

ODUM, E. P. **Ecologia**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara. 434 p. 1983.

PINTO-COELHO, R. M. **Fundamentos de Ecologia**, Ed. Artmed, Porto Alegre, 2002.

TOWNSEND, C.R.; BEGON, M.; HARPER, J.L. **Fundamentos em ecologia**. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. 592p.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

ACOT, Pascal. **História da Ecologia**. Rio de Janeiro. Campus, 2. Ed. 1990.

BEGON, M.; TOWNSEND, C.R.; HARPER, J.L. **Ecologia**: de indivíduos a ecossistemas. Porto Alegre: Artmed, 2007. 752p.

CULLEN JR, L., RUDRAN, R., VALADARES-PÁDUA, C. (orgs.) **Métodos de Estudos em Biologia da Conservação e Manejo da Vida Silvestre**. Curitiba: Ed UFPR, 667 p. 2003.

EDWARDS, P.J. & WRATTEN, S.D. **Ecologia das Interações entre Insetos e Plantas**. EPU/EDUSP, 69p. 1981.

LARCHER, W. **Ecofisiologia Vegetal**. São Carlos: RIMA, 531p. 2000.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **O Desafio Ambiental**. Rio de Janeiro: Record, 2013. 182p. 4ª ed. ISBN 9788501069412.

037EF24- Experimentação Florestal I

EMENTA

Carga Horária:
60 h

Crédito: 4

Teste de Normalidade. Teste de homocedasticidade. Transformação de dados. Considerações iniciais à Experimentação florestal. Conceitos básicos. Princípios e Planejamento experimental. Delineamentos de experimentos. Teste de comparação de médias





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

REFERÊNCIAS BÁSICAS

GOMES, F.; GARCIA, C. **Estatística aplicada a experimentos agrônômicos e florestais**. Piracicaba: FEALQ, 2002. 309 p.

MACHADO, A. et al. **Estatística experimental: uma abordagem fundamentada no planejamento e no uso de recursos computacionais**. Londrina: RBRAS/ SEAGRO, 2005. 300 p.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

BARBIN, D. **Planejamento e análise estatística de experimentos agrônômicos**. Arapongas: Editora Midas, 2003. 208 p.

RAMALHO, M.; FERREIRA, D.; OLIVEIRA, A. **Experimentação em genética e melhoramento de plantas**. 2. ed. Lavras: UFLA, 2005. 322 p.

STORCK, L. et al. **Experimentação vegetal**. 3. ed. Santa Maria: Editora UFSM, 2011. 198 p.

038EF24 – Metodologia Científica e Tecnológica

EMENTA

Carga Horária:
60 h

Crédito: 4

Bases fundamentais da ciência: princípios epistemológicos, conceito de ciência e de pesquisa científica, método científico, níveis de verdade na ciência, diferenças entre ciência básica e aplicada. Revisão da literatura científica. Perguntas, hipóteses e predições de um projeto de pesquisa. Objetivos e variáveis de um projeto de pesquisa. Questões teóricas do planejamento de pesquisa: diferenças entre pesquisa quantitativa e qualitativa, delineamento de pesquisa, diferenças entre associação e correlação. Questões práticas do planejamento de pesquisa: amostra, grupo experimental e controle, independência e dependência de dados. Noções de estatística. Estrutura lógica e formal de um projeto de pesquisa.

REFERÊNCIAS BÁSICAS

CHALMERS, A.F. **O que é ciência afinal?**. 1ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

POPPER, K. **A lógica da pesquisa científica**. 2ª Ed. São Paulo: Cultrix, 2013.

VOLPATO, G. **Ciência: da filosofia à publicação**. 6ª Ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

DE LUNA, S. V. **Planejamento de Pesquisa: uma Introdução**. 1ª Ed. São Paulo: PUCSP, 2009.

DE MELLO, M.A.R. **Sobrevivendo na ciência: Um pequeno manual para a jornada do cientista**. Ed. 1ª. Publicação independente, 2017.

VOLPATO, G. **Bases Teóricas para Redação Científica**. 2ª Ed. São Paulo: Livraria e Editora Científica, 2021.

040EF24 – Genética Geral

EMENTA

Carga Horária:
60h

Crédito: 4

Genética e sua importância. Células e cromossomos. Mitose e meiose. Gametogênese e fertilização. Herança monofatorial. Dois ou mais pares de alelos. Interação gênica. Probabilidade e teste de proporções genéticas. Determinação do sexo. Herança relacionada ao sexo. Ligação gênica e mapas cromossômicos. Bases químicas da herança. Mutação. Alelismo múltiplo. Alterações cromossômicas estruturais. Variações numéricas dos cromossomos. Herança citoplasmática. Genética de populações. Genética quantitativa.

REFERÊNCIAS BÁSICAS

BROW, T.A. **Genética: Um enfoque Molecular**. Guanabara Koogan, 336p. 1999.

BURNS, G.W. **Genética: Uma introdução à hereditariedade**. 5ª ed. Trad. Interamericana, 588p. 1980.

CARVALHO, H.C. **Fundamentos de Genética e Evolução**. Rio de Janeiro: LTC/UFMG, 1980.

CROW, J.P. **Fundamentos de Genética**. LTC, Rio de Janeiro. 1980.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

GARDNER, E.J. & SNUSTAD, D.P. **Genética**. Editora Guanabara 7ª ed. 497p. 1987.

MANTELL, S.H.; MATTHEWS, J.A. & MCKEE, R.A. **Princípios de Biotecnologia de Plantas**. Editora Sociedade Brasileira de Genética, Ribeirão Preto. 333p. 1994.

ZAHA, Arnaldo. **Biologia Molecular Básica**. Porto Alegre, Ed. Mercado Aberto, 336p. 1996.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

041EF24 – Ecologia Florestal		
EMENTA	Carga Horária: 60h	Crédito: 4
Sucessão ecológica e sua aplicação na restauração de ecossistemas florestais. Ecologia do banco de sementes do solo. Ecologia da polinização. Ecologia da dispersão. Fenologia. Formações Florestais Brasileiras. Conceitos e métodos em fitossociologia. Ciclagem de nutrientes. Estrutura e diversidade de comunidades florestais		
REFERÊNCIAS BÁSICAS		
BEGON, M.; TOWNSEND, C. R.; HARPER, J. L. Ecologia : de indivíduos a ecossistemas. Porto Alegre: Artmed. 2007.		
GUREVITCH, J.; SCHEINER, S. M.; FOX, G. A. Ecologia Vegetal . 2ª. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. 592p.		
MARTINS, S. V. (Ed.). Ecologia de florestas tropicais do Brasil . Viçosa: Editora UFV, 2012. 371p.		
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES		
BIERREGAARD JR, R. O.; GASCON, C.; LOVEJOY, T. E.; MESQUITA, R. C. G. Lessons from Amazonia : the ecology and conservation of a fragmented forest. New Have & London: Yale University Press, 2001.		
GONÇALVES, J. L. M.; BENEDETTI, V. Forest nutrition and fertilization . Piracicaba: IPEF, 2004.		
KAGEYAMA, P. Y.; OLIVEIRA, R. E.; MORAES, L. F. D.; ENGEL, V. L.; GANDARA, F. B. Restauração ecológica de ecossistemas naturais . São Paulo: Editora Grafilar, 2003.		
MARTINS, S.V. Soil seed bank as indicator of forest regeneration potential in canopy gaps of a semideciduous forest in Southeastern Brazil . In: FOURNIER, M.V. (Ed.) Forest regeneration: ecology, management . New York: Nova Science Publishers. 2009. p.113-128.		
RODRIGUES, R. R.; LEITÃO FILHO, H. F. Mata ciliares : conservação e recuperação. São Paulo: Edusp/Fafesp, 2004.		

042EF24- Experimentação Florestal II		
EMENTA	Carga Horária: 45 h	Crédito: 03
Ensaios fatoriais. Regressão Linear Simples. Regressão linear múltipla		





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

REFERÊNCIAS BÁSICAS

GOMES, F.; GARCIA, C. **Estatística aplicada a experimentos agrônômicos e florestais**. Piracicaba: FEALQ, 2002. 309 p.

MACHADO, A. et al. **Estatística experimental: uma abordagem fundamentada no planejamento e no uso de recursos computacionais**. Londrina: RBRAS/ SEAGRO, 2005. 300 p.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

BARBIN, D. **Planejamento e análise estatística de experimentos agrônômicos**. Arapongas: Editora Midas, 2003. 208 p.

RAMALHO, M.; FERREIRA, D.; OLIVEIRA, A. **Experimentação em genética e melhoramento de plantas**. 2. ed. Lavras: UFLA, 2005. 322 p.

STORCK, L. et al. **Experimentação vegetal**. 3. ed. Santa Maria: Editora UFSM, 2011. 198 p.

043EF24 – Química da Madeira

EMENTA

Carga Horária:
60 h

Crédito: 4

Composição química da madeira, estudo dos seus principais componentes (celulose, hemiceluloses, ligninas, extrativos e minerais). Química de carboidratos. Biossíntese dos polissacarídeos da madeira. Reatividade dos componentes da madeira componentes durante a utilização da madeira para diferentes aplicações.

REFERÊNCIAS BÁSICAS

BURGER, M.; RICHTER, H. **Anatomia da Madeira**. Ed. Nobel, 1991. 153 p.

COLODETTE, Jorge Luiz; GOMES Fernando José Borges. **Branqueamento de Polpa Celulósica: Da Produção da Polpa Marrom ao Produto Acabado**. 1ª ed. Viçosa: Editora UFV, 2015. 816 p.

D'ALMEIDA, M. L. O. **Celulose e papel** - Tecnologia da fabricação da pasta celulósica. 2.ed. São Paulo: SENAI-IPT, 1988. 559p.

WASTOWSKI, Arci Dirceu. **Química da Madeira**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Interciência, 2018. 566 p.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

FENGEL, D. & WEGENER, G. **Wood: chemistry, ultrastructure and reactions**. Walter de Gruyter, 1989. 613 p.

PANSHIN, A.J.; DE ZEEUW, C. **Textbook of wood Technology**. 4th Ed. New York, McGraw-Hill, 1980, 456 p.

SJOSTROM, E. **Wood chemistry: Fundamentals and applications**. Academic Press, New York, 1981.

044EF24 – Gênese do Solo

EMENTA

Carga Horária:

60 h

Crédito: 04

A Terra. Composição, estrutura, dinâmica e equilíbrio do planeta. O Solo. O solo como parte essencial do meio ambiente. Material de origem do solo. Rochas ígneas, sedimentares e metamórficas. Intemperismo e formação de solos. Clima, organismos, relevo e tempo na formação do solo. Processos básicos de formação do solo. Processos gerais de formação de solos.

REFERÊNCIAS BÁSICAS

CANTO, E. L. **Minerais, minérios, metais: de onde vêm? para onde vão?** 2 ed. São Paul: Moderna, 2004.

CHRISTOFOLETTI, A. **Geomorfologia**. Edgard Blucher LTDA, 2 ed. 1990.

EMBRAPA. **Sistema Brasileiro de Classificação de Solos**. Brasília: EMBRAPA. 412p.1999.

GROTZINGER & JORDAN. **Para entender a Terra**. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2013.

OLIVEIRA, J.B.; JACOMINE, P.K.T.; CAMARGO, M. N. **Classes gerais de solos do Brasil: guia auxiliar para seu reconhecimento**. UNESP/FUNEP. 201p. 1992.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

BIGARELLA, J.J.; BECKER, R.D. & SANTOS, G.F. dos. **Estrutura e origem das paisagens tropicais e subtropicais**. Florianópolis: UFSC, 1994. v. I.

CUNHA, S.B. & GUERRA, A.J.T. **Geomorfologia do Brasil**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. 300p.

FONTES, M.P.F. **Introdução ao estudo de minerais e rochas**. Viçosa: Imprensa Universitária, UFV, 1984. 23p.

GUERRA, A.J.T. & CUNHA, S.B. da. (Org.). **Geomorfologia e meio ambiente**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996. 372p.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

LEINZ, V. & AMARAL, S.E. **Geologia Geral**. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1982. 397p

045EF24 – Física III

EMENTA	Carga Horária: 60 h	Crédito: 04
Estudo da eletricidade: Lei de Coulomb. Campo elétrico. Lei de Gauss. Potencial elétrico. Capacitância. Corrente e resistência elétrica. Circuitos elétricos. Campo magnético. Lei de Ampère. Lei da indução de Faraday. Equações de Maxwell		
REFERÊNCIAS BÁSICAS		
HALLIDAY, D.; RESNICK, R.; WALKER, J., Fundamentos de Física . Eletromagnetismo. Volume 3. Rio de Janeiro: LTC, 2012. (ISBN 978-85-216-1607-8)		
NUSSENZVEIG, H. M. Curso de Física Básica . Eletromagnetismo. Volume 3. São Paulo: Editora Blücher, 1998. (978-85-212-0134-2)		
SERWAY, R. A.; JEWET JR, J. W. Princípios de Física . Eletromagnetismo. Volume 3. São Paulo: Cengage Learning, 2005. (ISBN 978-85-221-0414-7).		
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES		
ALONSO, M.; FINN, E. J. Física . Lisboa: Escolar Editora, 2013. (ISBN 978-97-259-2296-5)		
HECHT, E. Óptica . Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2002. (ISBN 972-31-0967-0)		
SEARS, F. W.; ZEMANSKY, M. W. Física III . Eletromagnetismo. Volume 3. São Paulo: Pearson, 2012. (ISBN 978-85-886-3934-8).		

046EF24 – Anatomia, Identificação e Classificação da Madeira

EMENTA	Carga Horária: 60 h	Crédito: 04
Estrutura macroscópica da madeira. Estrutura microscópica da madeira de Gimnospermas. Estrutura microscópica da madeira de Angiospermas. Composição química da madeira e ultraestrutura da parede celular. Crescimento primário e secundário da madeira. Madeira juvenil. Madeira de reação. Identificação macroscópica das principais madeiras comerciais da Amazônia.		





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

REFERÊNCIAS BÁSICAS

- BURGER, M.; RICHTER, H. **Anatomia da Madeira**. Ed. Nobel, 1991. 153 p.
- FOREST PRODUCTS LABORATORY. Wood Handbook. Madison: FLP, 2010. 509 p.
Disponível em: https://www.fpl.fs.fed.us/documnts/fplgtr/fpl_gtr190.pdf
- INSTITUTO DE PESQUISAS TECNOLÓGICAS DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Identificação Macroscópica de Madeiras**. 2007. 24 p.
- INSTITUTO DE PESQUISAS TECNOLÓGICAS DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Informações sobre madeiras**. Disponível em: <https://www.ipt.br/>
- PANSHIN, A.; ZEEUW, C. **The minute structure of hardwoods**. In: **Textbook of wood Technology**. McGraw-Hill, 1970.
- RAVEN, P.; EICHHORN, S.; EVERT, R. **Biologia Vegetal**. 8. ed. São Paulo: Guanabara Koogan, 2014. 876 p.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

- NISGOSKI, S.; MUÑIZ, G.; CECCANTI, G. **Caracterização anatômica macroscópica das madeiras utilizadas para laminação na região de Curitiba – PR**. Scientia Agrária, v. 4, n. 1-2, p. 47-52, 2003.
- NISGOSKI, S.: ANATOMIA DA MADEIRA. **Notas de aula da Disciplina de Anatomia da Madeira. Universidade Federal do Paraná**.
Disponível: <http://www.madeira.ufpr.br/disciplinassilvana/APOSTILA-ANATOMIA-1P-2016.pdf>

047EF24 - Proteção contra incêndios Florestais

EMENTA	Carga Horária: 45 h	Crédito: 03
Conceitos básicos sobre fogo, queimadas e incêndios florestais. Princípios da combustão. Comportamento do fogo. Propagação de incêndios. Tipos de incêndios. Estatísticas de incêndios. Efeitos do fogo sobre o ecossistema florestal. Prevenção a incêndios florestais. Combate a incêndios. Queima controlada. Índice de perigo dos incêndios florestais. Plano de proteção contra incêndios.		

REFERÊNCIAS BÁSICAS

- BATISTA, A. C.; SOARES, R. V. **Manual de prevenção e combate a incêndios florestais**. Curitiba: FUPEF, 2003. 50p.
- DIAS, G. F. **Queimadas e Incêndios Florestais: cenários e desafios: subsídios para educação ambiental**. Brasília: MMA, Ibama, 2008. 32 p.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

ICMBio. **Manual para formação de brigadista de prevenção e combate aos incêndios florestais**. Ministério do Meio Ambiente. Brasília, 2010. p. 90 il. Disponível em: https://queimadas.dgi.inpe.br/~rqueimadas/material3os/2010_ICMBIO_ApostilaBrigadistaPrevencaoIncendios_MMA_DE3os.pdf

SOARES, R.; BATISTA, A.; NUNES, J. **Incêndios florestais no Brasil: o estado da arte**. Curitiba, PR: Os Editores, 2009. 246 p.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

BATISTA, A. C.; SOARES, R. V. **Manual de prevenção e combate a incêndios florestais**. Curitiba: FUPEF, 2003. 50p. Disponível em: <https://www.terrabrasilis.org.br/ecotecadigital/pdf/manual-de-prevencao-e-combate-aos-incendios-florestais.pdf>.

BONFIM, V.R. et al. **Diagnóstico do uso do fogo no entorno do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro (PESB)**, MG. *Árvore*, Viçosa, v. 27, n. 1, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rarv/a/kwyt7DFJbZXmxZj4sqLg5Kz/abstract/?lang=pt>

BRASIL. Portaria nº 94-N, de 9 de julho de 1998. Disponível em: http://www.ibama.gov.br/phocadownload/prevfogo/legislacao/portaria_ibama_94_n_98.pdf

BRASIL. Decreto nº 2.661, de 8 de julho de 1998. Regulamenta o parágrafo único do art. 27 da Lei nº 4.771, de 15 de setembro de 1965 (código florestal), mediante o estabelecimento de normas de precaução relativas ao emprego do fogo em práticas agropastoris e florestais, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D2661.htm.

CARVALHO E.; MELO R.; SOUZA, M. L.; SILVA, L. A. **Técnicas de prevenção de fogo accidental: Método bom manejo de fogo para áreas de agricultura familiar**. Belém Pará: IPAM, 2007 44p.: il. Disponível em: <https://www.terrabrasilis.org.br/ecotecadigital/pdf/tecnicas-de-prevencao-de-fogo-accidental-metodo-bom-manejo-de-fogo-para-areas-de-agricultura-familiar.pdf>

IBRAM - INSTITUTO BRASÍLIA AMBIENTAL. **Incêndios Florestais: Causas, Consequências e Como Evitar**. 2009. Disponível em: <https://www.ibram.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/Cartilha-Inc%C3%AAndios-Florestais-Causas-Consequ%C3%AAncias-e-Como-Evitar.pdf>

050EF24 – Constituição, Propriedades e Classificação de Solos

EMENTA

Carga Horária:
60h

Crédito: 04





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

O solo como sistema trifásico. Propriedades físicas e morfológicas do solo. Água do solo. Aeração do solo. Temperatura do solo. Química do solo. Classificação de solos. Solos e ambientes brasileiros.

REFERÊNCIAS BÁSICAS

EMBRAPA. **Sistema Brasileiro de Classificação de Solos**. Brasília: EMBRAPA. 412p.1999

CANTO, E. L. **Minerais, minérios, metais: de onde vêm? para onde vão?** 2 ed. São Paul: Moderna, 2004

CHRISTOFOLETTI, A. **Geomorfologia**. Edgard Blucher LTDA, 2 ed. 1990.

OLIVEIRA, J.B.; JACOMINE, P.K.T.; CAMARGO, M. N. **Classes gerais de solos do Brasil: guia auxiliar para seu reconhecimento**. UNESP/FUNEP. 201p. 1992.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

EMBRAPA. Centro Nacional de Pesquisa de Solos. **Sistema Brasileiro de Classificação de Solos**. Brasília, DF, 1999. 412p.

KIHEL, E.J. **Manual de edafologia**. Relações solo-planta. São Paulo: Ceres, 1979. 264p.

LEMO, R.C. & SANTOS, R.D. **Manual de descrição e coleta de solo no campo**. 3.ed. Campinas: Sociedade Brasileira de Ciência do Solo, 1996. 83p.

MUNIZ, A.C. Coord. **Elementos da pedologia**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1975. 459p.

REICHARDT, K. **A água em sistemas agrícolas**. São Paulo: Manole, 1990. 188p.

RESENDE, M.; CURI, N.; RESENDE, S.B. & CORRÊA, G. F. **Pedologia: base para distinção de ambientes**. 4ª ed. Viçosa: NEPUT, 2002. 367p.

051EF24 – Cartografia e Topografia

EMENTA

Carga Horária:

45h

Crédito: 03

Introdução e conceitos de cartografia. Utilização de mapas. Leitura e utilização de mapas temáticos. Topografia: Conceitos e Definições de topografia; diferença entre a topografia e geodésia. As principais atividades em que são utilizados levantamentos topográficos. Rumo e Azimute. As principais especificações da atividade topográfica, e dos tipos de levantamento topográfico (altimétrico, planimétrico e planoaltimétrico).





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

REFERÊNCIAS BÁSICAS

BORGES, A.C. **Exercícios em Topografia**. Edgard Blucier. 1975. 192p.

CASACA, J.M. **Topografia Geral**. LTC 2007. 216p. ESPARTEL, L. **Curso de Topografia**. Editora Globo, Porto Alegre, 1973, 655p.

GARCIA, G. J.; PIEDADE, G. C. **Topografia aplicada às Ciências Agrárias**. Editora Nobel, 1944, 256p.

GODOY, R. **Topografia Básica**. Piracicaba: FEALQ, 1988, 349p.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

DUARTE, Paulo Araújo. **Fundamento de Cartografia**. 2. Ed. Florianópolis: Ed da UFSC, 2002.

FERNANDO, Joly. **A Cartografia**. Campinas. 7. Ed. SP: Papius, 1990.

GONÇALVES, J. A. et. al; **Topografia: Conceitos e Aplicações**. 3º ed. Lisboa-Porto: ed. LIDEL, 2012.

LOCH, C. & CORDINI, J. **Topografia contemporânea: Planimetria**. 3º ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2007.

052EF24 – Propriedades Físicas e Mecânicas da Madeira

EMENTA

Carga Horária:
60 h

Créditos: 04

Umidade da madeira: conceitos, tipos, variações e determinações. Densidade da madeira: conceitos, tipos, variações e determinações. Retratabilidade da madeira. Propriedades acústicas, térmicas e elétricas da madeira. Cristalinidade da madeira. Introdução à ciência e engenharia de materiais: conceito estresse-deformação, deformação elástica e plástica. Principais testes mecânicos realizados na madeira.

REFERÊNCIAS BÁSICAS

CALLISTER Jr.; W. D.; RETHWISCH, D. G. **Ciência e Engenharia de Materiais - Uma Introdução**. São Paulo, LTC, 2020. 864 p

GALVÃO, A.P.M.; Jankowsky, I.P. **Secagem racional da madeira**. São Paulo, Nobel, 1985. 112 p

KOLLMANN, F.F.P.; Cote, Jr, W.A. **Principles of wood science and technology. V1, Solid wood**. Springer Verlag, New York, 1968, 502 p





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

NENNEWITZ, I.; Nutsch, W.; Peschel, P.; Seifert, G. **Manual de tecnologia da madeira. 2 ed. Brasileira.** São Paulo, Blucher, 2012. 354 p

PFEIL, W.; PFEIL M. **Estruturas de madeira. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos (Ltc editora), 6ªed.** 2003. 253 p.

WANGAARD, F. F. **The Mechanical Properties of Wood.** New York, Wiley, 1950. 377 p

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

American Society for Testing and Materials. ASTM D143-94. Standard methods of testing small clear specimens of timber. In: Annual Book of ASTM Standards. Part 22. Wood; Adhesives. ASTM, Philadelphia. Pp 23-53. 1997.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS - ABNT. NBR 7190- Projetos de estruturas de madeira. Rio de Janeiro, ABNT, 107 p, 1997.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS - ABNT. Normas técnicas NBR 11941 - Madeira - Determinação da densidade básica. Rio de Janeiro, ABNT, 6p, 2003. BARBOSA, C. G. (2003). Incidência dos defeitos de secagem como índice de qualidade e de seleção genética para madeira de Eucalyptus. Lavras, 98p. Dissertação (Mestrado em Engenharia Florestal). Universidade Federal de Lavras.

BREYER, D. E.; FRIDLEY, K.J.; COBEEN JUNIOR, K.; POLLOCK, D.G. Design of Wood Structures - ASD (Hardcover). 2003. 5ª Ed. 287p.

BRITISH STANDARDS INSTITUTION. (1986). BS 373:(1986). Methods of testing small clear specimens of timber. BSI, London. 31 p. 57ª Ed. 1986.

BOWYER, J. L.; SHMULSKY, R.; HAYGREEN. J. G. Forest Products and Wood Science: An Introduction (Hardcover). Trees are complex organisms. Iowa State Press. 4ª Ed. 2002. 554p.

COSTA, E.C. Arquitetura ecológica: condicionamento térmico. São Paulo: Edgard Blücher Ltda. 1962.

PANSHIN, A.J.; De Zeeuw, C. Textbook of wood Technology. 4th Ed. New York, McGraw-Hill, 1980, 456 p

PARKER, H.; AMBROSE, J. Simplified Design of Wood Structures (Parker/Ambrose Series of Simplified Design Guides) (Paperback). 345p. 5ª Ed.1994.

PONCE, R.H.; Watai, L.T. Manual de secagem da madeira. MIC/STI/IPT, Brasília, 1985, 70 p

RAVEN, P.H.; Evert, R. F.; Eichhorn, S. E. Biologia vegetal. 8.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2014. 876p.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

SKAAR, C. Water in wood. New York, Syracuse University Press, 1988. 283p.

SIAU, J.F. Flow in wood. Syracuse, Syracuse University Press, 1971, 131p (Syracuse Wood Science Series,1)

STAMM, A. J. Wood and cellulose science. Ronald Press, New York, 1977, 550 p.

053EF24 – Fitopatologia		
EMENTA	Carga Horária: 60 h	Crédito: 4
História da Fitopatologia e da Patologia Florestal no Brasil. Conceitos e perdas por doenças florestais. Sintomatologia. Agentes bióticos e abióticos de doenças florestais. Etiologia. Epidemiologia. Princípios fundamentais de controle de doenças em plantas. Resistência de plantas a doenças. Controle químico de doenças. Principais doenças florestais e seu controle		
REFERÊNCIAS BÁSICAS		
ALFENAS, A.C. & MAFIA, R.G. (Ed.). Métodos em Fitopatologia . Viçosa, MG: Editora UFV, 2016. 524 p.		
ALFENAS, A.C.; ZAUZA, E.A.; MAFIA, R.G. & ASSIS, T.F. Clonagem e doenças do eucalipto . Viçosa, MG: Editora UFV, 2009. 500p		
BERGAMIN, F.A.; KIMATI, H.; AMORIM, L. (Ed.). Manual de Fitopatologia . São Paulo: Ed. Agronômica Ceres Ltda, Vol. 1, 1995. 919p.		
FERREIRA, F.A.: Patologia Florestal : Principais doenças no Brasil. Viçosa, MG: UFV, SIF, 1989. 570p.		
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES		
ALFENAS, A. C. & ZAUZA, E. A. Doenças na cultura do eucalipto . SIF. Viçosa, MG, 2007. 164p.		
CRUZ FILHO, J. & CHAVES, G.M. Antibióticos, fungicidas e nematicidas empregados no controle de doenças de plantas . Viçosa: Imprensa Universitária, 1979, 257p		
FONSECA, S. M., RESENDE, M. D. V., ALFENAS, A. C., GUIMARÃES, L. M. S., ASSIS, T. F. & GRATTAPAGLIA, D. Manual prático de melhoramento genético do eucalipto . Editora UFV, Viçosa, MG. 2010. 200p		
SINCLAIR, W.A. LYON, H.H. & JOHNSON, W.T. Diseases of trees and shrubs . Ithaca: Cornell Univ. Press, 1987. 574p		
WEBSTER, J. & WEBER, R. Introduction to fungi . Third Edition. Cambridge: University		





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

Press, 2006. 841p.

054EF24 - Dendrometria

EMENTA

Carga Horária:
60 h

Crédito: 04

Importância. Instrumentos medidores de diâmetro. Área basal do povoamento florestal. Método de Bitterlich. Instrumentos medidores de altura. Determinação da idade das árvores e do povoamento. Forma dos fustes das árvores. Cubagem rigorosa do tronco. Tabelas de volume simples e dupla entrada. Taper. Avaliação da biomassa

REFERÊNCIAS BÁSICAS

CAMPOS, J.; LEITE, H. **Mensuração florestal: perguntas e respostas**. 5. ed. Viçosa: Editora UFV, 2017. 605 p.

SILVA, J.; NETO, F. **Princípios Básicos de Dendrometria**. Recife: UFRPE - Imprensa Universitária. 1979. 185 p.

SILVA, G. F.; MENDONÇA, A. R.; DIAS, A. N.; NOGUEIRA, G. S.; SILVA, J. A. A.; OLIVEIRA, M. L. R.; FERREIRA, R. L. C. **Padronização da Simbologia em Mensuração e Manejo Florestal**. Viçosa, Edição dos Autores. 2022. 66p

SOARES, C.; NETO, F.; SOUZA, A. **Dendrometria e Inventário Florestal**. 2. ed. Viçosa: Editora UFV, 2011. 278 p.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

BATISTA, J.; COUTO, H.; SILVA FILHO, D. **Quantificação de recursos Florestais: Árvores, arvoredos e florestais**. São Paulo. Oficina de Textos, 2014. 384 p.

FINGER, C. **Fundamentos de Biometria Florestal**. Santa Maria: UFSM/CEPEF/FATEC, 1992. 269 p.

MACHADO, S.; FIGUEIREDO FILHO, A. **Dendrometria**. 2. ed. Guarapuava: UNICENTRO, 2009. 316 p.

055EF24 – Melhoramento e Biotecnologia Florestal

EMENTA

Carga Horária:
60h

Crédito: 4

Melhoramento florestal. Genética de populações. Conservação genética. Domesticação de espécies florestais. Ganho genético por seleção. Endogamia e hibridação. Silvicultura clonal. Seleção e multiplicação de clones. Testes clonais. Organização e estratégias de plantios





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

clonais. Biotecnologia no melhoramento florestal. Produção e comercialização de sementes e mudas.

REFERÊNCIAS BÁSICAS

BOREN, A. **Biotecnologia florestal**. Viçosa. 2007, 387p.

BORÉM, A. **Melhoramento de plantas**. 3.ed. Viçosa: Editora UFV, 2001. 500p.

ZOBEL, B. AND TALBERT, J. **Applied forest tree improvement**. New York: John Wiley & Sons, 2003. 505p.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

AHUJA, M. R. & LIBBY, W. J. **Clonal forestry**. Vol. I e II. Berlim: Springer-Verlag, 1993. 240p. 276p.

ALFENAS, A.; ZAUZA, E. A. V.; MAFIA, R. G.; ASSIS, T. F. **Clonagem e doenças do eucalipto**. Viçosa. Ed. UFV, 2004. 442p.

BUENO, L. C. S.; MENDES, A. N. G.; CARVALHO, S. P. **Melhoramento de plantas: princípios e procedimentos**. 2.ed. Lavras: Editora UFLA. 2006. 319p.

BURLEY, J. e STYLES, B. T. **Tropical trees: variation, breeding and conservation**. New York: Academic Press, 1976. 243p.

CRUZ, C. D. **Princípios de genética quantitativa**. Viçosa: Editora UFV. 2005. 394p.

FERREIRA, M. E. e GRATTAPAGLIA, D. **Introdução ao uso de marcadores moleculares em análise genética**. 2.ed. Brasília: EMBRAPA/CENARGEM, 1995. 220p.

RESENDE, M. D. V. **Melhoramento de essências florestais**. In: Borém, A. **Melhoramento de espécies cultivadas**. 2.ed. Viçosa: Editora UFV, 2005. 969p.

ROCHA, M. S. B. **Melhoramento de espécies arbóreas nativas**. Belo Horizonte- MG: IEF, 2002. 173p.

TORRES, A. C.; CALDAS, L. S. BUSO, J. A. **Cultura de tecidos e transformação de plantas**. Brasília: EMBRAPA - SPI/EMBRAPA - CNPH, 1998. 510p. (v.1) e 354p. (v.2).

056EF24 – Tecnologia de Sementes Florestais

EMENTA

Carga Horária:
60 h

Crédito: 4

Formação, definição, partes e composição química. Produção. Germinação. Dormência. Vigor e senescência. Beneficiamento. Secagem. Armazenamento. Análise.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

REFERÊNCIAS BÁSICAS

AGUIAR, I. B.; F. C. M. PINÃ-RODRIGUES; M. B. FIGLIOLIA. **Sementes florestais tropicais**. Brasília: ABRATES, 1993. 350p.

BRASIL, **Regras para análise de sementes**. Ministério da Agricultura. Divisão de Sementes e Mudanças. 2009.

CARVALHO, N. M.; NAKAGAWA, J. **Sementes: Ciência, tecnologia e produção**. 4. ed., Jaboticabal. FUNEP. 2000. 588 p.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

CARVALHO, N. M.; NAKAGAWA, J. **Sementes: ciência, tecnologia e produção**. Piracicaba: FUNEP, 2000. 588p.

FERREIRA, A. G.; BORGHETTI, F. **Germinação: do básico ao aplicado**. Porto Alegre: Artmed. 2004. 323p.

GREG, B. R.; S. R. F. FAGUNDES. **Manual de operações da mesa de gravidade**. Brasília: AGIPLAN, 1975. 78p.

WELCH, G. B. **Beneficiamento de sementes no Brasil**. Brasília: AGIPLAN, Ministério da Agricultura, 1974. 205p.

057EF24 – Meteorologia Aplicada a Sistemas Florestais

EMENTA

Carga Horária:
60 h

Crédito: 4

Introdução à meteorologia e climatologia. Balanço da energia em sistemas florestais. Psicrometria. Balanço hídrico. Adversidades climáticas. Sistemas dinâmicos na determinação do tempo e do clima. Mudanças climáticas regionais e globais. Aplicações da meteorologia e climatologia a sistemas florestais.

REFERÊNCIAS BÁSICAS

AYOADE, J. **Introdução à Climatologia para os Trópicos**. São Paulo: Ed. Bertrand Brasil, 1986.

BARRY, R. G.; CHORLEY, R. J. **Atmosfera, tempo e clima**. Tradução: Ronaldo Catalado Costa. Porto Alegre: Bookman, 2013.

FERREIRA, A. G. **Meteorologia Prática**. Rio de Janeiro: Oficina de Textos, 2006.

OMETTO, J. C. **Bioclimatologia Vegetal**. São Paulo: Ed. Agronômica Ceres, 1988. 430 p.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

PEREIRA, A. R.; ANGELOCCI, L. R.; SENTELHAS, P. C. **Agrometeorologia: fundamentos e aplicações práticas**. Piracicaba: ESALQ, 2002. 211p.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

LANDSBERG, J. J. & GROWER, S. T. **Applications of physiological ecology to forest management**. London: Academic Press, 1997. 349p.

MUSK, L. F. **Weather systems**. Cambridge Un. Press, 1988.

OMETTO, J. C. **Bioclimatologia Vegetal**. Ed. Agronômica Ceres Ltda., 1981. 425p.

PEREIRA, A. R., ANGELOCCI, L. R., SENTELHAS, P. C. **Agrometeorologia: Fundamentos e Aplicações Práticas**. Ed. Agropecuária, 477 p. 2001

PEREIRA, A. R., VILLA NOVA, N. A. & SEDIYAMA, G. C. **Evapo(transpi)ração**. Fealq., 1997

STRAHLER, A. N. **Physical Geography**. 4.ed. Ed. John Wilwy and Sons, Inc., 1975. 643p.

TUBELIS, A. & NASCIMENTO, F. J. L. **Meteorologia descritiva: fundamentos e aplicações brasileiras**. Ed. Nobel, 1980. 374p.

060EF24 – Viveiros Florestais

EMENTA

Carga Horária:
60 h

Crédito: 4

Planejamento e instalação de viveiros florestais. Técnicas de produção de mudas florestais. Avaliação e determinação de padrões de qualidade de mudas. Tratos culturais. Controle de pragas e doenças. Planejamento econômico: rendimentos operacionais e custos prévios.

REFERÊNCIAS BÁSICAS

AGUIAR, S. G. S., Cintra, W. G. S. **Produção de mudas em viveiro florestal**. 3.ed. LK Editora, 2012. 60 p.

GOMES, J. M.; PAIVA, H. N. **Viveiros Florestais: propagação sexuada**. Viçosa, MG: Editora UFV, 2011. 116 p. (Série Didática).

PAIVA, H. N.; GOMES, J. M. **Propagação Vegetativa de Espécies Florestais**. Viçosa, MG: Editora UFV, 2011. 52 p. (Série Didática).

WENDLING, I.; GATTO, A. **Planejamento e Instalação de Viveiros**. Viçosa: Editora Aprenda Fácil. 122 p.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

ALFENAS, A. C.; ZAUZA E. A. V.; MAFIA, R. G.; ASSIS, T. F. **Clonagem e doenças do eucalipto**. 2 ed. Viçosa: UFV, 2009. 500p.

DAVIDE, A.C.; SILVA, E. A. A. **Produção de sementes e mudas de espécies florestais**. Lavras: UFLA, 2008. 174p.

TORRES, A. C.; CALDAS, L. S.; BUSO, J. A. **Cultura de tecidos e transformação genética de plantas**. v. 1. Brasília: EMBRAPA, 1998. 864p.

WENDLING, I.; FERRARI, M. P.; GROSSI, F. **Curso intensivo de viveiros e produção de mudas**. Colombo, PR: Embrapa Florestas, 2002. 48 p. (Embrapa Florestas. Documentos, 79).

XAVIER, A.; WENDLING, I; SILVA, R. L. **Silvicultura Clonal: Princípios e Técnicas**. 2.ed. Viçosa, MG: Editora UFV, 2009. 727 p.

061EF24 - Crescimento e Produção Florestal

EMENTA

Carga Horária:
60 h

Crédito: 4

Introdução ao Crescimento e produção florestal. Dendrocronologia: Análise de tronco. Incrementos anuais. Fatores que afetam o crescimento. Modelagem do crescimento e produção florestal. Modelos em nível de povoamento total. Modelos de distribuição diamétrica. Modelos de árvores individuais.

REFERÊNCIAS BÁSICAS

CAMPOS, J. C. C.; LEITE, H. G. **Mensuração florestal: perguntas e respostas**. 5.ed, Viçosa: editora UFV, 2017. 636p

SCOLFORO, J.R.S. **Biometria Florestal: Modelos de crescimento e produção florestal**. Lavras: UFLA/FAEPE, 2006. 393p

hhhhhREFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

BURKHART, H. E.; TOMÉ, M. **Modeling forest trees and stands**. Dordrecht, Springer, 2012.

SCHNEIDER, P. R.; SCHNEIDER, P. S. P. **Introdução ao Manejo Florestal**. 2. ed. Santa Maria, RS, FACOS/UFSM, 2008. 566p.

SILVA, G. F.; MENDONÇA, A. R.; DIAS, A. N.; NOGUEIRA, G. S.; SILVA, J. A. A.;





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

OLIVEIRA, M. L. R.; FERREIRA, R. L. C. **Padronização da Simbologia em Mensuração e Manejo Florestal**. Viçosa, Edição dos Autores. 2022. 66

062EF24 –Tecnologia de Produtos Florestais Madeireiros I

EMENTA	Carga Horária: 60h	Créditos: 04
Introdução, classificação dos produtos madeireiros: serrados e reconstituídos. Matéria-prima, classificação de toras, métodos de desdobro, tipos de serra, maquinários de serrarias e rendimento. Defeitos da madeira serrada, planejamento e layout de serrarias, relação água x madeira, instabilidade dimensional, variáveis do processo de secagem, secagem ao ar livre e em estufa, métodos de secagem, programas de secagem e defeitos de secagem. Tratamento da madeira: preservativos e processos. Usinagem da madeira: ângulos de corte, famílias de corte e maquinário de marcenaria.		
REFERÊNCIAS BÁSICAS		
COSTA, Ennio Cruz da. Secagem industrial . São Paulo, SP: Blucher, 2018. E-book. Disponível em: https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Loader/173339/pdf/0 .		
BAUER, L. A. Falcão. Materiais de construção . 6. ed. Rio de Janeiro, RJ: LTC, 2019. v. 1. E-book. Disponível em: https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788521636632/ .		
MORESCHI, J. C. P. Biodegradação e Preservação da Madeira . Curitiba: UFPR, 2013. 56 p.		
VITAL, Benedito Rocha. Planejamento e operação de serrarias . Viçosa, MG: Ed. UFV, 2008. 211 p.		
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES		
BAUER, L. A. Falcão. Materiais de construção . 6. ed. Rio de Janeiro, RJ: LTC, 2019. v. 2. E-book. Disponível em: https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788521636632/ .		
BURGER, Luiza Maria; RICHTER, Hans Georg. Anatomia da madeira . São Paulo, SP: Nobel, 1991. 154 p.		
SUDAM. CENTRO DE TECNOLOGIA DE SECAGEM MADEREIRA. Estudo sobre métodos de secagem de madeiras da Amazônia . Belém [s. n.] 1981. 77 p.		

063EF24–Ciência dos Materiais





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

EMENTA	Carga Horária: 60h	Créditos:04
Perspectiva Histórica dos Materiais. Identificação e Classificação dos Materiais. Estrutura Atômica e Ligações primárias e secundárias em metais, cerâmicos e polímeros. Estrutura de Sólidos Cristalinos. Imperfeições em Sólidos. Propriedades Mecânicas dos materiais. Diagramas de Fase unários e binários. Cinética das transformações de fase.		
REFERÊNCIAS BÁSICAS		
ASHCROFT, Neil W.; MERMIN, N. David. Física do estado sólido . São Paulo, SP: Cengage Learning, 2011. 870 p.		
CALLISTER Jr.; W. D.; RETHWISCH, D. G. Ciência e Engenharia de Materiais - Uma Introdução . São Paulo, LTC, 2020. 864 p.		
CANEVAROLO JR., SEBASTIÃO V. Técnicas de Caracterização de Polímeros . Artliber-ABPol- São Paulo, 2004.		
CANEVAROLO JR., SEBASTIÃO V. Ciência dos Polímeros . 3ª ed., editora Artliber-ABPol São Paulo, 2010. 280 p.		
GOLDSTEIN, Joseph et al. Scanning electron microscopy and x-ray microanalysis . 3rd ed. New York, NY: Springer-Verlag, 2003. ISBN 9780306472923.		
MOTHÉ, Cheila Gonçalves; AZEVEDO, Aline Damico de. Análise térmica de materiais . São Paulo, SP: Artliber, 2009. 324 p.		
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES		
ATKINS, P. W.; DE PAULA, Julio. Atkins físico-química . 9. ed. Rio de Janeiro, RJ: LTC, 2013. v. 2.		
CULLITY, B. D.; STOCK, Stuart R. Elements of X-ray diffraction . 3rd ed. Upper Saddle River, NJ: Prentice Hall, c2001.		
FARINA, Marcos. Uma introdução à microscopia eletrônica de transmissão . São Paulo, SP: Livraria da Física, 2010. 161 p. (Coleção tópicos em física).		
MANNHEIMER, Walter A. Microscopia dos materiais: uma introdução . Rio de Janeiro, RJ: E-papers, 2002.		
MURPHY, Douglas B.; DAVIDSON, Michael W. Fundamentals of light microscopy and electronic imaging . 2nd ed. Hoboken, NJ: Wiley-Blackwell, 2013. 538 p.		

064EF24 – Sensoreamento Remoto





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

EMENTA	Carga Horária: 60 h	Crédito: 4
Princípios físicos do Sensoriamento Remoto. O espectro eletromagnético e os princípios físicos do Sensoriamento Remoto. Características espectrais dos materiais. Sistemas sensores. Sistemas aéreos. Estereoscopia e interpretação de fotografias aéreas. Sensores orbitais. Introdução à interpretação de imagens orbitais. Os sistemas multiespectrais. Processamento digital de imagens. Estudo de casos: confecção de cartas de uso e ocupação do solo.		
REFERÊNCIAS BÁSICAS BLASCHKE, T; KUX, H. Sensoriamento Remoto e Sig Avançados: Novos Sistemas Sensores Métodos Inovadores. 2. ed. São Paulo: Oficina de Textos, 2007. LORENZZETTI, J. A. Princípios Físicos de Sensoriamento Remoto. São Paulo: Edgard Blücher, 2015. MOREIRA, M. A. Fundamentos do Sensoriamento Remoto e Metodologias de Aplicação. 3. ed. Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, 2007. NOVO, E. M. L. DE M. Sensoriamento Remoto: Princípios e Aplicações. 4. ed. São Paulo: Blucher, 2010. PONZONI, F. J; SHIMABUKURO, Y. E; KUPLICH, T. M. Sensoriamento remoto da vegetação. 2. ed. atualizada e ampliada. São Paulo: Oficina de Textos, 2012.		
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES CAMARA, G; DAVIS, C; MONTEIRO, A. M. V. Introdução à ciência da geoinformação. 2006. Disponível em: http://www.dpi.inpe.br/gilberto/livro/introd LIU, W. T. H. Aplicações de Sensoriamento Remoto. 2. ed. São Paulo: Oficina de Textos, 2015. MENESES, P. R.; ALMEIDA, T. Introdução ao Processamento de Imagens de Sensoriamento Remoto. UNB/CNPq. 2012. Disponível em: http://andersonmedeiros.com/e-book-processamento-digital-imagens-sensoriamento-remoto/		

065EF24 - Manejo Integrado de Pragas (MIP)		
EMENTA	Carga Horária: 60 h	Crédito: 4
Bases ecológicas do controle de pragas. Principais pragas florestais da Amazônia. Métodos de Controle: legislativo, resistência de plantas, biológico, químico, físico, mecânico, silvicultural, comportamental e genético.		





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

REFERÊNCIAS BÁSICAS

BALDIN, E.L.L.; VENDRAMIN, J.D.; LOURENÇÃO, A.L. **Resistência de Plantas a Insetos: fundamentos e aplicações**. 1ª Ed. Piracicaba: Fealq, 2019.

CANTARELLI, E.D.; COSTA, E.C. **Entomologia Florestal Aplicada**. 1ª Ed. Santa Maria: UFSM, 2015.

COSTA, E.C.; D'AVILA, M.; CANTARELLI, E.D.; BOSCARDINI, J. **Entomologia Florestal**. 4ª Ed. Santa Maria: UFSM, 2022.

DA SILVA, N.M.; ADAIME, R.; ZUCCHI, R.A. **Pragas agrícolas e florestais na Amazônia**. Brasília: Embrapa, 2016.

MOREIRA, A.F.C. **Manejo integrado de pragas florestais: fundamentos ecológicos, conceitos e táticas de controle**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Technical Books, 2013.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

GRIMALDI, D.; ENGEL, M.S. **Evolution of the Insects**. 1ª Ed. Reino Unido: Cambridge University Press, 2005.

GULLAN, P.J.; CRANSTON, P.S. **Insetos - Fundamentos da Entomologia**. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2017.

RAFAEL, J.A.; DE MELO, G.A.R.; DE CARVALHO, C.J.B.; CASARI, A.S.; CONSTANTINO, R. **Insetos do Brasil: Diversidade e Taxonomia**. 1ª Ed. Ribeirão Preto: Holos, 2012.

TRIPLEHORN, C.; JOHNSON, N. **Estudos dos insetos**. 2ª Ed. São Paulo: Cengage Learning, 2015.

066EF24 – Fertilidade do Solo e Nutrição de Plantas

EMENTA	Carga Horária: 60 h	Crédito: 4
Abordagem Introdutória à Fertilidade do Solo. Fundamentos da Fertilidade do Solo. Exigências Nutricionais das Plantas. Continuum Solo-Solução-Planta. Amostragem de Solo e Planta para Fins de Avaliação da Fertilidade. Avaliação da Fertilidade do Solo. Reação do Solo e sua Correção. Fertilizantes Formulados. Matéria Orgânica. Nitrogênio. Fósforo. Potássio. Enxofre. Micronutrientes. Interpretação da Análise de Solo e Recomendação de Adubação.		





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

REFERÊNCIAS BÁSICAS

FERNANDES, M.S. (ed.). **Nutrição Mineral de Plantas**. Sociedade Brasileira de Ciência do Solo. Viçosa, MG. 2006. 432p.

NOVAIS, R.F., ALAREZ, V.V.H., BARROS, N.F., FONTES, R.L.F., CANTARUTTI, R.B., & NEVES, J.CL. (eds.) **Fertilidade do Solo**. Sociedade Brasileira de Ciência do Solo. Viçosa, MG. 2007 1.017p.

RAIJ, B. van. **Fertilidade do Solo e Manejo de Nutrientes**. International Plant Nutrition Institute. Piracicaba, SP. 2011. 420p.

RIBEIRO, A.C., GUIMARÃES, P.T.G. & ALVAREZ V., V. H. (Eds.). **Recomendações para o Uso de Corretivos e Fertilizantes em Minas Gerais**. 5ª Aproximação. Comissão de Fertilidade de Solos do Estado de Minas Gerais. Viçosa, MG. 1999. 359p.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

CESINSKI, E. (Coordenador), CALMANOVICI, C.E., BICHARA, J.M., GIULIETTI, M., CASTRO, M.L.M.M., SILVEIRA, P.B.M., PRESSIONOTTI, Q.S.H.C. & GUARDANI, R. **Tecnologia de Produção de Fertilizantes**. Instituto de Pesquisas Tecnológicas. (Publicação IPT nº 1816). 1990. 237p.

NOVAIS, R.F., SMYTH, T.J. **Fósforo em solo e planta em condições tropicais**. Viçosa, Minas Gerais. 1999.

PROCHNOW, L.I., CASARIN, V. & STIPP, S.R. (eds.). **Boas práticas para o uso eficiente de fertilizantes**. Volume 1: Contexto mundial e práticas de suporte. International Plant Nutrition Institute. Piracicaba, SP. 2011. 462p.

PROCHNOW, L.I., CASARIN, V. & STIPP, S.R. (eds.). **Boas práticas para o uso eficiente de fertilizantes**. Volume 2: Nutrientes. International Plant Nutrition Institute. Piracicaba, SP. 2011. 362p.

070EF24 - Inventário Florestal

EMENTA

Carga Horária:
60 h

Crédito: 4

Introdução (Conceitos e Importância do Inventário Florestal); Classificação dos tipos de IF (Quanto aos objetivos, abrangência da área, obtenção de dados, abordagem da floresta no tempo e detalhamento dos resultados); Teoria da Amostragem (Conceitos básicos e classificação); Planejamento de inventários florestais (Objetivos e principais informações); Processos de Amostragem (Aleatória simples, aleatória estratificada, sistemática e conglomerados).





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

REFERÊNCIAS BÁSICAS

CAMPOS, J. C. C. LEITE, H. G. **Mensuração florestal - perguntas e respostas**. 5.ed. Viçosa, MG: UFV, 2017. 636 p.

SANQUETTA, C.R; DALLA CORTE, A. P.; RODRIGUES, A.L.; WATZLAWICK, L.F. **Inventários florestais: planejamento e execução**. 3a Ed. – Revista e Ampliada. Curitiba: Mult-Graphic Gráfica e Editora, 2014. 406 p

SCOLFORO, J. R. S.; MELLO, J. M. de. **Inventário florestal**. Lavras: UFLA/FAEPE, 2006. 561

SOARES, C.P.B.; PAULA NETO, F.; SOUZA, A.L. **Dendrometria e inventário florestal**. 2a Ed. Viçosa: Editora UFV, 2011. 272p.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

CUNHA, U. S. **Dendrometria e inventário florestal**. Manaus: EAFM, 2004. 58 p.
MEUNIER, I. M. J.; SILVA, J. A. A.; FERREIRA, R. L. C. **Inventário florestal: programas de estudo**. Recife: UFRPE, 2002. 189 p.

PÉLLICO NETO, S.; BRENA, D. A. **Inventário florestal**. Curitiba: [s.e.], 1993. 248 p.
QUEIROZ, W. T. **Técnicas de amostragem em inventário florestal nos trópicos**. Belém: UFRA, 1998. 170 p.

071EF24 – Tecnologia de Produtos Florestais Madeireiros II

EMENTA	Carga Horária: 60h	Crédito: 4
Relações entre propriedades e usos da madeira. Uso de resíduos florestais na geração de energia. Carbonização da madeira. Produtos e subprodutos da carbonização. Briquetes e peletes. Sistema de fornalhas. Mercado de celulose e papel. Matérias primas lignocelulósicas para a produção de celulose. Processos de polpação. Processo Kraft. Branqueamento de celulose. Tipos de polpa celulósica para a produção de papel. Tipos de Papel. Reciclagem de fibras. Máquinas e processos de formação de papel. Fábricas de papel no Brasil.		

REFERÊNCIAS BÁSICAS

D'ALMEIDA, M. **Celulose e Papel: tecnologia de fabricação de pasta celulósica**. 2. ed. São Paulo: IPT, 1988. v. 1. 559 p.

_____. **Celulose e Papel: tecnologia de fabricação do papel**. 2. ed. São Paulo: IPT, 1988. v. 2. 405 p.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

FOREST PRODUCTS LABORATORY. **Wood Handbook**. Madison: FLP, 2010. 509 p.
Disponível em: https://www.fpl.fs.fed.us/documnts/fplgtr/fpl_gtr190.pdf

INSTITUTO DE PESQUISAS TECNOLÓGICAS DO ESTADO DE SÃO PAULO.
Informações sobre madeiras.

PANSHIN, A.; ZEEUW, C. **The minute structure of hardwoods**. In: Textbook of wood Technology. McGraw-Hill, 1970.

SANTOS, F.; COLODETTE, J.; QUEIROS, J. **Bioenergia e biorrefinaria** – Cana-de- açúcar & espécies florestais. Viçosa, MG: UFV, 2013..

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

FOREST PRODUCTS LABORATORY. **Wood Handbook**. Agricultural Handbook n° 72. Madison, Wisconsin: U. S. Department of Agriculture.

KOLLMANN, F.; COTÉ JR., W. **Principles of wood science and technology**: Solid wood. New York, Springer Verlag, 1968. 592 p. v. 1.

MUNIZ, G. et al. **Apostila Tecnologia da Madeira**. Curitiba: FUPEF, 1994. SJÖSTRÖM, E. Wood Chemistry. Nova York: Academic Press, 1981. 223 p.
WHEELER, E. Softwood Anatomy. Disponível em:

072EF24 – Construções de Madeira

EMENTA

Carga Horária:
60h

Crédito: 4

Noções de resistência dos materiais e estabilidade das construções. A madeira como material de construção. O processamento da madeira para emprego estrutural. Ensaio de madeira e tensões admissíveis em peças estruturais. Ligações de peças estruturais. Noções de projetos e construções em madeira. Dimensionamento de peças estruturais de madeira.

REFERÊNCIAS BÁSICAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS ABNT. **Projeto de estruturas de madeira** - NBR 7190. Rio de Janeiro: A.B.N.T., 1997. 107p.

CARVALHO, M. A. **Construções de madeira**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1968. 200p.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

FONSECA, A. **Curso de Mecânica**. 3.ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S/A, Volume II, 1978. 472p.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

HELMEISTER, J. C. **Estruturas de madeira**. 2.ed. São Carlos: Apostila da Escola de Engenharia de São Carlos, 1974. 182p.

PFEIL, W. **Estruturas de madeira**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S/A, 2007. 223p.

073EF24 – Manejo de Bacias Hidrográficas

EMENTA

Carga Horária:
45h

Crédito: 3

Conceitos relacionados a Bacia Hidrográfica e Manejo de Bacias Hidrográficas. Morfometria de bacias hidrográficas. Planejamento do manejo de bacias hidrográficas. Noções de hidrologia florestal. Conservação do solo e água em bacias hidrográficas. Resultados esperados do manejo de bacias hidrográficas.

REFERÊNCIAS BÁSICAS

HEWLETT, J.D. **Principles of forest hydrology**. The Universidade of Georgia Press, 1982. 183p

OSAKI, F. Microbacias. **Práticas de conservação de solos**. Ed. Agris. 1994. 603p.

TUCCI, C. E. M. (Organizador). **Hidrologia: ciência e aplicação**. 2.ed. UFRGS/ABRH, 2001. 943p.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

BROOKS, K. N.; FFOLLIOTT, P. F.; GREGERSEN, H. M.; THAMES, J. L. **Hidrology and the management of watersheds**. Ames: Iowa State University Press, 1991. 392p.

CARDOSO, C. A.; DIAS, H. C. T.; MARTINS, S. V.; SOARES, C. P. B. **Caracterização hidroambiental da Bacia Hidrográfica do Rio Debossan**. Nova Friburgo, RJ: Revista Árvore, v.1 n.1, p.249-256, 2006, 2006.

CARDOSO, C. A.; DIAS, H. C. T.; MARTINS, S. V.; SOARES, C. P. B. **Caracterização morfométrica da Bacia Hidrográfica do Rio Debossan**. Nova Friburgo, RJ: Revista Árvore, v.1, n.1, p.241-248, 2006, DEF - 82518.

CETEC. **Desenvolvimento metodológico para modelo de gerenciamento ambiental de bacias hidrográficas: diagnóstico e diretrizes para gestão integrada**. Vol. 1, p. 1-84. 1995.

CUNHA, V. et.al. **Fundamentos de uma nova política de gestão das águas em Portugal**. Lisboa: Soc. Tipográfica, P.7-103. 1974.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

LANNA, A. E. **Instrumentos de gestão ambiental: Métodos de gerenciamento de bacia hidrográfica.** Brasília: IBAMA, p.57-71. 1994.

074EF24 - Silvicultura Tropical		
EMENTA	Carga Horária: 60h	Crédito: 4
Introdução à Silvicultura. Conceitos e definições em Silvicultura. Caracterização e histórico da exploração das florestas regionais. Princípios básicos da Silvicultura. Classificação dos povoamentos e das árvores. Sítios florestais. Sistemas Silviculturais aplicados às Florestas Tropicais. Classificação dos Sistemas Silviculturais. Análise Silvicultural de uma floresta nativa. Uso Múltiplo de Florestas Nativas. Critérios para o Manejo de Florestas Nativas.		
REFERÊNCIAS BÁSICAS		
ARAÚJO, I. S. Silvicultura: conceitos, regeneração da mata ciliar, produção de mudas florestais e unidades de conservação ambiental. 1. Ed. Érica, Série Eixos. 2015. 128 p.		
FATH, H.; NHAMUCHO, L. Manual de Aproveitamento Florestal. DEF, UEM. Maputo. 2001. 94 p.		
LAMPRECHT, H. Silvicultura nos trópicos. República Federal da Alemanha: GTZ, 1990. 343 p.		
RAMOS, B. R. Plantio econômico e prático de eucalipto. Editora UFV, VIÇOSA MG. 63p. 2007.		
RIBEIRO, N. et al. Manual de Silvicultura Tropical. FAO. Maputo, 2002. SCHNEIDER, P.; SCHNEIDER, P. Introdução ao manejo florestal. 2. ed. Santa Maria: FACOS– UFSM, 2008.		
SOUZA, A.; JARDIM, F. Sistemas Silviculturais aplicados às Florestas Tropicais. Viçosa, MG: SIF, 1993, 125 p.		
SOUZA, A.; SOARES, C. Florestas Nativas: estrutura, dinâmica e manejo. Viçosa– MG: Ed. UFV, 2013, 322 p. il.		





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

- AMARAL, P. H. C.; VERÍSSIMO, J. A. O.; BARRETO, P.G.; VIDAL, E. J. S. **Florestas para sempre: Um manual para produção de madeira na Amazônia**. Belém: IMAZON, 1998. 137p.
- GALVÃO, A. P. M. **Reflorestamento de propriedades rurais para fins produtivos e ambientais um guia para ações municipais e regionais**. Embrapa Floresta. Brasília. 2000. 351 p.
- LORENZI, H. **Árvores Brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil**. 4. ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2000. v.2.
- RIZZINI, C. T. **Árvores e madeiras úteis do Brasil manual de dendrologia brasileira**. 2. Ed. Blucher, 2011. 304 p.
- SABOGAL, C.; ALMEIDA, E.; MARMILLOD, D.; CARVALHO, J.O.P. **Silvicultura na Amazônia brasileira**. Embrapa Amazônia Oriental/CIFOR. 193p. 2006.

075EF24 – S.I.G. Aplicado à Engenharia Florestal

EMENTA

Carga Horária:
60h

Crédito: 4

Introdução ao Geoprocessamento e ao conjunto das Geotecnologias. Definições e principais aplicações do Geoprocessamento. Característica dos SIGs. Dados Espaciais. Fontes de Dados. Bases digitais na Internet. Estruturas de Dados: modelos vetorial e matricial. Topologia. Aquisição e Manipulação de Dados. Implementação de bancos de dados georreferenciados para aplicações ambientais e cadastrais. Geocodificação. Gerenciamento de Dados. Integração de Dados. Consulta e análise espacial. Mapeamento por computador.

REFERÊNCIAS BÁSICAS

- FITZ, P. R. **Geoprocessamento sem complicação**. São Paulo: Oficina de Textos, 2008.
- FLORENZANO, T. G. **Iniciação ao Sensoriamento Remoto**. São Paulo: Oficina de textos, 2011.
- MIRANDA, J. I. **Fundamentos de Sistema de Informações Geográficas**. Brasília: EMBRAPA, 2005.
- NOVO, E. M. L. M. **Sensoriamento Remoto: Princípios e Aplicações**. 3.ed. São Paulo: Blucher, 2008.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

SILVA, J. X. **Geoprocessamento para análise ambiental**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2001

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

CÂMARA, G.; DAVIS, C.; MONTEIRO, A. M. V. **Introdução à Ciência da Geoinformação**. Livro on-line. Disponível em <http://www.dpi.inpe.br/gilberto/livro/introd/>

CÂMARA, G.; CASANOVA, M. A.; HEMERLY, A. S.; MAGALHÃES, G. C. **Anatomia de Sistemas de Informação Geográfica**. INPE, 1996. Disponível em: <http://www.dpi.inpe.br/geopro/livros/anatomia.pdf>

INPE. **Introdução à ciência da geoinformação**. São José dos Campos. 2001. Disponível em: <http://www.dpi.inpe.br/menu/Capacitacao/livros.php>

INPE. **Tutorial sobre Bancos de Dados Geográficos**. GeoBrasil 2006. Instrutores: Queiroz, G. R.; Ferreira, K. R. Disponível em: http://www.dpi.inpe.br/TutorialBdGeo_GeoBrasil2006.pdf

080EF24 - Manejo de Florestas Plantadas

EMENTA

Carga Horária:
60 h

Crédito: 4

Introdução ao manejo de florestas plantadas. Construção e uso das curvas de índices de sítio. Tabelas de produção. Sortimento. A produção da madeira em função dos objetivos.

REFERÊNCIAS BÁSICAS

CAMPOS, J. C. C.; LEITE, H. G. **Mensuração florestal: perguntas e respostas**. 5.ed, Viçosa: editora UFV, 2017. 636p

FERREIRA, R. L. C. **Padronização da Simbologia em Mensuração e Manejo Florestal**. Viçosa, Edição dos Autores. 2022. 66p

SCOLFORO, J. R. S. **Manejo florestal**. Lavras: UFLA/FAEPE, 2006. 438p.

SILVA, G. F.; MENDONÇA, A. R.; DIAS, A. N.; NOGUEIRA, G. S.; SILVA, J. A. A.; OLIVEIRA, M. L. R.;

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

BURGER, D. **Ordenamento Florestal I: A Produção Florestal**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná. 2a. Edição. s.d.

SCHNEIDER, P. R. S.; SCHNEIDER, P. S. P. **Introdução ao Manejo Florestal**. Santa Maria: UFSM/FACOS, 2008. 566 p.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

SCOLFORO, J.R.S. **Biometria Florestal: Modelos de crescimento e produção florestal.**

Lavras: UFLA/FAEPE, 2006. 393p h h h h h h h h

081EF24 – Manejo de Florestas Tropicais

EMENTA	Carga Horária: 60 h	Créditos: 04
Princípios e leis de produção florestal. Benefícios diretos e indiretos. Elementos do manejo florestal. Crescimento das espécies sob regime de manejo, distribuição espacial das espécies. A problemática do Manejo de Florestas Tropicais. Princípios básicos do Manejo Florestal Sustentável. Enfoques de planos de Manejo Florestal Sustentável. Planos de manejo florestal: Empresarial, Simplificado e Comunitário.		
REFERÊNCIAS BÁSICAS		
BRASIL/MMA. Influência do PROMANEJO sobre políticas públicas de Manejo Florestal Sustentável na Amazônia. Brasília: MMA/SCA, (Série Estudos, 5). 2005.		
FIGUEIREDO, E.O.; BRAZ, E.M.; D'OLIVEIRA, M.V.N. Manejo de Precisão em Florestas Tropicais: Modelo Digital de Exploração Florestal. 2ª edição. EMBRAPA, 2008, 183P.		
IMAZON. Oficina de manejo comunitário e certificação florestal na América Latina: resultados e propostas. Belém: IMAZON, 2005.		
POKORNY, B., ADAMS, M. Compatibilidade de conjuntos de critérios e indicadores para avaliar a sustentabilidade do manejo florestal na Amazônia Brasileira. Indonésia: Center for International Forestry Research, 2003.		
SOUZA, A.L. e SOARES, C.P.B. Florestas nativas: estrutura, dinâmica e manejo. 1ª edição. Viçosa: UFV, 2013, 322p.		
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES		
SILVA, J. N. M. (org.) Manejo integrado de florestas úmidas neotropicais por indústrias e comunidades: aplicando resultados de pesquisa, envolvendo atores e definindo políticas públicas. Belém: CIFOR/EMBRAPA, 2002.		
SOUZA, A. L. L. Desenvolvimento Sustentável, Manejo Florestal e o uso dos recursos madeireiros na Amazônia Brasileira: desafios, possibilidades e limites. Belém: UFPA/NAEA, 2002.		

082EF24 - Práticas Silviculturais





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

EMENTA	Carga Horária: 45 h	Crédito: 3
Práticas Silviculturais: poda, desbaste, corte de melhoramento, limpeza, corte intermediário, plantio de enriquecimento, regeneração, refinamento, perfurações e corte de liberação. Corte de cipós, corte ou abate direcional de árvores.		
REFERÊNCIAS BÁSICAS		
ARAÚJO, I. S. Silvicultura: conceitos, regeneração da mata ciliar, produção de mudas florestais e unidades de conservação ambiental . 1. Ed. Érica, Série Eixos. 2015. 128p.		
PAIVA, H. N. de; VITAL, B. R. Escolha da espécie florestal . Viçosa: UFV (Caderno didático Ciências Agrárias 93), 2008.		
SCHNEIDER, P.; SCHNEIDER, P. Introdução ao manejo florestal . 2. ed. Santa Maria: FACOS– UFSM, 2008.		
SOUZA, A.; SOARES, C. Florestas Nativas: estrutura, dinâmica e manejo . Viçosa–MG: Ed. UFV, 2013, 322 p. il.		
XAVIER, A. Silvicultura clonal princípios e técnicas . 2. Ed. Viçosa: UFV. 2013. 279 p.		
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES		
CALDEIRA, S. D. Práticas Silviculturais . Notas de Aula. UFMT. Dep. de Eng. Florestal. Curitiba. 1999.		
CARVALHO, P. Espécies Florestais brasileiras: recomendações silviculturais, potencialidades e uso da madeira . Brasília: EMBRAPA; SPI, 1994. 676 p.		
GASCON, C.; MOUTINHO, P. Floresta amazônica: dinâmica, regeneração e manejo . Manaus: INPA; MCT, 1998.		
PAIVA, H. N. de; VITAL, B. R. Escolha da espécie florestal . Viçosa: UFV (Caderno didático Ciências Agrárias 93), 2008. 42p.		

083EF24 - Economia Florestal		
EMENTA	Carga Horária: 60 h	Crédito: 4





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

Introdução à ciência econômica. Oferta e demanda de produtos florestais. Elasticidade. Função de produção. Custo de produção. Matemática financeira. Series de pagamento. Análise econômica de investimentos florestais. Noções de econometria. Introdução a series temporais.

REFERÊNCIAS BÁSICAS

GUJARATI, D. M.; PORTER, D. C. **Econometria Básica**. 5.ed. Editora Buckman. 2011.

REZENDE, J.; OLIVEIRA, A. **Análise Econômica e Social de Projetos Florestais**. 3. ed. Viçosa: UFV, 2014. 385 p.

ROSSETTI, J. **Introdução à Economia**. 18. ed. São Paulo: Atlas, 2000. 922 p.

SILVA, M.; JACOVINE, L.; VALVERDE, S. **Economia Florestal**. Viçosa: UFV, 2005. 178 p.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

HOSOKAWA, R.; MOURA, J.; CUNHA, U. **Introdução ao manejo e economia de florestas**. Curitiba: UFPR, 1998.

SILVA, M.; SOARES, N. **Exercícios de Economia florestal: aprenda praticando**. Viçosa: Editora UFV, 2009.

VASCONCELLOS, M.; GARCIA, M. **Fundamentos de economia**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2004.

084EF24 – Proteção contra Pragas em Plantios Florestais

EMENTA	Carga Horária:	Crédito: 2
	30h	
Métodos de controle de pragas. Pragas florestais (pragas de sementes, viveiros, cupins de raiz, serradores e broqueadores, lagartas e besouros desfolhadores, sugadores de seiva, formadores de galhas, formigas cortadeiras, cupins e carunchos de madeira,). Identificação e controle de doenças em essências florestais nativas e exóticas. Receituário agrônomo. Utilização de defensivos.		

REFERÊNCIAS BÁSICAS

BERTI-FILHO, E. (Coord.) **Manual de pragas em florestas: cupins ou térmitas**. Vol. 3. Piracicaba - SP, IPEF, 1993. 56p.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

FILHO, O. P. **Entomologia Florestal**. Universidade Federal do Mato Grosso. Faculdade de Engenharia Florestal. Cuiabá - MT. 2002. 84p.

LARA, F.M. 1991. **Princípios de resistência de plantas a insetos**. São Paulo: Ícone. 336 p.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

LEMES, P. G.; ZANUNCIO, J. C. (Org.). **Novo Manual de Pragas Florestais Brasileiras**. Montes Claros: Instituto de Ciências Agrárias da Universidade Federal de Minas Gerais, 2021. 996p. :il. ISBN:978-65-88389-05-8. Disponível em: https://www.ipef.br/publicacoes/novo-manual-de-pragas-florestais-brasileiras/Novo_Manual_de_Pragas_Florestais_Brasileiras.pdf

OLIVEIRA et al 2021. **Sistemas de produção nas ciências agrárias 2**. Org. Matos et al. Ponta Grossa - PR: Atena, 2021. ISBN 978-65-5706-812-0. Disponível em: <file:///C:/Users/USER/Downloads/851b8ed4ec4753199196c527d2b52bf9d8895556.pdf>

SILVA, N. M. da.; ADAIME, R.; ZUCCHI, R. A. **Pragas agrícolas e florestais na Amazônia**. 1. Ed. Editora: Embrapa. 2016. 608p.

085EF24 – Tecnologia de Produtos Florestais Madeireiros III

EMENTA

Carga Horária: 60h

Crédito: 4

Conceito e classificação de painéis de madeira. Adesão e adesivos para madeira. Laminação: processo e rendimento. Painéis laminados. Painéis particulados: aglomerados, OSB e MDP. Painéis de fibras: chapa dura, MDF, HDF. Painéis minerais. Testes físicos e mecânicos em painéis.

REFERÊNCIAS BÁSICAS

FOREST PRODUCTS LABORATORY. **Wood Handbook**. Madison: FLP, 2010. 509 p. Disponível em: https://www.fpl.fs.fed.us/documnts/fplgtr/fpl_gtr190.pdf

INSTITUTO DE PESQUISAS TECNOLÓGICAS DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Informações sobre madeiras**. Disponível em: <https://www.ipt.br/>

IWAKIRI, S. **Painéis de madeira**. Curitiba: FUPEF, 2005. 247 p.

MUNIZ, G. et al. **Apostila Tecnologia da Madeira**. Curitiba: FUPEF, 1994.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

KOLLMANN, F.; COTÉ JR., W. **Principles of wood science and technology**: Solid wood. New York, Springer Verlag, 1968. 592 p. v. 1.

PANSHIN, A.; ZEEUW, C. **The minute structure of hardwoods**. In: Textbook of wood Technology. McGraw-Hill, 1970.

WHEELER, E. **Softwood Anatomy**. Disponível em:

086EF24 – Extensão Florestal

EMENTA

Carga Horária:
45 h

Crédito: 3

Conceitos e importância. A extensão florestal. O plano de extensão florestal. Estudos de caso.

REFERÊNCIAS BÁSICAS

COELHO, F. M. G. **A arte das orientações técnicas no campo**: concepções e métodos. 2 ed. Viçosa, MG: Editora UFV, 2014. 188 p.

CONRADO, V. N. **Estudo de caso sobre as relações de uma empresa florestal brasileira com a comunidade**: diagnóstico e proposta de aperfeiçoamento do processo. Viçosa: MG, UFV, 2015. 95 p. (Dissertação de Mestrado em Ciência Florestal).

SILVA, E. **Fundamentos de Comunicação e Extensão Florestal**. Viçosa, MG: Editora Suprema, 2008. 72 p.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

BROSE, M. **Participação na extensão rural**: experiências inovadoras de desenvolvimento local. Porto Alegre, RS: Tomo, 2004. 256 p.

CORDEIRO, S. A. **Desempenho do fomento do órgão florestal de Minas Gerais**. Viçosa: MG, UFV, 2008. 91 p. (Dissertação de Mestrado em Ciência Florestal).

ESTEVÃO, P. **Análise da web como fonte de informação científica e de interação entre pesquisa e extensão rural**: Viçosa: MG, UFV, 2011. 129 p. (Dissertação de Mestrado em Extensão Rural)

FRANÇA, D. T. F. **O uso do método "sinergia" para incorporar a participação popular no planejamento do uso da terra**. Viçosa: MG, UFV, 1997. 67 p. (Dissertação de Mestrado em Ciência Florestal).





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

GONÇALVES, R. C. **Imagens rurais: uma análise da extensão rural em Minas Gerais através das fotografias da Revista EMATER-MG**. Viçosa: MG, UFV, 2012. 169 p. (Dissertação de Mestrado em Extensão Rural).

090EF24 – Planejamento e Administração Florestal

EMENTA

Carga Horária:
60h

Crédito: 4

Administração e empresas florestais. Áreas funcionais da administração. Processos da administração. Contabilidade de empresas florestais. Gestão integrada. Tópicos sobre licenciamento ambiental. Ética profissional. Anotações de responsabilidade técnica. Perícia florestal.

REFERÊNCIAS BÁSICAS

ANTUNES, L. M. **Gerencia Agropecuária**. 2 ed. Guaíba. Agropecuária, 2001.

BANCO DA AMAZÔNIA. **Amazônia: Ciência e Desenvolvimento**. Belém, Banco da Amazônia, 2005.

BONACINI, L. A. **A Nova Empresa Rural**. Cuiabá. SEBRAE/ MT, 2000.

BRASIL. Ministério da Integração Nacional; Ministério do Meio Ambiente. **Plano Amazônia Sustentável**. Brasília, 2006.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

CHIAVENATO, I. **Teoria geral da administração**. São Paulo: McGraw-Hill, 1993. (Vols. I e II). 68 CREA. Regulamentação profissional: coletânea de leis, decretos, resoluções do CONFEA - **código de ética**. Belo Horizonte: CREA, 1975. 77p.

DEMING, N. E. **Qualidade: a revolução da administração**. Tradução de clave comunicações e recursos humanos. Rio de Janeiro: Marques Saraiva, 1990. 367p.

FRANCO, H. **Estrutura, análise e interpretação de balanços de acordo com a nova lei das S. A.** São Paulo: Ed. Atlas, 1978. 334p.

HOLANDA, N. **Planejamento e projeto**. 3.ed. APEC Editora, 1977. 153p.

IMAPE. **Manual de engenharia das avaliações e perícias: guia dos peritos judiciais de engenharia**. Belo Horizonte: IMAPE, 1999. 104p.

JOHNSTON, D. R.; GRAYSON, A. J.; BRADLEY, R. J. **Planejamento Florestal**. Lisboa: Fundação Celouste Gulberkian, 1977. 789p.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

KWASNICKA, E.L. **Introdução à administração**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1980. 301p.

MENDONÇA, M. L.; SOLLERO FILHO, M.; CURTI, E.; AGUIAR, J. B.; QUEIROGA, H. S.; MAIA, E. A.; AQUINO, R.; RESENDE, O.; CANÇADO, J. M. M. **Fundamentos de avaliações patrimoniais e periciais de engenharia**: curso básico do IMAPE. São Paulo: Pini, 1998. 316p.

MINICUCCI, A. **Psicologia aplicada à administração**. Ed. Atlas, 1978. 230p.

091EF24 - Mecanização e Exploração Florestal

EMENTA

Carga Horária:
60h

Crédito: 4

Conceitos básicos sobre colheita/exploração florestal. Panorama da colheita em florestas plantadas no Brasil. Máquinas e equipamentos florestais. Sistemas de transmissão e potência e torque. Manutenção de máquinas e implementos. Segurança e Ergonomia. Exploração florestal. Corte, arraste, extração e descarregamento florestal. Sistemas de colheita florestal, controle de produção e custos na colheita e transporte florestal. Planejamento e organização do trabalho de colheita e transporte florestal. Planejamento de estradas florestais, ramais e pátios de estocagem, transporte florestal.

REFERÊNCIAS BÁSICAS

MACHADO, C. C. **Elementos básicos do transporte florestal rodoviário**. Viçosa: UFV, 2000. 167 p.

POKORNY, B.; PALHETA, C.; STEINBRENNER, M. **Custos de operações florestais: noções e conceitos** – Belém, PA: Embrapa Amazônia Oriental, 2011. Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/51985/1/DOC-373.pdf>

RODRIGUES, C. K. **Colheita e transporte florestal**. Curitiba: [s.n.], 2018. 68p. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/327751163_COLHEITA_E_TRANSPORTE_FLORESTAL

SOUZA, M. A. de; PIRES, C. B. **Colheita floresta: mensuração e análise dos custos incorridos na atividade mecanizada de extração**. Custos e Agronegócios, v. 5, n. 2.2009. Disponível em: <http://www.custoseagronegocioonline.com.br/numero2v5/colheita%20florestal.pdf>

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

AMARAL, P. VERÍSSIMO, A.; BARRETO, P.; VIDAL, E. **Floresta para sempre**: um manual para a produção de madeira na Amazônia. Belém. IMAZON. 1998.

MACHADO, C.C.; LOPES, E.S.; BIRRO, M.H.B.; MACHADO, R. R. **Transporte**





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

Rodoviário florestal. Viçosa. Editora UFV. 2009.

NOGUEIRA, M.M.; VIEIRA, V.; SOUZA, A.; LENTINI, M.C. **Manejo de florestas naturais da Amazônia:** Corte, Traçamento e Segurança. Manual Técnico 2. Belém. Instituto Floresta Tropical. 2011.

NOGUEIRA, M.M.; LENTINI, M.W.; PIRES, I.P.; BITTENCOURT, P.G.; ZWEED, J.C. **Procedimentos simplificados em segurança e saúde do trabalho no manejo florestal.** Manual Técnico 1. Belém. Instituto Floresta Tropical. 2010.

STOKES, B. J.; ASHMORE, C.; RAWLINS, C. L.; SIROIS, D. L. **Apostila - Glossário de termos em inglês utilizados em colheita e engenharia florestal.** Tradução por Fernando Seixas. 2008. USDA Forest Service–EUA. Disponível em:

https://www.academia.edu/7424890/GLOSS%C3%81RIO_DE_TERMOS_EM_INGL%C3%8AS_UTILIZADOS_EM_COLHEITA_E_ENGENHARIA_FLORESTAL

092EF24 - Pesquisa Operacional para Fins Florestais

EMENTA

Carga Horária:
60 h

Crédito: 4

Conceituação e importância. Programação linear. Programação por metas. Modelos em rede. Programação dinâmica. Estudo de caso na regulação de florestas equiâneas.

REFERÊNCIAS BÁSICAS

ARENALES, M.; ARMENTANO, V.; MORABITO, R.; YANASSE, H. **Pesquisa operacional para cursos de engenharia.** Elsevier, 2015. 744p

MOREIRA, D. A. **Pesquisa operacional: curso introdutório.** 2ed. Cengage Learning. 2017. 356p

SILVA, G. F.; MENDONÇA, A. R.; DIAS, A. N.; NOGUEIRA, G. S.; SILVA, J. A. A.; OLIVEIRA, M. L. R.;

SVIERCOSKI, R. F. **Matemática aplicada as ciências agrárias.** Viçosa, Editora UFV. 2008. 333p

TAHA, H. A. **Pesquisa operacional.** 8ed. Pearson. 2007. 384p

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

ARDUINO, A. **Programação Dinâmica.** UFRJ: COPPE, 1972. 162 p.

BELLMAN, R.; DREYFUS, S. **Applied Dynamic Programming.** Princeton, NJ: Princeton University Press, 1962. 363 p.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

FERREIRA, R. L. C. **Padronização da Simbologia em Mensuração e Manejo Florestal**. Viçosa, Edição dos Autores. 2022. 66p

093EF24 – Política e Legislação Florestal		
EMENTA	Carga Horária: 60 h	Crédito: 4
Breve histórico da legislação florestal brasileira. Percepção do recurso “flora”: terminologia; riscos e danos; benefícios ofertados pelas florestas. Disposições constitucionais de proteção às florestas e princípios ambientais. Principais legislações infraconstitucionais aplicáveis às florestas: Política nacional de meio ambiente; Política nacional de recursos hídricos; Sistema Nacional de Unidades de Conservação; Código Florestal Brasileiro; Lei de crimes ambientais; Lei de Gestão de Florestas Públicas. Panorama do comércio internacional dos produtos florestais.		
REFERÊNCIAS BÁSICAS		
BRASIL. Lei n. 12.651/12 – Código Florestal BRASIL. Lei n. 9.605/98 – Lei de Crimes Ambientais BRASIL. Lei n. 9.638/81 – Política Nacional do Meio Ambiente BRASIL. Lei n. 9.433/97 – Política Nacional de Recursos Hídricos BRASIL. Lei n. 9.985/00 – Sistema Nacional de Unidades de Conservação FIORILLO, Celso Antonio Pacheco. Curso de direito ambiental brasileiro. 19. ed. São Paulo: SaraivaJur, 2013. 940p. MILARÉ, Édís. Direito do ambiente. 11. ed. São Paulo: Thomson Reuters Brasil, 2018. RAJÃO, Raoni. Uma breve história da legislação florestal brasileira. Florianópolis: Expressao, 2021. SILVA, Mygre Lopes da Silva; SCCOTT, Carla Rosane da Costa; CORONEL, Daniel Arruda. Padrão de especialização do comércio internacional do setor florestal brasileiro (1999 – 2015). Revista UNEMAT de Contabilidade. v. 8, n. 15, 2019. SILVA, Rosianne Pereira da; FILGUEIRAS, Gisalda Carvalho; RIVERO, Sérgio Luiz De Medeiros; SILVA, Márcio Nazareno da. O comportamento das exportações brasileiras de produtos florestais e sua posição competitiva no mercado internacional no período de 1997 a 2011. Revista de Economia, v. 39, n. 1 (ano 37), p. 67-90, jan./abr. 2013. Editora UFPR		
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES		
ANTUNES, Paulo de Bessa. Direito ambiental. 20. ed. São Paulo: Atlas, 2020. COELHO, A. B., TEIXEIRA, E. C., BRAGA, M. J. Recursos naturais e crescimento		





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

econômico. Independente. 2008. 598p.

MACHADO, Paulo Affonso Leme. **Direito Ambiental Brasileiro.** 24. ed. São Paulo: Malheiros, 2016.

SARLET, Ingo Wolfgang. **Direito ambiental:** introdução, fundamentos e teoria geral. São Paulo: Saraiva, 2019.

DISCIPLINA: Trabalho de Conclusão de Curso I

EMENTA

Carga Horária:
30 h

Crédito: 2

Processo de construção do Projeto de Pesquisa (TCC I), possibilitando o aprofundamento dos estudos em um tema específico. Diretrizes para a elaboração de projetos de pesquisa (problema, hipótese, objetivos, justificativa, revisão de literatura, métodos e/ou estratégias de pesquisa), as normas técnicas para construção e diretrizes da Universidade e do curso para a construção e defesa do projeto de pesquisa.

REFERÊNCIAS BÁSICAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 14724: Informação e documentação — Trabalhos acadêmicos — Apresentação. Rio de Janeiro, 2011.

ABRANTES, J. **Fazer monografia é moleza.** Rio de Janeiro, RJ: Wak, 2007.

ANDRADE, M. M. **Elaboração do TCC passo a passo.** São Paulo, SP: FACTASH, 2007.
MARCONI, M.A.; LAKATOS, E.M. **Fundamentos de metodologia científica.** 5ed. Atlas: São Paulo, 2003. 311p.

PEREIRA, A. S., et al. **Metodologia da pesquisa científica.** 1ª ed. — Santa Maria, RS. UFSM, NTE, 2018. e-book.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ. **RESOLUÇÃO N. 077/2014-CONSU/UEAP.** Normas de Trabalho de Conclusão de Curso de graduação da Universidade do Estado do Amapá - UEAP.
<http://www.ueap.edu.br/storage/consu/resolutions/39.pdf>

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

KÖCHE, J. C. **Fundamentos de Metodologia Científica:** teoria da ciência e iniciação à pesquisa. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

MATTAR, J. **Metodologia científica na era digital.** São Paulo: Saraiva, 2017.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 22 ed. versão. São Paulo: Cortez, 2002.

UFPR. **Normas para Apresentação de Documentos Científicos**. Curitiba: Editora da UFPR, 2001.

170EF24 - Estágio Supervisionado Obrigatório I

EMENTA

Carga Horária:
80 h

Crédito: 5

Introdução ao estágio, incluindo a apresentação de seus objetivos e importância na formação do engenheiro florestal, bem como orientações de conformidade com as normas da UEAP e do local de estágio. Preparação para o estágio: elaboração de currículo, carta de apresentação e pesquisa de possíveis locais de estágio. O desenvolvimento do estágio engloba: a realização de atividades práticas relacionadas à Engenharia Florestal, conforme acordado com a instituição de estágio; acompanhamento e supervisão das atividades pelo orientador de estágio da UEAP e pelo supervisor do local de estágio; participação em projetos, pesquisas ou atividades específicas na área de atuação escolhida. A etapa de registro e análise das atividades envolve a documentação detalhada das tarefas, metodologias utilizadas e elaboração de relatórios periódicos. A avaliação do estágio poderá ocorrer por meio de seminários, relatórios ou defesa oral, destacando os resultados, lições aprendidas e contribuições para a formação profissional.

REFERÊNCIAS BÁSICAS

ANTUNES, João Carlos Sá. **O Estágio Supervisionado na Formação do Engenheiro Florestal: Contribuições e Desafios**. Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná (EDUFPR), 2018.

BATISTA, Antonio Carlos. **Estágio Supervisionado em Engenharia Florestal: Contribuições para a Formação Profissional**. Rio de Janeiro: Aprenda Fácil Editora, 2015.

NOGUEIRA, Maria Cristina Stolf. **Estágio Supervisionado em Engenharia Florestal: Importância e Contribuições**. Viçosa: UFV - Editora da Universidade Federal de Viçosa, 2009.

Resolução CONSU nº 631/2021, que aprovou o Regulamento do Estágio Curricular Supervisionado dos cursos de Graduação de Bacharelado e Tecnólogo da Universidade do Estado do Amapá

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

MENEZZI, Cláudio Henrique Soares Del. **Tecnologia da Madeira e das Estruturas de Madeira**. Viçosa: UFV - Editora da Universidade Federal de Viçosa, 2013.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

MORAN, Emilio F. **Ecologia de Florestas Tropicais do Brasil**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2005.

REZENDE, José Luiz Pereira de. **Manejo Florestal Sustentável**. Viçosa: Editora UFV, 2004.

ROSSATO, Vânia Beatriz. **Introdução à Engenharia Florestal**. Curitiba: Editora UFPR, 2014

SAVILL, Peter S. **Silvicultura: Princípios e Práticas**. São Paulo: Cengage Learning, 2015.

SIQUEIRA, Tadeu et al. **Princípios de Recuperação de Áreas Degradadas**. 2. ed. Viçosa: Editora UFV, 2011.

100EF24 - Sistemas Agroflorestais

EMENTA

Carga Horária:
60 h

Crédito: 4

Histórico e Conceituação. Técnicas e práticas agroflorestais. Tipos de sistemas agroflorestais: silviagrícola, silvipastoril, agrossilvipastoril e sistemas agroflorestais especiais, capoeira melhorada, agricultura em aléias. Parâmetros ecológicos e econômicos para implantação de SAFs. Vantagens e Desvantagens dos sistemas agroflorestais. Sistemas agroflorestais e o Desenvolvimento Sustentável na Amazônia. Seleção de espécies florestais da Amazônia com importância nos SAFs. Sistemas agroflorestais e sustentabilidade. Sistemas e práticas agroflorestais de maior importância na Amazônia.

REFERÊNCIAS BÁSICAS

GAMA-RODRIGUES, A. et al. **Sistemas agroflorestais: bases científicas para o desenvolvimento sustentável**. Campos dos Goytacazes: Universidade Estadual do Norte Fluminense, 2006.

SILVA, I.C. **Sistemas Agroflorestais: conceitos e métodos**. 1ª Ed. Itabuna: SBSAF, 2013. 308 p. il.

LOPEZ, A.M.; NEVES, A.L.; SANTOS, A.P.A. et al. **Alternativa Agroflorestal na Amazônia em Transformação**. 2009. 825p.

MACEDO, R.; VALE, A.; VENTURIN, N. **Eucalipto em sistemas agroflorestais**. Lavras: UFLA, 2010. 331 p.

PORRO, R. (Ed.). **Alternativa agroflorestal na Amazônia em transformação**. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica; Belém: Embrapa Amazônia Oriental, 2009. 825p. il.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

ROCHA, E. J. P. L. **Jardins Agroflorestais: Princípios, Implantação e Manejo**. IPOEMA – Instituto de Permacultura: Organização, Ecovilas e Meio Ambiente. – Brasília. 2014. Disponível em: <http://ipoema.org.br/wp-content/uploads/2018/08/ebook_SAF-web.pdf>.

SKORUPA, L. A.; MANZATTO, C. V. (Ed.). **Sistemas de integração lavoura-pecuária-floresta no Brasil**: estratégias regionais de transferência de tecnologia, avaliação da adoção e de impactos. Brasília, DF: Embrapa, 2019, 471 p. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/1118657/sistemas-deintegracao-lavoura-pecuaria-floresta-no-brasil-estrategias-regionais-de-transferencia-detecnologia-avaliacao-da-adocao-e-de-impactos>>.

WWF-BRASIL. **Agroflorestas na paisagem amazônica**: guia de campo para implantação de sistemas agroflorestais nos vales dos rios tarauacá, envira e purus. Brasília/DF. 32 p. 2014. Disponível em: <https://wwfbr.awsassets.panda.org/downloads/agroflorestas_na_paisagem_amazonica.pdf>.

TEIXEIRA, P. E. G. **Arranjos Espaciais de culturas**. Ed. Universidade Federal Rural da Amazônia. Belém/PA. 20 p. 2009.

101EF24 – Silvicultura Urbana

EMENTA

Carga Horária:
60 h

Crédito: 4

Contextualização. Planejamento e Implantação da floresta urbana. Manutenção da Floresta urbana. Avaliação e monitoramento da Floresta urbana. Legislação sobre Florestas urbanas.

REFERÊNCIAS BÁSICAS

BIONDI, D. **Arborização Urbana**: Aplicada à Educação Ambiental nas Escolas. Curitiba: O Autor, 2008. 120p.

BIONDI, D.; LIMA NETO, E. M. de. **Pesquisas em Arborização de Ruas**. Curitiba: O Autor, 2011. 150p.

GONÇALVES, W.; PAIVA, H. N. de. **Silvicultura urbana**: implantação e manejo. 2 ed. Viçosa, MG: Aprenda Fácil, 2012. 222 p.

GONÇALVES, W.; PAIVA, H. N. de. **Implantação da Arborização Urbana**. Viçosa: Editora UFV. 2013. 53p.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

LIRA FILHO, J. A. de; PAIVA, H. N. de; GONÇALVES, W. **Paisagismo: elementos de composição e estética**. Viçosa: Aprenda Fácil, 2012. 219p. (Coleção Jardinagem e paisagismo 2)

LIRA FILHO, J. A. de; PAIVA, H. N. de; GONÇALVES, W. **Paisagismo: elaboração de projetos de jardins**. Viçosa: Aprenda Fácil, 2012. 254p. (Coleção Jardinagem e paisagismo 3)

SILVA, A. G. da; GONÇALVES, W.; PAIVA, H. N. de. **Avaliando a arborização urbana**. Viçosa, MG: Aprenda Fácil, 2007. 346 p.

102EF24 – Recuperação de Áreas Degradadas

EMENTA

Carga Horária:
60 h

Crédito: 4

Contextualização. Aspectos legais. A área degradada como elemento da paisagem. Técnicas de recuperação de áreas degradadas. Cobertura vegetal para encostas e taludes. Áreas degradadas e o processo de recuperação. Recuperação de área degradada em paisagens urbanas. Projetos de Recuperação de áreas degradadas.

REFERÊNCIAS BÁSICAS

ARAÚJO, G.H. de S., ALMEIDA, J.R. de, GUERRA, A.J.T. **Gestão ambiental de áreas degradadas**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil. 3ª ed. 2008.

MARTINS, S. V. **Recuperação de áreas degradadas: ações em áreas de preservação permanente, voçorocas, taludes rodoviários e de mineração**. 3. ed. Viçosa, MG: Aprenda Fácil Editora, 2013. v. 1. 264p.

MARTINS, S. V. (Ed.) **Restauração ecológica de ecossistemas degradados**. Viçosa: Editora UFV. 2ª. ed. 2015.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

DIAS, L. E.; MELLO, J. W. V. (Org). **Recuperação de áreas degradadas**. Viçosa, Departamento de Solos, Universidade Federal de Viçosa/ Sociedade Brasileira de Recuperação de Áreas Degradadas, 1998

PEREIRA, A. L. **Como selecionar plantas para áreas degradadas e controle de erosão**. 2. ed. Belo Horizonte, MG: Editora Fapi, 2008.

SANCHES, P. M. **De áreas degradadas à espaços vegetados**. São Paulo: SENAC, 2014. 280p.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

DISCIPLINA: Trabalho de Conclusão de Curso II		
EMENTA	Carga Horária: 30 h	Crédito: 2
Execução do Projeto de pesquisa organizado na disciplina de TCC I, de acordo com a ênfase do curso escolhida pelo orientador/acadêmico. Elaboração orientada de revisão de literatura, coleta de dados, análise e interpretação dos dados, considerações finais. Construção e apresentação de artigo/monografia.		
REFERÊNCIAS BÁSICAS		
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 14724: Informação e documentação — Trabalhos acadêmicos — Apresentação. Rio de Janeiro, 2011.		
ABRANTES, J. Fazer monografia é moleza . Rio de Janeiro, RJ: Wak, 2007.		
ANDRADE, M. M. Elaboração do TCC passo a passo . São Paulo, SP: FACTASH, 2007.		
MARCONI, M.A.; LAKATOS, E.M. Fundamentos de metodologia científica . 5ed. Atlas: São Paulo, 2003. 311p.		
PEREIRA, A. S., et al. Metodologia da pesquisa científica . 1ª ed. – Santa Maria, RS. UFSM, NTE, 2018. e-book		
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ. RESOLUÇÃO N. 077/2014-CONSU/UEAP . Normas de Trabalho de Conclusão de Curso de graduação da Universidade do Estado do Amapá - UEAP. http://www.ueap.edu.br/storage/consu/resolutions/39.pdf		
SEVERINO, A. J. Metodologia do trabalho científico . 24.ed. São Paulo: Cortez, 2016.		

171EF24 - Estágio Supervisionado Obrigatório II		
EMENTA	Carga Horária: 80 h	Crédito: 5
Introdução ao estágio, incluindo a apresentação de seus objetivos e importância na formação do engenheiro florestal, bem como orientações de conformidade com as normas da UEAP e do local de estágio. Preparação para o estágio: elaboração de currículo, carta de apresentação e pesquisa de possíveis locais de estágio. O desenvolvimento do estágio engloba: a realização de atividades práticas relacionadas à Engenharia Florestal, conforme acordado com a instituição de estágio; acompanhamento e supervisão das atividades pelo orientador de estágio da UEAP e pelo supervisor do local de estágio; participação em projetos, pesquisas ou atividades específicas na área de atuação escolhida. A etapa de registro e análise das atividades envolve a documentação detalhada das tarefas, metodologias utilizadas e elaboração de relatórios periódicos. A avaliação do estágio poderá ocorrer por meio de		





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

seminários, relatórios ou defesa oral, destacando os resultados, lições aprendidas e contribuições para a formação profissional.

REFERÊNCIAS BÁSICAS

ANTUNES, João Carlos Sá. **O Estágio Supervisionado na Formação do Engenheiro Florestal: Contribuições e Desafios**. Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná (EDUFPR), 2018.

BATISTA, Antonio Carlos. **Estágio Supervisionado em Engenharia Florestal: Contribuições para a Formação Profissional**. Rio de Janeiro: Aprenda Fácil Editora, 2015.

NOGUEIRA, Maria Cristina Stolf. **Estágio Supervisionado em Engenharia Florestal: Importância e Contribuições**. Viçosa: UFV - Editora da Universidade Federal de Viçosa, 2009.

Resolução CONSU nº 631/2021, que aprovou o Regulamento do Estágio Curricular Supervisionado dos cursos de Graduação de Bacharelado e Tecnólogo da Universidade do Estado do Amapá

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

MENEZZI, Cláudio Henrique Soares Del. **Tecnologia da Madeira e das Estruturas de Madeira**. Viçosa: UFV - Editora da Universidade Federal de Viçosa, 2013.

MORAN, Emilio F. **Ecologia de Florestas Tropicais do Brasil**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2005.

REZENDE, José Luiz Pereira de. **Manejo Florestal Sustentável**. Viçosa: Editora UFV, 2004.

ROSSATO, Vânia Beatriz. **Introdução à Engenharia Florestal**. Curitiba: Editora UFPR, 2014.

SAVILL, Peter S. **Silvicultura: Princípios e Práticas**. São Paulo: Cengage Learning, 2015.
SIQUEIRA, Tadeu et al. **Princípios de Recuperação de Áreas Degradadas**. 2. ed. Viçosa: Editora UFV, 2011.

240EF24OP – Sociologia Rural

EMENTA

Carga Horária:
45h

Crédito: 3

A Sociologia Rural mediante o processo de dissolução das fronteiras materiais e simbólicas entre "Campo" e "cidade". Razões para a adoção da agricultura como um modo de vida ao longo da evolução dos hominídeos. Especificidades sociais e históricas da vida rural do Brasil na Colônia, no Império e na República. Transformações históricas e padrões





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

tecnológicos da agricultura brasileira. Agricultura e desenvolvimento econômico no Brasil. O processo de Modernização da Agricultura brasileira e a formação do Complexo Agroindustrial. Configuração do sistema agroalimentar na atualidade. As relações entre redes alimentares alternativas de cadeia curta e convencionais, no Brasil, na Europa e na China.

REFERÊNCIAS BÁSICAS

BUAINAIN, Antônio Márcio; ALVES, Eliseu; SILVEIRA, José Maria da; NAVARRO, Zander. **O mundo rural no Brasil do Século 21**. Brasília, DF: EMBRAPA, 2014.

VIEIRA FILHO, José Eustáquio; FISHLOW, Albert. **Agricultura e indústria no Brasil**. Brasília: IPEA, 2017.

ROMEIRO, Ademar Ribeiro. **Meio ambiente e dinâmica de inovações na agricultura**. São Paulo: Fapesp, 2007.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

SPOSITO, M. Encarnação Beltrão. Cidade e campo. **Relações e contradições entre urbano e rural**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2010.

MAZOYER, Marcel; ROUDART, Laurence. **História das agriculturas no mundo**. Do neolítico à crise contemporânea. São Paulo: UNESP, 2010.

KAGEYAMA, Ângela. **Desenvolvimento rural**. Conceitos e aplicação ao caso brasileiro. Editora UFRGS, 2008.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **O mundo rural como um espaço de vida**. Reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

SCHNEIDER, Sergio; GAZOLLA, Marcio. **Cadeias curtas e redes agroalimentares alternativas**. Negócios e mercados da agricultura familiar. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017.

241EF24OP – Seminários em Ciências Florestais

EMENTA

Carga Horária:
45h

Crédito: 3

Pesquisas desenvolvidas na área florestal.

REFERÊNCIAS BÁSICAS

ANDRADE, M.M. de. **Introdução a metodologia do trabalho científico**. 5ed. São Paulo: Atlas, 2001. 151p.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

ASSOCIAÇÃO BRAILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. nbr 6023: informação e documentação: referências e elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

FERRÃO, R. G. **Metodologia científica para iniciantes em pesquisa**, 3. ed. Vitória, ES: Incaper, 2008. 250p.

MARTINS, G.A. **Manual para elaboração de monografias e dissertações**. São Paulo: Atlas, 1994.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

RIBEIRO, C.O.C.; RIBEIRO, U.E. **Metodologia Científica: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Axcel Books, 2003.218p.

RUIZ, J.S. **Metodologia Científica: guia para eficiência nos estudos**. São Paulo: Atlas, 1976. 168p.

SAMPIERI, R.H. **Metodologia de Pesquisa**. 3 ed. São Paulo: McGraw Hill, 2006.584p.

SILVA, F.C.C. **Manual de elaboração para apresentação de trabalhos técnico-científicos e referências bibliográficas**. Santa Cruz do Sul: UNISC-BC, 2004.60P.

242EF24OP – Dendrologia Aplicada

EMENTA	Carga Horária: 45h	Crédito: 3
Identificação de espécies de interesse comercial e suas áreas de ocorrência. Identificação de espécies ameaçadas de extinção (CITES). Reconhecimento das principais famílias da Floresta Amazônica, Mata Atlântica, Cerrado e Caatinga. Ficha dendrológica. Xiloteca.		

REFERÊNCIAS BÁSICAS

LORENZI, H., et al., **Palmeiras do Brasil: exóticas e nativas**. Nova Odessa: Editora Plantarum. 1996.

LORENZI, H.; SOUZA, M. H.; TORRES, M. A. V.; BACHER, L. B. **Árvores Exóticas do Brasil**. Madeireiras, ornamentais e aromáticas. Instituto Plantarum de Estudos da Flora Ltda. 2003. 368p.

LOUREIRO, A.A. & SILVA, M.F. - ALENCAR, J. C. **Essências Madeireiras da Amazônia**, INPA, Vol. I e II. 1979.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

MARCHIORI, J. N. C. **Elementos de Dendrologia**. 2ª edição. Santa Maria: Editora da UFSM. 2004.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

CARVALHO, P.E.R. 2003. **Espécies arbóreas brasileiras**. Vol. 1. EMBRAPA. Curitiba.

_____. 2007. **Espécies arbóreas brasileiras**. Vol. 2. EMBRAPA. Curitiba.

CAMARGOS, José Arlete Alves. **Catálogo de árvores do Brasil**. 2. ed. rev. e atual. Brasília, D.F: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis, 2001. 896p, il.

LORENZI, H. **Árvores brasileiras**. Ed. Plantarum, Vol. 1 e 2, 1997.

LORENZI, H. **Árvores Brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil**. Nova Odessa: Editora Plantarum. 1992

243EF24OP - Insetos de Interesse Florestal

EMENTA

Carga Horária:
45h

Crédito: 3

Sericultura e Bicho-da-seda. Meliponicultura e Abelhas-sem-Ferrão. Besouros coprófagos. Formigas Cortadeiras

REFERÊNCIAS BÁSICAS

GRÜTER, C. **Stingless Bees: Their Behaviour, Ecology and Evolution**. 1ª Ed. Springer, 2020. HANSKI, I.; CAMBEFORT, Y. **Dung Beetle Ecology**. 1ª Ed. Princeton University Press, 2014. MICHENER, C.D. **The bees of the world**. 1ª Ed. JHU Press, 2007.

NOGUEIRA-NETO, P. **Vida e criação de abelhas indígenas sem ferrão**. 1ª Ed. Nogueirapis, 1997.

PARK, E.Y.; MAENAKA, K. **Silkworm Biofactory: Silk to Biology**. 1ª Ed. CRC Press, 2018.

SIMMONS, L.W.; RIDSDILL-SMITH, T.J. **Ecology and Evolution of Dung Beetles**. 1ª Ed. Wiley, 2011.

TAKAHASHI, R.; TAKAHASHI, K.M.; TAKAHASHI, L.S.; **Sericultura: Uma promissora exploração agropecuária**. 1ª Ed. Viçosa: Livraria UFV, 2009.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

GULLAN, P.J.; CRANSTON, P.S. **Insetos - Fundamentos da Entomologia**. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2017.

RAFAEL, J.A.; DE MELO, G.A.R.; DE CARVALHO, C.J.B.; CASARI, A.S.; CONSTANTINO, R. **Insetos do Brasil: Diversidade e Taxonomia**. 1ª Ed. Ribeirão Preto: Holos, 2012.

GRIMALDI, D.; ENGEL, M.S. **Evolution of the Insects**. 1ª Ed. Reino Unido: Cambridge University Press, 2005.

TRIPLEHORN, C.; JONNISON, N. **Estudos dos insetos**. 2ª Ed. São Paulo: Cengage Learning, 2015

244EF24OP Introdução ao R

EMENTA

Carga Horária:
45h

Crédito: 3

Introdução ao R; 2. Matrizes e Dataframes; 3. Organização de dados; 4. Leitura de dados; 5. Introdução a análise de dados estatísticos.

REFERÊNCIAS BÁSICAS

CAMPOS JCC, Leite H. G. **Mensuração Florestal: perguntas e respostas**. 5. ed. Viçosa, MG: UFV, 2017.

R Core Team 2023. **R: A Language and Environment for Statistical Computing**. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria. <http://www.R-project.org/>.

ROBINSON AP, HAMANN JD. 2011. **Forest analytics with R**. Springer New York, New York, 339 p.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

BATISTA, J. L. F. (2014). **Biometria Florestal segundo o Axioma da Verossimilhança Com Aplicações em Mensuração Florestal**. Universidade de São Paulo-USP, Piracicaba-SP.

Burkhardt HE, Tomé M. 2012. **Modeling Forest Trees and Stands**. Springer Netherlands, Dordrecht, 461 p.

PIMENTEL-GOMES, F. **Curso de estatística experimental**. 15. ed. Piracicaba: ESALQ, 2009. 451 p. il. (Biblioteca de Ciências Agrárias Luiz de Queiroz, 15)





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

245EF24OP – Educação Ambiental		
EMENTA	Carga Horária: 45h	Crédito: 3
Introdução à educação ambiental, histórico, desenvolvimento. Formas de educação ambiental. Metodologia da educação ambiental. Interpretação ambiental e ecoturismo. As causas e os efeitos dos atuais problemas ambientais. Desenvolvimento Sustentável. Reciclagem. Ecodesign: Aplicação do conceito de Ecodesign. Rotulagem Ambiental. Custos Ambientais.		
REFERÊNCIAS BÁSICAS		
BARBIERI, J.C. Desenvolver ou Preservar o Ambiente? São Paulo: Cidade Nova, 1996.		
BARBIERI, J.C. Desenvolvimento e Meio Ambiente: as estratégias de mudanças da agenda 21. Petrópolis: 1997.		
CARVALHO, A.D. Utopia e Educação. Porto Codex: Porto Codex Editora LDA, 1997.		
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES		
CASCINO, Fábio; JACOBI, Pedro & OLIVEIRA, José Flávio. Educação, Meio Ambiente e Cidadania: Reflexões e Experiências. São Paulo: SEMA, CEAM, 122p. 1998.		
CETESB, São Paulo. Ozônio: a Proteção que Envolve a Terra. São Paulo: CETESB, 25p. 1998.		

246EF24OP – Comunicação e Expressão		
EMENTA	Carga Horária: 45h	Crédito: 3
Concepções e estratégias de leitura. Habilidades de leitura e escrita de textos acadêmicos. Paragrafação. A produção de objetivos de pesquisa. A argumentação em textos orais e escritos. Letramentos acadêmicos da esfera acadêmica: resumo, fichamento, resenha e projetos de pesquisa. Linguagem científica no campo de atuação.		
REFERÊNCIAS BÁSICAS		
BLIKSTEIN, I. Técnicas de Comunicação escrita. São Paulo: Editora Contexto, 2016.		
BRASILEIRO, A.M.M. Como produzir textos acadêmicos e científicos. São Paulo: Contexto, 2021.		
BRODBECK, J.T; COSTA, A.J.H; CORREA V. Estratégias de leitura em Língua Portuguesa. Curitiba: Editora InterSaberes, 2017. (Biblioteca Virtual Pearson)		
LOMBARDI, R.F (org.). Oficina de textos em português. São Paulo: Pearson Education		





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

do Brasil, 2017. (Biblioteca Virtual Pearson)

MARCHIONI, R. **Escrita criativa**: da ideia ao texto. São Paulo: Contexto, 2018.

MOTTA-ROTH, Désirée; HENDGES, Graciela H. **Produção textual na universidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

ALMEIDA, Renan Moritz Varnier Rodrigues. **Elementos da Escrita Científica para o Pesquisador**. Digitaliza Conteúdo, 2023. (Biblioteca Virtual Pearson)

CASARIN, Helen de Castro Silva; CASARIN, Samuel José. **Pesquisa científica**: da teoria à prática. Curitiba: InterSaberes, 2012. (Biblioteca Virtual Pearson)

FONTES - PEREIRA, Aldo. **Escrita científica descomplicada**: como produzir artigos de forma criativa, fluida e produtiva. São Paulo: Labrador, 2021. (Biblioteca Virtual Pearson)

NICOLA, J. de; T., E. **1001 dúvidas de português**. 15. ed. São Paulo: Saraiva, 2003.

247EF24OP – Informática Básica

EMENTA

Carga Horária:
45h

Crédito: 3

Fundamentos da informática. Funcionamento do computador. Softwares. Ambiente computacional. Sistemas operacionais. Processadores de texto (Word e outros). Processadores de planilhas eletrônicas (Excel e outros). Processadores de apresentação (Power Point e outros). Navegadores de internet

REFERÊNCIAS BÁSICAS

CAPRON, H. L.; JOHNSON, J. **Introdução à informática**. 8ª ed.: PRENTICE HALL BRASIL, 2004

VELLOSO, F. de C. **Informática**: Conceitos Básicos. 7ª ed.: 2004

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

GONIK, L. **Introdução Ilustrada à Computação**: Editora Harbra, 1986

RAMALHO, J. A. A. **Introdução à informática**: Teoria e Prática. 4ª ed.: Berkeley, 2004

VELOSO, F. C. **Informática**: Uma Introdução: Editora Campus, 1991





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

248EF24OP – Libras I		
EMENTA	Carga Horária: 45 h	Crédito: 3
A disciplina abrange as dimensões teórico-práticas da comunicação em LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais). Estudo das teorias da LIBRAS (características básicas de fonologia). Noções básicas de léxico, morfologia e síntese com apoio de recursos áudio visuais. Aspectos clínicos, educacionais e sócio-antropológicos da surdez. Sistemas de transcrição para Libras. Lei 10.436 e prática da LIBRAS desenvolvendo a expressão visual-espacial.		
REFERÊNCIAS BÁSICAS		
KOJIMA, C. K.; SEGALA, S. R. Libras: Língua brasileira de sinais - A Imagem do Pensamento . São Paulo: Escala, 2008.		
SACKS, O. Vendo vozes : uma viagem ao mundo dos surdos. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.		
SKLIAR, C. Surdez : um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.		
QUADROS, R. M. Educação de surdos : aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.		
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES		
OLIVEIRA, A. A. A Arte de Comunicar I: Língua de Sinais . Uberaba: Edição do autor, 2007.		
SILVA, I. R.; KAUCHAKJE, S.; GESUELI, Z. M. Cidadania, Surdez e Linguagem - Desafios e Realidades . São Paulo: Plexus, 2003.		
ABRAMOVAY, M.; RIBEIRO, E.; CARLOS, L. Juventudes: Outros Olhares Sobre a Diversidade . 1ª ed. Brasília. DF, 2009.		

251EF24OP - Manejo de Áreas Silvestres.		
EMENTA	Carga Horária: 45h	Crédito: 3
Introdução e história das unidades de conservação e áreas protegidas. Planejamento, execução e avaliação de Projetos. Manutenção. Proteção e segurança dos recursos naturais. Relações comunitárias. Alternativas e viabilidades econômicas e sociais para as Reservas Extrativistas. Manejo de ecossistemas. Planejamento e gestão de unidades de conservação. SNUC. Método de planejamento. Inter-relação zoneamento e programas de manejo. Bases gerais para manejo e administração de unidades de conservação.		





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

REFERÊNCIAS BÁSICAS

ACOT, Pascal. **História da Ecologia**. Rio de Janeiro. Campus, 2. Ed. 1990.

ANDRADE, Franz Heinrich. **Ecologia Florestal**. Imprensa Universitária da Universidade Federal de Santa Catarina; Santa Maria, 1980.

BRASIL. **LEI N. 9.985**, DE 18 DE JULHO DE 2000: Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

JOHN, Bernard. **Citogenética de populações**. São Paulo. E. P. U., 1990. LARCHER, W. **Ecofisiologia Vegetal**. Editora Ômega: Barcelona, 1977. ODUM, Eugene P. **Ecologia**. Rio de Janeiro. Guanabara, 1983.

RAYNAUT, Claude, ZANONI, Magda. **Cadernos de Desenvolvimento e meio ambiente**. Curitiba; UFPR, 1994.

SPURR, S. H; BARNES, B. V. **Ecologia Florestal**. s.d.

252EF24OP - Modelagem Florestal

EMENTA

Carga Horária:
45 h

Crédito: 3

Introdução à modelagem estatística aplicada à ciência florestal. Fundamentos de estatística descritiva e inferencial. Conceitos utilizando R. Modelos de regressão linear aplicados à ciência florestal com R. Análise de variância e experimentos em ciência florestal com R. Aplicações de outras técnicas de modelagem estatística em ciência florestal com R

REFERÊNCIAS BÁSICAS

BUSSAB, W. O. e MORETIN, P. A., “**Estatística básica**”, Editora Atual, 1987. Oficina de Textos, 2007.

FERREIRA, P. V. **Estatística experimental aplicada à agronomia**. 3ª. Ed. Maceió: EDUFAL, 422p. 2000.

LIMA, P. C.; ABREU, A. R. **Delineamento e análise de experimentos**. Lavras: UFLA, 2000. 72p.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

DEVORE, J.L., “**Probabilidade e Estatística para Engenharia e Ciências**”, Editora Thomson, 2006.

LARSON, R.; FARBER, E. **Estatística aplicada**. 2 ed. São Paulo: Pearson PrenticeHall, 2007. 476p.

MEYER, P. L., “**Probabilidade: aplicações a estatística**” - 2 ed., Editora LTC, 1983

MONTGOMERY, D. C., 1943-; RUNGER, George C., “**Estatística aplicada e probabilidade para engenheiros**”, Editora, LTC, 2003.

253EF24OP – Apicultura

EMENTA

Carga Horária:
45h

Crédito: 3

Introdução. Taxonomia. Abelhas africanas no Brasil. Composição, biologia e atividades das abelhas na colmeia. Meliponicultura. Morfologia, fisiologia e nutrição das abelhas. Cera e apitoxina. Instalação de apiários. Determinação de castas. Produção e substituição de rainhas. Flora apícola e polinização. Manejo para produção e processamento. Determinação de sexo em abelhas melíferas. Melhoramento genético na apicultura. Patologia apícola. Legislação apícola. Cadeia produtiva da apicultura brasileira. Projetos em apicultura.

REFERÊNCIAS BÁSICAS

CAMARGO, J.M.F. **Manual de apicultura**. São Paulo: Agronômica Ceres, 1972. 252p.

COUTO, R.H.N. & COUTO, L.A. **Apicultura: manejo e produtos**. 2.ed. Jaboticabal, São Paulo: Funep, 2002. 191p.

WIESE, H. **Novo Manual de Apicultura**. Guaíba, RS: Agropecuária, 1995. 291p.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

CANDIDO, J.F. **As árvores e a apicultura**. Viçosa, MG: Imp. Universitária, 1992. 33p.

GRAHAN, J. M. (Ed.). **The hive and the honeybee**. Hamilton, Illinois: Dadant & Sons, 1992. 1324p.

MARTINHO, M.R. **A criação de abelhas**. 2.ed. São Paulo: Globo, 1989. 180p. WIESE, H. Nova apicultura. Porto Alegre, RS: Ed. Agropecuária, 1974. 533p.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

254EF24OP - Ecologia Numérica		
EMENTA	Carga Horária: 45 h	Crédito: 3
Noção de matrizes e dimensionamento amostral. Dados Quantitativos Multidimensionais e Coeficientes de associação. Análise de Ordenação. Análise de Classificação (Clustering)		
REFERÊNCIAS BÁSICAS		
DIGBY, PGN & RA Kempton, 1991. Multivariate Analysis of Ecological Communities . Chapman & Hall. 206pp.		
GAUCH, HG Jr. 1982. Multivariate Analysis in Community Ecology . Cambridge Univ. Press. 298pp.		
LEGENDRE L. & P. Legendre, 1983. Numerical Ecology. Developments in Environmental Modelling . Elsevier Sci Pbl. Company. 419pp.		
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES		
PIELOU, E.C. 1924. The Interpretation of Ecological Data. A Primer on Classification and Ordenation . John Wiley & Sons, Inc. 262pp.		
R Core Team 2023. R: A Language and Environment for Statistical Computing . R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria. http://www.R-project.org/ .		
ROBINSON AP, HAMANN JD. 2011. Forest analytics with R . Springer New York, New York, 339 p.		

255EF24OP - R para Ciências Florestais I		
EMENTA	Carga Horária: 45 h	Crédito: 3
Estatística descritiva. Experimentação Florestal I. Análise de Regressão. Probabilidade		
REFERÊNCIAS BÁSICAS		
Burkhardt HE, Tomé M. 2012. Modeling Forest Trees and Stands . Springer Netherlands, Dordrecht, 461 p.		
Campos JCC, Leite H. G. Mensuração Florestal: perguntas e respostas . 5. ed. Viçosa, MG: UFV, 2017.		
R Core Team 2023. R: A Language and Environment for Statistical Computing . R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria. http://www.R-project.org/ .		





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

BATISTA, J. L. F. (2014). **Biometria Florestal segundo o Axioma da Verossimilhança Com Aplicações em Mensuração Florestal**. Universidade de São Paulo-USP, Piracicaba-SP.

PIMENTEL-GOMES, F. **Curso de estatística experimental**. 15. ed. Piracicaba: ESALQ, 2009. 451 p. il. (Biblioteca de Ciências Agrárias Luiz de Queiroz, 15)

ROBINSON AP, HAMANN JD. 2011. **Forest analytics with R**. Springer New York, New York, 339 p.

256EF24OP – Libras II

EMENTA

**Carga
Horária: 45 h**

Crédito: 3

Desenvolvimento da competência comunicativa em Libras, com ênfase nos gêneros textuais do domínio científico e acadêmico. Aplicação de análises linguísticas em nível sintático e semântico-pragmático.

REFERÊNCIAS BÁSICAS

KOJIMA, C. K.; SEGALA, S. R. **Libras: Língua brasileira de sinais - A Imagem do Pensamento**. São Paulo: Escala, 2008.

SACKS, O. **Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SKLIAR, C. **Surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

QUADROS, R. M. **Educação de surdos: aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

OLIVEIRA, A. A. **A Arte de Comunicar I: Língua de Sinais**. Uberaba: Edição do autor, 2007.

SILVA, I. R.; KAUCHAKJE, S.; GESUELI, Z. M. **Cidadania, Surdez e Linguagem - Desafios e Realidades**. São Paulo: Plexus, 2003.

ABRAMOVAY, M.; RIBEIRO, E.; CARLOS, L. **Juventudes: Outros Olhares Sobre a Diversidade**. 1ª ed. Brasília. DF, 2009.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

260EF24OP - Avaliação de Impactos Ambientais		
EMENTA	Carga Horária: 45h	Crédito: 3
Introdução. Conceitos fundamentais. Documentos para licenciamento ambiental. Evolução das metodologias de avaliação de impactos ambientais. Metodologias para identificação, descrição, qualificação e quantificação de impactos ambientais.		
REFERÊNCIAS BÁSICAS		
SÁNCHEZ, L. E. Avaliação de impactos ambientais: conceitos e métodos . São Paulo, SP: Oficina de Textos, 2010. 495 p.		
SILVA, E. Técnicas de avaliação de impactos ambientais . Viçosa, MG: CPT, 1999. 64 p. (Videocurso, 199).		
SILVA, E. Plantios florestais no Brasil: critérios para avaliação e gestão ambiental . Viçosa, MG: Editora UFV, 2012. 39 p.		
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES		
ROMEIRO, A. R.; REYDON, B. P. Desenvolvimento da agricultura familiar e reabilitação das terras alteradas na Amazônia . São Paulo, 1998.		
BACHA, Carlos J. C. A dinâmica do desmatamento e do reflorestamento no Brasil . Tese de Livre Docência, ESALQ/USP, Piracicaba, 1993.		
BEATTIE, W. D.; FERREIRA, J. M. Diagnóstico do subsetor florestal do Brasil. Análise Financeira e Socioeconômica do Reflorestamento no Brasil . COPLAN/IBDF, Ministério da Agricultura, Brasília, 1978.		

261EF24OP –Tecnologia de Produtos Florestais Não Madeireiros		
EMENTA	Carga Horária: 45h	Créditos:03
A disciplina tem como objetivo fornecer uma visão abrangente sobre PFNM's: Introdução e generalidades. PFNM's tradicionais da Amazônia: comestíveis, medicinais, estruturais-fibrosos, químicos-resiníferos, químicos-oleaginosos e bio-óleo. Corantes. Adesivos naturais. PFNM's de florestas plantadas: resina de pinus, folhas de eucalipto, cortiça, borracha da seringueira.		





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

REFERÊNCIAS BÁSICAS

AMAZONAS, Governo do Estado. **Cadeia produtiva da borracha no estado do Amazonas**. Manaus: SDS, Série Técnica Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, 2. 28p.; il. 2005.

AMAZONAS, Governo do Estado. **Cadeia produtiva da Castanha-do-Brasil no estado do Amazonas**. Manaus: SDS, Série Técnica Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, 3. 28p.; il. 2005.

AMAZONAS, Governo do Estado. **Cadeia produtiva da madeira no estado do Amazonas**. Manaus: SDS, Série Técnica Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, 5. 2005.

AMAZONAS, Governo do Estado. **Cadeia produtiva das fibras vegetais extrativistas no estado do Amazonas**. Manaus: SDS, Série Técnica Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, 4. 32p.; il. 2005.

AMAZONAS, Governo do Estado. **Cadeia produtiva do açaí no estado do Amazonas**. Manaus: SDS, Série Técnica Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, 1. 32p.; il. 2005.

AMAZONAS, Governo do Estado. **Cadeia produtiva dos óleos vegetais extrativos no estado do Amazonas**. Manaus: SDS, Série Técnica Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, 6. 36p.; il. 2005.

BECKER, Bertha, LÉNA. **Philippe Pequenos Empreendimentos Alternativos na Amazônia**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2002.

BERNARDES, M.S. (ed.) **Sangria da seringueira**. Piracicaba, ESALQ/FEALQ, 206 p. 1990.

FANCELLI, A.L.; COSTA, J.D.; BERNARDES, M.S. CÍCERO, S.M. (ed.) **Simpósio sobre a cultura da seringueira**, 2. Piracicaba, ESALQ, Departamento de Agricultura, 398 p. 1990.

GOLLEY, F.B. et al., **Ciclagem de minerais em um ecossistema de floresta tropical úmida**. Pedagógica e Universitária, EDUSP, SP, 252 p. 1978.

MARGULIS, S. (ed.). **Meio Ambiente: aspectos técnicos e econômicos**. IPEA, Brasília, 246p. 1990.

RODET, J.C., **A Agricultura Biológica**. Edições Itáu, Lisboa, 165 p. 1978





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

KEINERT, J.; WOLF, F. **Alternativas de adesivos à base de taninos para Madeira**. Curitiba: FUPEF, 1984. 25 p. (FUPEF série técnica)

MORI, F. A. **Uso de taninos das cascas de *Eucalyptus grandis* para produção de adesivos**. Viçosa: UFV, 1997, 47 p. Dissertação (Mestrado em Ciência Florestal) - Universidade Federal de Viçosa, 1997.

MORI, F.A., VITAL, B.R., DELLA LUCIA, R.M., VALENTE, O. F., PIMENTA, A. S. **Utilização de resinas à base de taninos da casca de *E. grandis* W. Hill ex Maiden na produção de painéis compensados**. Revista Árvore, Viçosa, v.23, n. 4, p. 455-461, 1999.

MORI, C.L.S.O., MORI, F.A., PIMENTA, A. S., MELO, V.M. **Influência da temperatura, tipos e concentrações de sais inorgânicos no rendimento em taninos das cascas de *Eucalyptus***. In: VI CONGRESSO E EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL SOBRE FLORESTAS, 2000. Anais. Porto Seguro: p. 408, 2000.

MORI, F.A., VITAL, B.R., PIMENTA, A. S., FERRAZ, V.P. **Estudo de taninos da casca de *Eucalyptus urophylla* S.T. Blake para produção de adesivos**. Revista Árvore, Viçosa, v. 25, n.2, p. 257-263, 2001.

VITTI, A. M.S; BRITO, J.O. **Óleo essencial de eucalipto**. IPEF: Documentos Florestais 17, Piracicaba-SP, 2003, 26 p.

262EF240P – Cultura de Tecidos Vegetais

EMENTA

Carga Horária:
45h

Crédito: 3

Introdução à cultura de tecidos vegetais. Micropropagação por organogênese e embriogênese somática. Cultivo de suspensão celular. Sementes sintéticas. Microenxertia. Conservação in vitro de germoplasma.

REFERÊNCIAS BÁSICAS

GEORGE, E.F. **Plant propagation by tissue culture**. Exegetics, Edington. V.1, 555p. 1993.

GRATTAPAGLIA, D.; MACHADO, M. **Micropropagação**. In: TORRES, A.C.; CALDAS, L.S.; BUSO, J.A. [e.d.]. **Cultura de tecidos e transformação genética de plantas**. Brasília: EMBRAPA, v.1, p.99-169. 1998.

JAIN, S. M.; AL-KHAYRI, J. M.; JOHNSON, D. V. **Date palm biotechnology**. Springer. 2011. 761 p.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

NAGATA, T.; BAJAJ, Y.P.S. **Somatic hybridization in crop improvement II**. Springer. 2013. 399p.

PULLAIAH, T. **Plant tissue culture: emerging trends**. Regency Publications. 2012. 244 p.

REINERT, J.; YEOMAN, M.M. **Plant cell and tissue culture: a laboratory manual**. Springer. 2012. 88 p.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

REYNOLDS, A. **The theory of the cell state and the question of cell autonomy in nineteenth and early twentieth- Century biology**. Science in Context 20(1): 71-95. 2007.

SMITH, R. H. **Plant tissue culture: techniques and experiments**. . 3ª Edition: Academic Press. 2012. 208p.

SOUZA, A.S. & JUNGHANS, T.G. **Introdução à micropropagação de plantas**. Embrapa Mandioca e Fruticultura Tropical, Cruz das Almas. 152p. 2006.

TAIZ, L. & ZEIGER, E. (Eds.) **Fisiologia Vegetal**. Porto Alegre-RS. Artmed Editora S.A. 719 p. 2004.

WHITE, P. R. **A handbook of plant tissue culture**. Ulan Press. 2012. 298 p.

263EF24OP – Apicultura Prática

EMENTA

Carga Horária:
45h

Crédito: 3

Coleta de enxames, divisão e união de colônias. Instalação de apiários. Manejo e alimentação de colônias de abelhas. Processamento de cera. Produção e processamento de mel. Produção de geleia real e rainhas. Produção e processamento de pólen. Produção e processamento de própolis. Diagnóstico de doenças, parasitoses e predadores de abelhas e seu controle.

REFERÊNCIAS BÁSICAS

CAMARGO, J.M.F. **Manual de apicultura**. São Paulo: Agronômica Ceres, 1972. 252p.

COUTO, R.H.N. & COUTO, L.A. **Apicultura: manejo e produtos**. 2.ed. Jaboticabal, São Paulo: Funep, 2002. 191p.

WIESE, H. **Novo Manual de Apicultura**. Guaíba, RS: Agropecuária, 1995. 291p.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

- CANDIDO, J.F. **As árvores e a apicultura**. Viçosa, MG: Imp. Universitária, 1992. 33p.
- GRAHAN, J. M. (Ed.). **The hive and the honeybee**. Hamilton, Illinois: Dadant & Sons, 1992. 1324p.
- MARTINHO, M.R. **A criação de abelhas**. 2.ed. São Paulo: Globo, 1989. 180p.
- WIESE, H. **Nova apicultura**. Porto Alegre, RS: Ed. Agropecuária, 1974. 533p.

264EF24OP - R Para Ciências Florestais II

EMENTA	Carga Horária: 45 h	Crédito: 3
---------------	-------------------------------	-------------------

Introdução a inteligência artificial. Machine learning: fundamentos, estudos dos algoritmos. Redes neurais artificiais

REFERÊNCIAS BÁSICAS

- AMARAL, F. **Introdução à Ciência de Dados: Mineração de dados e big data**. Rio de Janeiro. Alta Books, 2016. 230p.
- FACELI, K.; LORENA, A. C.; GAMA, J.; CARVALHO, A. C. P. L. F. **Inteligência Artificial: uma abordagem de aprendizagem de máquina**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.
- GOODFELLOW, I.; BENGIO, Y.; COURVILLE, A. **Deep learning**. London. The Mit Press. 2016.
- HAYKIN, S. **Redes Neurais princípios e prática**. 2.ed. São Paulo, SP: Editora bookman, 2008.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

- DEISENROTH, M. P.; FAISAL, A. A.; ONG, C, H. **Mathematics for Machine Learning**. New York. Cambridge University Press. 2020.
- JAMES, G.; WITTEN, D.; HASTIE, T.; TIBSHIRANI, R. **An Introduction to Statistical Learning: With Applications in R**. New York. Springer. 2014.
- SILVA, I. N.; SPATTI, D. H.; FLAUZINO, F. A. **Redes Neurais Artificiais Para Engenharia e Ciências Aplicadas**. 2 ed. São Paulo, SP: Editora Artliber, 2016.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

270EF24OP – Nutrição e Manejo de Solos Florestais		
EMENTA	Carga Horária: 45h	Crédito: 3
Conceitos de solos florestais. Relação entre solos e tipos florestais. Processos dinâmicos em solos florestais. Escolha e classificação de terras para fins florestais. Características edáficas e fisiográficas e preparo da área e do solo. Manejo nutricional de viveiro e jardim clonal. Características do solo e suprimento de nutrientes em plantações florestais. Aquisição, distribuição e armazenamento de nutrientes em árvores. Relações técnicas silviculturais e nutrição de árvores. Adubação de plantações florestais. Manejo do solo florestal e produção sustentada.		
REFERÊNCIAS BÁSICAS		
ATTIWILL, P.M.K. & ADAMS, M.A. Nutrition of eucalypts. Collingwood: ESIRO, 1996. 440p. BARROS, N.F. & NOVAIS, R.F. Relação solo-eucalipto. Viçosa: Ed. Folha de Viçosa, 1990. 330p. BARROS, N. F.; NEVES, J. C. L.; NOVAIS, R. F. Recomendação de fertilização mineral para plantio de eucalipto. Pp. 271-284. In: GONÇALVES, J. L. M.; BENEDETTI, V. (eds) Nutrição e fertilização florestal. Piracicaba: IPEF, 2000. 427p. BORGES, J.S. Parametrização, calibração e validação do Modelo 3-PG para Eucalyptus na região do cerrado de Minas Gerais. Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, 2009. 71p. (Dissertação de Mestrado). FERNANDES, L.V. Normas e determinação de faixas de suficiência para diagnose foliar com base no crescimento relativo do eucalipto. Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, 2009. 81p. (Dissertação de Mestrado). FERNANDES, M. F. Nutrição Mineral de Plantas. Viçosa: Sociedade Brasileira Ciência do Solo, 2006. 432p. FREIRE, M. F.; COELHO, A. M.; BARROS, N. F.; BARROS FILHO, N. F.; NEVES, J.C.L. Manejo da Fertilidade do solo no Sistema Integração Lavoura-Pecuária-Floresta. Belo Horizonte: Informe Agropecuário, 2010.		
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES		
GONÇALVES, J. L. M.; BENEDETTI, V. (eds) Nutrição e fertilização florestal. Piracicaba: IPEF, 2000. 427p.		





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

GONÇALVES, J. L. M.; STAPE, J.L. (eds) **Conservação e cultivo de solos para plantações florestais**. Piracicaba: IPEF, 2002. 498p.

NEVES, J.C.L.; BARROS, N. F.; NOVAIS, R.F. **Nutrição e adubação de plantios de eucalipto**. Belo Horizonte: Informe Agropecuário, v.29, n.242, p., jan./fev. 2008.

NOVAIS, R.F. et. al. **Fertilidade do solo**. Viçosa: Sociedade Brasileira Ciência do Solo, 2007. 1010p.

271EF24OP – Melhoramento de Eucalipto

EMENTA

Carga Horária:
45h

Crédito: 3

O eucalipto no mundo. Biologia reprodutiva. Recursos genéticos de eucalipto. Seleção de espécies e procedências. Principais espécies plantadas no Brasil. Estratégias de melhoramento e critérios de seleção. Hibridação. Propagação dos eucaliptos. Produção de sementes e propágulos melhorados.

REFERÊNCIAS BÁSICAS

ELDRIDGE, K.; DANIDSON, J.; HARWOOD, C.; VAN WYK, G. **Eucalipt domestication and breeding**. Oxford: Claredon Press, 1993. 288p. BORÉM, A. **Melhoramentos de plantas**. Viçosa/MG: UFV, 1997. 547p.

BURLEY, J.; STYLES, B. T. **Tropical trees: variation, breeding and conservation**. New York: Academic Press, 1976. 243p.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

DESAI, B. B.; KOTECHA, P. M.; SALUNKHE, D. K. **Seeds handbook**. New York: Marcel Dekker, Inc. 1997. 627p.

FERREIRA, M. E.; GRATTAPAGLIA, D. **Introdução ao uso de marcadores moleculares em análises genéticas**. 2ª Ed. Brasília: EMBRAPA/CENARGEN, 1995. 220p.

MONCUR, M. W. **Techniques for pollinating eucalypts**. Camberra: ACIAR technical reports, 1995. 20p. n. ° 34.

ZOBEL, B.; TALBERT, J. **Applied forest tree improvement**. New York: John Wiley & Sons, 1984.505p.

272EF24OP – Propagação de Espécies Florestais





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

EMENTA	Carga Horária: 45h	Crédito: 3
Princípios da propagação de plantas lenhosas. Tipos de recipientes e substratos. Produção de mudas por sementes de espécies florestais. Controle de qualidade da muda. Produção de mudas por propagação vegetativa: enxertia, enraizamento de estacas (mergulhia e estaquia) e micropropagação. Propagação de plantas selecionadas.		
REFERÊNCIAS BÁSICAS		
GOMES, J. M. & PAIVA, H. N. Viveiros Florestais (Propagação Sexuada). Viçosa, MG: UFV, 2011. 116p. (Série Didática).		
PAIVA, H. N. & GOMES, J. M. Propagação vegetativa de espécies florestais . Viçosa, MG: Ed. UFV, 2011. 52p. (Série Didática).		
XAVIER, A.; WENDLING, I; SILVA, R. L. Silvicultura Clonal : Princípios e técnicas. 2 Ed., Viçosa, MG: Editora UFV, 2013. 279p.		
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES		
HARTMANN, H. T.; KESTER, D. E.; DAVIES Jr., F. T. & GENEVE, R. L. Plant propagation: principles and practices . 8. ed. New Jersey: Englewood Clippis, 2011. 900p.		
WENDLING, I; GATTO, A.; PAIVA, H. N.; GONÇALVES, W. Planejamento e instalação de viveiros . 2 Ed., Viçosa: Aprenda Fácil, 2012. 120p.: il. (Coleção jardinagem e paisagismo).		

273EF24OP - Elaboração e Análise de Projetos		
EMENTA	Carga Horária: 45h	Crédito: 3
Projeto e planejamento. Etapas do projeto. Análise de mercado. Localização. Escala do projeto. Financiamento. Análise financeira e viabilidade econômica. Avaliação de projetos sociais. Externalidade e efeitos ambientais. Riscos e incertezas.		
REFERÊNCIAS BÁSICAS		
CASAROTTO, N.F.; KOPITKE, B.H. Análise de investimentos . São Paulo: Atlas, 6 ed., 1994.		
BUARQUE, Cristovam. Avaliação econômica de projetos: uma apresentação didática . 26 reimpressões. Rio de Janeiro: Campus, 1984.		
WOILER, Sansão; MATHIAS, Washington Franco. Projetos: planejamento, elaboração, análise . São Paulo: Atlas, 1996.		





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

REZENDE, J. L. P.; OLIVEIRA, A. D. **Análise Econômica e Social de Projetos Florestais**. 3. ed. Viçosa: UFV, 2014. 385 p.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

ASSAF NETO, A.; LIMA, Fabiano G.; **Curso de Administração Financeira**. São Paulo: Ed. Atlas, 2008.

CONTADOR, Cláudio. **Avaliação Social de Projetos**. São Paulo: Atlas, 1981. LEMES JÚNIOR, Antônio B.; RIGO, Cláudio M.; CHEROBIM, Ana Paula, M. S.;

Administração Financeira: princípios, fundamentos e práticas brasileiras. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

274EF24OP – Gestão da Qualidade

EMENTA

Carga Horária: 45 h

Créditos: 03

Histórico e conceitos básicos; Controle de Qualidade; Evolução dos sistemas de qualidade; Sistemas e modelos de gestão da qualidade; Certificação das organizações.

REFERÊNCIAS BÁSICAS

CAMPOS, V. F. **Controle da qualidade** (no estilo japonês). Rio de Janeiro: Bloch, 1992.

MARSHALL, J. I. et. al. **Gestão da Qualidade**, 2. Ed. Rio de Janeiro: FGV Management, 2003.

SLACK, N.; CHAMBERS, S.; HARLAND, C.; HARRISON, A.; JOHNSTON, R. **Administração da Produção**. São Paulo: Atlas, 1997.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, NBR ISO 9000: **Sistemas de gestão da qualidade e vocabulário**. 2001.

NBR ISO 9001: **Sistemas de gestão da qualidade - requisitos**. Rio de Janeiro: 2001.

NBR ISO 9004: **Sistemas de gestão da qualidade – diretrizes para melhoria de desempenho**. Rio de Janeiro, 2001.

O'HANLONS, T. **Auditoria de qualidade: com base na ISO 9001: 2000: Conformidade agregando valor**. São Paulo: Saraiva, 2005.

OAKLAND, J. S. **Gerenciamento da Qualidade Total: TQM**. 1. Ed.: Nobel, 1994.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

275EF24OP – Indústria Moveleira		
EMENTA	Carga Horária: 45h	Crédito: 3
Características da atividade moveleira no Brasil. Principais pólos moveleiros. Indicadores econômicos. Matérias primas principais. Matérias primas alternativas. Processos de produção de móveis. Fatores inerentes aos processos de produção. Segurança e saúde no trabalho.		
REFERÊNCIAS BÁSICAS		
ANUÁRIO BRASILEIRO DOS FORNECEDORES DA INDÚSTRIA DO MOBILIÁRIO. Curitiba: Anuário Editorial, 2002. 121p.		
DURATEX, MDF: Manual do usuário . São Paulo, s.d. 19p.		
FERREIRA, M. J. B.; GORAYEB, D. S.; ARAÚJO, R. D. de; MELLO, C. H.; BOEIRA, J. L. F. RELATÓRIO DE ACOMPANHAMENTO SETORIAL INDÚSTRIA MOVELEIRA Volume I. ABDI e o Núcleo de Economia Industrial e da Tecnologia do Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas - Unicamp. 28p. 2008.		
FORMOBILE - Guia de referência da indústria moveleira . Curitiba: Alternativa Editorial, 2003. 109p.		
GORINI, A. P. F. Panorama do setor moveleiro no Brasil, com ênfase na competitividade externa a partir do desenvolvimento da cadeia industrial de produtos sólidos da madeira . Rio de Janeiro: BNDS, 1998. Setorial n.º 8.		
LIMA, E. S. Novos rumos e desafios na indústria moveleira . In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE PRODUTOS SÓLIDOS DE MADEIRA DE ALTA TECNOLOGIA, I. Belo Horizonte. Anais. Viçosa, SIF/DEF/UFV, 1998, P. 65-68.		
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES		
MDIC, Cadeia produtiva de madeira e móveis . Brasília. Ministério do desenvolvimento da indústria e comércio exterior. 2001, 137p.		
REVISTA DA MADEIRA...Vários números, Curitiba, PR.		
REVISTA MOBILE FORNECEDORES. Vários números. Curitiba, PR. SEBRAE, Manual de exportação de móveis . Brasília: SEBRAE, 168p. 1998.		
SILVA, J. C. Caracterização de madeira de Eucalyptus grandis Hill ex Maiden, de diferentes idades, visando a sua utilização na indústria moveleira . Curitiba: UFPR, 2002. 160p. (Tese de doutorado - Universidade Federal do Paraná).		





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

276EF24OP - R para Ciências Florestais III		
EMENTA	Carga Horária:	Crédito:
	45 h	3
Análise de dados de inventário florestal. Análise de dados espaciais. Relatórios dinâmicos com R Markdown		
REFERÊNCIAS BÁSICAS		
Burkhardt HE, Tomé M. 2012. Modeling Forest Trees and Stands . Springer Netherlands, Dordrecht, 461 p.		
R Core Team 2023. R: A Language and Environment for Statistical Computing . R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria. http://www.R-project.org/ .		
Robinson AP, Hamann JD. 2011. Forest analytics with R . Springer New York, New York, 339 p.		
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES		
BATISTA, J. L. F. (2014). Biometria Florestal segundo o Axioma da Verossimilhança Com Aplicações em Mensuração Florestal . Universidade de São Paulo-USP, Piracicaba-SP.		
CAMPOS JCC, LEITE H. G. Mensuração Florestal: perguntas e respostas . 5. ed. Viçosa, MG: UFV, 2017.		
PIMENTEL-GOMES, F. Curso de estatística experimental . 15. ed. Piracicaba: ESALQ, 2009. 451 p. il. (Biblioteca de Ciências Agrárias Luiz de Queiroz, 15)		

277EF24OP – Avaliação e Perícias Rurais		
EMENTA	Carga Horária:	Crédito: 3
	45h	
Conceitos iniciais: prova pericial judicial e extrajudicial; espécies de prova pericial judicial; tipos de perito e seus respectivos papéis. O Código de Processo Civil: as atribuições do Perito e os requisitos do laudo pericial. Responsabilidades do perito judicial. Elaboração de petições para aceite e recusa do ofício de perito judicial; para a proposta, impugnação e liberação dos honorários; para a solicitação de formulação de quesitos. Noções gerais sobre responsabilidade por dano ambiental. O meio ambiente como direito difuso. A classificação dos bens ambientais. Aspectos processuais gerais da jurisdição civil coletiva: ação civil pública ambiental, ação popular ambiental, mandado de segurança coletivo ambiental e mandado de injunção ambiental. O instituto da desapropriação: conceito, modalidades e a função social da propriedade. Avaliação Pericial em áreas florestais e agrícolas: Elaboração de laudos técnicos.		





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

REFERÊNCIAS BÁSICAS

CUNHA, S. B da, GUERRA, A. J. T. (organizadores). **Avaliação e Perícia ambiental**. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1999.

IBAPE. **Perícias judiciais de engenharia e arquitetura**. São Paulo: IBAPE-SP, 2022.

LA ROVERE, E. L. (Coord.). **Manual de auditoria ambiental**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2001.

MAGOSS, A. J., **Método para Avaliação de Florestas Artificiais, Caderno Brasileiro de Avaliações e Perícias**, 1991.

SILVA, Yuri Euflauzino da. **Pequeno tratado do aspirante a perito judicial**. Paraná: Perícias, 2020.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

MEDEIROS JÚNIOR, J. da R. e FIKER, J., **A Perícia Judicial: Como Redigir Laudos e Argumentar Dialeticamente**. São Paulo: Ed. PINI, 1996.

RIBAS, L. C. **Proposta Metodológica para Avaliação de Danos Ambientais - o caso florestal**. 242 págs. Tese (Doutorado). 1996.

278EF24OP – Georreferenciamento de Imóveis Rurais

EMENTA	Carga Horária: 45h	Crédito: 3
Princípios, Definições, Nomenclatura, Levantamento de Campo e Legislação Aplicada ao Georreferenciamento de Imóveis Rurais.		

REFERÊNCIAS BÁSICAS

ABREU, Adilson Avansi de; BICUDO, Marcelo. **Georreferenciamento de Imóveis Rurais: teoria e prática**. São Paulo: Oficina de Textos, 2018.

COLMAR, Sérgio Luis. **Georreferenciamento de Imóveis Rurais: Legislação e Normas Técnicas**. São Paulo: Millennium, 2018.

JÚNIOR, Paulo Nascimento. **Georreferenciamento de Imóveis Rurais: Prática e Legislação**. São Paulo: Viena, 2015.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

OLIVEIRA, Antônio Roberto de; BONACORCI, Gerson. **Manual do Georreferenciamento de Imóveis Rurais**. São Paulo: LK, 2017.

RIBEIRO, Carlos Augusto de Oliveira; ALMEIDA, Eliseu Santana de.

Georreferenciamento de Imóveis Rurais e Urbanos. Curitiba: CRV, 2016.

SANTANA, André Luiz Santos de. **Georreferenciamento de Imóveis Rurais: Uma Abordagem Interdisciplinar**. Curitiba: Appris, 2017.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

BRAGA, Sérgio. **Georreferenciamento de Imóveis Rurais: Normas Técnicas e Legislação**. Belo Horizonte: Fórum, 2017.

DELLA FLORA, Evandro Rodrigo. **Georreferenciamento de Imóveis Rurais: Aspectos Práticos e Teóricos**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2016.

OLIVEIRA, José Carlos de; AVELAR, Ewerton Alex. **Georreferenciamento de Imóveis Rurais: Aspectos Práticos**. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

SCHWAMBACH, Arlei Luiz; BRITO JÚNIOR, Ivan Rodrigues de. **Georreferenciamento de Imóveis Rurais: Legislação e Normatização**. Curitiba: Juruá, 2016.

280EF24OP – Manejo e Conservação do Solo

EMENTA	Carga Horária: 45h	Créditos: 03
Sustentabilidade agrícola e qualidade do solo e do ambiente. Formas de degradação da capacidade produtiva do solo e sua recuperação; Classificação de Capacidade de Uso das Terras Agrícolas e Florestais; Manejo e conservação do solo em diferentes sistemas de cultivo e diferentes regiões do país; Rotação de culturas e plantas de cobertura; Manejo de fertilidade do solo em sistemas conservacionistas; Manejo de solos de várzea; Manejo de Zonas Ripárias.		
REFERÊNCIAS BÁSICAS		
BERTONI, J.; LOMBARDI NETO, F. Conservação do Solo . Ed. Ícone, 8.ed., 2010. 360p.		
BRADY, Nyle C.; WEIL, Ray R. Elementos da Natureza e Propriedades dos Solos, Bookman Companhia Editora Ltda. , 716 p., 2013.		
PRADO, R. B.; TURETTA, A. P. D.; ANDRADE, A. G. de (Org.) Manejo e Conservação do Solo e da Água no Contexto das Mudanças Ambientais . EMBRAPA –		





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

SOLOS, Rio de Janeiro, 2010, 486 p.
<http://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/34008/1/livro-manejo.pdf>

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

CASALINHO, H. D.; LIMA, A. C. R.; AUDEH, S. J. S.; SUZUKI, L. E. A. S.; CARDOSO, I. M.; **Monitoramento da qualidade do solo em agroecossistemas de base familiar – a percepção do agricultor**. Ed. Universitária da UFPEL, 2011, 67p.

LEPSCH, I. F.; BELLINAZZI Jr., R.; BERTOLINI, D.; ESPÍNDOLA, C. R. **Manual para levantamento utilitário do meio físico e classificação de terras no sistema de capacidade de uso**. 4a Aproximação. 2. ed. Campinas: Sociedade Brasileira de Ciência do Solo, 1991.175p.

LIMA, M.R. de, Ed. **In: Diagnóstico e Recomendações de Manejo do Solo: Aspectos Teóricos e Metodológicos**. Curitiba: UFPR / Setor de Ciências Agrárias, 2006, xiv, 341 p.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE CIÊNCIA DO SOLO. COMISSÃO DE QUÍMICA E FERTILIDADE DO SOLO. **Manual de adubação e calagem para os Estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina**. 10ª ed. Porto Alegre, 2004. 400 p. il. - Versão online disponível em <http://www.sbcnsrs.org.br/index.php?secao=publicacoes>

SOUZA, C.M. de; PIRES, F. R.; PARTELLI, F. L.; ASSIS, R. L. de **Adubação Verde e Rotação de Culturas** - Série Didática, Editora(s): Editora UFV, 2012, 108 p.

281EF24OP – Manejo de Fauna Silvestre		
EMENTA	Carga Horária: 45h	Crédito: 3
Histórico, importância e conceitos em manejo de fauna silvestre. Aspectos ecológicos aplicados ao manejo de fauna silvestre. População e ambiente. Classificação de vertebrados silvestres. Espécies brasileiras ameaçadas de extinção. Levantamentos faunísticos. Estudo de populações animais silvestres. Marcação de animais silvestres. Técnicas de manejo de fauna silvestre. Técnicas de conservação e exposição de animais silvestres.		
REFERÊNCIAS BÁSICAS		
MACHADO, T. M. M. Anais do I Simpósio de Produção e Conservação de Animais Silvestres: I SIMAS , 29 de setembro a 1º de outubro de 2005, Viçosa, MG: [s.n.], 2005, 139p.		
PRIMACK, R. B.; RODRIGUES, E. Biologia da conservação . 12. ed., Londrina, PR: Planta, 2013. 327 p.		
SILVA, E. Tópicos de manejo de fauna silvestre . Viçosa, UFV: Imprensa Universitária,		





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

1996. 26p.

SILVA, E.; COUTO, E. A. **Glossário de termos de manejo de fauna silvestre**. Viçosa, UFV: Imprensa Universitária, 1993. 13 p.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

BENSUSAN, N.. **Conservação da biodiversidade em áreas protegidas**. Rio de Janeiro, RJ: Editora da FGV, 2006. 176 p.

BRASIL; Ministério do Meio Ambiente, Secretaria de Biodiversidade e Florestas. **Cerrado e Pantanal: áreas e ações prioritárias para conservação da biodiversidade**. Brasília, DF: MMA, 2007. 397 p.

CAMPOS, J. B.; TOSSULINO, M. G. P.; MULLER, C. R. **Unidades de conservação: ações para valorização da biodiversidade**. Curitiba, PR: Instituto Ambiental do Paraná, 2006. 348p.

DRUMMOND, G. M. **Biota Minas: diagnóstico do conhecimento sobre a biodiversidade no Estado de Minas Gerais - subsídios ao Programa Biota Minas**. Belo Horizonte, MG: Fundação Biodiversitas, 2009. 622 p.

GUIMARÃES, C. S. **Taxonomia e história natural de anfíbios anuros da Serra do Brigadeiro, Mata Atlântica, MinasGerais**. Viçosa: MG, UFV, 2016. 64 p. Dissertação de Mestrado em Biologia Animal).

282EF24OP – Serraria, Secagem e Acabamento

EMENTA	Carga Horária:	Crédito: 3
	45h	
Métodos de desdobro, tipos de serra, maquinários de serrarias e rendimento. Processo de secagem, secagem ao ar livre e em estufa, métodos de secagem, programas de secagem e defeitos de secagem. A usinagem da madeira, fatores inerentes ao processo, à madeira e à mão-de-obra. Qualidade de superfícies usinadas. Acabamento superficial de produtos à base de madeira. Preparo de superfícies para recebimento de produtos de acabamento. Fatores inerentes ao processo de acabamento superficial da madeira, qualidade de superfícies acabadas.		





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

REFERÊNCIAS BÁSICAS

AMERICAN SOCIETY FOR TESTING AND MATERIALS. ASTM D 1666-11 Standard method for conducting machining testes of wood and wood base materials Philadelphia: 2011. P1-16

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. MB-985: tintas: determinação da aderência. Rio de Janeiro, 1987. 7p.

BET. L. **Estudo da medição da textura de superfícies com sondas mecânicas e com sondas ópticas tipo seguidor**. Florianópolis, 1999. 243f. Tese (Doutorado em Engenharia Mecânica). - Universidade Federal de Santa Catarina.

BONDUELLE, A. **Caracterisation du panneau de particules surface melamine par son aptitude a l'usinabilite**. Nancy, 1994. 196f. Tese (Doctem em Sciences du Bois) – L'Ecole Nationale Supérieure des Technologies et des Industries du Bois d'Epinal, Universite Henri Poincare - Nancy I.

N FE 66-506 - **Grandeurs géométriques et cinématiques en usinage** junho 1985 (ou ISO 3002/3)

PANSHIN, A. I. ; DE ZEEUW, C. **Textbook of wood technology**. 3.ed. New York : McGraw-Hill, 1980. 722p.

SILVA, J.R.M. **Relação da usinabilidade e aderência do verniz com as propriedades fundamentais do Eucalyptus grandis Hill Ex. Maiden**. Curitiba/PR, 2002. 179f. Tese (Doutorado em Ciencias Florestais). Universidade Federal do Paraná.

SILVA, J.R.M. et al. **Afiação de ferramentas para o setor madeireiro**. Lavras: UFLA/DCF, 1996. 37p.

SILVA, J.R.M. et al. Preparação de superfície de madeira e derivados para receber acabamento. Boletim Agropercuário. **Lavras**, v.28, p.05-26, 1999. (Boletim Técnico).

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

WATAI, L.T. **Tecnologia básica em acabamento de madeiras**. São Paulo: IPT, 1995. 103p

WEISSENSTEIN Christov. **Afiação de ferramentas para usinar madeira e seus derivados**. - SENAI/ CETEMO Bento Gonçalves, Brasil - 1997, 370p

283EF24OP – Preservação da Madeira





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

EMENTA	Carga Horária: 45h	Crédito: 3
Durabilidade natural da madeira. Teste de eficiência e avaliação de durabilidade natural. Avaliação de umidade. Processos e equipamentos de secagem. Classificação e avaliação da madeira seca. Controle de qualidade. Agentes de degradação da madeira. Tipos e sistemas preservativos. Métodos com pressão e sem pressão. Tratamentos preservativos de compensados e chapas de composição. Tratamento de retardância do fogo na madeira. Considerações econômicas sobre a secagem e a preservação da madeira.		
REFERÊNCIAS BÁSICAS		
GOODELL, B.; NICHOLAS, D.D.; SCHULTS, T.P. Wood deterioration and preservation: Advances in our changing and World. American Chemical Society, San Diego, California, 2003. 437 p.		
LEPAGE, E.S. Manual de preservação de madeiras. São Paulo, IPT, vol I e II, 1986.		
ALVES, M.V.da.S. Biodegradação e preservação da Madeira. Brasília, IBAMA, Laboratório de produtos florestais, 2002, 40p.		
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES		
CAVALCANTE, M.S. Deterioração biológica e preservação de madeiras. São Paulo, IPT, 1982 (Reimpressão: 1985).		
GALVÃO, A.P.M. Processos práticos para preservar a madeira. Piracicaba, ESALQ, 2.ed., 1975. 29 p.		
SANTINI, E.J. Biodeterioração e preservação da madeira. Santa Maria, UFSM/CEPEF/FATEC, 1988. 125 p.		

284EF24OP – Sensoriamento Remoto Avançado		
EMENTA	Carga Horária: 45h	Crédito: 3
Conceitos de ferramentas avançadas e de uso em geoprocessamento; Modelagem em SIG e suas aplicações ecológicas, ambientais e humanas. Aplicações de lógica fuzzy e regressão linear múltipla. Simulação na área de meio ambiente.		
REFERÊNCIAS BÁSICAS		
CAMPBELL, J. B. Introduction to remote sensing . CRC press, 2015.		
JENSEN, J. R. Remote sensing of the environment : An earth resource perspective. Pearson Education, 2016.		
LILLESAND, T.; KIEFER, R. W.; CHIPMAN, J. Remote sensing and image		





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

interpretation. John Wiley & Sons, 2015.

MATHER, P. M. **Computer processing of remotely sensed images:** An introduction. John Wiley & Sons, 2016.

RICHARDS, J. A.; JIA, X. **Remote sensing digital image analysis:** An introduction. Springer, 2014.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

FOODY, G. M. **Remote sensing of vegetation:** Principles, techniques, and applications. Routledge, 2015.

HUANG, B.; ZHANG, L.; GONG, P. (Eds.). **Remote sensing of impervious surfaces.** CRC press, 2014.

ROSENQVIST, A.; MILNE, A. K.; LUCAS, R. M. (Eds.). **ALOS PALSAR:** A beam data users handbook. Japan Aerospace Exploration Agency, 2011.

285EF24OP - Cadeias Produtivas Florestais

EMENTA

Carga Horária:
45h

Crédito: 3

Introdução a cadeias produtivas de base florestal. Panorama do mercado nacional: silvicultura no Brasil, panorama dos principais mercados de produtos florestais, setores de produtos florestais madeireiros e não madeireiros. O agronegócio florestal brasileiro e as cadeias produtivas florestais na Amazônia.

REFERÊNCIAS BÁSICAS

CHIAVENATO, I. **Planejamento e controle da produção.** 2 ed. São Paulo: Manole, 2008. 152p.

BARROS, A. C.; VERÍSSIMO, A. **A expansão da atividade madeireira na Amazônia: impactos e perspectivas para o desenvolvimento do setor florestal.** Belém: [s.n.], 1996.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

ROMEIRO, A. R.; REYDON, B. P. **Desenvolvimento da agricultura familiar e reabilitação das terras alteradas na Amazônia.** São Paulo, 1998.

BACHA, Carlos J. C. **A dinâmica do desmatamento e do reflorestamento no Brasil.** Tese de Livre Docência, ESALQ/USP, Piracicaba, 1993.

BEATTIE, W. D.; FERREIRA, J. M. **Diagnóstico do subsetor florestal do Brasil.** Análise





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

Financeira e Socioeconômica do Reflorestamento no Brasil. COPLAN/IBDF, Ministério da Agricultura, Brasília, 1978.

286EF24OP – Paisagismo

EMENTA

Carga Horária:
45h

Crédito: 3

Contextualização. Introdução a composição paisagística e plantas ornamentais. Introdução a elaboração de projetos paisagísticos. Planejamento e Implantação de projetos. Manutenção. Avaliação e monitoramento. Paisagismo Rodoviário.

REFERÊNCIAS BÁSICAS

LIRA FILHO, J. A. de; PAIVA, H. N. de; GONÇALVES, W. **Paisagismo: princípios básicos**. Viçosa: Aprenda Fácil, 2012. 166p. (Coleção Jardinagem e paisagismo 1).

LIRA FILHO, J. A. de; PAIVA, H. N. de; GONÇALVES, W. **Paisagismo: elementos de composição e estética**. Viçosa: Aprenda Fácil, 2012. 219p. (Coleção Jardinagem e paisagismo 2).

LIRA FILHO, J. A. de; PAIVA, H. N. de; GONÇALVES, W. **Paisagismo: elaboração de projetos de jardins**. Viçosa: Aprenda Fácil, 2012. 254p. (Coleção Jardinagem e paisagismo 3).

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

GONÇALVES, W.; PAIVA, H. N. de. **Silvicultura urbana: implantação e manejo**. 2 ed. Viçosa, MG: Aprenda Fácil, 2012. 222 p.

GONÇALVES, W.; PAIVA, H. N. de. **Implantação da Arborização Urbana**. Viçosa: Editora UFV. 2013. 53p.

SILVA, A. G. da; GONÇALVES, W.; PAIVA, H. N. de. **Avaliando a arborização urbana**. Viçosa, MG: Aprenda Fácil, 2007. 346 p.

287EF24OP - Ecoturismo

EMENTA

Carga Horária:
45h

Crédito: 3

Ecoturismo: Aspectos históricos e conceituais. Tipologia: ecoturismo ou turismo ecológico; turismo ambiental ou de natureza. Áreas de interesse para o ecoturismo: unidades de conservação. O produto Ecoturístico; Equipamentos e infraestrutura para ecoturismo. O planejamento dos espaços para o ecoturismo. Os impactos ambientais, culturais e sócios





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

econômico do ecoturismo. A participação da população local no ecoturismo. O ecoturismo e seu papel no desenvolvimento da região: Estudos de caso.

REFERÊNCIAS BÁSICAS

FIGUEIREDO, S. (Org.). **O ecoturismo e a questão ambiental na Amazônia**. Belém: UFPA, NAE, 1999.

LINDBERG, K.; HAWKINS, D. (Ed.) **Ecoturismo**: uma guia para planejamento e gestão. 3 ed. São Paulo: Senac, 2001.

RODRIGUES, A. **Ecoturismo no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2005.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

BUENO, C.; PRADO, F.L.; REIFF, F.; VINHA, V. **Ecoturismo Responsável e seus fundamentos**. Technical Books Editora. 2011.

COSTA, Patricia Cortes. **Unidades de Conservação**: Matéria-Prima do Ecoturismo. São Paulo: Aleph, 2002.

PIRES, P.S. **Dimensões do Ecoturismo**. SENAC, São Paulo. 2008. SEABRA, Giovanni. **Ecos do Turismo**. Campinas, SP: Papirus, 2001.

SNUC - **Sistema Nacional de Unidades de Conservação**; Lei 9.985 de 18 de julho de 2000; Ministério do Meio Ambiente.

288EF24OP – Identificação de Madeiras

EMENTA

Carga Horária:
45h

Créditos: 03

Produção de cortes anatômicos e macerados. Montagem de lâminas temporárias. Reconhecimento pelas principais características anatômicas macroscópicas e microscópicas, para identificação das principais espécies madeiras comerciais exóticas e nativas da região amazônica. Uso das chaves dicotômicas, xiloteca e laminário.

REFERÊNCIAS BÁSICAS

BROWNING, B.L. **The chemistry of wood**. Interscience Publishers, New York, 1975, 689 p.

CARLQUIST, S. **Comparative plant anatomy**. New York: Rinehart e Wiston, 2a Ed. 2001. 146p.

COPANT - Descripción de características generales, macroscópicas y microscópicas de la





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

madera angiosperma: dicotiledoneas. Informe COPANT 30:1-019, 1974.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

EVERT, R.F. **Anatonia das plantas de Esau**. Editora Blucher. São Paulo, 2013.

GLÓRIA, B. A, GUERREIRO, S.M. **Anatomia Vegetal**. Editora UFV. Universidade Federal de Viçosa, Viçosa-MG, 2003, 437 p.

GULLICHSEN, J.& PAULAPURO, H. **Papermaking Science and Tecnology** - Forestry Products Chemistry - Book 3 - Structure and chemical composition of wood - TAPPI - PI, Helsinki, Finland, 2000, p. 12-27.

IAWA Committee, 1989- IAWA list of microscopic features for hardwood identification; **IAWA Bulletin n.s.**, Vol. 10(3), 1. P. 221-332.

290EF24OP – Tecnologia de Celulose

EMENTA

Carga Horária:
45h

Créditos: 03

O setor nacional de celulose e papel. Matérias-primas fibrosas. Classificação e caracterização dos processos de polpação. Preparo da madeira para polpação. Os processos alcalinos de polpação. O processo kraft. Processamento da polpa celulósica. Processos de polpação de alto rendimento. Branqueamento da polpa celulósica.

REFERÊNCIAS BÁSICAS

BURGER, M.; RICHTER, H. **Anatomia da Madeira**. Ed. Nobel, 1991. 153 p.

COLODETTE, Jorge Luiz; GOMES Fernando José Borges. **Branqueamento de Polpa Celulósica: Da Produção da Polpa Marrom ao Produto Acabado**. 1ª ed. Viçosa: Editora UFV, 2015. 816 p.

D'ALMEIDA, M. L. O. **Celulose e papel** - Tecnologia da fabricação da pasta celulósica. 2.ed. São Paulo: SENAI-IPT, 1988. 559p.

WASTOWSKI, Arci Dirceu. **Química da Madeira**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Interciência, 2018. 566 p.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

GOMIDE, J. L. **Polpa de celulósica** - química dos processos alcalinos de polpação. Viçosa: Univ. Federal, 1979. 50p.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

GRACE, T. M.; LEOPOLD, B.; MALCOLM, E. W. e KOCUR K, M. J. ed. **Pulp and paper manufacture - volume 5: Alkaline pulping**. 3.ed. Atlanta: Tappi Press, 1989. 637p.

GULLICHSEN, I. e PAULAPURO, H., Ed. **chemical pulping**. Helsint: Fapet Oi, 1999. 693p.

ILVESSALO-PFAFFLI, M. S. **Filer atlas identification of papermaking filcers**. New York: SpringerVerlag, 1995. 400p.

KENNEDY, J. F. **Celulose and its derivatives**. John Wiley & Sons, 1995. 551p. SIXTA, H. ed. **Handbook of pulp**. Wiley. VCH, Weinheim, Germany. 2006. 608 p.

291EF24OP – Energia da Madeira		
EMENTA	Carga Horária: 45 h	Créditos:03
O estudo da madeira como fonte de energia, a combustão, a carbonização da madeira, a qualidade da madeira para a produção de bioenergia, poder calorífico da madeira e carvão vegetal, conversão energética da madeira e carvão vegetal, sistemas ou processos de produção de carvão vegetal, o sistema contínuo de carbonização, a avaliação energética da biomassa.		
REFERÊNCIAS BÁSICAS		
ASSIS, C.O. Sistema alternativo para carbonização de madeira . Lavras, UFLA, 2007. 48 p. (Dissertação de Mestrado - Universidade Federal de Lavras, 2007).		
BRAND, M.A. Energia de biomassa florestal . Rio de Janeiro, Ed. Interciência, 2010. 131 p.		
SANTOS, R.C. DOS. Parâmetros de qualidade da madeira e do carvão vegetal de clones de eucalipto . Lavras, UFLA, 2010. 159 p. (Tese de doutorado).		
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES		
FUNDAÇÃO CENTRO TECNOLÓGICO DE MINAS GERAIS/CETEC. Produção e utilização de carvão vegetal . Belo Horizonte, 1982. 393 p. (Série de Pub. Técnicas).		
FUNDAÇÃO CENTRO TECNOLÓGICO DE MINAS GERAIS/CETEC. Manual de construção e operação de fornos de carbonização . Belo Horizonte, 1982. 55 p. (Série de Pub. Técnicas).		
FUNDAÇÃO CENTRO TECNOLÓGICO DE MINAS GERAIS/CETEC. Carvão vegetal: destilação, carvoejamento, propriedades e controle de qualidade . Belo Horizonte, 1982. 173		





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

p. (Série de Pub. Técnicas).

FUNDAÇÃO CENTRO TECNOLÓGICO DE MINAS GERAIS/CETEC. **Uso da madeira para fins energéticos**. Belo Horizonte, 1980. 158 p. (Série de Pub. Técnicas).

FUNDAÇÃO CENTRO TECNOLÓGICO DE MINAS GERAIS/CETEC. **Gaseificação de madeira e carvão vegetal**. Belo Horizonte, 1981. 131 p. (Série de Pub. Técnicas).

TRUGILHO, P.F. **Aplicação de algumas técnicas multivariadas na avaliação da qualidade da madeira e do carvão vegetal de Eucalyptus**. Viçosa, MG, UFV, 1995. 160 p. (Tese DS).

MINISTÉRIO DE MINAS E ENERGIA/MME. **Balanco energético nacional**. Brasília, <https://ben.epe.gov.br/>.

MORRISON, R. & BOYD, R. **Química Orgânica**. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa, 1996. 1510 p.

292EF24OP – Utilização de Resíduos Florestais para Bioenergia

EMENTA	Carga Horária: 45h	Créditos:03
Extrativos de Essências Florestais. Floresta como fornecedora de Recurso Energético. Geração de Energia Primária e Secundária. Química da biomassa: Constituição química da biomassa. Preparo da biomassa para análise química. Determinação do teor de extrativos através da solubilização em água quente, água fria, álcool/benzeno e NaOH 1%. Determinação do teor de celulose, hemicelulose, lignina, tanino, pentosanas e cinzas; Gaseificação da biomassa e Carvão Vegetal. Hidrólise ou Sacarificação da biomassa; produção de metanol e de etanol. Planejamento de Implantação de Indústria de Carvão, Alcool e outros. Densificação da biomassa para fins energéticos. Biocombustíveis.		
REFERÊNCIAS BÁSICAS		
ASSIS, C.O. Sistema alternativo para carbonização de madeira . Lavras, UFLA, 2007.48 p. (Dissertação de Mestrado - Universidade Federal de Lavras, 2007).		
BRANCO, SM. Energia e meio ambiente . São Paulo: Editora Moderna, 96p. 3a ed. 1990.		
BRAND, M.A. Energia de biomassa florestal . Rio de Janeiro, Ed. Interciência, 2010. 131 p.		
BRITO, J.O. Princípios de Produção e Utilização de Carvão Vegetal de Madeira . Piracicaba. ESALQ, Documentos Florestais (9):1-19, mai. 1990.		





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

FONTES, PJP.;QUIRINO, WF.;OKINO, EYA. **Aspectos técnicos da briquetagem do carvão vegetal**- Brasília: IBAMA, 1989. 14p

SANTOS, R.C. DOS. **Parâmetros de qualidade da madeira e do carvão vegetal de clones de eucalipto**. Lavras, UFLA, 2010. 159 p. (Tese de doutorado).

SILVA, DA. BRITO, JO. **Qualidade do carvão vegetal de madeiras amazônicas**. Acta Amazônica, 19 (u):525-530. 1989.

VASCONCELLOS, G. F. **Biomassa**: a eterna energia do futuro. S. Paulo: SENAC, (Série Ponto Futuro, 9) 2002.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

FUNDAÇÃO CENTRO TECNOLÓGICO DE MINAS GERAIS/CETEC. **Produção e utilização de carvão vegetal**. Belo Horizonte, 1982. 393 p. (Série de Pub. Técnicas).

FUNDAÇÃO CENTRO TECNOLÓGICO DE MINAS GERAIS/CETEC. **Manual de construção e operação de fornos de carbonização**. Belo Horizonte, 1982. 55 p. (Série de Pub. Técnicas).

FUNDAÇÃO CENTRO TECNOLÓGICO DE MINAS GERAIS/CETEC. **Carvão vegetal**: destilação, carvoejamento, propriedades e controle de qualidade. Belo Horizonte, 1982. 173 p. (Série de Pub. Técnicas).

FUNDAÇÃO CENTRO TECNOLÓGICO DE MINAS GERAIS/CETEC. **Uso da madeira para fins energéticos**. Belo Horizonte, 1980. 158 p. (Série de Pub. Técnicas).

FUNDAÇÃO CENTRO TECNOLÓGICO DE MINAS GERAIS/CETEC. **Gaseificação de madeira e carvão vegetal**. Belo Horizonte, 1981. 131 p. (Série de Pub. Técnicas).

TRUGILHO, P.F. **Aplicação de algumas técnicas multivariadas na avaliação da qualidade da madeira e do carvão vegetal de Eucalyptus**. Viçosa, MG, UFV, 1995. 160 p. (Tese DS)

MINISTÉRIO DE MINAS E ENERGIA/MME. **Balanco energético nacional**. Brasília, <https://ben.epe.gov.br/>.

293EF24OP - Gestão de Pequenos e Médios Empreendimentos Florestais

EMENTA	Carga Horária: 45h	Crédito: 3
---------------	------------------------------	-------------------





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

Conceitos. Papel e a importância dos pequenos e médios empreendimentos florestais (PMEs). Desenvolvimento dos PMEs florestais. Sistemas de apoio aos PMEs florestais. Levantamento do perfil de um empreendedor. Identificação de oportunidades de negócios. Composição de empresas. Procedimentos para criação de empresas florestais. Legislação pertinente e gerenciamento de empresas florestais. Formatação de planilhas de custos. Tópicos sobre comercialização. Estudo de caso.

REFERÊNCIAS BÁSICAS

DRUCKER, Peter Ferdinand. **Inovação e espírito empreendedor (entrepreneurship): prática e princípios**. São Paulo: Cengage Learning, 1986. 378 p.

DOLABELA, Fernando. **Oficina do empreendedor**. 1.ed., 6. Reimpr. São Paulo: Cultura, 2003. 275 p.

HISRIC, Robert D.; PETERS, Michael P; SHEPHERD, Dean A. **Empreendedorismo**. Porto Alegre: Bookman, 2009. 662 p. ISBN 9788577803460 (boch).

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

ACKOFF, R. **Gerência em pequenas doses**. Rio de Janeiro: Campus, 1995. 142p.

DEGEN, R. J. **O empreendedor: fundamentos da iniciativa empresarial**. São Paulo: Makron Books, 1989. 368p.

SCHELL, Jr. **Guia para gerenciar pequenas empresas**. Rio de Janeiro: Campus, 1995. 226p.

294EF24OP – Fertilizantes

EMENTA	Carga Horária: 45h	Crédito: 3
A Indústria de Fertilizantes. Fertilizantes Nitrogenados. Fertilizantes Fosfatados. Fertilizantes Potássicos. Granulação e Misturas de Fertilizantes NPK. Micronutrientes. Fertilizantes Orgânicos e Organominerais. Legislação de Fertilizantes. Questões Ambientais no Setor de Fertilizantes. Viagem Técnica.		

REFERÊNCIAS BÁSICAS

CESINSKI, E. (Coordenador), CALMANOVICI, C.E., BICHARA, J.M., GIULIETTI, M.,

CASTRO, M.L.M.M., SILVEIRA, P.B.M., PRESSINOTTI, Q.S.H.C. & GUARDANI, R. **Tecnologia de Produção de Fertilizantes**. Instituto de Pesquisas Tecnológicas. (Publicação IPT nº 1816). 1990. 237p

VITTI, G.C. & BOARETTO, A.E. **Fertilizantes fluidos**. Associação Brasileira para





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

Pesquisa da Potassa e do Fosfato - POTAFOS. 1994. 343p

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

CANTARUTTI, R.B. & NEVES, J.CL. (eds.) **Fertilidade do Solo**. Sociedade Brasileira de Ciência do Solo. Viçosa, MG. 2007. 1.017p.

FRANCIS, T. NIELSSON. **Manual of fertilizer processing**. Marcel Dekker, 1987. 525p.

NOVAIS, R.F., ALAREZ V., V.H., BARROS, N.F., FONTES, R.L.F., UNIDO INDUSTRIAL DEVELOPMENT ORGANIZATION. **Fertilizer Manual**. 3rd edition. Springer. 1998. 615p.

295EF24OP – Biologia e Controle de Formigas Cortadeiras

EMENTA

Carga Horária:
45h

Crédito: 3

Caracterização morfológica e taxonômica de espécies da Tribo Attini. Organização social das cortadeiras. Comunicação química nas colônias. Forrageamento. Controle.

REFERÊNCIAS BÁSICAS

CEDENO-LEON, A. **Los bachacos**: aspectos de su ecologia. Venezuela: Acta Cientifica Venezuelana, 1984. 73p.

DELLA LUCIA, T.M.C. (ed.). **As formigas cortadeiras**. Viçosa: Ed. Folha de Viçosa, 1993. 262p.

DIEHL-FLEIG, E. **Formigas** - Organização social e ecologia comportamental. São Leopoldo: Editora Unisinos, 1995. 166p.

FOWLER, H.G. **Organização social em formigas**. Etologia, 5:235-247. 1988.

FOWLER, H.G.; FORTI, L.C.; BRANDÃO, C.R.F.; DELABIE, J.; VASCONSELOS, H.L. **Ecologia nutricional de formigas**. In: PANIZZI, A.P. & PARRA, J.R.P. (eds.) Ecologia nutricional dos insetos. São Paulo: Manole, 1991. p.131-223.

GONÇALVES, C.R. **O gênero Acromyrmex no Brasil (Hymenoptera: Formicidae)**. Studia Entomologica, 4(1-4): 113-180. 1961.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

HOLDOBLER, B. & WILSON, E.O. **The ants**. Cambridge: Harvard University Press, 1990. 733p.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

MARICONI, F.A.M. **As saúvas**. São Paulo: Agronômica Ceres, 1970. 167p.

MAYHÊ-NUNES, A.J. **Estudo de Acromyrmex (Hymenoptera: Formicidae) com ocorrência constatada no Brasil**: Subsídios para uma análise filogenética. Viçosa: Tese de mestrado, UFV, 1991. 122p.

PACHECO, P. & BERTI FILHO, E. (eds.). **Formigas cortadeiras e seu controle**. Piracicaba: EPEF. GTFC, 1987. 152p.

VANDERMEER, R.K.; JAFFÉ, K.; CEDENO, A. (eds.). **Applied myrmecology: a world perspective**. Boulder, Westview Press, 1990. 741p.

WILSON, E.O. **The insect societies**. Cambridge: Harvard University Press, 1973. 548p.

296EF24OP – Análise de Dados Espaciais

EMENTA

Carga Horária:
45h

Crédito: 3

Princípios e elementos de Estatística Espacial e Geoestatística. Análise e interpretação de medidas de centralidade e dispersão espacial de pontos. Avaliação de densidades de pontos: modelo de Kernel. Indicadores de correlação espacial global e local. Regressão espacial. Métodos de interpolação.

REFERÊNCIAS BÁSICAS

ANSELIN, L.; REY, S. J. **Modern spatial econometrics in practice: A guide to GeoDa, GeoDaSpace and PySAL**. GeoDa Press LLC, 2014.

CÂMARA, G.; MONTEIRO, A. M. V.; MEDEIROS, R. B. (Org.). **Análise espacial de dados geográficos**. INPE, 2001.

LONGLEY, P. A.; GOODCHILD, M. F.; MAGUIRE, D. J.; RHIND, D. W. **Geographical information systems and science**. John Wiley & Sons, 2015.

LUCAS, H. C. (Ed.). **Land use and land cover mapping in Europe: Practices & trends**. Institute for Environment and Sustainability, 2014.

O'SULLIVAN, D.; UNWIN, D. J. **Geographic information analysis**. John Wiley & Sons, 2014.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

GETIS, A.; ORD, J. K. **The analysis of spatial association by use of distance statistics**. Geographical Analysis, v. 24, n. 3, p. 189-206, 1992.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

KARPOUZAS, G. K. et al. (Eds.). **Handbook of research on methods and tools for assessing cultural landscape adaptation**: Emerging research and opportunities. IGI Global, 2019.

WHITE, R.; ENGELN-MADDEN, J. **Spatial analysis**: A guide for ecologists. Cambridge University Press, 2014.

297EF24OP – Nanotecnologia Aplicada à Ciência Florestal		
EMENTA	Carga Horária: 45h	Créditos: 3
A disciplina tem como objetivo fornecer uma visão abrangente e interdisciplinar sobre o tema nanotecnologia aplicada a obtenção de nanomateriais e desenvolvimento de nanoprodutos derivados da madeira. O conteúdo programático desta disciplina aborda uma introdução aos nanomateriais e a nanotecnologia, de modo a dar uma visão abrangente sobre este tema que representa o avanço mais recente na área de Ciência e Engenharia de Materiais; incluindo os métodos de preparação e caracterização de nanomateriais (principalmente os oriundos da madeira) por técnicas tais como difração de raios-X, microscopias eletrônicas, entre outras.		
REFERÊNCIAS BÁSICAS		
TOMA, HENRIQUE E. O mundo nanométrico : a dimensão do novo século, Oficina de Textos, 2004.		
TOMA, HENRIQUE E.; ARAKI, K. O gigantesco e promissor mundo do muito pequeno , Ciência Hoje, 37 (2005) 20 e demais artigos do vol. 37.		
OKSMAN, K.; SAIN, M. (Ed.). Cellulose nanocomposites : processing, characterization and properties. Washington DC: American Chemical Society, 2006. 256p. (ACS Symposium Series, 938). Sponsored by the ACS division of cellulose and renewable materials.		
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES		
DIAS, Matheus Cordasso. Alkaline pre-treatments and different parameters as facilitators for obtaining cellulose nanofibrils / Matheus Cordasso Dias. - 2017. 62 p.:il.		
DIAS, M. C. et al. Influence of hemicellulose content of Eucalyptus and Pinus fibers on the grinding process for obtaining cellulose micro/nanofibrils. Holzforschung , [S.l.], v. 73, n. 11. 2019.		
DIAS, M. C. et al. Eco-friendly laccase and cellulase enzymes pretreatment for optimized production of high content lignin-cellulose nanofibrils. International Journal of Biological Macromolecules , [S.l.], v. 209, Part A, p. 413-425, June 2022.		





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

DIAS, M. C. et al. Influence of hemicellulose content and cellulose crystal change on cellulose nanofibers properties. **International Journal of Biological Macromolecules**, [S.l.], v. 213, p. 780-790, July 2022. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.ijbiomac.2022.06.012>.

MOULIN, J. C. et al. Evaluation of changes in cellulose micro/nanofibrils structure under chemical and enzymatic pre-treatments. **Holzforschung**, [S.l.], 2021.

OZIN, GEOFFREY A.; ARSENAULT, ANDRE C. **Nanochemistry: A Chemical Approach to Nanomaterials**, RSC Publishing, 2005.

RAO, C. N. R.; MULLER, A.; CHEETAM, A. K. (Ed.). **The chemistry of nanomaterials: synthesis, properties and applications** in 2 volumes. Weinheim: Wiley-VCH, 2004.

SCATOLINO, M. V. et al. Tannin-stabilized silver nanoparticles and citric acid added associated to cellulose nanofibrils: effect on film antimicrobial properties. **SN Applied Sciences**, [S.l.], v. 1, DOI: <https://doi.org/10.1007/s42452-019-1289-3>.

THEODORE, L.; KUNZ, R. G. **Nanotechnology: environmental implications and solutions**. Hoboken, NJ: John Wiley, 2005. 378 p.

ZIDANES, U. L. et al. Preparation and characterization of tannin-based adhesives reinforced with cellulose nanofibrils for wood bonding. **Holzforschung**, [S. l.], v. 75, n. 2, p. 159-167, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1515/hf-2020-0033>.

298EF24OP – Caracterização de Materiais

EMENTA	Carga Horária: 45 h	Créditos: 3
A disciplina tem como objetivo possibilitar o conhecimento de diferentes técnicas de caracterização de materiais por meio da apresentação de seus conceitos fundamentais, diferentes aplicações e eventuais limitações. São abordadas as técnicas de difração de raios X, microscopia óptica, microscopia eletrônica de varredura, microscopia eletrônica de transmissão, espectroscopia no ultravioleta-visível, técnicas de análise térmica (TG, DTA e DSC) e caracterização mecânica por métodos destrutivos e não-destrutivos.		
REFERÊNCIAS BÁSICAS		
ASHCROFT, Neil W.; MERMIN, N. David. Física do estado sólido . São Paulo, SP: Cengage Learning, 2011. 870 p.		
CALLISTER Jr.; W. D.; RETHWISCH, D. G. Ciência e Engenharia de Materiais - Uma Introdução . São Paulo, LTC, 2020. 864 p.		
CANEVAROLO JR., SEBASTIÃO V. Técnicas de Caracterização de Polímeros ,		





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

Artliber- ABPol - São Paulo, 2004.

CANEVAROLO JR., SEBASTIÃO V. **Ciência dos Polímeros**. 3ª ed., editora Artliber-ABPol São Paulo, 2010. 280 p.

GOLDSTEIN, Joseph et al. **Scanning electron microscopy and x-ray microanalysis**. 3rd ed. New York, NY: Springer-Verlag, 2003. ISBN 9780306472923.

MOTHÉ, Cheila Gonçalves; AZEVEDO, Aline Damico de. **Análise térmica de materiais**. São Paulo, SP: Artliber, 2009. 324 p.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

ATKINS, P. W.; DE PAULA, Julio. **Atkins físico-química**. 9. ed. Rio de Janeiro, RJ: LTC, 2013. v. 2.

CULLITY, B. D.; STOCK, Stuart R. **Elements of X-ray diffraction**. 3rd ed. Upper Saddle River, NJ: Prentice Hall, 2001.

FARINA, Marcos. **Uma introdução à microscopia eletrônica de transmissão**. São Paulo, SP: Livraria da Física, 2010. 161 p. (Coleção tópicos em física).

MANNHEIMER, Walter A. **Microscopia dos materiais: uma introdução**. Rio de Janeiro, RJ: E-papers, 2002.

MURPHY, Douglas B.; DAVIDSON, Michael W. **Fundamentals of light microscopy and electronic imaging**. 2nd ed. Hoboken, NJ: Wiley-Blackwell, 2013. 538 p.

300EF24OP – Ética e Legislação Profissional

EMENTA	Carga Horária: 45h	Crédito: 3
--------	-----------------------	------------

Valores. A Moral e seu caráter histórico-social. Ética. Fundamentação dos princípios éticos. Ética empresarial, trabalhista e política. Reflexão sobre a conduta moral de cada profissional. Legislação Profissional: o Sistema CONFEA/CREAS. Código de Ética Profissional e o processo ético disciplinar.

REFERÊNCIAS BÁSICAS

CONFEA. **Código de Ética Profissional da Engenharia, da Agronomia, da Geologia, da Geografia e da Meteorologia**. Brasília: CONFEA, 2019. Disponível em:
https://www.confea.org.br/sites/default/files/uploads/10edicao_codigo_de_etica_2018.pdf

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

NALINI, José Renato. **Ética geral e profissional**. 5. ed. São Paulo : Thomson Reuters Brasil, 2020.

SROUR, Robert Henry. **Ética empresarial**. 4. ed. - Rio de Janeiro : Elsevier, 2013.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

CONFEA. **Resolução nº 1.002**. Brasília, 26 de novembro de 2002.

CONFEA. **Resolução nº 1.004**. Brasília, 27 de junho de 2003.

CREA-CE. **O sistema CONFEA/CREA ao alcance de todos**. Fortaleza: CREA-CE, 2018.
Disponível em: https://www.creace.org.br/download/publicacao/Cartilha_confea-crea.pdf

VASQUEZ, Adolfo Sanchez. **Ética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990.

301EF24OP – Certificação Florestal		
EMENTA	Carga Horária: 45h	Crédito: 5
Introdução à Certificação Florestal: conceitos, histórico e fundamentos. Os sistemas de certificação florestal: FSC e PEFC-Cerflor. Importância e benefícios da certificação florestal: demanda do consumidor; acesso a novos mercados; demandas de investidores, doadores ou seguradoras; alcance de objetivos gerenciais. Certificação de manejo florestal e Certificação de cadeia de custódia. O Processo de Certificação. Solicitação de proposta: a escolha do organismo de certificação. Pré-avaliação: a visita inicial, Corrigindo os desvios, Consulta às partes interessadas, Avaliação principal. Relatório e revisão pelos pares. Certificação e monitoramento.		
REFERÊNCIAS BÁSICAS		
ABNT. ABNT NBR 15789 de 28 de março de 2024 . Manejo florestal sustentável – princípio, critérios e indicadores para florestas nativas.		
ABNT. ABNT NBR 14790 de 8 de outubro de 2021 . Cadeia de custódia de produtos de base florestal - Requisitos.		
BARBIERI, J. C. Gestão ambiental empresarial : conceitos, modelos e instrumentos. São Paulo: Saraiva, 2016.		
FSC. Certificação de cadeia de custódia . FSC-STD-40-004 V3-01 PT de 14 de janeiro de 2021.		





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

FSC. Padrão de certificação do FSC para Manejo Florestal em Terra Firme na Amazônia Brasileira. FSC-STD-BRA-01-2001 V1-1 PT de junho de 2015.

MOREIRA, M. S. **Estratégia e implantação de sistema de gestão ambiental modelo ISO 14000.** Belo Horizonte; Editora de Desenvolvimento Gerencial, 2001.

VIANA, Virgílio M. (Org.). **Certificação florestal.** São Paulo : Conselho Nacional da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, 2002.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

GTNA, FASE NACIONAL & IMAZON. Seminário Certificação Florestal e Movimentos Sociais na Amazônia. In: **Anais do Seminário de Certificação Florestal e Movimentos Sociais na Amazônia.** Belém, 2002, 56p.

IMAFLOA, 2004. **Manual de certificação do Manejo Florestal no Sistema do Forest Stewardship council FSC.** Piracicaba, 2004. 71p.

IMAFLOA. **Brasil certificado:** a história da certificação florestal no Brasil. Piracicaba, SP: Imaflora, 2005

JACOVINE, Laércio Antônio Gonçalves et al. Processo de implementação da certificação florestal nas empresas moveleiras nacionais. **R. Árvore**, Viçosa-MG, v.30, n.6, p.961-968, 2006.

302EF24OP – Legislação Ambiental

EMENTA	Carga Horária:	Crédito: 3
	45h	

Raízes do ambientalismo e principais atos internacionais (convenções e tratados). A Constituição Federal e o meio ambiente: conceito, objeto, fontes, classificação do meio ambiente, princípios de direito ambiental, competência legislativa e material sobre meio ambiente, responsabilidades por dano ambiental (civil, administrativa e penal). A Política nacional do meio ambiente: instrumentos e o Sistema Nacional do Meio Ambiente (SISNAMA). A Política estadual do meio ambiente. Política Nacional de Recursos Hídricos. Legislações específicas e correlatas sobre a flora. Legislações específicas e correlatas sobre a fauna.

REFERÊNCIAS BÁSICAS

AMADO, F. A. T. **Direito ambiental esquematizado.** Rio de Janeiro: Forense (última edição).

CARVALHO, E. F. **Direito humano ao ambiente ecologicamente equilibrado.** Curitiba:





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

Juruá, (última edição).

MACHADO, P. A. L. **Direito ambiental brasileiro**. São Paulo: Malheiros (última edição).

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

ANTUNES, P. B. **Direito ambiental**. Rio de Janeiro: Atlas (última edição).

FIORILLO, C. A. P. **Curso de direito ambiental brasileiro**. São Paulo: RT (última edição).

MILARE, E. **Direito do ambiente**. São Paulo: RT (última edição).

303EF24OP - Empreendedorismo

EMENTA

Carga Horária:

45 h

Crédito: 3

Empreendedorismo: perfil e características. Inovação e criatividade. Identificação, Análise e Seleção de oportunidades de negócios. Preparação do Plano de negócio. Sistema de apoio financeiro e gerencial ao pequeno empresário. Criação e desenvolvimento de Startups.

REFERÊNCIAS BÁSICAS

BLANK, S.; DORF, B. **Startup: manual do empreendedor. Um guia passo a passo para construir uma grande empresa**. Altabooks editora, 2014.

DORNELAS, J. C. A. **Empreendedorismo: Transformando Idéias em Negócios**. 7.ed. – São Paulo: Empreende, 2018.

DEGEN, Ronald Jean. **O empreendedor: empreender como opção de carreira**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2009.

RIES, Eric. **A Startup Enxuta como os empreendedores atuais utilizam a inovação contínua para criar empresas extremamente bem-sucedidas**. São Paulo: Lua de Papel, 2012.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

DOLABELA, Fernando. **A Vez do Sonho**. 5ª ed. São Paulo: Cultura Editores Associados, 2004.

DRUCKER, P.F. **Inovação e espírito empreendedor**. São Paulo: Pioneira, 1994.

DORNELAS, J. C. A. **Introdução ao empreendedorismo: Desenvolvendo habilidades para fazer acontecer**. 160 p. São Paulo: Empreende, 2018.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

OSTERWALDER, Alexander; PIGNEUR, Yves. **Business Model Generation Inovação em Modelos de Negócios um Manual para Visionários, Inovadores e Revolucionários.**; São Paulo: Alta Books, 2011.

MAXIMIANO, Antônio César Amaru. **Administração para empreendedores: fundamentos da criação e da gestão de novos negócios.** São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2006.

304EF24OP – Projeto em Estrutura de Madeira Assistido por Computador

EMENTA

Carga Horária:
45h

Crédito: 3

Conceitos básicos de computação gráfica, comandos e funções do software AutoCAD na elaboração de projetos (residenciais, estrutural como vigas, pilares, treliças, pórticos, ligações e emendas, esquadrias, moveis e pequenos objetos) em estruturas de madeira, através de metodologia de desenvolvimento de projetos em sistemas assistidos por computador. Criação, manipulação, armazenamento e impressão de desenhos bidimensionais em estrutura de madeira. Estudo e aplicação prática dos comandos complementares do AutoCAD, utilizados para finalização e acabamento dos projetos em estruturas de madeira.

REFERÊNCIAS BÁSICAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS ABNT. **Projeto de estruturas de madeira - NBR 7190.** Rio de Janeiro: A.B.N.T., 107p.

CARVALHO, M. A. **Construções de madeira.** Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1968. 200p.

GIESECKE, F. E. **Comunicação gráfica moderna.** Porto Alegre. Editora Bookman, 2002.

PFEIL, W. **Estruturas de madeira.** Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S/A, 2003. 223p.

VENDITTI, Marcus Vinicius dos Reis. **Desenho técnico sem prancheta com autoCAD** 2010. Visual Books, 346p. 2010

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

FERREIRA, P. **Desenho de Arquitetura.** Editora Ao Livro Técnico. Rio de Janeiro, RJ. 2001.

FRENCH & VIERCK. **Desenho Técnico e Tecnologia Gráfica.** Editora Globo, 1999.

MONTENEGRO, Gildo A. **Desenho Arquitetônico.** São Paulo. Editora Blucker, 2001.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

PAULA, Marcos Oliveira. **Apostilas: Técnicas de Representações Industriais**. UFES: Alegre, 2009.

306EF24OP – Compósitos Lignocelulósicos

EMENTA

Carga Horária:
45h

Créditos: 3

Mecanismos de adesão; Modificações químicas na superfície da madeira; Adesivos químicos e naturais; Processo de produção de fibras, lâminas, partículas, flocos e outros materiais de reforço para painéis (compensado, MDP, OSB, LVL, PSL, EGP, vigas em I e compósitos plástico-madeira); Materiais lignocelulósicos na confecção de elementos colados; Propriedades físicas e mecânicas de elementos colados; Instrumentos normativos.

REFERÊNCIAS BÁSICAS

ALBUQUERQUE, C. E. C.; LATORRACA, J. V. F. **Influência das características anatômicas da madeira na penetração e adesão de adesivos**. Floresta e Ambiente, v.7, n.1, p.158-166, 2000.

GARDNER, D. J.; BLUMENTRITT, M.; WANG, L.; YILDIRIM, N. **Adhesion Theories in Wood Adhesive Bonding: A Critical Review**. Rev. Adhesion Adhesives, n. 2, p. 127-172. 2014. doi:10.7569/RAA.2014.097304.

NASCIMENTO, M. F.; CHRISTOFORO, A. L.; LAHR, F. A. R. **Painéis de partículas de média densidade: Fabricação e caracterização**. Série didática "Produtos derivados da madeira". São Carlos, SP, 2015. 76p.

PIZZI, A.; MITTAL, K. L. **Handbook of Adhesive Technology**. New York: Marcel Dekker, 2003.

SANTIAGO, S. B.; GONÇALVES, F. G.; PAES, J. B.; LELIS, R. C. C.; VIDAURRE, G. B.; ARANTES, M. D. C. **Condensed tannins extracted from eucalyptus bark waste**. Floresta, v. 49, n. 1, 2019. doi: 10.5380/rev.v49i1.56141.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

Forest Products Laboratory. Wood handbook: **Wood as an engineering material. General Technical Report FPL-GTR-190**. Madison, WI: U.S. Department of Agriculture, Forest Service, Forest Products Laboratory. 2010. 508 p.

GONÇALVES, F. G.; LELIS, R. C. C. **Propriedades de duas resinas sintéticas após adição de tanino modificado**. Floresta e Ambiente, v. 16, n. 2, p. 01-07, 2009.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

KELLY, M. W. **Critical literature review of relationship between processing parameters and physical properties of particleboard**. Gen. Tech. Rep. FPL-10, Madison, WI: USDA Forest Service, Forest Products Laboratory, 1977. 70 p.

SINGH, A. P.; KUMAR, S. **Applications of Tannins in Industry**. In: **Tannins – Structural Properties, Biological Properties and Current Knowledge**. IntechOpen. 19p. 2019. doi:10.5772/intechopen.85984.

8.3 MATRIZ EQUIVALENTE

São destacadas na Tabela 03 a matriz curricular do curso de Engenharia Florestal EF 2015 com as disciplinas equivalentes na nova matriz curricular EF 2024, proposta neste PPC.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

Tabela 03. Matriz de equivalência (2015-2024) do curso de Engenharia Florestal da UEAP, apresentando carga horária semestral em hora aula de 50 minutos (Hora/Aula) e de 60 minutos, conforme hora/SIGAA

Matriz 2015				Matriz 2024				Equivalência
Código	Disciplina	Hora/Aula	Hora/Relógio	Código	Disciplina	Hora/Aula	Hora/Relógio	
001EF15	Cálculo I	80	67	010EF24	Cálculo I	75	63	sim
002EF15	Metodologia Científica	60	50	038EF24	Metodologia Científica e Tecnológica	60	50	sim
003EF15	Química Orgânica	60	50	023EF24	Química Orgânica	45	38	sim
004EF15	Química Geral	80	67	012EF24	Química Geral	45	38	não
005EF15	Introdução à Ciência Florestal	40	33	015EF24	Introdução à Engenharia Florestal	30	25	sim
006EF15	Morfologia e Anatomia Vegetal	60	50	016EF24	Morfologia e Anatomia Vegetal	60	50	sim
008EF15	Álgebra Linear	60	50	011EF24	Álgebra Linear	60	50	sim
009EF15	Cálculo II	80	67	020EF24	Cálculo II	75	63	sim
011EF15	Bioquímica	60	50	025EF24	Bioquímica	60	50	sim
010EF15	Física I	60	50	026EF24	Física I	60	50	sim
013EF15	Zoologia Aplicada	60	50	017EF24	Zoologia Geral	60	50	sim
014EF15	Estatística Aplicada à Ciência Florestal	60	50	024EF24	Estatística Aplicada à Ciência Florestal	60	50	sim
-	Inexistente	-	-	014EF24	Biologia Celular	60	50	não
015EF15	Fisiologia Vegetal	60	50	034EF24	Fisiologia Vegetal	60	50	sim
016EF15	Desenho Técnico	60	50	013EF24	Desenho Técnico	45	38	sim
024EF15	Desenho Técnico Digital	40	33	013EF24	Desenho Técnico	45	38	sim
018EF15	Física II	60	50	030EF24	Física II	60	50	sim
017EF15	Microbiologia Florestal	60	50	021EF24	Microbiologia	60	50	sim
019EF15	Sistemática Vegetal	60	50	022EF24	Sistemática Vegetal	60	50	sim
020EF15	Gênese, Morfologia e Classificação do Solo	60	50	044EF24	Gênese do Solo	60	50	sim
021EF15	Experimentação Florestal I	60	50	037EF24	Experimentação Florestal I	60	50	sim





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

022EF15	Cálculo III	60	50	033EF24	Cálculo III	75	63	sim
023EF15	Ecologia Básica	60	50	036EF24	Ecologia Básica	45	38	sim
025EF15	Genética	60	50	040EF24	Genética Geral	60	50	sim
026EF15	Tecnologia de Sementes Florestais	60	50	056EF24	Tecnologia de Sementes Florestais	60	50	sim
027EF15	Fertilidade do Solo	60	50	066EF24	Fertilidade do Solo e Nutrição de Plantas	60	50	sim
-	Informática Aplicada	60	50	027EF24	Algoritmo e Linguagem de Programação	60	50	não
028EF15	Ecologia Florestal	80	67	041EF24	Ecologia Florestal	60	50	sim
029EF15	Experimentação Florestal II	60	50	042EF24	Experimentação Florestal II	45	38	sim
030EF15	Dendrologia	60	50	031EF24	Dendrologia	60	50	sim
031EF15	Patologia Florestal	60	50	053EF24	Fitopatologia	60	50	sim
032EF15	Física III	60	50	045EF24	Física III	60	50	sim
033EF15	Química da Madeira	60	50	043EF24	Química da Madeira	45	38	sim
034EF15	Entomologia Florestal	60	50	032EF24	Entomologia Geral	60	50	sim
-	Inexistente	-	-	035EF24	Química Analítica Aplicada	60	50	não
035EF15	Anatomia da Madeira	60	50	046EF24	Anatomia, Identificação e Classificação da Madeira	60	50	sim
036EF15	Dendrometria	60	50	054EF24	Dendrometria	60	50	sim
037EF15	Meteorologia e Climatologia	60	50	057EF24	Meteorologia Aplicada a Sistemas Florestais	60	50	sim
038EF15	Viveiros Florestais	60	50	060EF24	Viveiros Florestais	60	50	sim
039EF15	Cartografia e Topografia	80	67	051EF24	Cartografia e Topografia	45	38	não
040EF15	Melhoramento Florestal	60	50	055EF24	Melhoramento e Biotecnologia Florestal	60	50	sim
041EF15	Crescimento e Produção Florestal	60	50	061EF24	Crescimento e Produção Florestal	60	50	sim
042EF15	Propriedades Físicas e Mecânicas da Madeira	60	50	052EF24	Propriedades Físicas e Mecânicas da Madeira	60	50	sim
043EF15	Sensoriamento Remoto	60	50	064EF24	Sensoriamento Remoto	60	50	sim





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

044EF15	Manejo Integrado de Pragas	60	50	065EF24	Manejo Integrado de Pragas	60	50	sim
045EF15	Sociologia e Extensão Rural	60	50	086EF24	Extensão Florestal	45	38	sim
047EF15	Inventário Florestal	80	67	070EF24	Inventário Florestal	60	50	sim
048EF15	Recuperação de Áreas Degradadas	60	50	102EF24	Recuperação de Áreas Degradadas	60	50	sim
049EF15	Estrutura da Madeira	60	50	072EF24	Construções de Madeira	60	50	sim
050EF15	Manejo de Bacias Hidrográficas	60	50	073EF24	Manejo de Bacias Hidrográficas	45	38	sim
-	Ciência do solo	80	67	050EF24	Constituição, Propriedades e Classificação de Solos	60	50	não
051EF15	Geoprocessamento Aplicado aos Recursos Naturais	80	67	075EF24	S.I.G. Aplicado à Engenharia Florestal	60	50	sim
052EF15	Silvicultura Tropical	60	50	074EF24	Silvicultura Tropical	60	50	sim
053EF15	Manejo de Florestas Plantadas	60	50	080EF24	Manejo de Florestas Plantadas	60	50	sim
054EF15	Tecnologia de Produtos Florestais Madeireiros I	60	50	062EF24	Tecnologia de Produtos Florestais Madeireiros I	60	50	sim
055EF15	Construções Rurais	60	50	072EF24	Construções de Madeira	60	50	sim
056EF15	Práticas Silviculturais	40	33	082EF24	Práticas Silviculturais	45	38	sim
057EF15	Economia Florestal	60	50	083EF24	Economia Florestal	60	50	sim
059EF15	Proteção Florestal	60	50	047EF24	Proteção contra Incêndios Florestais	45	38	sim
060EF15	Mecanização e Exploração Florestal	60	50	091EF24	Mecanização e Exploração Florestal	60	50	sim
061EF15	Pesquisa Operacional para Fins Florestais	60	50	092EF24	Pesquisa Operacional para Fins Florestais	60	50	sim
062EF15	Legislação Ambiental e Florestal	60	50	093EF24	Política e Legislação Florestal	60	50	sim
-	Inexistente	-	-	063EF24	Ciência dos Materiais	60	50	não
063EF15	Tecnologia de Produtos Florestais Madeireiros II	80	67	071EF24	Tecnologia de Produtos Florestais Madeireiros II	60	50	sim
065EF15	Silvicultura Urbana	60	50	101EF24	Silvicultura Urbana	60	50	sim
066EF15	Trabalho de Conclusão de Curso I	60	50	160EF24	Trabalho de Conclusão de Curso I	30	25	não





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

067EF15	Tecnologia de Produtos Florestais Madeireiros III	60	50	085EF24	Tecnologia de Produtos Florestais Madeireiros III	60	50	sim
069EF15	Sistemas Agroflorestais	60	50	100EF24	Sistemas Agroflorestais	60	50	sim
070EF15	Planejamento e Administração Florestal	60	50	090EF24	Planejamento e Administração Florestal	60	50	sim
071EF15	Manejo de Florestas Tropicais	80	67	081EF24	Manejo de Florestas Tropicais	60	50	sim
072EF15	Trabalho de Conclusão de Curso II	60	50	161EF24	Trabalho de Conclusão de Curso II	30	25	não
073EF15	Estágio Supervisionado Obrigatório	200	167	170EF24	Estágio Supervisionado Obrigatório I	80	80	sim
				171EF24	Estágio Supervisionado Obrigatório II	80	80	sim
-	Inexistente	-	-	084EF24	Proteção contra Pragas em Plantios Florestais	30	25	não

* As disciplinas em que não há equivalência com a Matriz nova (disciplinas obrigatórias), estas serão ofertadas de acordo com a demanda e CH de docente até a extinção completa da matriz antiga, ou podendo ainda, ser ofertada se estiver no rol das disciplinas optativas.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

9 A EDUCAÇÃO INCLUSIVA

A Declaração de Direitos Humanos menciona em seu artigo XXVI que toda pessoa tem direito a educação, e a Constituição Federal de 1988, artigo 205 trata que a educação é direito de todos e dever do Estado e visa o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

A educação, conforme o Estatuto da Pessoa com Deficiência, constitui direito da pessoa com deficiência e é dever do Estado, da família, da comunidade escolar e da sociedade assegurar educação de qualidade. Desse modo, incumbe ao poder público assegurar um sistema educacional inclusivo, garantindo as condições de acesso, permanência, participação e aprendizagem dos acadêmicos com deficiência.

A inclusão é mais do que pensar nas dificuldades aparentes dos alunos, é garantir que o aluno com deficiência tenha acesso às salas de aula ou que seja estimulado a construir uma relação amistosa com os colegas. Incluir é dar direitos iguais a todos independentemente de cor, religião, sexo, idade, raça e deficiência, proporcionando as mesmas condições de uma vida digna e justa. Para que a inclusão aconteça, é primordial que se promova um ensino em que os conteúdos tenham sentido para o aluno, além disso o cuidado com a experiência sensorial faz toda a diferença. Logo, é necessário um tratamento diversificado que explore todo o potencial dos educandos e respeite os seus limites.

9.1 UNIDADE DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA – UEI

Os acadêmicos do curso de Engenharia Florestal, portadores de alguma deficiência ou que apresentem necessidades especiais, serão atendidos pela Unidade de Educação Inclusiva-UEI. Esta unidade é composta por profissionais com formação específica para proporcionar atendimento adequado às diversas necessidades dos alunos, são eles: Técnico em Apoio Pedagógico/LIBRAS, Técnico Administrativo-Tradutores/Intérpretes de LIBRAS, Técnico de Apoio Pedagógico/Escritor e Leitor de BRAILLE, Assistente Social e Psicólogo.

10 METODOLOGIAS DE ENSINO

Considerando a aprendizagem como um processo integrado onde a pessoa mobiliza intelecto, afetividade e sistema muscular de maneira orgânica, ou seja, como um processo qualitativo que possibilita a sua transformação em um ser melhor, predisposto a novas





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

aprendizagens, propõe-se a adoção de metodologia que desafie o estudante a buscar soluções criativas, transferíveis, generalizáveis a frente uma situação-problema. Isto posto,

compreende-se que o estudante deva ser considerado com a riqueza de suas experiências e que uma situação de aprendizagem é uma relação dinâmica entre um sujeito que aprende e um objeto que é aprendido.

O processo educativo, para chegar a um bom termo deve agir metodologicamente, isto é, por meio de procedimentos didáticos expressos por métodos e técnicas de aprendizagem que possam conduzir o estudante à autonomia, à emancipação intelectual, à construção de competências e habilidades.

Este Projeto pedagógico está centrado na construção/produção do conhecimento, que diverge da transmissão de informações, com isto, será estimulada a redução gradativa das metodologias de explanação para a análise da realidade e reflexão de como a prática acontece e de como poderá ser modificada, ensejando a prática de caráter crítico que possibilite a construção e a reelaboração do conhecimento.

Os docentes podem adotar estratégias diversas como: metodologia da problematização/aprendizagem baseada em problemas (parte da realidade, do estudo de casos/problemas); pesquisa como princípio educativo; temas geradores; seminários; debates; aula expositiva dialogada.

Caberá ao docente coordenar e avaliar o desempenho do grupo de estudantes, revisando o plano de estudos com o grupo tutorial e auxiliando cada estudante a definir objetivos pessoais. Os professores deverão preparar relatórios sobre o progresso do grupo e o um resumo dos desempenhos individuais.

10.1 ACOLHIMENTO E NIVELAMENTO DOS DISCENTES

No que se refere a Sistemática de avaliação e aprendizagem dos discentes existe uma questão de fundo que requer atenção especial. Trata-se do nível de conhecimentos básicos, que os acadêmicos, aprovados nos exames de seleção devem trazer do ensino médio. Sabe-se que existem deficiências quanto a esses conhecimentos.

Por essa razão, os membros do colegiado, ao planejar a recepção dos alunos, deverão elaborar um projeto de nivelamento básico de conhecimentos, incluindo cursos livres que





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

contemplem os conteúdos relacionados as disciplinas que apresentam os maiores índices de reprovação baseado no desempenho das turmas anteriores. Tal projeto deverá apontar:

- Os conteúdos temáticos básicos, absolutamente essenciais, que o acadêmico deverá possuir para cursar a sua disciplina;
- Organizar um programa, de curta duração, para o trabalho de nivelamento desses conhecimentos;
- Fazer a indicação de bibliografia – livros, artigos publicados em revistas indexadas, em “sites” especializados e outras fontes, orientando os acadêmicos na busca desse material.

É necessário entender que essa iniciativa se justifica para assegurar que o ritmo do desenvolvimento do conteúdo programático, no período letivo, flua de acordo com a programação do conteúdo, previsto no planejamento da disciplina e acima de tudo, que se assegure o grau desejado de compreensão e de absorção dos novos conhecimentos pelos acadêmicos.

11 AVALIAÇÃO

A verificação da aprendizagem é o momento de expressivo significado tanto para o acadêmico quanto para a UEAP. Para o acadêmico, significa a oportunidade para avaliar a sua capacidade de compreensão e de assimilação de conhecimentos, bem como de geração de novos conhecimentos. Avalia, portanto, a sua competência de reflexão científica. Para a UEAP significa o momento de avaliar a qualidade das práticas docentes que estão sendo efetivadas sob sua expressão institucional.

Nesse sentido, a verificação da aprendizagem, aliada às várias formas de avaliação institucional, é considerada como instrumento de certificação da qualidade pedagógica do ensino, da pesquisa e da extensão. Exige, portanto, muita atenção e muito cuidado não apenas na escolha dos instrumentos a serem utilizados como no tratamento que se venha dar aos seus resultados, de tal sorte que a instituição como um todo, possa compreender e assumir as implicações desse processo avaliativo.

Considerando que o Projeto Pedagógico Institucional da UEAP foi concebido de acordo com os paradigmas pedagógicos da atualidade e que estes são as referências para o processo de





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

formação do acadêmico, os instrumentos de avaliação desse processo – verificação da aprendizagem – devem possibilitar:

Que o conhecimento adquirido pelo acadêmico ganhe expressividade como avanços e conquistas no campo da aprendizagem.

Que os avanços e as conquistas possam ser identificados e devidamente avaliadas pelo professor à luz dos paradigmas pedagógicos da atualidade.

Na perspectiva da interdisciplinaridade, os instrumentos de verificação da aprendizagem tanto podem ser restritos a uma disciplina em particular quanto ao conjunto de duas ou mais disciplinas de onde devem decorrer as estratégias que a serem escolhidas considerando aquelas que possibilitem ao acadêmico dar visibilidade aos conhecimentos adquiridos. Além da possibilidade de os acadêmicos reforçarem seus conhecimentos e os aplicarem na sociedade na qual a IES está inserida através das atividades de UCEX. Dentre as estratégias que a experiência dos professores saberá escolher, podem-se incluir algumas outras, como:

- Pequenas produções, individuais ou coletivas, apresentadas sob a forma escrita, oral, audiovisual ou outro meio que melhor expressar o conhecimento construído.
- Participação ativa do acadêmico durante as aulas, indagando, questionando e aportando informações e circunstâncias de suas vivências, que tenham relação direta ou indireta com o conteúdo em exposição.
- Trabalhos conclusivos do período letivo, mediante os quais o acadêmico possa demonstrar sua competência, não somente no nível discursivo e analítico, como também no nível experimental e pragmático.

Essas estratégias devem permitir que os acadêmicos sejam avaliados à luz dos traços que compõem o perfil profissional do egresso da UEAP. Nada mais adequado para expressar os traços do perfil profissional do que essas modalidades de produção acadêmica de verificação da aprendizagem, porquanto possibilitem aos acadêmicos exporem seus conhecimentos de forma interdisciplinar, tal como foram expostos no decorrer do período letivo. Essa verificação deverá ser feita em conjunto pelos docentes das disciplinas interligadas.

Os sistemas de verificação da aprendizagem adotados pela UEAP não estarão restritos aos modelos tradicionais de avaliação, como as provas escritas, compostas de perguntas e respostas, geralmente pouco dissertativas, uma vez que não se prestam para pôr em evidência





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

o conhecimento adquirido e, por isso, não condizem com os paradigmas do ensino acadêmico da atualidade adotados pela UEAP.

O processo de avaliação do aluno nas disciplinas será feito no decorrer do semestre letivo, e deverá considerar o mínimo de três avaliações parciais, com valor de 10,0 pontos, podendo ser distribuídas em 01 (uma) produção escrita científica, 01 (uma) atividade prática e 01 (uma) avaliação analítico-discursiva, ou de acordo com as características da disciplina ou de interdisciplinaridade, a critério do docente responsável pela disciplina. O acadêmico que não alcançar os 60% de aproveitamento, assim como frequentar o mínimo de 75% das aulas, será submetido à dependência e, no caso das disciplinas que exigem pré-requisitos, só poderão ser integralizadas após a aprovação da anterior. Tal prerrogativa encontra fundamento nos Artigos 128, 129 e 130 do Regimento Geral da Universidade do Estado do Amapá e Resolução n 325/2018 – CONSU/UEAP.

$$MF = \frac{AP1 + AP2 + AP3}{3}$$

Sendo, AP1 = Avaliação Parcial 1; AP2 = Avaliação Parcial 2; AP3 = Avaliação Parcial 3 e MF = Média Final.

O acadêmico concluirá seu curso de graduação quando integralizar todas as disciplinas dos eixos curriculares, inclusive as dependências, o estágio supervisionado obrigatório, a carga horária das atividades complementares de graduação, as unidades curriculares de extensão e o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de acordo com a regulamentação vigente. O tempo máximo para a composição integral do currículo será de 7,5 (sete e meio) anos. O acadêmico que alcançar este prazo, mesmo que tenha efetivado parte de seus créditos, perderá o direito à sua matriz de origem e deverá ser inserido na matriz vigente. Quanto ao abandono e vagas ociosas, deverá ser seguido o que consta no art. 21 do Regimento Acadêmico da UEAP.

11.2 SISTEMA DE AVALIAÇÃO DO PROJETO DO CURSO

Compreendida como uma atividade permanente e contínua, o sistema de avaliação do Projeto Pedagógico do Curso de Engenharia Florestal da UEAP deverá sistematizar um acompanhamento, momento em que o Núcleo Docente Estruturante (NDE) deverá exercer o papel de assessoria junto ao Colegiado e à Coordenação do Curso. Essa avaliação deverá estar em consonância com o processo de avaliação institucional desenvolvido pelo Sistema Nacional





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

de Avaliação da Educação Superior (SINAES), tanto no que diz respeito à autoavaliação da Instituição, como na avaliação do Curso.

Para avaliação e acompanhamento do Projeto Pedagógico do Curso, o NDE terá papel ativo, conforme suas prerrogativas legais, realizando as avaliações internas e analisando os pontos fracos. Nesse contexto, a avaliação do projeto pedagógico oferecerá subsídios para a tomada de decisões sobre os ajustes e a correção, em tempo hábil, das fragilidades identificadas durante a implantação do novo PPC. Esta avaliação deverá, portanto, cumprir:

- a) Função Pedagógica: para comprovar o cumprimento dos objetivos e das habilidades e competências do Curso;
- b) Função Diagnóstica: para identificar os progressos e as dificuldades dos professores e dos alunos durante o desenvolvimento do Curso;
- c) Função de Controle: para introduzir, em tempo hábil, os ajustes e as correções necessárias à melhoria do Curso.

Os docentes, discentes, técnicos e representantes da sociedade civil serão os instrumentos de avaliação institucional. Os procedimentos da avaliação ocorrerão no fim de cada semestre, quando haverá a análise de dados da autoavaliação do curso (onde serão obtidas informações dos docentes, discentes, disciplinas, coordenação de curso e corpo técnico administrativo) mais os relatórios de disciplinas ministradas, que culminarão na avaliação do cumprimento ou não das proposições do Projeto do Curso. A partir da análise desses resultados, será possível determinar estratégias que visem melhorar a gestão institucional em diferentes aspectos, como as demandas que deverão ser elencadas e apresentadas pela Comissão Própria de Avaliação, bem como ao atendimento e respeito às competências do Colegiado do Curso.

Adicionalmente, a avaliação deverá envolver docentes, discentes e técnicos na realização de reuniões, com a finalidade de inferir e discutir sobre o desempenho do projeto de curso. Isso permitirá que sejam feitos ajustes e planejamento de ações e metas baseadas nos resultados do processo de avaliação. Todas as alterações e sugestões deverão compor um processo de revisão e adequação do projeto pedagógico do curso, que deverá atender às prerrogativas do SINAES – Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior. Assim, caberá ao Colegiado estimular as mudanças e o acompanhamento de alterações e atividades, bem como as exigências quanto às demandas não atendidas, de forma a garantir a melhoria e pleno crescimento do curso de Engenharia Florestal, democraticamente e continuamente.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

Após as análises de dados, será gerado um relatório semestral de avaliação do Colegiado que será apresentado na primeira reunião do semestre seguinte, que de preferência deva ser realizada no início do semestre. As informações geradas, serão utilizadas para planejamento e criação de planos de ação com o intuito de melhorar o funcionamento do Curso de Engenharia Florestal.

11.3 AUTOAVALIAÇÃO DO CURSO

O objetivo geral da autoavaliação do curso é a melhoria do ensino através da identificação de situações favoráveis ou desfavoráveis à execução do PPC de Engenharia Florestal. A autoavaliação será realizada de forma semestral incluindo disciplinas ministradas, corpo docente, coordenação, corpo discente, corpo técnico-administrativo e infraestrutura de apoio as atividades de ensino do curso.

As informações para avaliações das disciplinas, docentes, discentes, coordenação de curso e corpo técnico administrativo serão obtidas semestralmente com o preenchimento de fichas de avaliação, que serão aplicadas na última semana de cada semestre letivo. Durante o preenchimento das fichas serão avaliados, aspectos relacionados aos deveres, conduta e postura dos segmentos supracitados que constituem o colegiado.

Cada disciplina e seu respectivo docente serão avaliados de maneira conjunta pelos discentes. Em relação as disciplinas, serão verificados: apresentação do plano de ensino e seus elementos; se os objetivos apresentados foram alcançados e trabalhados de acordo com o conteúdo ministrado; se as estratégias de ensino facilitam o aprendizado; se os conteúdos da disciplina contribuem para o aprimoramento profissional discente; se houve fatores de interdisciplinaridade; se os critérios de avaliação foram coerentes e se a bibliografia sugerida fornece meios de aprendizagem.

Adicionalmente, serão solicitados os relatórios de conclusão de disciplinas para compor o acervo documental para avaliação delas. Já para avaliação do docente, serão verificados itens como: assiduidade; pontualidade; cumprimento de carga horária; estratégias didáticas para facilitação do aprendizado do aluno; assistência aos discentes, incentivando e promovendo a participação em atividades das disciplinas; estímulo e facilitação à integração dos discentes junto as ações da Universidade.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

No que diz respeito a autoavaliação discente, eles avaliarão aspectos de seu desempenho acadêmico para cada disciplina cursada como: assiduidade; pontualidade; dedicação, participação, postura e conduta durante as atividades da disciplina (dentro e fora de sala de aula) e dificuldades enfrentadas durante o decorrer das disciplinas. Também para avaliação discente, eles serão estimulados a prestar o ENADE - Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes no primeiro ano e último ano de graduação, sendo que, quando isso, ocorrer, a nota do exame também será analisada para compor o conjunto de informações para avaliação discente.

A coordenação do curso também será avaliada semestralmente, por discentes, docentes e técnicos, que da mesma maneira, preencherão uma ficha de avaliação na última semana de cada semestre letivo. Na avaliação da coordenação, serão pontuadas as seguintes atribuições: cumprimento das deliberações do colegiado; planejamento das ações do colegiado; coordenação, supervisão e avaliação das atividades do corpo docente; promoção de condições para a melhoria do processo didático-pedagógico do corpo discente; apresentação de relatório semestral das atividades acadêmicas dos docentes e discentes; registro e certificação das atividades acadêmicas e acompanhamento da frequência e o desenvolvimento das atividades dos docentes no ensino, pesquisa e extensão.

O corpo técnico-administrativo será avaliado por docentes, discentes e coordenação do curso. Para avaliação desse segmento do colegiado serão pontuadas as atribuições gerais deles: execução de atividade técnica de acordo com cargo ocupado; organização, supervisão técnica, assessoramento, estudo, pesquisa, planejamento e execução de tarefas administrativas e técnicas fundamentais para o desenvolvimento das atividades fins; colaboração, auxílio, apoio e contribuição nas atividades de ensino, pesquisa e extensão e por fim contribuição para o desenvolvimento institucional. Vale ressaltar, que haverá uma ficha diferenciada para o servidor técnico administrativo que será preenchida no final do semestre por docentes, discentes e coordenador de curso e outra para servidores técnicos que executam atividades em laboratório, ou qualquer outra atividade de apoio ao ensino, pesquisa e extensão, que deverá ser preenchida por docentes e discentes a cada atividade realizada como apoio a aulas práticas de campo e de laboratório, apoio a projetos de pesquisa e extensão, etc.

Cada item avaliado será pontuado em conceitos ordenados em uma escala com cinco níveis, dos quais, dois indicam situação negativa, um nível indica situação regular e dois situação positiva (insuficiente ou ruim ou regular ou bom ou excelente). A partir daí, após a





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

obtenção das respostas e tabulação dos resultados, os dados serão analisados e os itens pontuados mais próximos da situação insuficiente e ruim serão considerados como avaliação negativa e de forma contrária, os itens pontuados com respostas bom ou excelente terão uma avaliação positiva. No caso de respostas com avaliação negativa (insuficiente ou ruim) será solicitada sugestão para melhoria do item em questão.

11.4 ACOMPANHAMENTO DOS EGRESSOS E EVASÃO DE INGRESSANTES

O acompanhamento dos egressos, assim como o acompanhamento da evasão de ingressantes no curso serão realizados através de pesquisa investigativa qualitativa e quantitativa, utilizando informações e variáveis categóricas e numéricas. Para essa investigação, primeiramente será solicitada, anualmente, junto a Divisão de Registro e

Controle Acadêmico (DRCA) uma lista com nomes e contatos (telefone e e-mail) de todos os estudantes formados e ingressantes não formados. A partir daí, quando cada egresso completar um (01) ano de formado, serão realizados até três convites para participação na pesquisa em um período máximo de três meses. Em um período distinto, a partir do início do semestre letivo, os convites serão encaminhados para os ingressantes não formados.

Juntamente ao convite, serão enviados um termo de consentimento livre e esclarecido sobre a participação na pesquisa e o questionário para ingressante não formado ou egresso. Os questionários de coleta de informações irão conter perguntas objetivas, elaboradas de acordo com a situação do acadêmico. Os dados da pesquisa serão apresentados na forma de relatório para o Colegiado.

12 INTERDISCIPLINARIDADE E TRANSVERSALIDADE

Segundo Piaget (1972), as relações entre as disciplinas podem se dar de forma interdisciplinar ou transdisciplinar. Na interdisciplinaridade, se estabelece uma interação entre duas ou mais disciplinas de forma que cada uma das disciplinas em contato é, por sua vez, modificada, e passa a depender claramente uma(s) da(s) outra(s). Na transdisciplinaridade, a cooperação entre as várias disciplinas é extrema, desaparecem desta forma os limites entre estas gerando uma "macrodisciplina". A transversalidade por sua vez, diz respeito da possibilidade de se instituir, uma analogia entre aprender conhecimentos teóricos (aprender sobre a realidade) e as questões da vida real (aprender na realidade e da realidade), sobre temas como ética, meio





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

ambiente, saúde e cultura que expressam conceitos e valores fundamentais a questões importantes e urgentes para a sociedade.

A Universidade deve, portanto, possuir uma visão mais ampla, acabando com a fragmentação do conhecimento, e se apossando de uma cultura que agregue diferentes áreas e formas de pensar, o entanto, não se pode integrar apenas conteúdos, ou temas, ou dinâmicas e metodologias, mas sim conhecimentos específicos para que se chegue ao abrangente (global). Desta forma, o curso de Engenharia Florestal da Universidade do Estado do Amapá busca proporcionar aos acadêmicos vivências que ultrapassem a sala de aula, porque é através da ação trans-interdisciplinar que o discente participa, discute e emite parecer diante do conteúdo livresco, relacionando-o com o seu dia a dia, oportunizando-os a expor sua visão de sociedade, o seu papel na sociedade e enfim, qual a sua posição de cidadão, e o ENADE, como importante item de integração no currículo deverá ser discutido e trabalhado de maneira dinâmica em sala, objetivando um ensino integrado à estratégias constantes de atualização curricular. Contudo, além de toda a integração precisa e necessária, objetiva-se estimular a interação, que é elemento da integração e visa novos questionamentos, novas buscas e descobertas, assim, transformando realidades.

O Curso de Engenharia Florestal é composto por quatro eixos básicos, sendo eles:

Eixo I: Silvicultura, onde diretamente podem se integrar Química Geral; Química Orgânica; Biologia Celular; Bioquímica; Fisiologia Vegetal; Microbiologia; Química Analítica; Genética; Melhoramento e Biotecnologia Florestal; Cálculos; Dendrologia; Fitopatologia; Manejo Integrado de Pragas; Silvicultura Tropical; Tratos Silviculturais; Sistemas Agroflorestais; Silvicultura Urbana.

Eixo II: Manejo Florestal, onde diretamente se integram as disciplinas de Estatística e Experimentação Florestal; Cálculos; Ecologia Florestal; Sensoriamento Remoto; S.I.G.; Dendrometria; Crescimento e Produção Florestal; Inventário Florestal; Manejo de Florestas Tropicais; Manejo de Florestas Plantadas; Planejamento e Administração Florestal; Economia Florestal; Política e Legislação Florestal.

Eixo III: Conservação da Natureza, onde podem interagir Ecologia Básica; Ecologia Florestal; Elaboração e Avaliação de Projetos; Recuperação de Áreas Degradadas; Manejo de Fauna; Manejo de Áreas Silvestres; Manejo de Bacias Hidrográficas; Avaliação de Impactos Ambientais; Zoologia Geral; Entomologia Geral.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

Eixo IV: Tecnologia e Utilização de Produtos Florestais, onde podem interagir a Química Geral; Química Analítica Aplicada; Bioquímica; Físicas; Anatomia, Identificação e Classificação da Madeira; Propriedades Físicas e Mecânicas da Madeira, Tecnologias de Produtos Florestais e Biomassa Florestal, entre outras.

A integração direta das disciplinas dentro de seus respectivos eixos acima não impossibilita a inter, multi e transdisciplinaridade entre os diferentes eixos, uma vez que esses aspectos são compromissos do Curso de Engenharia Florestal na promoção de uma formação pautada na integralidade da capacitação profissional e pessoal.

13 INTEGRAÇÃO DO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

Entre os diferentes espaços de construção de conhecimento, a universidade ocupa um lugar privilegiado de convivência e desenvolvimento humano, científico-tecnológico e social. De acordo com o artigo 207 da Constituição Brasileira de 1988, “as Universidades [...] obedecerão ao princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão”, desta forma, o tripé formado pelo ensino, pela pesquisa e pela extensão é fundamental na Universidade brasileira e não pode ser compartimentado. Além disso, cada um destes eixos merece igualdade em tratamento para que o desenvolvimento do conhecimento não seja mutilante e reducionista.

É consenso de que a educação superior precisa priorizar a formação para além da técnica, ou seja, a formação pela compreensão do ser humano como ser integral e integrador. O saber construído na experiência propicia ao ser humano condições de responder às exigências do tempo e do espaço em que está inserido. Desta forma, o Curso de Engenharia Florestal da Universidade do Estado do Amapá assume uma atitude inovadora e transformadora da realidade social, que implica em ampliar e fortalecer a integração entre ensino, pesquisa e extensão, enquanto processo formativo sistêmico. Com isso, promove a formação de profissionais comprometidos com a realidade sociocultural, conjugando o senso reflexivo ao crítico-criativo, com vistas à apropriação e a reelaboração e produção do saber, no avanço da ciência e do conhecimento da realidade.

As diretrizes políticas para as atividades de ensino de pesquisa e de extensão são assim enunciadas:

Incrementar programas de iniciação científica, de estágio e de atividades complementares, uma vez aprovadas pelos órgãos colegiados. Em consonância com as





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

metodologias de ensino, essas atividades estimulam o desenvolvimento do pensamento científico, favorecendo a construção do conhecimento;

Possibilitar a vinculação das disciplinas através de projetos de pesquisas ou de extensão, ou ainda, fazer convergir esses projetos entre si. O órgão responsável pelo gerenciamento do Projeto Pedagógico e os professores poderão propor projetos temáticos articulados aos projetos de pesquisa e de extensão;

Promover a parceria entre a graduação e a pós-graduação, com o propósito de incentivar o enriquecimento e a melhoria das ações de ensino e de criar oportunidades para colocar os acadêmicos em contato com estágios mais elevados da produção científica;

Celebrar convênios de parceria com instituições e empresas interessadas em pesquisas para o desenvolvimento de novos produtos ou em atividades de extensão, em que se abram possibilidades para a aplicação de novas metodologias científicas e tecnológicas. Esse é um campo de expansão das atividades acadêmicas que pode oferecer condições excepcionais para a projeção da imagem da UEAP e que deve ser incentivado, desde que sejam asseguradas reais vantagens equivalentes para os parceiros;

Dar ampla divulgação dos mecanismos de fomento à pesquisa e incentivar os acadêmicos a se engajarem nos projetos.

A efetivação da estrutura pedagógico-acadêmica sustentada pela prática interdisciplinar requer consistência na concepção e flexibilidade na sua efetivação para que se deixe permear pelas suas demandas inovadoras e prosseguir fiel à proposta que deu origem à criação da UEAP. Para isso, não basta tão somente a organização de uma estrutura curricular inicial e, muito menos que ela permaneça rígida e insensível às inovações. Na área do ensino, da pesquisa e da extensão, existem algumas atividades que dão suporte às atividades disciplinares e que exercem papel realimentador dos princípios da interdisciplinaridade e propiciam oportunidades para a sua flexibilização. Dentre elas, podem ser consideradas as seguintes:

Iniciação científica: como prática introdutória do acadêmico no campo da pesquisa e da experimentação, tem como primeiro passo, o estudo de metodologias e de procedimentos científicos, com rigorosa aplicação em atividades integradoras das diversas disciplinas. Ela contribui para a compreensão e o desenvolvimento de formas de pensamento que asseguram a clareza, a capacidade crítica e construtiva independente do acadêmico. Orienta e estimula o





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

diálogo com a realidade no emprego dos procedimentos que caracterizam o trabalho científico. Sendo esta uma atividade compatível com o desenvolvimento dos conteúdos de todas as disciplinas, o seu potencial integrativo não pode ser desconsiderado. Ela dá concretude à indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão;

Estágio: como instrumento que coloca o acadêmico frente ao contexto profissional em que deverá atuar. Desde que organizado de forma que articule os conteúdos das diversas disciplinas e dotado de supervisão sistemática, essa atividade oferece excelente oportunidade de integração entre as disciplinas. Por essa razão, também oferece condição privilegiada para colocar o acadêmico diante dos desafios do ambiente profissional, tanto técnicos quanto humanos. Nesse sentido, é recomendável que a UEAP venha celebrar convênios com empresas e outras instituições de ensino universitário, criando oportunidades de estágio para os acadêmicos;

Monitoria: como atividade que, envolvendo acadêmicos em ações de planejamento, de organização e de execução de atividades de natureza didática, coloca-os em contato com questões intrínsecas da prática docência e do tratamento pedagógico a ser dado ao conteúdo programático. Daí o seu expressivo potencial integrador de diferentes disciplinas. Longe de ser um recurso que libera o professor de ocupações aparentemente secundárias e operacionais, a monitoria deve ser considerada como uma oportunidade oferecida ao acadêmico para se colocar frente à complexidade dos processos interdisciplinares.

A adoção da iniciação científica, do estágio e da monitoria requer, antes de tudo, que essas atividades sejam devidamente compreendidas quanto a sua natureza e suas potencialidades. São requisitos necessários, pois, se os membros do corpo docente não tiverem essas convicções elas não produzirão os resultados desejados. Compete ao órgão responsável pelo gerenciamento do Projeto Pedagógico desenvolver um trabalho junto aos membros do corpo docente com o objetivo de levá-los a compreenderem os atributos e o potencial integrativo dessas atividades.

Com relação às atividades referentes ao eixo extensão, estas serão realizadas na forma de Unidades Curriculares de Extensão (UCEX's), componentes curriculares obrigatórios, e encontram-se inseridas no currículo do Curso de Engenharia Florestal seguindo a Resolução nº 360/2019 – CONSU/UEAP que regulamenta a integralização das atividades de extensão nos cursos de graduação no âmbito da Universidade do Estado do Amapá – UEAP.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

14 RECURSOS HUMANOS

14.1 CORPO DOCENTE

O corpo docente do Curso de Engenharia Florestal é formado por nove docentes efetivos vinculados ao curso, sendo oito (8) doutores e um (1) mestre (Tabela 04). Docentes de outros cursos da UEAP também contribuem com os componentes curriculares ou parte de atividade curricular no Curso de Engenharia Florestal. Além dos docentes efetivos, o curso possui ainda demanda por novos professores na área de Silvicultura, Manejo Florestal e Tecnologia de Produtos Florestais (Tabela 05).

14.2 CORPO TÉCNICO

O corpo técnico vinculado ao colegiado do curso é composto por cinco profissionais efetivos (Tabela 06), exercendo diversas funções e auxiliando nas atividades de ensino, pesquisa e extensão. Existe ainda uma carência de técnicos para que o curso funcione efetivamente, tal carência é apresentada na Tabela 07.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

Tabela 04. Relação do quadro docente do curso de Engenharia Florestal em fevereiro de 2024.

Docente	Formação Acadêmica	Titulação	Regime de Trabalho	Tempo de exercício na UEAP (anos)	Tempo de Coord. de Curso (anos)	Tempo de Atuação Profissional (anos)
Breno Marques da Silva e Silva	Biologia	Doutor	TIDE	10	1	15
Carla Priscilla Távora Cabral	Engenharia Florestal	Doutora	TIDE	9		20
Celso Rafael Albuquerque dos Santos	Ciência da Computação	Mestre	TI	9		21
Driss Wagner Pantoja Pena	Engenharia Florestal	Doutor	TIDE	11	4,5	16
Fernando Galvão Rabelo	Engenharia Florestal	Doutor	TIDE	9	1,5	25
Jadson Coelho Abreu	Engenharia Florestal	Doutor	TIDE	10	2	10
Mariana Martins Medeiros de Santana	Engenharia Florestal	Doutora	TIDE	9	1	12
Robson Borges de Lima	Engenharia Florestal	Doutor	TIDE	9	2	9

Tabela 05. Relação da demanda de docentes no curso de Engenharia Florestal em fevereiro de 2024.

Área	Subárea	Demanda	Lotação
Silvicultura	Genética e Melhoramento Florestal	01	Laboratório de Biotecnologia em Cultura de Tecidos
	Vegetais Dendrologia	01	Laboratório de Ecologia e Restauração Florestal
	Proteção Florestal	01	Laboratório de Entomologia
	Nutrição e Solos Florestais	01	Laboratório de Ciência do Solo
	Manejo Florestal	01	Laboratório de Manejo Florestal
	Tecnologia e Utilização de Produtos Florestais	02	Laboratório de Tecnologia de Produtos Florestais Madeireiros

Tabela 06. Relação do quadro técnico do curso de Engenharia Florestal em fevereiro de 2024.

Técnico	Formação	Cargo	Lotação
André Ricardo dos Santos Pereira	Técnico em Florestas	Técnico em Florestas	Laboratório de Ecologia e Restauração Florestal





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

Cinthia Pereira de Oliveira	Engenheira Florestal	Analista em Geoprocessamento	Laboratório de Geoprocessamento
Luís Alberto Furtado da Silva	Técnico em Florestas	Técnico em Florestas	Laboratório de Ecologia e Restauração Florestal
Jodson Cardoso de Almeida	Geógrafo	Analista em Geoprocessamento	Laboratório de Geoprocessamento
Odilon Henrique Portal Neves	Engenheiro Florestal	Analista em Manejo	Laboratório de Manejo Florestal
Maycon Willian Reis Dias	Ensino Médio	Técnico Administrativo	Coordenação do Curso

Tabela 07. Relação de demandas do quadro técnico do curso de Engenharia Florestal em fevereiro de 2024.

Cargo	Formação	Lotação
Analista em Solos	Engenheiro Agrônomo	Laboratório de Ciência do Solo
Analista em Silvicultura	Engenheiro Florestal	Laboratório de Silvicultura
Técnico em Serraria	Técnico em Florestas	Laboratório de Tecnologia em Produtos Florestais Madeireiros
Técnico em Silvicultura	Técnico em Florestas	Laboratório de Sementes Florestais





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

15 NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE

O Núcleo Docente Estruturante – NDE do curso de Engenharia Florestal obedecerá às diretrizes nacionais e internas da UEAP, assim como o regulamento do NDE do curso de Engenharia Florestal. O NDE constitui-se como um grupo de docentes do quadro efetivo do curso, com atribuição consultiva, propositiva e de assessoria sobre a matéria de natureza acadêmico-pedagógica, sendo também corresponsável pela elaboração, implementação, consolidação e contínua avaliação dos respectivos Projetos Pedagógicos de Curso com base na resolução CONSU nº 645/2021 que regulamenta o núcleo docente estruturante - NDE no âmbito da Universidade do Estado do Amapá - UEAP.

A competência, objetivos, composição, vigência, processo de constituição e demais orientações estão previstas no Regulamento do Núcleo Docente Estruturante do Curso de Engenharia Florestal, elaborado em consonância com as regulamentações institucionais e Diretrizes Curriculares Nacionais.

16 COORDENAÇÃO DO CURSO

A principal mudança esperada no papel desempenhado pelo coordenador de curso inicia no simples exercício do comando e do controle chegando ao gerenciamento das potencialidades internas e externas. O coordenador precisa pensar o curso, controlar sua qualidade, supervisionar todas as atividades, planejar alterações nas diversas estratégias, avaliar a eficácia e eficiência dos processos.

O gerenciamento requer um profissional com vasto conhecimento das diversas áreas de atuação do engenheiro florestal. Isto requer que o coordenador leve a sério o aperfeiçoamento contínuo e encoraje as pessoas que estão na sua esfera de influência a fazer o mesmo. O coordenador deve atuar como gestor de oportunidades, procurando, antes de tomar qualquer tipo de decisão, verificar quais as repercussões das decisões para seus públicos internos e externos.

Existe, também, um papel político a ser exercido pelo coordenador. Portanto, não basta o conhecimento específico do curso para ser um bom coordenador. Um gestor precisa saber tomar decisões e desenvolver ações que sejam necessárias na busca de respostas adequadas às expectativas de todos os envolvidos no processo: alunos, professores, administração, mercado de trabalho etc.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

Segundo o artigo 38 da resolução nº 10/2008-CONSU/UEAP a coordenação será dirigida por um coordenador, que será eleito para um mandato de 2 anos, pelo voto dos docentes, discentes e técnicos vinculados à respectiva coordenação, podendo ser reconduzido uma única vez.

Segundo o artigo 39 da mesma resolução, as coordenações de curso têm as seguintes atribuições:

- I. Cumprir e fazer cumprir as deliberações dos colegiados de Curso;
- II. Elaborar e submeter a Pró-Reitoria de graduação o plano de atividade da Coordenação de Curso;
- II. Planejar as ações dos Colegiados dos Cursos de Graduação;
- IV. Fazer cumprir o plano de atividades dos docentes e que estiverem lotados na Coordenação;
- V. Coordenar, supervisionar e avaliar as atividades do corpo docente do ensino de graduação;
- VI. Promover políticas de capacitação do corpo docente;
- VII. Promover condições para melhoria do processo didático-pedagógico do corpo discente;
- VIII. Apresentar relatório semestral das atividades acadêmicas dos docentes e discentes;
- IX. Providenciar registro e assinar certificados das atividades acadêmicas;
- X. Executar outras atribuições designadas pela divisão de apoio ao Ensino;
- XI. Designar banca de revisão de provas dos discentes, quando deliberado pelo colegiado do curso;
- XII. Propor normas e critérios para monitoria e o estágio curricular supervisionado;
- XIII. Acompanhar a frequência e o desenvolvimento das atividades dos docentes no ensino, na pesquisa e na extensão, submetendo os resultados aos Colegiados dos Cursos;
- XIV. Acompanhar o desenvolvimento dos docentes em curso de qualificação, através de relatórios específicos;
- XV. Organizar e coordenar as defesas de TCC;
- XVI. Encaminhar a documentação referente às defesas de TCC para divisão de apoio ao Ensino.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

16.1 FUNCIONAMENTO

A coordenação do curso funcionará das 08 às 12 horas e das 14 às 18 horas.

16.2 COMPOSIÇÃO

A coordenação do curso será composta pelo coordenador, vice coordenador e técnico administrativo.

16.3 PERFIL DE COORDENADOR E VICE COORDENADOR

A função de coordenador e vice coordenador do curso de Engenharia Florestal deverá ser exercida exclusivamente por docente efetivo, com formação em Engenharia Florestal, pós-graduado e com no mínimo dois anos de experiência profissional em docência em nível superior, com regime de trabalho em tempo integral.

Destaca-se que até o momento não há a figura do vice coordenador no quadro de profissionais da UEAP, desta forma, este cargo deverá ser exercido com a ciência do candidato ao cargo quanto à não remuneração deste cargo atualmente.

16.4 PROCESSO ELEITORAL

O processo para escolha da chapa (Coordenador e Vice coordenador) deverá ser realizado por comissão institucionalizada, com no mínimo noventa dias corridos de antecedência do término do mandato da coordenação em vigência, a qual ficará responsável por elaborar o edital eleitoral e realizar todos os trâmites para eleição. A eleição deverá ser realizada em até trinta dias antes do término do mandato da coordenação em vigência, para que se haja um período suficiente para a transição entre coordenações. Poderão se candidatar todos os docentes que preencham o perfil de coordenador e vice coordenador.

17 CONSTITUIÇÃO E FUNCIONAMENTO DO COLEGIADO DO CURSO

O Colegiado do Curso de Engenharia Florestal será constituído de acordo com o Regimento Interno do Colegiado de Engenharia Florestal. Neste regimento (Anexo) constam as orientações referentes à constituição e funcionamento do colegiado, incluindo questões referentes à eleição de seus membros e coordenador de curso.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

A representatividade dos segmentos do colegiado é constituído, conforme rege a LDB, de professores, numa proporção de setenta por cento (70%), e os trinta por cento (30%) restantes preenchidos pela representação discente e demais servidores como assistentes administrativos e técnicos de laboratório.

Conforme o Artigo 87 do Regimento Geral da Universidade do Estado do Amapá, o Colegiado de Curso tem função deliberativa e consultiva em matéria acadêmica, respeitada a competência dos órgãos superiores, possuindo a seguinte composição:

- Coordenador de Curso (como membro nato), que o presidirá;
- Vice Coordenador de Curso (como membro nato);
- Por TODOS os professores e técnicos lotados no curso (inclusive laboratórios), no semestre;
- Por dois representantes das turmas de graduação do respectivo curso, no semestre.

As reuniões ordinárias serão mensais e as extraordinárias serão marcadas conforme demanda, pelo seu presidente, com antecedência mínima de 48h, com a convocação feita preferencialmente por e-mail.

Os registros das reuniões serão feitos em ata que será lavrada por um dos presentes e assinada por todos e as decisões serão encaminhadas às instâncias superiores por meio de expediente próprio.

18 INFRAESTRUTURA

18.1 INFRAESTRUTURA ATUAL

18.1.1 Instalações gerais

O Campus I da UEAP, onde está localizado o curso de Engenharia Florestal, é construído de alvenaria e concreto armado, em dois pavimentos e dividido em quatro blocos. No térreo do Campus I, estão localizados: recepção, reprografia, protocolo, Pró-Reitoria de Graduação, divisão de registro e controle acadêmico (DRCA), entre outros departamentos e setores administrativos da universidade. As salas de aula ficam nos dois pavimentos, onde estão localizados os banheiros masculinos e banheiros feminino, 17 laboratórios de ensino e pesquisa, biblioteca, auditório, lanchonete e quadra de esportes. No segundo pavimento, também estão localizadas as coordenações de curso, a divisão de apoio ao ensino (DAE) e dois miniauditórios.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

18.1.2 Sala da coordenação do curso de Engenharia Florestal

A coordenação do curso dispõe de uma sala climatizada localizada no primeiro andar do Campus I, equipada com 2 computadores, com acesso à internet, armários, mesas e cadeiras. Esta sala é destinada ao coordenador e técnico administrativo do curso, para realização das atividades administrativas diárias e de atendimento aos alunos.

18.1.3 Sala dos professores

No Campus I, a Universidade dispõe de uma sala climatizada, equipada com 5 computadores, com acesso à internet, mesas e cadeiras. Esta sala é destinada exclusivamente aos professores, para que eles exerçam suas atividades diárias.

18.1.4 Salas de aula

O curso de engenharia Florestal dispõe de três salas de aula, localizadas no Campus I da UEAP, com capacidade para 50 (cinquenta) discentes cada, equipadas com central de ar-condicionado. As salas são destinadas às aulas teóricas, comportam e possuem dimensões adequadas para a quantidade de vagas ofertadas anualmente. Estes ambientes têm acesso facilitado, com portas com larguras adequadas, escada e rampa de acesso para pessoas com necessidades especiais.

18.1.5 Laboratórios didáticos e auditórios

Para atender a demanda dos alunos nas suas atividades diárias de pesquisa, realização de trabalhos, entre outras atividades de requeiram o uso de computadores e internet, estão disponíveis computadores na sala de acesso da biblioteca. O curso possui alguns laboratórios localizados na Unidade Graziela. São eles: Laboratório de Desenho Técnico, Laboratório de Zoologia, Laboratório de Ecologia e Restauração Florestal e Laboratório de Informática.

A universidade dispõe ainda de três auditórios: um auditório central com capacidade para 200 pessoas; e dois miniauditórios, com capacidade para 80 pessoas cada. Estes são destinados à realização de aulas, seminários, palestras, simpósios, defesas de TCCs e demais atividades relacionadas.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

Nas dependências da UEAP estão instalados 19 laboratórios distribuídos dentro do Campus I e Campus Graziela. Dos 19 laboratórios, 18 são destinados à realização de pesquisas e aulas práticas/pedagógicas dos diversos cursos ofertados na Universidade e um destinado exclusivamente à pesquisa. Destes, os que são utilizados pelo curso de Engenharia Florestal são:

Campus I:

1. Laboratório de Química Geral e Inorgânica;
2. Laboratório de Físico-Química;
3. Laboratório de Química Analítica;
4. Laboratório de Química Orgânica e Bioquímica;
5. Laboratório de Sementes Florestais/Fisiologia Vegetal/Botânica/Solos;
6. Laboratório de Geoprocessamento;
7. Laboratório de Microbiologia, Anatomia e Genética;
8. Laboratório de Física;
9. Laboratório de Botânica e Ecologia.
10. Laboratório de Manejo Florestal;
11. Laboratório de Ecossistemas.

Campus Graziela:

12. Laboratório de Ecologia e Restauração Florestal;
13. Laboratório de Desenho Técnico;
14. Laboratório de Tecnologia da Amazônia;
15. Laboratório de Zoologia.

18.1.6 Biblioteca

A Biblioteca Central da Universidade do Estado do Amapá - UEAP, localizada no Campus I, tem espaço físico de 216m², distribuído em: salão de leitura (109m²), sala de acervo (71m²), recepção (15m²), sala da administração e processamento técnico (21m²). É totalmente climatizada. Tendo à disposição do usuário, no salão de leitura dez mesas e 37 cadeiras.

O atendimento às solicitações de pesquisas dos usuários no Campus I é realizado no horário das 08h00min às 21h00min. O tratamento técnico da informação tem como instrumento padrão a Classificação Decimal de Dewey (CDD) e a tabela de Cutter. Objetivando a





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

organização da informação, apoiando-se na NBR-6023:2002 da ABNT (Referência Bibliográfica) e no AACR2002 2.ed. (Anglo-American Cataloguing Rules).

O acervo é composto de livros, folhetos, periódicos, multimídias e de jornais locais, adquiridos através de compra e doação. Contamos com 1.318 títulos de livros com 9.533 exemplares e 11 títulos de folhetos com 55 exemplares. O acervo do curso de Engenharia Florestal conta com 118 títulos de livros com 394 exemplares.

A utilização do acervo por consulta local ou empréstimo domiciliar é realizada de forma manual. As consultas são realizadas somente no salão da Biblioteca por usuários acadêmicos e servidores da UEAP e comunidade externa. A Biblioteca conta com um bibliotecário (contratado) e sete técnicos administrativos.

Diante da necessidade de modernização do atendimento aos usuários e da disponibilidade de acervos digitais, a Universidade está buscando a implementação de uma biblioteca digital incluindo áudio books, demais mídias digitais visando atender acadêmicos com necessidades especiais. Antecipadamente todo o material bibliográfico digital disponível será compartilhado com os alunos em sala de aula. Além disso, a Universidade já possui contrato com a editora Pearson para acesso ao seu acervo virtual, em que, esse pode ser acessado pelos alunos regularmente matriculados na instituição.

18.2 INFRAESTRUTURA NECESSÁRIA

O curso de Engenharia Florestal está com a previsão de mudança de campus, assim que o novo prédio da UEAP na Rodovia JK for construído. No novo campus, o curso contará com 14 laboratórios e um complexo de produção de mudas de uso exclusivo (Tabela 08), além da sala de coordenação com gabinete privativo para o coordenador e uma sala de arquivo. Terá ainda uma copa para utilização dos docentes e técnicos lotados no curso.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

Tabela 08. Relação dos laboratórios previstos no projeto do Campus JK para o curso de Engenharia Florestal.

No	Descrição	Finalidade	Objetivo	Serviços
01	Laboratório de Ciência dos Solos	Ensino, Pesquisa e Extensão	Desenvolver atividades de ensino, pesquisa, extensão e estágio, assim como manter o acervo didático das disciplinas da área de Solos Florestais.	Análise de amostras de solo
02	Laboratório de Anatomia da Madeira	Ensino, Pesquisa e Extensão	Desenvolver atividades de ensino, pesquisa, extensão e estágio, assim como manter o acervo didático das disciplinas da área de Tecnologia da Madeira.	
03	Laboratório de Tecnologia de Produtos Florestais Não Madeireiros	Ensino, Pesquisa e Extensão	Desenvolver atividades de ensino, pesquisa, extensão e estágio, assim como manter o acervo didático das disciplinas de Tecnologia de Produtos Florestais não Madeireiros.	
04	Laboratório de Tecnologia de Produtos Florestais Madeireiros	Ensino, Pesquisa e Extensão	Desenvolver atividades de ensino, pesquisa, extensão e estágio, assim como manter o acervo didático das disciplinas da área de Tecnologia da Madeira.	
05	Laboratório de Geoprocessamento	Pesquisa e Extensão	Desenvolver atividades de pesquisa, extensão e estágio, assim como manter o acervo didático das disciplinas da área de Geociências.	Elaboração de mapas e georreferenciamento
06	Laboratório de Informática	Ensino e Extensão	Atender as demandas práticas das disciplinas de Desenho Digital; Geoprocessamento, Estatística, Experimentação; Ecologia Florestal, entre outras que demandam programação e processamento de dados.	
07	Laboratório de Manejo Florestal	Pesquisa e Extensão	Desenvolver atividades de pesquisa, extensão e estágio, assim como manter o acervo didático das disciplinas da área de Manejo Florestal.	
08	Laboratório de Silvicultura	Pesquisa e Extensão	Desenvolver atividades de pesquisa, extensão e estágio, assim como manter o acervo didático das disciplinas da área de Silvicultura.	
09	Laboratório de Entomologia	Ensino, Pesquisa e Extensão	Desenvolver atividades de ensino, pesquisa, extensão e estágio, assim como manter o acervo didático das disciplinas da área de Proteção Florestal.	
10	Laboratório de Sementes Florestais	Ensino, Pesquisa e Extensão	Desenvolver atividades de ensino, pesquisa, extensão e estágio, assim como manter o acervo didático das disciplinas da área de Sementes Florestais.	





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

11	Laboratório de Biotecnologia em Cultura de Tecidos Vegetais	Ensino e Pesquisa	Desenvolver atividades de ensino, pesquisa e estágio, assim como manter o acervo didático das disciplinas da área de Melhoramento Vegetal.	
12	Laboratório de Serragem, Beneficiamento e Acabamento de Madeira	Ensino, Pesquisa e Extensão	Desenvolver atividades de ensino, pesquisa, extensão e estágio, assim como manter o acervo didático das disciplinas da área de Tecnologia da Madeira.	
13	Laboratório de Aula	Ensino	Desenvolver atividades de ensino	
14	Laboratório de Ecologia e Restauração Florestal	Ensino, Pesquisa e Extensão	Desenvolver atividades de ensino, pesquisa, extensão e estágio, assim como manter o acervo didático das disciplinas da área de Ecologia e Conservação.	
15	Laboratório de Produção de Mudanças (Viveiro Florestal, Casa de Vegetação e Galpão de Apoio)	Ensino, Pesquisa e Extensão	Desenvolver atividades de ensino, pesquisa, extensão e estágio, assim como manter o acervo didático das disciplinas da área de Silvicultura e Conservação.	Produção de mudas e substratos





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

19 REFERÊNCIAS

19.1 BÁSICAS

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Base da Educação Básica. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 24. Dez. 1996. Disponível em:

<<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf>> Acesso em: 20 dez. 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. INEP. Avaliação dos Cursos de Graduação: instrumentos. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/supeior-condicoesdeensino-manuais>> Acesso em: 20 dez. 2015.

UEAP. Orientação para elaboração e atualização de projetos pedagógicos dos cursos de graduação: licenciatura, tecnológico e engenharia. UEAP, 2016, 31 p.

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução CNE/CES nº 3/ 2006: Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Engenharia Florestal e dá outras providências. 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução CNE/CES nº 11/ 2002: Institui Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Engenharia. 2002.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Monitoramento da cobertura e uso da terra: estatísticas desagregadas por unidades da federação 2000/2018. Rio de Janeiro: IBGE, 2021, 20p.

19.2 COMPLEMENTAR

UFPA. Roteiro para elaboração de PPC, 2012.

UNIFAP. Manual orientador para elaboração e atualização de projetos pedagógicos dos cursos de graduação da UNIFAP, 2015.

UNIPAMPA. Diretrizes Orientadoras para Elaboração dos Projetos Pedagógicos das Licenciaturas da Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA, 2011.

20 APÊNDICES

20.1 REGULAMENTO DAS ATIVIDADES COMPLEMENTARES DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE ENGENHARIA FLORESTAL

CAPÍTULO I

DA NATUREZA DAS ATIVIDADES COMPLEMENTARES DE GRADUAÇÃO





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

Art.1º. As Atividades Complementares de Graduação - ACG são componentes curriculares, efetivando-se através de estudos e atividades independentes desenvolvidas pelo acadêmico, que lhe possibilitem habilidades e conhecimentos relacionados à sua área de atuação profissional, compreendendo ações de ensino, pesquisa e extensão.

§ 1º. As ACG são componentes curriculares enriquecedores e complementadores do perfil do formando, mas que não se confundem com o Estágio Curricular Obrigatório.

§ 2º. Inclui cursos, estudos e atividades independentes, transversais, opcionais e interdisciplinares, especialmente, no tocante às relações profissionais, nas ações de pesquisa e de ensino que associam teoria e prática e nas ações de extensão desenvolvidas junta à comunidade.

§ 3º. Compete ao Núcleo Docente Estruturante – NDE a elaboração e alteração das normas para execução, monitoramento, apresentação e avaliação das cargas horárias apresentadas pelos acadêmicos do curso.

§ 4º. Compete ao Colegiado do Curso a homologação do Regulamento das Atividades Complementares de Graduação do curso.

§ 5º. As ACG deverão ser desenvolvidas dentro do prazo de conclusão do curso, em observância à filosofia, área de abrangência, identidade e ao perfil do egresso do curso.

§ 6º. O não cumprimento do mínimo de horas correspondentes às ACG estabelecidas de acordo com o Projeto Pedagógico do Curso em consonância com as legislações vigentes, acarretará o impedimento da conclusão do Curso.

Art. 2º. Considerando as Diretrizes Curriculares do Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal, as atividades complementares serão integralizadas com uma carga horária de 120 (cento e vinte) horas.

Art. 3º. As Atividades Complementares de Graduação contemplam 7 (sete) eixos:

- I. Eixo 1: Ensino;
- II. Eixo 2: Pesquisa;
- III. Eixo 3: Extensão;
- IV. Eixo 4: Eventos de natureza artística, científica ou cultural;
- V. Eixo 5: Produções diversas;
- VI. Eixo 6: Ações comunitárias;





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

VII. Eixo 7: Representação Estudantil.

CAPÍTULO II

DA COORDENAÇÃO DAS ATIVIDADES COMPLEMENTARES

Art. 4º. A Coordenação das Atividades Complementares será subordinada ao Coordenador e Vice Coordenador do Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal, com as seguintes atribuições:

- I. Proporcionar ao aluno atividades no âmbito do Curso de Engenharia Florestal;
- II. Promover junto aos outros cursos e órgãos da UEAP, realização de atividades das quais o aluno do Curso de Engenharia Florestal possa beneficiar-se;
- III. Disponibilizar informações ao acadêmico do Curso de Engenharia Florestal sobre as atividades complementares de graduação, inclusive fora da UEAP;
- IV. Manter, junto a UEAP, arquivo atualizado com a ficha de cada aluno, documentação apresentada e total de horas válidas e registradas;
- V. Convocar, sempre que necessário, reuniões com os professores que estejam desenvolvendo atividades relacionadas à sua coordenadoria;
- VI. Proporcionar, ao aluno do Curso de Engenharia Florestal, acesso a palestras, seminários, cursos, vídeos informativos e outras atividades afins, no âmbito do curso;
- VII. Estabelecer contato com órgãos e instituições que possam ser parceiros para desenvolvimentos dessas atividades;
- VIII. Apreciar os requerimentos de alunos e professores, sobre questões pertinentes às atividades complementares de graduação;
- IX. Fixar regras de acesso dos alunos para cada uma das atividades, limite de aproveitamento de horas cumpridas, estabelecer o número de alunos por atividade, critério de seleção, carga horária e pré-requisitos;
- X. Apreciar e decidir sobre a validação das atividades realizadas pelos alunos, para efeito de cumprimento das atividades complementares;
- XI. Fixar o limite de aproveitamento de carga horária cumprida pelo aluno em cada evento, para cômputo das atividades complementares de graduação, independentemente da carga horária total prevista na atividade;





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

XII. Elaborar, no final de cada semestre letivo, relatório consubstanciado, sobre as atividades complementares de graduação;

XIII. Quando necessário, convocar o Colegiado do Curso para exame e deliberação das atividades complementares realizadas.

CAPÍTULO III
DA REALIZAÇÃO DAS ATIVIDADES COMPLEMENTARES E SEU
APROVEITAMENTO

Art. 5º. O acadêmico do Curso de Engenharia Florestal da UEAP deverá completar no mínimo 120 (cento e vinte) horas de atividades complementares de graduação.

§ 1º. Da carga horária mínima exigida de atividades complementares, os acadêmicos deverão preencher no mínimo 3 eixos para conclusão deste componente curricular;

§ 2º. O acadêmico poderá validar até 50 horas de atividades por eixo;

§ 3º. Os alunos podem realizar atividades complementares a qualquer momento, a partir da matrícula no curso de Engenharia Florestal, inclusive durante as férias escolares, respeitados os procedimentos estabelecidos neste Regulamento.

Art. 6º. A lista das Atividades Complementares de Graduação para efeito de atribuição de carga horária está elencada na “Tabela Oficial para Validação de Horas”, anexo a este regulamento, com o limite de aproveitamento da carga horária para cada uma das atividades.

Parágrafo único. A Tabela Oficial para Validação de Horas das Atividades Complementares de Graduação poderá ser periodicamente revisada por decisão do Núcleo Docente Estruturante, sem prejuízo das atividades já reconhecidas.

Art. 7º. A comprovação de realização da atividade complementar de graduação para o fim de seu aproveitamento atenderá às exigências descritas na Tabela Oficial para Validação de Horas.

Parágrafo único - A Coordenação do Curso poderá substituir a apresentação de atestado ou certificado de realização da atividade quando houver outros meios considerados idôneos a comprovar da participação do aluno na atividade.

Art. 8º. Após a realização da atividade, o aluno deverá apresentar a sua comprovação, preferencialmente, dentro do mesmo semestre em que foi realizada a atividade.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

§ 1º. A solicitação de validação deverá ser realizada via Sistema de Gestão Acadêmica da UEAP – SIGAA, com a submissão do (s) comprovantes em formato digital no respectivo campo do formulário;

§ 2º. A partir da avaliação da comprovação da realização da atividade, a Coordenação do Curso poderá:

- I. recusar a atribuição de horas, se considerar insatisfatória a documentação ou o desempenho do aluno;
- II. estipular exigência ao requerimento, se faltar documentação passível de ser suprida;
- III. atribuir a carga horária correspondente, que poderá ficar aquém do solicitado no requerimento tendo por base avaliação que atenda a critérios de desempenho e qualidade.

Art. 9º. Os alunos que ingressarem no curso de Engenharia Florestal por meio de algum tipo de transferência ficam também sujeitos ao cumprimento da carga horária de atividades complementares de graduação, podendo solicitar à Coordenação do Curso o cômputo de parte da carga horária atribuída pela instituição ou curso de origem, observada as seguintes condições:

- I. as atividades complementares realizadas na instituição ou curso de origem devem ser compatíveis com as estabelecidas neste Regulamento e seu anexo;
- II. a carga horária atribuída pela instituição de origem não poderá ser superior a conferida pelo anexo deste Regulamento à atividade idêntica ou congênere;
- III. o limite máximo de aproveitamento da carga horária será de 60 (sessenta) horas.

Art. 10. Este regulamento se aplica aos alunos matriculados nos currículos em andamento, respeitadas as peculiaridades de cada estrutura curricular com relação à quantidade de horas que podem ou devem ser aproveitadas.

Art. 11. Os casos omissos serão resolvidos pelo Núcleo Docente Estruturante, após encaminhamento da Coordenação do Curso.

CAPÍTULO VI DAS DISPOSIÇÕES FINAIS

Art. 12. Os casos omissos serão resolvidos pelo NDE ou órgão superior, de acordo com a competência.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

Art. 13. O presente Regulamento entra em vigor após aprovação pelo Conselho Superior Universitário (CONSU) da Universidade do Estado do Amapá.

Macapá (AP), 07 de março de 2023.

Comissão de Reformulação do PPC de Engenharia Florestal
Portaria Nº 480/2021 – UEAP

Aprovado pelo Conselho Superior Universitário – CONSU em XX de XXXX de 2024,
através da Resolução Nº XXX/2024.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

ATIVIDADES COMPLEMENTARES DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE
ENGENHARIA FLORESTAL

ANEXO I

TABELA OFICIAL PARA VALIDAÇÃO DE HORAS

ATIVIDADES COMPLEMENTARES	DETALHE DA ATIVIDADE	MÁXIMO DE HORAS	COMPROVAÇÃO	OBSERVAÇÕES
EIXO 1 – ENSINO				
Disciplinas Extracurriculares realizadas em outros cursos da UEAP	Cada disciplina corresponde a no máximo 30 horas	Até 50 horas	Histórico com destaque na disciplina cursada	A contagem das horas será relacionada à frequência
Participação como ouvinte em cursos de aperfeiçoamento na área de Engenharia Florestal	Cada curso corresponde a no máximo 30 horas	Até 50 horas	Certificado de conclusão	
Monitoria Acadêmica em disciplina do curso de Engenharia Florestal	Cada monitoria corresponde a 10h	Até 30 horas	Relatório assinado pelo professor orientador	
Estágio não obrigatório na área da Engenharia Florestal		Até 30 horas	Declaração do Setor de Estágio	
EIXO 2 - PESQUISA				
Participação em programa de Iniciação Científica (I.C.) na UEAP ou institutos de pesquisa	Cada I.C. corresponde a 30 horas	Até 30 horas	Declaração de conclusão emitida pela PROPESP ou órgão competente	
Apresentação de trabalho próprio em congressos, seminários, oficinas, <i>workshops</i> , encontros, de natureza acadêmico-científica na área de Ciências Florestais	No território nacional, cada participação corresponde a 5 horas	Até 10 horas	Certificado de apresentação emitido pelos organizadores	
	No exterior, cada participação corresponde a 10 horas	Até 20 horas		





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

ATIVIDADES COMPLEMENTARES	DETALHE DA ATIVIDADE	MÁXIMO DE HORAS	COMPROVAÇÃO	OBSERVAÇÕES
EIXO 2 - PESQUISA				
Participação como ouvinte em congressos ou conferências de natureza acadêmico-científica na área de Ciências Florestais	Cada participação corresponde a 2 horas	Até 30 horas	Certificado de apresentação emitido pelos organizadores	
Participação como ouvinte em defesa de Monografia (TCC) realizada no curso de Engenharia Florestal	Cada defesa corresponde a 1h	Até 10 horas	Declaração emitida pela Coordenação de TCC da respectiva defesa	
Publicação de artigo acadêmico-científico pertinentes à área de conhecimento do curso de Engenharia Florestal, em periódicos especializado ou mídia impressa	Cada artigo corresponde a até 10 horas	Até 30 horas	Cópia da Publicação	
Publicação de resumos completos em anais de eventos científicos pertinentes à área de conhecimento do curso de Engenharia Florestal	Cada resumo corresponde a até 5 horas	Até 15 horas	Cópia da Publicação	
Publicação de capítulos de livros com ISBN, pertinentes à área de conhecimento do curso de Engenharia Florestal	Cada capítulo corresponde a 15 horas	Até 30 horas	Cópia da Publicação com ISBN	
Participação em projetos de pesquisa vinculados ao curso de Engenharia Florestal, pós-graduação e/ou outras instituições de pesquisa	Cada participação corresponde a no máximo 5 horas	Até 15 horas	Declaração da PROPESP	
Participação em grupos de pesquisa na UEAP ou Institutos de pesquisa, sob supervisão de professor ou pesquisador	Cada participação corresponde a no máximo 5 horas por semestre	Até 15 horas	Registro do grupo com discriminação dos participantes e relatórios de atividades mensais	Os relatórios mensais devem ser assinados pelo chefe do grupo de pesquisa e orientador
ATIVIDADES COMPLEMENTARES	DETALHE DA ATIVIDADE	MÁXIMO DE HORAS	COMPROVAÇÃO	OBSERVAÇÕES
EIXO 2 - PESQUISA				





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

Participação em grupo de estudo formalmente reconhecidos pela Coordenação de Curso	Cada participação corresponde a no máximo 5 horas por semestre	Até 15 horas	Documento de aprovação do grupo de estudo e relatórios de atividades mensais	Os relatórios mensais devem ser assinados pelo professor orientador do grupo
EIXO 3 - EXTENSÃO				
Atenção: UCEX não poderão ser contabilizadas nesse componente				
Participação em atividades extensionistas organizadas pelo Curso de Engenharia Florestal (jornadas, seminários, oficinas, reuniões, palestras e eventos)	Cada participação corresponde a 2 horas	Até 10 horas	Declaração de participação da PROEXT com descrição de atribuições	
Participação em ações extensionistas organizadas pela Pró-Reitoria de Extensão	Cada participação corresponde a 2 horas	Até 10 horas	Declaração de participação da PROEXT com descrição de atribuições	
Participação em projetos ou programas de extensão	Cada participação corresponde a 5 horas	Até 10 horas	Declaração de participação da PROEXT com descrição de atribuições	
Organização de atividades extensionistas sob a supervisão de docentes do Curso de Engenharia Florestal (jornadas, seminários, oficinas, reuniões, palestras e eventos)	Cada participação corresponde a 5 horas	Até 20 horas	Declaração de participação da PROEXT com descrição de atribuições	
Participação em atividades desportivas oficiais vinculadas ou não à UEAP	Cada participação corresponde a 10 horas	Até 20 horas	Declaração de participação da PROEXT com descrição de atribuições	
ATIVIDADES COMPLEMENTARES	DETALHE DA ATIVIDADE	MÁXIMO DE HORAS	COMPROVAÇÃO	OBSERVAÇÕES
EIXO 3 - EXTENSÃO				
Participação em programa institucional de bolsas de extensão	Cada participação corresponde a 5 horas	Até 10 horas	Declaração de participação da PROEXT com descrição de atribuições	
EIXO 4 - EVENTOS DE NATUREZA ARTÍSTICA, CIENTÍFICA OU CULTURAL				





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

Monitoria em eventos acadêmicos e científicos (congressos, seminários, conferências, simpósios, workshops, reuniões, fóruns, encontros, colóquios, palestras, minicursos, oficinas etc.)	Cada participação corresponde a 4 horas	Até 16 horas	Certificado dos organizadores do evento	
Organização e/ou execução de eventos acadêmicos e científicos (congressos, seminários, conferências, simpósios, workshops, reuniões, fóruns, encontros, colóquios, palestras, minicursos, oficinas etc.)	Cada participação corresponde a 10 horas	Até 20 horas	Certificado dos organizadores do evento	
Participação do acadêmico em seminários, palestras, encontros, semanas acadêmicas, feiras, fóruns, oficinas, workshops e intercâmbio cultural	Cada participação corresponde a 2 horas	Até 14 horas	Certificado dos organizadores do evento	
Participação e produção em atividades artístico-culturais: audiovisual, musical, teatral, literária, artesanal	Cada participação corresponde a 10 horas	Até 20 horas	Certificado dos organizadores do evento	
ATIVIDADES COMPLEMENTARES	DETALHE DA ATIVIDADE	MÁXIMO DE HORAS	COMPROVAÇÃO	OBSERVAÇÕES
EIXO 4 - EVENTOS DE NATUREZA ARTÍSTICA, CIENTÍFICA OU CULTURAL				
Premiação em eventos ou concursos científicos e/ou culturais	Cada premiação corresponde a 10 horas	Até 20 horas	Certificado dos organizadores do evento	
EIXO 5 - PRODUÇÕES DIVERSAS				
Produções em Ciência e Tecnologia (C&T): protótipo, software, material didático etc.	Cada produção corresponde a no máximo 10 horas	Até 20 horas	Declaração do professor orientador e cópia digital da produção ou registro fotográfico do protótipo com o memorial descritivo	
EIXO 6 - AÇÕES COMUNITÁRIAS				





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

Participação voluntária em entidades governamentais ou não governamentais legalmente registradas (CNPJ): consultoria, assessoria, gestão e outras pertinentes à área de conhecimento do curso de Engenharia Florestal		Até 10 horas	Declaração da entidade com descrição das atividades desenvolvidas e carga horária	
EIXO 7 – REPRESENTAÇÃO ESTUDANTIL				
Atuação em representação de turma	Cada participação por período letivo corresponde a 20 horas	Até 20 horas	Declaração da Coordenação de Curso	
Atuação em representação de centro acadêmico	Cada participação por mandato corresponde a 20 horas	Até 20 horas	Ata de finalização do processo eleitoral e declaração da nova gestão de que o acadêmico finalizou o mandato	
ATIVIDADES COMPLEMENTARES	DETALHE DA ATIVIDADE	MÁXIMO DE HORAS	COMPROVAÇÃO	OBSERVAÇÕES
EIXO 7 – REPRESENTAÇÃO ESTUDANTIL				
Atuação em representação de diretório de estudantes	Cada participação por mandato corresponde a 20 horas	Até 20 horas	Ata de finalização do processo eleitoral e declaração da nova gestão de que o acadêmico finalizou o mandato	
Participação em comitês e conselhos institucionais	Cada participação em reunião corresponde a 1 hora	Até 15 horas	Declaração de frequência nas reuniões emitida pelo órgão/unidade competente	

Macapá (AP), 06 de março de 2023

Comissão de Reformulação do PPC de Engenharia Florestal

Portaria Nº 480/2021 – UEAP





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

Aprovado pelo Colegiado do Curso de Engenharia Florestal em 31 de maio de 2023.

Aprovado pelo Conselho Superior Universitário – CONSU em XX de XXXX de 2024,
através da Resolução Nº XXX/2024.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

20.2 REGULAMENTO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO DO CURSO
DE ENGENHARIA FLORESTAL

TÍTULO I

DA CONCEPÇÃO E OBJETIVOS DO ESTÁGIO

Art. 1º O Estágio Curricular Supervisionado é aquele de caráter obrigatório, definido no Projeto Pedagógico dos Cursos (PPC) de Graduação de Bacharelado e Tecnológico, cuja carga horária é requisito para integralização curricular e obtenção de diploma, possibilitando ao estudante integrar e consolidar inovações tecnológicas, sociais, econômicas e políticas a que estão sujeitos.

Art. 2º As especificidades de cada curso determinarão a partir de que período o Estudante poderá realizar o Estágio Curricular Supervisionado, considerando o período de realização das atividades após a segunda metade do curso, conforme preconiza a Legislação vigente.

Art. 3º O Estudante deve estar regularmente matriculado para cursar o Estágio Curricular Supervisionado no período de matrícula estipulado no Calendário Acadêmico da Universidade do Estado do Amapá - UEAP.

Art. 4º A UEAP e as partes concedentes de Estágio podem, a seu critério, recorrer a serviços de agentes de integração públicos e privados, mediante condições acordadas em instrumento jurídico apropriado, devendo ser observada, no caso de contratação com recursos públicos, a legislação que estabelece as normas gerais de licitação.

Art. 5º O Estágio Curricular Supervisionado constitui uma forma de integração Acadêmico/Instituição Concedente/Instituição de Ensino (UEAP), tendo os seguintes objetivos:

- I- Permitir, ao Estudante, a atuação e experimentação, em campo, da realidade profissional em sua área de formação, para aplicação, aprimoramento e complementação dos conhecimentos adquiridos no curso como elementos constitutivos do movimento permanente de ação/reflexão, teoria/prática, tendo como referência básica a realidade social concreta do cotidiano, respeitando os aspectos éticos inerentes ao desempenho profissional da habilitação em Bacharel;
- II- Proporcionar melhoria do processo de ensino-aprendizagem, constituindo-se em um instrumento de integração UEAP/Instituição Concedente de estágio, sob a forma de vivência





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

prática e aperfeiçoamento técnico-científico e sociocultural que permita o desenvolvimento das potencialidades individuais, corroborando para o aprimoramento pessoal e profissional do estudante;

III- Oferecer subsídios à revisão de currículos e adequação de programas, de modo a permitir à Universidade uma compreensão abrangente da realidade, atualizando e reforçando seu papel quanto ao desenvolvimento regional e nacional.

IV- Desenvolver a habilidade de relacionamento humano, comunicação interpessoal e de interpretação da realidade percebida no campo de estágio, tendo como referências os conhecimentos e domínios adquiridos durante a execução do currículo do curso;

V- Possibilitar ao estudante a realização de atividades que permitam condições de aplicar o embasamento teórico conferido ao longo do curso através do uso de tecnologias e metodologias adotadas no cotidiano profissional.

TÍTULO II

DA NATUREZA JURÍDICA DO ESTÁGIO

CAPÍTULO I DA BASE LEGAL

Art. 6º As atividades de Estágio Curricular Supervisionado nos cursos de Graduação de Bacharelado e Tecnólogo da UEAP estão regulamentadas de acordo com as seguintes Legislações:

I- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, em seu Art. 82 assegura que “os sistemas de ensino estabelecerão as normas de realização jurisdição”.

II- Lei Federal nº 11.788, de 25 de setembro de 2008, que dispõe de estágio em sua sobre o estágio de estudantes e dá outras providências, reconhece o estágio em seu Art. 1º como sendo um “ato educativo escolar supervisionado” e nos parágrafos do mesmo Artigo destaca ainda que “[...] faz parte do Projeto Pedagógico do Curso [...]”, visando ao “[...] aprendizado de competências próprias da atividade profissional e à contextualização curricular[...]

III- Lei Federal n.º 13.005/2014, que aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências;

IV- Decreto Federal n.º 5.154/2004, que regulamenta o § 2º do Art. 36 e os Arts. 39 a 41 da Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e dá outras providências.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

- V- Parecer CNE/CES n.º 1/2019, aprovado em 23 de janeiro de 2019, Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Engenharia;
- VI- Resolução CNE/CP n.º 2, de 18 de junho de 2007, que dispõe sobre carga horária mínima e procedimentos relativos à integralização e duração dos cursos de graduação, bacharelados, na modalidade presencial, determina em seu Art. 1º, parágrafo único, que os “estágios e atividades complementares dos cursos de graduação, bacharelados, na modalidade presencial, não deverão exceder a 20% (vinte por cento) da carga horária total do curso, salvo nos casos de determinações legais em contrário”;
- VII- Resolução CNE/CES n.º 2, de 24 de abril de 2019, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Engenharia, a serem observadas pelas Instituições de Ensino Superior do País;
- VIII- Resolução CNE/CP n.º 1, de 5 de janeiro de 2021, que define as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Profissional e Tecnológica;
- IX- Projetos Pedagógicos dos Cursos de Bacharelado e de Tecnólogo da UEAP devidamente aprovados pelo Conselho Universitário-CONSU/UEAP.

CAPÍTULO II

DAS PARTES E INSTRUMENTOS INTEGRANTES

Art. 7º São partes integrantes das atividades do Programa de Estágio UEAP:

- I- Instituição de Ensino/UEAP;
- II- Instituição Concedente;
- III- Setor de Estágio Curricular; Supervisionado da
- IV- Coordenação de Curso;
- V- Professor orientador;
- VI- Supervisor de Estágio;
- VII- Estudante estagiário.

Art. 8º O Estágio Curricular Supervisionado observará todas as normas pertinentes, dentre elas:

- I- Legislações nacionais pertinentes ao Curso de Bacharel;
- II- Normas internas da UEAP pertinentes ao desenvolvimento do Estágio Curricular Supervisionado nos Cursos de Graduação de Bacharelado e Tecnólogo;





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

III- Termo de Cooperação Técnica e/ou Convênio celebrado entre a UEAP e as Instituições Concedentes, parceiras de vagas de Estágio, quando houver.

Art. 9º Para fins de comprovação, regularização e registro das atividades de Estágio, deverão ser emitidas, assinadas pelas partes e entregues, para salvaguarda, à autoridade competente, as seguintes documentações:

- I- Termo de Compromisso de Estágio, prevendo em suas cláusulas, o seguro contra acidentes pessoais em favor do estudante;
- II- Plano de Estágio;
- III- Documentações emitidas pela UEAP para fins de regularização do estagiário perante a Instituição Concedente;
- IV- Fichas avaliativas.

CAPÍTULO III
DOS TIPOS DE ESTÁGIO

Art. 10. O Estágio poderá ser obrigatório ou não obrigatório, conforme determinação da Lei Federal nº 11.788/08, que dispõe sobre o estágio de estudantes.

Seção I

Do Estágio Obrigatório/ Estágio Supervisionado

Art. 11. O Estágio Obrigatório é aquele definido no Projeto Pedagógico do Curso (PPC) que consta na matriz curricular, cuja realização far-se-á mediante matrícula, assim como nas demais disciplinas, consistindo em um requisito essencial para a integralização da carga horária do curso para aprovação e obtenção de diploma, sendo desenvolvido em uma única etapa ou em qualquer das áreas de atuação definidas no PPC em conformidade com o Plano de Estágio.

- I- As atividades realizadas ao longo do Estágio Obrigatório são entendidas como atividades pré-profissionais, desenvolvidas em situações legítimas de trabalho, sendo este um processo interdisciplinar avaliativo e criativo, promovido para articular teoria e prática;
- II- Deverão ser respeitadas as especificidades e a natureza de cada curso, expressas no Projeto Pedagógico de Curso e em conformidade com as legislações pertinentes;
- III- As atividades desenvolvidas pelo estudante ao longo do Estágio Obrigatório deverão ser harmônicas com os campos de conhecimento referentes ao seu exercício da





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

interdisciplinaridade e respeitando as normas do Concedente; curso, priorizando a Empresa/Instituição

IV- A metodologia de ensino e o processo de avaliação do estágio serão definidos nos colegiados de cada curso através do PPC, em conformidade com este Regulamento e com as Normas de Avaliação da Universidade.

Seção II

Do Estágio não Obrigatório

Art. 12. Estágio não Obrigatório é aquele desenvolvido como atividade opcional, por escolha do estudante, sendo suas atividades complementares a sua formação acadêmico- profissional. O estudante poderá desenvolver o Estágio não Obrigatório em qualquer época do curso, respeitando a legislação em vigor e o presente Regulamento.

CAPÍTULO IV

DA CONCESSÃO DE CRÉDITO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Art. 13. O estudante que desenvolver atividades profissionais correspondentes ao seu curso na posição de empregado devidamente registrado, autônomo, empresário, funcionário público ou outra modalidade de exercício profissional legalmente reconhecida e devidamente comprovada poderá creditar até 100% (cem por cento) de suas atividades legitimadas como Estágio Obrigatório, desde que haja manifestação favorável do Professor Orientador de Estágio Curricular Supervisionado, em Parecer Técnico-Pedagógico e aprovação do pedido pelo Colegiado, reconhecendo a compatibilidade entre a natureza do curso e o aproveitamento e aplicação dos conhecimentos teóricos na atividade profissional exercida, bem como sua contribuição para a formação profissional do estudante.

Art. 14. Ao requerer, por escrito, a convalidação das atividades profissionais como Estágio Curricular Supervisionado, o estudante deverá encaminhar à Coordenação de Curso, por meio do Protocolo Geral da UEAP, o Formulário de Convalidação de Estágio (APÊNDICE G), o Plano de Estágio mais as seguintes documentações anexas:

- I- Se empregado, cópia da Carteira de Trabalho contendo as suas informações pessoais, bem como dados do seu vínculo empregatício;
- II- Se autônomo, cópia do comprovante ou do registro na Prefeitura ou cópia do comprovante de recolhimento do Imposto Sobre Serviços (ISS) referente ao mês do pedido do requerimento, ou cópia do carnê de contribuição ao INSS;





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

III- Se empresário, cópia do contrato social da empresa ou comprovante de registro do referido contrato na instituição responsável pela regularização e fiscalização das atividades empresariais desenvolvidas instituição; pela empresa, e de comprovante de regularidade emitido pela instituição.

IV- Se funcionário público, cópia do decreto ou portaria de nomeação e declaração atestando a não exoneração a bem do serviço público.

Art. 15. Para terem validados os pedidos de crédito de Estágio Curricular, o estudante deverá estar presente nos momentos de orientações, conforme horários previamente agendados, e entregar o Relatório Final seguindo as recomendações do Professor Orientador, conforme os termos do Artigo 14.

Seção I

Do Programa Jovem Aprendiz

Art. 16. Os estudantes participantes do Programa Jovem Aprendiz poderão ter as suas atividades aproveitadas a título de Estágio Obrigatório, seguindo as seguintes condições:

I- Solicitar, por meio de requerimento à Coordenação do Curso, a Concessão de Crédito, anexando ao pedido justificativa fundamentada que apresente a compatibilidade com a natureza do curso, contribuição para o exercício do curso de Bacharelado e Tecnólogo em questão, assim como aplicação da teoria na prática;

II- Encaminhar, à Coordenação de Curso, por meio do Protocolo Geral da UEAP, o Contrato e/ou Termo de Compromisso da empresa/instituição e o Plano de Trabalho, a qual está vinculado o estudante, para fins de averiguação quanto à compatibilidade entre a atividade exercida e a natureza do curso, conforme a Matriz Curricular do PPC e a aplicabilidade da teoria aprendida na prática profissional;

III- Se aprovado o pedido de crédito pela Coordenação de Curso, encaminhar, a cada 02 (dois) meses, Relatórios Parciais das atividades desenvolvidas, para fins de avaliação do Professor Orientador;

IV- Frequentar as aulas de Estágio Curricular Supervisionado, respeitando o planejamento do Professor Orientador, bem como apresentar o Relatório Final e as Fichas Avaliativas.

Parágrafo único. O Programa Jovem Aprendiz deverá estar em curso no momento da oferta de Estágio Supervisionado, para que o Professor Orientador possa, mediante acesso à empresa/instituição concedente, observar os trabalhos desenvolvidos e confirmar a





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

compatibilidade entre as atividades e a natureza do curso, avaliando a possibilidade de concessão de crédito.

Seção II

Do Estágio não Obrigatório Supervisionado

Art. 17. Será facultado o aproveitamento da carga horária relativa à realização do Estágio não Obrigatório Supervisionado durante a vigência do Curso, desde que:

I- Sejam apresentadas cópias dos seguintes documentos:

- a) Contrato de Estágio e/ou do Termo de Compromisso, devidamente assinado pelas partes;
- b) Programa e/ou Plano de Estágio das atividades desenvolvidas, devidamente certificado pela Instituição Concedente do Estágio, o qual deverá ser submetido à apreciação e aprovação do Colegiado do Curso, devendo ser emitido parecer técnico- pedagógico contendo, inclusive, o número de horas a ser creditado ao estudante por conta desta atividade;
- c) Fichas de frequência e Relatório final do Estágio não Obrigatório;

II- Haja comparecimento do estudante nas orientações do Estágio Obrigatório;

III- Seja observado o planejamento do Professor Orientador/Supervisor, bem como, apresentar o Termo de compromisso de estágio, Fichas de frequência e as Fichas Avaliativas.

§ 1º O Estágio não Obrigatório deverá estar em curso no momento da oferta de Estágio Supervisionado, para que o Professor Orientador possa, mediante acesso à Empresa/Instituição Concedente, observar os trabalhos desenvolvidos e confirmar a compatibilidade entre as atividades e a natureza do curso, avaliando a possibilidade de concessão de crédito.

§ 2º O Estágio não Obrigatório só poderá ser convalidado como Estágio Obrigatório se transcorrido após a segunda metade do Curso de Bacharelado e Tecnólogo em questão.

§ 3º O Estágio não Obrigatório, para ser convalidado como Estágio Obrigatório, deverá ocorrer em conformidade com os requisitos do Estágio Curricular Supervisionado previstos no PPC.

TÍTULO III

DAS ATRIBUIÇÕES DAS PARTES INTEGRANTES

CAPÍTULO I

DAS ATRIBUIÇÕES DA INSTITUIÇÃO DE ENSINO/UEAP





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

Art. 18. São obrigações da UEAP, em relação aos estágios de seus educandos, conforme determina a Lei Federal n.º 11.788/2008:

- I- Celebrar termo de compromisso com o educando ou com seu representante ou assistente legal, quando ele for absoluto ou relativamente incapaz, e com a parte concedente, indicando as */condições de adequação do estágio à proposta pedagógica do curso, à etapa e modalidade da formação escolar do estudante e ao horário e calendário escolar;
- II- Avaliar as instalações da parte concedente do estágio e sua adequação à formação cultural e profissional do educando;
- III- Indicar Professor Orientador, da área a ser desenvolvida no estágio, como responsável pelo acompanhamento e avaliação das atividades do estagiário;
- IV - Exigir do educando a apresentação periódica, em prazo não superior a 6 (seis) meses, de relatório das atividades;
- V- Zelar pelo cumprimento do termo de compromisso, orientando o estudante/estagiário para outro local, em caso de descumprimento de suas normas;
- VI- Elaborar normas complementares e instrumentos de avaliação dos estágios de seus educandos;
- VII- Comunicar, à parte concedente do estágio, no início do período letivo, as datas de realização das avaliações acadêmicas;
- VIII - Contratar em favor do estudante/estagiário seguro contra acidentes pessoais, cuja apólice seja compatível com valores de mercado, conforme fique estabelecido no Termo de Compromisso de Estágio Obrigatório.

Art. 19. É facultado às instituições de ensino celebrar com entes públicos e privados convênios de concessão de estágio, nos quais se explicitem o processo educativo compreendido nas atividades programadas para seus educandos e as condições de que tratam os arts. 6º ao 14 da Lei Federal 11.788/2008.

Parágrafo único. Em casos em que a UEAP celebre convênios ou termos de cooperação técnica para concessão de Estágio Obrigatório para seus estudantes, não será dispensada a assinatura do Termo de Compromisso de Estágio Obrigatório entre a Instituição de Ensino e a parte concedente de estágio.

CAPÍTULO II
DAS ATRIBUIÇÕES DA INSTITUIÇÃO CONCEDENTE





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

Art. 20. À Instituição Concedente do estágio, conforme a Lei Federal nº. 11.788, de 25 de setembro de 2008, cabe:

- I- Firmar Termo de Compromisso com o Estudante Estagiário, Instituição Concedente e Instituição de Ensino, zelando por seu fiel cumprimento;
- II- Informar ao estagiário as normas da Empresa/Instituição Concedente de estágio, considerando seu Código de Ética;
- III- Ofertar instalações que tenham condições de proporcionar ao educando atividades de aprendizagem social, profissional e cultural;
- IV- Designar um funcionário de seu quadro de pessoal, com formação ou experiência na área de conhecimento correspondente ao curso de Graduação de Bacharelado e Tecnólogo em que esteja sendo ofertado o Estágio Curricular Supervisionado, para orientar e supervisionar até 10 (dez) estagiários simultaneamente;
- V- Contactar o Setor de Estágio Curricular da UEAP, para qualquer necessidade de alterações no Termo de Compromisso de Estágio Obrigatório celebrado, para que seja providenciado um termo aditivo, bem como por ocasião do desligamento do estagiário, entregar termo de realização do estágio com indicação resumida das atividades desenvolvidas, dos períodos e da avaliação de desempenho;
- VI- Manter, à disposição da fiscalização, documentos que comprovem a relação de estágio;
- VII- Enviar à Instituição de Ensino, com periodicidade mínima de 6 (seis) meses, relatório de atividades, com vista obrigatória ao estagiário;
- VIII- Aplica-se ao estagiário a Legislação relacionada à saúde e segurança no trabalho, sendo sua implementação de responsabilidade da parte concedente do estágio.

CAPÍTULO III

DAS ATRIBUIÇÕES DO SETOR DE ESTÁGIO CURRICULAR

Art. 21. O Setor de Estágio Curricular incumbe otimizar os procedimentos de administração de Estágio Obrigatório, de modo a garantir a sua conclusão de forma satisfatória, respeitando a legislação em vigor, em especial este Regulamento de Estágio Curricular Supervisionado dos Cursos de Graduação de Bacharelado e Tecnólogo da UEAP.

Art. 22. Compete ao Setor de Estágio Curricular:





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

- I- Propor, quando necessário, alterações às determinações estabelecidas no presente Regulamento para o Estágio Obrigatório, em parceria com os Cursos representados pelo docente responsável de Estágio Curricular Supervisionado, considerando o Projeto Pedagógico do Curso, bem como a legislação educacional vigente;
- II- Manter intercâmbio sistemático com as empresas/instituições concedentes que atuarão como campo de estágio;
- III- Organizar um cadastro de campos de estágios, a partir dos convênios realizados entre a UEAP e empresas/instituições concedentes;
- IV- Acompanhar e fiscalizar os procedimentos relativos ao seguro contra acidentes pessoais relativo ao estagiário, nos termos da legislação vigente;
- V- Prestar serviço técnico-didático para a regularização de atividades de Estágio e para sua transcorrência, de modo a cumprir com seus objetivos e seja efetivado da melhor maneira possível;
- VI- Encaminhar o estudante candidato à vaga de estágio obrigatório às empresas/instituições concedentes, indicadas no Formulário do Setor de Estágio Curricular devidamente, preenchido pelo Professor Orientador, conforme APÊNDICE B;
- VII- Atuar como representante legal da UEAP no ato da celebração do Termo de Compromisso de Estágio Obrigatório, entre a Instituição Concedente, a Instituição de Ensino e o Estudante Estagiário;
- VIII- Fornecer, aos Professores Orientadores, os Formulários e demais documentos necessários à administração das atividades de Estágio Obrigatório por meio de endereço eletrônico institucional;
- IX- Orientar os professores responsáveis pelas atividades de Estágio Obrigatório quanto ao correto preenchimento do Formulário e demais documentos a serem entregues ao Setor de Estágio Curricular, zelando pelas documentações geradas durante o processo de Estágio Obrigatório;
- X- Divulgar, entre os Estudantes e Professores Orientadores, as vagas de Estágio oferecidas pelas empresas/instituições concedentes, bem como dar publicidade na UEAP;
- XI- Emitir parecer nas questões de Estágio e exercer outras atribuições diretamente relacionadas a este âmbito, sempre que se fizer necessário;
- XII- Fazer solicitação de vaga de estágio para Instituições Concedentes;





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

- XIII- Acompanhar o desenvolvimento das atividades de Estágio junto ao Professor Orientador e ao Profissional Supervisor, convocando reuniões sempre que se fizer necessário;
- XIV- Apoiar ações de socialização das experiências e conhecimentos adquiridos durante as atividades de Estágio;
- XV- Administrar, sob o ponto de vista técnico-didático, os estágios, supervisionando o cumprimento da legislação correlata em vigor, em especial, o Regulamento de Estágio da UEAP;
- XVI- Zelar pelo cumprimento da política de estágio estabelecida pela UEAP;
- XVII- Representar a UEAP no ato da assinatura do Termo de Compromisso;
- XVIII - Promover, junto aos Professores Orientadores de Estágio, estudos e debates, visando ao aperfeiçoamento do processo didático-pedagógico das atividades de Estágio; XIX- Elaborar as minutas de convênios, contratos e termos de compromisso e cooperação técnica com Instituições públicas e privadas, que deverão ser submetidas à autoridade competente para análise quanto à legalidade e conveniência, convalidação e posterior assinatura, criando a relação jurídica entre a UEAP e a Instituição Concedente, nos termos previstos na documentação.

Parágrafo único. Quanto à escolha do local de Estágio Obrigatório é de responsabilidade do estudante e do Curso. Entretanto, o Setor de Estágio Curricular, eventualmente, poderá intervir caso o estudante apresente problemas para encontrar ambiente de estágio nos campos de conhecimento especificados no PPC.

CAPÍTULO IV
DAS ATRIBUIÇÕES DA COORDENAÇÃO DE CURSO

Art. 23. À Coordenação de Curso compete:

- I- Divulgar vaga de Estágio não Obrigatório aos estudantes;
- II- Encaminhar, ao Setor de Estágio Curricular, por meio de Formulário preenchido e enviado por vias eletrônicas, as informações dos estudantes em Estágio não Obrigatório, para fins de documentação;
- III- Prestar informações ao Setor de Estágio Curricular sempre que solicitado;
- IV- Indicar professores com formação acadêmica ou experiência profissional na área do curso do Estudante Estagiário para ministrar atividades de Estágio Curricular Supervisionado;
- V- Acompanhar as atividades dos Professores Orientadores de estágios.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

Parágrafo único. A Coordenação de Curso poderá indicar um docente com atribuição de sistematizador, ao qual ficará a incumbência de acompanhamento da dinâmica geral das atividades de Estágio.

CAPÍTULO V

DAS ATRIBUIÇÕES DO PROFESSOR ORIENTADOR

Art. 24. Ao Professor Orientador de Estágio Supervisionado incumbe o acompanhamento pedagógico das atividades de Estágio até a apresentação do Relatório Final.

Art. 25. O Professor Orientador será designado pelo Colegiado do curso, respeitando a formação e experiências profissionais que possibilitem o direcionamento e o acompanhamento dos estudantes no decorrer das etapas, de acordo com as áreas de estágio.

Art. 26. Compete ao Professor Orientador do Estágio:

- I- Encaminhar o Formulário com dados dos estudantes ao Setor de Estágio Curricular para a emissão dos documentos necessários à regularização junto à Empresa/Instituição Concedente com no mínimo 15(quinze) dias de antecedência ao início das atividades;
- II- Examinar e aprovar o Plano de Estágio;
- III- Realizar o acompanhamento do Estágio, certificando-se de que houve cumprimento da carga horária destinada às atividades de campo, conforme PPC;
- IV- Acompanhar, junto ao Supervisor do Estágio da Instituição Concedente, o desenvolvimento das atividades contidas no Plano de Estágio;
- V- Orientar, técnica e pedagogicamente, o estudante individualmente ou em grupo na elaboração do relatório final de estágio, de acordo com as normas da ABNT, estabelecendo prazos para sua entrega e avaliação, conforme Calendário Acadêmico e sistema de avaliação, respectivamente;
- VI- Zelar pelo cumprimento do Regulamento;
- VII- Analisar e emitir Parecer Técnico-Pedagógico às solicitações de crédito de Estágio, que deverão ter sido feitos discriminadas; seguindo critérios específicos de avaliação das atividades
- VIII - Manter o Setor de Estágio Curricular e a Coordenação de Curso informados quanto à circunstância se/ou eventos que possam vir a causar prejuízo às atividades;
- IX- Responder pela coerência entre as atividades desenvolvidas pelo estagiário e o Projeto Pedagógico do Curso;
- X- Participar de reuniões e demais atividades relacionadas a Estágio sempre que solicitado;





**GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ**

- XI- Definir prazos para a apresentação do Relatório das atividades de Estágio;
- XII- Realizar visitas, contatos, entrevistas e reuniões com Estudantes Estagiários e Supervisores da Instituição Concedente;
- XIII- Emitir Diário e Relatório Final de Estágio Curricular Supervisionado à Coordenação de Curso;
- XIV- Enviar, ao Setor de Estágio Curricular, cópia do Relatório Final do estudante em meio digital;
- XV- Devolver ao Setor de Estágio Curricular cópias, após o encerramento das atividades, as documentações necessárias à regularização do Estágio na Instituição Concedente, para fins de guarda e arquivo no Setor.

CAPÍTULO VI

DAS ATRIBUIÇÕES DO SUPERVISOR NA INSTITUIÇÃO CONCEDENTE

Art. 27. Compete ao Supervisor de Estágio da Instituição Concedente, conforme determina a Lei Federal n.º 11.788/2008:

- I- Promover a integração do estagiário na Empresa/Instituição Concedente, primando por sua integridade física e moral durante o período de estágio;
- II- Contatar o Professor Orientador de Estágio da UEAP, quando necessário;
- III- Elaborar e assinar em conjunto com o Professor Orientador e o estudante o Plano de Estágio;
- IV- Proceder à avaliação do estagiário na Empresa/Instituição Concedente encaminhando ao final do estágio as fichas devidamente assinadas e carimbadas ao Professor Orientador;
- V- Orientar o estagiário durante o seu período de permanência na Empresa/Instituição Concedente;
- VI- Atestar, através de Ficha de Frequência, a carga horária estagiada (APÊNDICE F);
- VII- Encaminhar o Relatório Final de Estágio e frequência do período das atividades de estágio realizadas ao Professor Orientador da UEAP, para análise, avaliação e posterior, envio ao Setor de Estágio Curricular para guarda e arquivo na pasta do respectivo curso.

Seção I

Das Atribuições do Supervisor de Estágio realizado da UEAP

Art. 28. O Supervisor de Estágio, na ocasião em que o Estágio for realizado diretamente nesta Instituição de Ensino, obrigar-se-á:





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

- I- Assistir ao Estudante acompanhando e avaliando o desempenho do estagiário, na UEAP, durante o período de realização do Estágio Obrigatório;
- II- Participar de outras atividades relacionadas à orientação de estágio, se for necessário;
- III- Aprovar a elaboração do Relatório Final de Estágio;
- IV- Tramitar todos os documentos relativos à orientação/supervisão;
- V- Elaborar o Plano de Estágio, junto com o Professor Orientador e o estagiário/estudante, antes do início das atividades, zelando pelo fiel cumprimento dos objetivos;
- VI- Elaborar e acompanhar cronograma mensal de acompanhamento de Estágio;
- VII- Articular-se, quando necessário, com o Setor de Estágio Curricular para cumprimento do que determina a CLÁUSULA SEXTA, alínea “e” do TCE;
- VIII- Solicitar reuniões com o Professor Orientador ou com Setor de Estágio Curricular, quando se fizerem necessárias.

Parágrafo único. A supervisão do Estágio Obrigatório será exercida por docente e/ou técnico administrativo/analista do quadro de pessoal efetivo ou contrato da UEAP, com formação ou habilitação profissional na área do curso do estudante em Estágio Curricular Supervisionado ou com experiência profissional, os quais poderão atender, no máximo, 02 (dois) estudantes por turno em cada semestre letivo, visando zelar pelas dimensões técnicas, científicas, econômicas, sociais, ambientais e éticas, as quais possibilitarão que as atividades de estágio contribuam para formar um profissional com perfil e competências apto a atuar em campos da área e correlatos.

CAPÍTULO VII

DAS ATRIBUIÇÕES DO ESTUDANTE ESTAGIÁRIO

Art. 29. Estará apto à realização do Estágio Curricular Supervisionado do curso de Graduação em Bacharel da UEAP o estudante que tiver cumprido todas as exigências previstas neste Regulamento, assim como apresentar matrícula regular e nome no Diário Eletrônico.

Art. 30. Ao Estudante Estagiário, compete:

- I- Observar e cumprir as normas e regulamentos da UEAP correspondentes à dinâmica de desenvolvimento de Estágio Curricular Supervisionado;
- II- Acatar as normas da Empresa/Instituição Concedente do estágio, respeitando e Zelando pelo sigilo e cumprimento das normas e regulamentos internos;
- III- Respeitar as deliberações do Professor Orientador e do Supervisor, durante o período de vigência do Termo de Compromisso de Estágio e do Plano de Estágio;





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

- IV- Cumprir as cláusulas previstas no Termo de Compromisso de Estágio;
- V- Elaborar, em conjunto com seu Professor Orientador e Supervisor de Estágio, o Plano de Estágio, que deve ser submetido à análise e aprovação das partes, APÊNDICE C;
- VI- Submeter-se às avaliações previstas no critério de avaliação voltado para o Estágio Curricular Supervisionado;
- VII- Comparecer às reuniões convocadas pelo Orientador/Supervisor, Supervisor ou Coordenação de Curso e Setor de Estágio Curricular;
- VIII- Elaborar o Relatório Final de Estágio sobre orientação do Supervisor e do Professor Orientador e apresentá-lo ao Professor Orientador no prazo estipulado para as providências necessárias;
- IX- Cumprir os prazos estabelecidos para entrega do Relatório Final de Estágio, bem como, apresentação seguindo o Calendário Acadêmico;
- X- Informar, por escrito, através do Protocolo Geral da UEAP qualquer situação que possa trazer prejuízos ao desenvolvimento do Estágio Obrigatório;
- XI- Frequentar e participar das aulas de Estágio Obrigatório.

Seção I

Dos Direitos e Deveres do Estudante Estagiário

Art. 31. São direitos do Estudante Estagiário:

- I- Ser orientado e acompanhado, nas atividades de campo, pelo Professor Orientador;
- II- Vivenciar experiências necessárias ao seu preparo profissional, numa visão concreta do meio e das condições de trabalho, permitindo que se enriqueça o seu currículo e sua formação como profissional.
- III- Apresentar qualquer solicitação ou sugestão que contribua para o aperfeiçoamento das atividades de estágio;
- IV- Consultar o Professor Orientador ou Setor de Estágio Curricular, em qualquer tempo, para sanar suas dúvidas em relação ao Estágio.

Art. 32. São deveres do Estudante Estagiário:

- I- Estar matriculado em Estágio Curricular Supervisionado, observadas as nomenclaturas específicas de cada curso;
- II- Participar das orientações gerais e fundamentação teórica de Estágio;
- III- Respeitar as normas internas da Instituição Concedente do Estágio;





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

- IV- Executar as atividades com pontualidade, assiduidade, ética e equilíbrio emocional;
- V- Cumprir as exigências legais referentes à realização do estágio e à carga horária;
- VI- Tratar com cortesia e urbanidade todas as pessoas envolvidas, direta ou indiretamente, na realização do Estágio;
- VII- Comunicar, com antecedência, que não poderá comparecer às atividades programadas justificando sua ausência;
- VIII- Atingir aproveitamento e rendimento compatíveis com a natureza do Estágio;
- IX- Dispor de horário para cumprir as atividades previstas para o estágio, em contra turno do horário da aula na UEAP;
- X- Não rasurar os documentos referentes ao estágio;
- XI- Elaborar e entregar, dentro dos prazos estabelecidos, os planos de estágio;
- XII- Planejar e executar as atividades previstas para o cumprimento do Estágio, observando formas e padrões estabelecidos pela Universidade;
- XIII- Resguardar o sigilo e garantir com que a veiculação de informações obtidas na Instituição Concedente, as quais tenha acesso em decorrência das atividades de estágio, seja realizada somente no interior da Instituição e somente quando estritamente necessário ao desempenho de suas atividades de Estágio da Instituição Concedente, em outros casos deverá ser solicitado por escrito permissão da Instituição Concedente para uso das informações;
- XIV- Apresentar Relatório de Estágio com todos os itens imperiosos ao cumprimento das atividades, inclusive os roteiros de entrevista e fichas individuais devidamente preenchidas, assinadas e canceladas pela Instituição Concedente no prazo a ser estipulado pelo Professor Orientador de Estágio;
- XV- Socializar as atividades do Estágio;
- XVI- Cumprir as cláusulas previstas no Termo de Compromisso de Estágio Obrigatório.

TÍTULO IV

DAS ETAPAS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

CAPÍTULO I

DA CARGA HORÁRIA E DURAÇÃO DO ESTÁGIO





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

Art. 33. Conforme Resolução n.º CNE/CES n.º 2, de 24 de abril de 2019, “a carga horária estágio curricular deve estar prevista no Projeto Pedagógico do Curso, sendo a mínima de 160 (cento e sessenta) horas”.

Art. 34. O Estágio Obrigatório dos cursos de Graduação de Bacharelado e Tecnólogo ofertados pela UEAP seguirá as deliberações contidas nos Projetos Pedagógicos de Curso, os quais deverão descrever a dinâmica de organização de Estágio Curricular Supervisionado, especificando semestre de oferta, a carga horária a ser integralizada e demais informações indispensáveis ao efetivo cumprimento da atividade.

Art. 35. A jornada diária do Estágio Curricular Supervisionado não poderá ser inferior a 04 (quatro) horas diárias e 20 (vinte) horas semanais e não exceder a 06 (seis) horas e 30 (trinta) horas semanais, devendo ser desenvolvido em turno contrário ao de matrícula acadêmica do estudante, conforme o caso.

Art. 36. O tempo previsto para Estágio Obrigatório só passará a ser computado a partir da assinatura do Termo de Compromisso de Estágio pelo Estudante, Instituição Concedente e Instituição de Ensino.

Art. 37. É obrigatória ao estagiário a integralização da carga horária prevista, para efeito de conclusão de curso.

Parágrafo único. O Estágio Obrigatório relativo a cursos que alternam teoria e prática, nos períodos em que não estão programadas aulas presenciais, poderá ter jornada de até 40 (quarenta) horas semanais, desde que isso esteja previsto no Projeto Pedagógico do Curso e da Instituição de Ensino, conforme prevê a Lei Federal n.º 11.788/2008.

CAPÍTULO II

DO DESLIGAMENTO DO ESTAGIÁRIO

Art. 38. O desligamento do estagiário ocorrerá automaticamente ao término do período estipulado no TCE para o cumprimento da carga horária de Estágio Curricular Supervisionado especificado na matriz curricular do PPC de Graduação de Bacharelado e Tecnólogo da UEAP.

Art. 39. O estagiário poderá ser desligado da Empresa/Instituição Concedente antes do encerramento do período de estágio previsto, nos seguintes casos:

I- A pedido do estagiário, com prévia comunicação por escrito à empresa e ao Setor de Estágio (APÊNDICE H);





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

- II- Por iniciativa da Empresa/Instituição Concedente, quando o estagiário deixar de cumprir alguma cláusula do Termo de Compromisso de Estágio;
- III- Por iniciativa da UEAP, quando a Instituição Concedente deixar de cumprir obrigações previstas no Termo de Compromisso de Estágio ou houver constatação de inadequação no cumprimento do Plano de Estágio;
- IV- Trancamento de Matrícula ou cancelamento do curso;
- V- Prestação de Serviço Militar Obrigatório;
- VI- Mudança de curso, desde que as atividades sejam incompatíveis com sua linha de formação;
- VII- Licença maternidade ou paternidade;
- VIII- Deixar de frequentar efetivamente as aulas de Estágio Curricular Supervisionado;
- IX- Licença para tratamento de saúde;
- X- Não cumprimento do Termo de Compromisso de Estágio.

Art. 40. O pedido de desligamento deverá ser feito com pelo menos 05 (cinco) dias úteis de antecedência através de documento devidamente registrado no Protocolo Geral da UEAP e encaminhado ao Setor de Estágio Curricular (APÊNDICE H).

Art. 41. O desligamento do estagiário, por iniciativa da Instituição Concedente, deverá ser comunicado por ofício ao Setor de Estágio Curricular da UEAP, com pelo menos 05 (cinco) dias úteis de antecedência através de documento devidamente registrado no Protocolo Geral da UEAP informando os motivos do desligamento.

CAPÍTULO III

DA AVALIAÇÃO DE DESEMPENHO

Art. 42. A avaliação é um processo que se dá em todas as instâncias do campo educacional e no cotidiano das pessoas. Dessa forma, todas as atividades constantes no Estágio Curricular Supervisionado transformar-se-ão em subsídios consistentes para tal processo, sem perder de vista que é fundamental a participação, assiduidade e pontualidade em todas as etapas do mesmo como meio de ensinar e aprender satisfatoriamente.

Art. 43. A avaliação, concebida como processo contínuo de mensuração do desempenho, será realizada ao longo do processo, visando à produção do conhecimento e observando:





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

- I- O comprometimento com as atividades realizadas durante a fase de fundamentação teórica, a apresentação de trabalhos orais e escritos, bem como o planejamento para a execução das atividades práticas do estágio;
- II- A definição e execução do Plano de Estágio pelo Estudante;
- III- A participação e o envolvimento nas atividades desenvolvidas durante o período na Instituição Concedente;
- IV- Declaração de conclusão do estágio emitida pela Instituição Concedente;
- V- A produção e apresentação do Relatório Final de Estágio com todos os itens imprescindíveis à proposta das atividades, incluindo as Fichas de Registro das atividades, de Frequência de Avaliação do estagiário pelo Supervisor e de Autoavaliação do estagiário, devidamente preenchidas e assinadas.

CAPÍTULO IV

DA APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Art. 44. Os resultados formais da experiência prática de Estágio Curricular Supervisionado deverão ser apresentados através relatório científico em formato digital, de acordo com as orientações da Associação Brasileira de Normas Técnicas-ABNT.

Art. 45. O Relatório Final será entregue em formato digital por e-mail ao Professor Orientador que após as avaliações e notas devolverá ao estudante para conhecimento dos apontamentos, bem como, encaminhará ao Setor de Estágio Curricular os Relatórios em formato digital da Turma em um CD ou qualquer mídia digital com as devidas identificações para guarda e arquivo na pasta do curso.

Parágrafo único. O Relatório Final de Estágio em formato digital é um instrumento a ser utilizado como meio de evitar custos desnecessários com o consumo de grande quantidade de papel e despesas para o estudante e, por consequência, uma alternativa para reduzir o volume do arquivo físico do Setor de Estágio Curricular, com vistas à otimização de espaço, à sustentabilidade financeira da UEAP e de seus educandos.

Art. 46. O Relatório Final de Estágio deverá ser entregue no prazo a ser estipulado pelo Professor Orientador de Estágio, de acordo com o cronograma definido no Plano de Estágio, respeitando o Calendário Acadêmico em vigência e o processo avaliativo da UEAP.

Art. 47. Para a avaliação do Relatório Final de Estágio será respeitada a seguinte organização:

- I - Nota dada pelo Professor Orientador de estágio, constituindo a AP 1;





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

II- Nota atribuída pelo Professor Orientador considerando os apontamentos do Supervisor de Estágio nas Fichas Avaliativas, bem como a exposição do Relatório Final de Estágio, compondo a AP 2;

III- Nota dada pelo professor avaliador do Projeto Final indicado pelo Colegiado do Curso em reunião específica, o qual deverá possuir formação na área correlata onde o estudante cumpriu as atividades de Estágio, sendo a AF.

Parágrafo único. A nota final será atribuída mediante extração da média aritmética das notas aferidas seguindo critérios avaliativos específicos do sistema de avaliação da UEAP.

Art. 48. Será aprovado aquele estudante que atingir a carga horária mínima de 75% (setenta e cinco por cento) de frequência das aulas constantes na carga horária curricular e 100% (cem por cento) de frequência nas atividades práticas do Estágio Obrigatório, bem como, obter, no mínimo, grau numérico 6 (seis) de média aritmética, na escala de 0 a 10, no conjunto das atividades previstas.

Art. 49. O não fornecimento por parte do Estudante dos documentos necessários para o processo de avaliação das atividades desenvolvidas no Estágio Curricular Supervisionado nas datas previstas implicará na retenção do mesmo.

Parágrafo único. Para os casos enquadrados no CAPÍTULO II, Seção III, deverão ser seguidos os mesmos procedimentos previstos neste Capítulo com os devidos acompanhamentos do Professor Orientador.

TÍTULO V

DAS CONDIÇÕES PARA VALIDAÇÃO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

CAPÍTULO I

DOS REQUISITOS PARA CURSAR ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Art. 50. Para cursar Estágio Supervisionado o Estudante deverá:

- I- Estar regularmente matriculado e com frequência efetiva, cursando o semestre de oferta conforme matriz curricular do curso;
- II- Apresentar disponibilidade de horário;
- III- Acolher às condições específicas definidas pela UEAP quando o Estágio Supervisionado for obtido pela Universidade;





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

IV- O Estágio Obrigatório deverá atender à carga horária prevista no Projeto Pedagógico do Curso, podendo ser realizado em uma única Empresa/Instituição Concedente ou em mais de uma, considerando as especificidades da área e previsão no Plano de Estágio.

CAPÍTULO II
DO SEGURO DE VIDA

Art. 51. A UEAP contratará em favor do estudante em atividade de Estágio obrigatório o serviço de seguro contra acidentes pessoais, cuja apólice seja compatível com valores de mercado, conforme determina a Lei Federal n.º 11.788/2008 e estabelecido na CLÁUSULA OITAVA do Termo de Compromisso de Estágio Obrigatório.

Art. 52. O Professor Orientador deverá encaminhar através de e-mail institucional os dados dos estudantes em atividade de Estágio Curricular Supervisionado à Coordenação de Curso que encaminhará através do sistema PRODOC ao Setor de Estágio Curricular para os trâmites necessários junto à empresa de seguros contra acidentes pessoais.

Art. 53. O Professor Orientador deverá levar em consideração o período de início e término das atividades de estágio obrigatório ao solicitar a inclusão de estudantes no seguro contra acidentes pessoais, devendo, ainda, encaminhar a relação de estudantes aptos com no mínimo 15 (quinze) dias antes da data de início do Estágio Curricular Supervisionado na Instituição Concedente.

Art. 54. Alternativamente, a contratação do seguro contra acidentes pessoais em favor do estudante em atividade de Estágio obrigatório poderá ser assumida pela Instituição Concedente, a critério da mesma.

§1º O serviço de seguro contra acidentes pessoais durante a realização das atividades de Estágio Curricular Supervisionado da UEAP é obrigatório, constituindo critério para formalização e validação do Estágio.

§2º Nos casos de Estágio não Obrigatório, o seguro contra acidentes pessoais será de responsabilidade da unidade concedente do estágio.

TÍTULO VI
DO ESTUDANTE ESTAGIÁRIO COM NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS

Art. 55. Quanto aos estudantes estagiários com necessidades educativas especiais, este Regulamento se orienta conforme a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, a Convenção da Guatemala (1999), promulgada no Brasil pelo Decreto n.º 3.956, de 08 de outubro de 2001, que garante às pessoas com deficiência os mesmos direitos





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

humanos e liberdades fundamentais que as demais pessoas, assim este Regulamento prevê medidas que garantam aos estudantes estagiários com deficiência o direito de cumprirem como Estágio Curricular Supervisionado em condições iguais aos demais estudantes, prestando, a UEAP, a assistência necessária para a efetivação desse direito.

Art. 56. O Plano Nacional de Educação – PNE, Lei n.º 13.005/2014, estabelece diretrizes, metas e estratégias para que os sistemas de ensino garantam o acesso e permanência dos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, de forma a apoiar seu sucesso acadêmico consolidando o atendimento às necessidades especiais dos estudantes.

Art. 57. A UEAP garantirá aos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação o atendimento educacional especializado em todas as etapas das atividades de Estágio Obrigatório, através de profissional capacitado designado pela Unidade de Educação Inclusiva-UEI, conforme solicitação formal feita pelo Professor Orientador de Estágio Curricular Supervisionado à Unidade com antecedência de 15 (quinze) dias antes do início das atividades na Instituição Concedente.

Art. 58. O profissional designado pela UEI para realizar atendimento educacional especializado prestará assistência, disponibilizando serviços, recursos de acessibilidade e estratégias que possibilitem o pleno desenvolvimento das atividades.

Art. 59. O Professor Orientador informará no Formulário do Setor de Estágio Curricular a necessidade de lotação de profissional especializado da Unidade de Educação Inclusiva para atendimento educacional especializado durante o período das atividades de Estágio Obrigatório.

TÍTULO VII DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 60. O Estágio na Universidade do Estado do Amapá é compreendido como instrumento de integração do aluno com a realidade social, econômica e do trabalho da área do curso, devendo possibilitar a interlocução com os referenciais teóricos do currículo.

Art. 61. A realização do Estágio Curricular Supervisionado dos cursos de Graduação de Bacharelado e Tecnólogo da UEAP por parte do estudante não acarretará vínculo empregatício de qualquer natureza, sendo sua realização obrigatória para a conclusão do curso e obtenção de diploma.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

Art. 62. O Estágio é compreendido como instrumento de iniciação à pesquisa e ao ensino na forma de articulação entre teoria e prática. Esta modalidade considera que a formação profissional não deva se desvincular da pesquisa, a qual permite a reflexão sobre a realidade observada e gera problematizações e projetos de intervenção.

Art. 63. O Estágio poderá incluir práticas em espaços como: indústrias, ONG's, centros de pesquisa, empresas e outros espaços validados pela exigência do perfil do curso previsto no Projeto Pedagógico e em conformidades com a Legislação em vigor.

Art. 64. Em nenhuma hipótese, o estudante será liberado da realização das atividades de Estágio Curricular Supervisionado/Estágio Obrigatório.

Art. 65. Os casos omissos serão resolvidos pela Pró-Reitoria de Graduação, ouvidas a Coordenação do Curso e o Setor de Estágio Curricular, no que couber.

Art. 66. Este Regulamento entrará em vigor após sua aprovação pelo Conselho Universitário, ficando revogada a Resolução nº. 006/2009-CONSU/UEAP e as disposições em contrário.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

APÊNDICE A – Ficha de coleta de dados dos acadêmicos de Estágio Obrigatório



GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DIVISÃO DE APOIO AO ENSINO
SETOR DE ESTÁGIO CURRICULAR

Endereço: AV.: Presidente Getúlio Vargas, 650 - Centro, CEP: 68.900-070/Telefone (96) 2101-0505/Site: www.ueap.ap.gov.br

FICHA PARA COLETA DOS DADOS DOS ACADÊMICOS DE ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO

NOME COMPLETO DO(A) ACADÊMICO(A)			MATRÍCULA	
CPF	DATA DE NASCIMENTO			
E-MAIL	TELEFONE			
CURSO	TURMA		SEMESTRE	
COORDENADOR(A) DO CURSO				
E-MAIL DO COORDENADOR(A)			TELEFONE COORDENADOR(A)	
PROFESSOR(A) ORIENTADOR(A)				
E-MAIL DO PROFESSOR(A) ORIENTADOR(A)			TELEFONE PROFESSOR(A) ORIENTADOR(A)	





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

NOMENCLATURA DA DISCIPLINA							
DADOS DA INSTITUIÇÃO CONCEDENTE DE ESTÁGIO							
LOCAL DE ESTÁGIO							
ENDEREÇO (Avenida, Rua, Travessa, etc.)		N.				BAIRRO	
COMPLEMENTO							
CIDADE		CEP:				TELEFONE	
REPRESENTANTE LEGAL (Nome Completo)				CARGO (Chefe, Diretor, Coordenador, Presidente, etc)			
SUPERVISOR(A) (Nome Completo)				FUNÇÃO DO(A) SUPERVISOR(A)			
DATA DE INÍCIO DO ESTÁGIO ____/____/____	DATA DE TÉRMINO DO ESTÁGIO ____/____/____	TURNOS DO ESTÁGIO: _____	TEMPO DIÁRIO DE ESTÁGIO	() 4h/dia () 6h/dia () Outro		HORAS SEMANAIS	





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

APÊNDICE B – Formulário do Setor de Estágio Curricular



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ
SETOR DE ESTÁGIO
FORMULÁRIO PARA ESTÁGIO "OBRIGATÓRIO"/AULA E ATIVIDADE DE PRÁTICA/CAMPO



TIPO DE ATIVIDADE: **ESTÁGIO OBRIGATÓRIO**

CURSO:	Engenharia Florestal	TURMA:		PERÍODO:		SEMESTRE:	
COORDENADOR(A):		E-MAIL:		TELEFONE:	(91) 9 8081-1269		
DISCIPLINA:		ÊNFASE DA ATIVIDADE:					
PROFESSOR(A)/ORIENTADOR(A):		E-MAIL:		TELEFONE:			
INSTITUIÇÃO CONCEDENTE:		ENDEREÇO:					
REPRESENTANTE LEGAL:		CARGO:		TELEFONE:			

ATENÇÃO: Todos os itens constantes neste documento são de preenchimento obrigatório! A ausência de qualquer informação inviabiliza a formalização do estágio.

DADOS PESSOAIS DO ACADÊMICO/ESTAGIÁRIO					INFORMAÇÕES DO ESTÁGIO				
Nº	NOME	MATRÍCULA	CPF	DATA DE NASC.	INÍCIO	TÉRMINO	TURNO	HORÁRIO	HORAS SEMANAIS
1									
2									
3									
4									
5									
6									
7									
8									
9									
10									
11									
12									
13									
14									
15									
16									
17									
18									
19									
20									
21									
22									
23									
24									
25									
26									
27									
28									
29									
30									
31									
32									
33									
34									
35									
36									
37									
38									
39									
40									
41									
42									
43									
44									
45									
46									
47									
48									
49									
50									





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

APÊNDICE C – Modelo de Plano de Estágio

PLANO DE ESTÁGIO

IDENTIFICAÇÃO DO(A) ESTAGIÁRIO(A)		
NOME:		MATRÍCULA:
CURSO:	TURMA:	SEMESTRE:

IDENTIFICAÇÃO DA INSTITUIÇÃO CONCEDENTE DE ESTÁGIO
NOME OU RAZÃO SOCIAL:
ENDEREÇO:
REPRESENTANTE LEGAL:

SUPERVISOR(A) DE ESTÁGIO NA INSTITUIÇÃO CONCEDENTE	
NOME:	
CARGO:	
FORMAÇÃO:	
ÁREA DE ATUAÇÃO (Ramo de Atividade):	
PERÍODO DO ESTÁGIO:	
INÍCIO: ____/____/____	TÉRMINO: ____/____/____
CARGA HORÁRIA A SER INTEGRALIZADA:	
DIAS E HORÁRIOS DE ESTÁGIO:	

OBJETIVOS DO ESTÁGIO

PROGRAMA DE ATIVIDADES





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

De acordo:

Supervisor(a) de Estágio - Instituição Concedente

Responsável pelo Setor de Estágio - UEAP

Professor (a) Orientador(a) de Estágio - UEAP

Estagiário(a)





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

APÊNDICE D – Ficha de avaliação – Estágio Supervisionado Obrigatório

FICHA DE AVALIAÇÃO – ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO

I - DADOS DE IDENTIFICAÇÃO/CARACTERIZAÇÃO:

DO(A) ESTAGIÁRIO(A)		
Nome:		Matrícula:
Curso:	Turma:	Semestre:
Período de Estágio: Início: ____/____/____ Término: ____/____/____		Carga-Horária Integralizada:
Professor(a) Orientador(a) de Estágio:		
DA INSTITUIÇÃO CONCEDENTE DO ESTÁGIO		
Nome ou Razão Social:		
Endereço:	Telefone:	
Representante Legal:		
Supervisor(a) de Estágio:		
Formação:		
Área de Atuação (Ramo de Atividade):		

II - AVALIAÇÃO - Atribuir os conceitos: Ótimo (O); Bom (B); Regular (R) e Insuficiente (I)

QUANTO AOS ASPECTOS TÉCNICO-PROFISSIONAIS		
a)	Rendimento no estágio (qualidade, rapidez, precisão com os quais executa as tarefas).	
b)	Facilidade de compreensão (facilidade em interpretar, pôr em prática ou entender instruções).	
c)	Nível de conhecimentos teóricos (conhecimentos demonstrados no cumprimento das tarefas).	
d)	Organização e método de trabalho (uso de meios racionais na execução das tarefas).	
e)	Iniciativa e autonomia (capacidade de buscar soluções sem prévias orientações, dentro dos padrões adequados).	
QUANTO AOS ASPECTOS ATITUDINAIS		





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

a)	Assiduidade (constância, pontualidade e cumprimento das tarefas).	
b)	Disciplina (respeito às normas regulamentares e aos superiores).	
c)	Sociabilidade (facilidade e espontaneidade com que age frente as pessoas e situações).	
d)	Cooperação (atuação junto a outras pessoas no sentido de contribuir para o bem comum).	
e)	Responsabilidade (capacidade de responder pelas atribuições que lhes são conferidas).	

FICHA DE AVALIAÇÃO – ESTÁGIO SUPERVISIONADO

A avaliação do(a) estagiário(a) realizou-se através de:

() Reunião () Relatórios () Observação () Outros meios

Com base na avaliação dos itens anteriores, o(a) estagiário(a) preenche os requisitos técnicos da

OUTROS ASPECTOS QUE JULGUE DE IMPORTÂNCIA ABORDAR

profissão?

() Sim () Não

Justifique:





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

_____, ____ / ____ /20 ____.

Carimbo e assinatura do(a)
Supervisor(a) de Estágio/Instituição Concedente





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

APÊNDICE E – Ficha de avaliação do Estágio pelo(a) Estagiário(a)

DO(A) ESTAGIÁRIO(A)		
Nome:		Matrícula:
Curso:	Turma:	Semestre:
Período de Estágio: Início: ____/____/____ Término: ____/____/____		Carga-Horária Integralizada:
Professor (a) Orientador(a) de Estágio:		
DA INSTITUIÇÃO CONCEDENTE DO ESTÁGIO		
Nome ou Razão Social:		
Endereço:		Telefone:
Representante Legal:		
Supervisor(a) de Estágio:		
Formação:		
Área de Atuação (Ramo de Atividade):		

FICHA DE AVALIAÇÃO DO ESTÁGIO PELO(A) ESTAGIÁRIO(A)

I - DADOS DE IDENTIFICAÇÃO/CARACTERIZAÇÃO:

II - AVALIAÇÃO - Atribuir os conceitos: Ótimo (O); Bom (B); Regular (R) e Insuficiente

(I)

a)	AMBIENTAÇÃO/ADAPTAÇÃO (Na fase inicial do Estágio, como foi o esquema de ambientação/adaptação?).	
b)	PLANO DE ESTÁGIO (As atividades desenvolvidas obedeceram ao Plano de Estágio previamente proposto?).	
c)	ATIVIDADES PROGRAMADAS (As atividades programadas e/ou desenvolvidas estavam de acordo com a formação acadêmica oferecida?).	
d)	APLICAÇÃO DE CONHECIMENTOS TEÓRICOS (O Estágio ofereceu condições de aplicação de conhecimentos teóricos em atividades práticas?).	
e)	CONHECIMENTOS PROFISSIONAIS (O Estágio propiciou aquisição e aplicação de novas técnicas e novos conhecimentos profissionais?).	
f)	ORIENTAÇÃO (A Orientação recebida foi adequada e suficiente para a consecução do estágio?).	
g)	SUPERVISÃO/UEAP (A Supervisão recebida foi adequada e suficiente para a consecução do Estágio?).	





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

AUTO-AVALIAÇÃO		
a)	PONTUALIDADE (Cheguei e sai no horário previamente acordado?).	
b)	ASSIDUIDADE (Procurei não faltar no Estágio?).	
c)	INICIATIVA (Participei ativamente das atividades propostas, sugerindo ideias que pudessem enriquecer meu aprendizado no Estágio?).	
d)	POSTURA PROFISSIONAL (Meus problemas pessoais prejudicaram a execução das minhas atividades de Estágio?).	
e)	ADMINISTRAÇÃO DO TEMPO (Administrei adequadamente o meu tempo em função das tarefas previstas).	
f)	SATISFAÇÃO COM O ESTÁGIO (Sinto-me satisfeito com as atividades que realizei no Estágio).	
g)	EXERCÍCIO PROFISSIONAL (Adquiri novos conhecimentos, habilidades e técnicas importantes para o meu futuro exercício profissional).	

Macapá-AP, / /20 .

Assinatura do(a) Estagiário(a)



**FICHA DE FREQUÊNCIA MENSAL – ESTÁGIO SUPERVISIONADO**
OBRIGATÓRIO

NOME:		MATRÍCULA:
CURSO:	TURMA:	SEMESTRE:
PERÍODO DE ESTÁGIO - INÍCIO: ____ / ____ / ____		CARGA HORÁRIA INTEGRALIZADA:
TÉRMINO: ____ / ____ / ____		
LOCAL DE ESTÁGIO:		TELEFONE:

DATA	HORÁRIO ENTRADA	HORÁRIO SAÍDA	CARGA HORÁRIA	ATIVIDADES DESENVOLVIDAS	ASSINATURA DO(A) SUPERVISOR(A) DA INSTITUIÇÃO CONCEDENTE
TOTAL DE CARGA HORÁRIA					





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

APÊNDICE G – Ficha de Solicitação para Concessão de Estágio Supervisionado

**SOLICITAÇÃO PARA CONCESSÃO DE CRÉDITO DE ESTÁGIO
SUPERVISIONADO**

DADOS DO(A) ACADÊMICO(A)			
Nome:		Matrícula:	
Curso:		Módulo:	Turno:
Data de Nascimento: ____/____/____	CPF:	RG:	Emissor:
Endereço:			
Cidade/Estado:		CEP:	
Telefone: ()		e-mail:	

DADOS DA INSTITUIÇÃO CONCEDENTE	
Agente de Integração (preencher caso houver):	
Razão Social da Instituição de realização das atividades:	
Endereço:	
Nome do Responsável Legal:	
Cargo/função do supervisor das atividades:	
Formação do supervisor:	
Tipo de vínculo do acadêmico:	
Data de Início das atividades: ____/____/____	Data de Término das atividades: ____/____/____
Horário de realização das atividades:	Carga horária semanal:

**JUSTIFICATIVA PARA CONVALIDAÇÃO DE ESTÁGIO CURRICULAR
SUPERVISIONADO**

(Elaborar justificativa apartada com os motivos para apreciação da solicitação para convalidar as atividades desenvolvidas e anexar documentos que comprovem todas as documentações apresentadas.)

Assinatura do(a) Acadêmico(a)

Macapá-AP, ____ de ____ de ____.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

PARECER DO PROFESSOR(A) ORIENTADOR(A): () Indeferido () Deferido (Abaixo manifestação do parecer técnico-pedagógico quanto a solicitação de Convalidação de Estágio Curricular Supervisionado.)

Ciência em: ____/____/____	Ciência em: ____/____/____
Assinatura do(a) Acadêmico(a)	Professor(a) Orientador(a)
Ciência em: ____/____/____	Ciência em: ____/____/____
Coordenador(a) do Curso	Setor de Estágio Curricular





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

APÊNDICE H – Termo de Desligamento de Estágio Obrigatório

TERMO DE DESLIGAMENTO DE ESTÁGIO OBRIGATÓRIO

Eu, _____
estudante regularmente matriculado(a) no curso de graduação em _____
sob o nº de matrícula _____,
venho, mui respeitosamente através deste, solicitar o desligamento do Estágio Obrigatório na
Instituição Concedente _____
a partir desta data.

Macapá-AP, _____ de _____ de 20__.

Assinatura do Estudante

PARA USO DO PROFESSOR(A) ORIENTADOR(A) DE ESTÁGIO:

1) Informamos que o estudante optou pelas atividades de Estágio Supervisionado:

() No próximo semestre de oferta da disciplina.

() Em outra Instituição Concedente.

Outros: _____

1) Informamos que o(a) estudante desligado(a) da Instituição Concedente será substituído por:

(Campo a ser preenchido somente quando já houver sido selecionado(a) outro(a) estudante para substituir o que está sendo desligado.)

Assinatura do Professor(a) Orientador(a) de Estágio

PARA USO DO SETOR DE ESTÁGIO:

Ciente em: ____ / ____ /20__.

Responsável pelo Setor de Estágio da UEAP





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

APÊNDICE I – Certificado de Conclusão de Estágio Curricular Supervisionado

**DECLARAÇÃO DE CONCLUSÃO DE ESTÁGIO CURRICULAR
SUPERVISIONADO**

Declaro, para fins de comprovação que o(a) estudante(a): _____,
Matrícula nº _____, regularmente matriculado(a) no curso de
_____ da Universidade do Estado do Amapá – UEAP, cumpriu as
atividades de Estágio Curricular Supervisionado, no período de ____ / ____ / ____ a
____ / ____ / _____, nesta Instituição Concedente.

Macapá/AP, _____ de _____ de 20____.

Instituição Concedente (com carimbo)





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

20.3 REGULAMENTO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE
ENGENHARIA FLORESTAL

CAPÍTULO I
DAS DISPOSIÇÕES PRELIMINARES

Art. 1º. Este regulamento institui as diretrizes técnicas e procedimentos para o desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) no âmbito do Curso de Engenharia Florestal.

Art. 2º. Para efeito deste regulamento entende-se como:

I. **coordenador (a) de TCC:** docente do quadro efetivo da Universidade do Estado do Amapá, pertencente ao quadro de docentes do curso de Engenharia Florestal, responsável pela coordenação do TCC em suas diferentes etapas no tocante à matrícula, acompanhamento, orientações gerais e organização do processo de avaliação de uma determinada turma do curso, preferencialmente com formação em Engenharia Florestal e titulação mínima em nível de mestrado.

II. **orientador (a):** todo docente efetivo, substituto, associado, visitante ou voluntário na UEAP, com titulação mínima de mestrado na área do objeto em estudo.

III. **orientador (a) externo(a):** pesquisador, docente e/ou técnico, com titulação mínima de mestrado na área de objeto em estudo, devidamente credenciado pelo colegiado do curso.

IV. **banca examinadora:** formada por docentes efetivos, substitutos ou temporários desta IES ou membros convidados, na condição de titular ou suplente, para examinar e avaliar a defesa do TCC em suas respectivas etapas de avaliação, com titulação mínima de mestrado, observados os seguintes requisitos:

- a) que os membros desenvolvam pesquisa na área do objeto em estudo do TCC ou áreas correlatas;
- b) que a banca examinadora titular seja composta por pelo menos um docente efetivo do quadro da UEAP;

Art. 3º. O TCC consiste na elaboração, pelo aluno, de um trabalho individual de pesquisa cujo objeto e/ou problemática estejam relacionados às diferentes áreas da Engenharia Florestal, sob a orientação e avaliação de docente, centrado em determinada área de formação acadêmico-profissional.





**GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ**

§1º. O TCC é um componente curricular obrigatório do Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal e tem sua carga horária cumprida no 9º (TCC I) e 10º (TCC II) período letivo, conforme estabelecido pelo PPC em sua matriz curricular.

§2º. O Trabalho de Conclusão de Curso deverá ser elaborado individualmente.

§3º. O TCC complementa a capacidade de elaboração de trabalhos de cunho acadêmico científico, preparando o (a) discente nos processos metodológicos de investigação, análise e interpretação crítica da realidade estudada e habilitando-o (a) para a pesquisa, escrita e verbalização dos resultados.

§4º. Para as pesquisas que envolvem seres humanos é obrigatório o encaminhamento do Projeto de Pesquisa a um Comitê de Ética, via Plataforma Brasil.

**CAPÍTULO II
DOS OBJETIVOS**

Art. 4º. O TCC tem por objetivo consolidar os conteúdos adquiridos pelos estudantes no decorrer do Curso de Graduação, por meio da realização de pesquisa orientada e da produção de conhecimento qualificado na área de Engenharia Florestal.

Art. 5º. A realização do TCC tem como objetivo:

- I. Desenvolver a capacidade de aplicação dos conceitos e teorias adquiridas durante o curso de forma integrada;
- II. Realizar uma investigação sobre um tema de seu interesse, através da qual adquirirá e aprofundará conhecimentos em áreas específicas do Engenharia Florestal;
- III. Desenvolver análises e críticas de problemas específicos relacionados à área de estudo;
- IV. Permitir a avaliação de sua capacidade de coletar, organizar, analisar e interpretar informações na área de estudo e de redigir, corretamente, um trabalho científico;
- V. Buscar contribuir para a ciência, por meio de críticas e interpretações de ideias e/ou modelos desenvolvidos, visando à cientificidade das abordagens com base na reflexão técnico-científica e no adequado uso das metodologias;
- VI. Estimular a aperfeiçoar-se profissionalmente, através do exercício da pesquisa e, em particular, no tratamento escrito de temas na área de estudo, garantindo-lhe uma especialização posterior;
- VII. Servir de mecanismo de avaliação e retroalimentação dos conteúdos programáticos e das formas de abordagem dos componentes curriculares do Curso;





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

VIII. Avaliar as habilidades desenvolvidas, nos termos do Projeto Pedagógico do Curso, estimulando a consulta bibliográfica, a pesquisa e a produção científica;

IX. Aprimorar a capacidade de interpretação crítica na área de estudo, buscando estimular o metódico aprofundamento temático;

CAPÍTULO III
DAS MODALIDADES DE TCC

Art. 6º. Consideram-se como modalidade do TCC para o Curso de Engenharia Florestal:

- I. **Monografia:** gênero textual/discursivo da esfera acadêmica em conformidade com as Normas da Universidade do Estado do Amapá, Normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) e Regulamento do Trabalho de Conclusão de Curso de Engenharia Florestal;
- II. **Artigo Científico:** gênero textual/discursivo que segue as normas editoriais de uma revista científica da área de abrangência da Engenharia Florestal.

§ 1º. O TCC elaborado e apresentado na modalidade artigo científico deverá indicar em sua configuração os fundamentos teóricos-metodológicos orientadores do processo de construção, em forma de gênero textual/discursivo da esfera acadêmica, respeitando as normas estabelecidas neste regulamento.

§ 2º. Cabe ao acadêmico em acordo com o seu orientador decidir qual será a modalidade escolhida para a versão final do TCC.

CAPÍTULO IV
DA MATRÍCULA EM TCC

Art. 7º. Estará apto a cursar o componente curricular Trabalho de Conclusão de Curso I o discente que cumprir os seguintes requisitos:

- I. Ter concluído 70% (setenta por cento) da carga-horária total do curso;
- II. Ter concluído o componente Metodologia do Trabalho Científico;

Art. 8º. A matrícula em TCC I e TCC II será operacionalizada através do Sistema de Gestão Acadêmica da UEAP, o SIGAA, conforme a oferta dos componentes.

§ 1º. A matrícula em TCC II somente poderá ser efetuada pelo aluno, após registro e aprovação em TCC I.

§ 2º. Somente poderá fazer a defesa de seu TCC, na qualificação ou defesa final, o acadêmico efetivamente matriculado naquele semestre letivo da oferta do componente equivalente.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

Art. 9º. Os alunos que pretendam desenvolver o TCC em Instituição conveniada, dentro dos programas oficiais de Intercâmbio Institucional, deverão apresentar proposta de trabalho para prévia aprovação do colegiado do curso de Engenharia Florestal.

CAPÍTULO V
DAS COMPETÊNCIAS

Art. 10. O desenvolvimento do TCC contemplará a seguinte estrutura:

- I. Colegiado do Curso;
- II. Núcleo Docente Estruturante - NDE;
- III. Coordenação de Curso;
- IV. Coordenação de TCC;
- V. Orientador;
- VI. Banca Examinadora;
- VII. Acadêmico;
- VIII. Divisão de Registro e Controle Acadêmico.

Art. 11. Ao Colegiado do Curso compete:

- I. acompanhar e garantir o cumprimento da política do TCC, de acordo com as Normas Gerais de TCC da UEAP e com o presente regulamento;
- II. lotar um docente do quadro de professores do curso de Engenharia Florestal para responder pela coordenação do TCC para uma determinada turma;
- III. homologar a definição e distribuição dos orientadores com seus respectivos orientandos, assim como aprovar a composição dos membros das bancas examinadoras;
- IV. homologar sugerir e deliberar os orientadores nas ocasiões em que o acadêmico enfrentar dificuldade de encontrar orientador.

Art. 12. Ao Núcleo Docente Estruturante compete:

- I. alterar/atualizar o presente Regulamento do Trabalho de Conclusão de Curso, estabelecendo a metodologia, regras e formatos dos Trabalhos de Conclusão de Curso, em consonância com as normas institucionais vigentes;
- II. trabalhar pela divulgação e reconhecimento do valor dos trabalhos pela comunidade;
- III. ter conhecimento e acompanhar a carga horária atribuída aos professores que se encontram como orientadores e a atuação deles na execução dos trabalhos;

Art. 13. À Coordenação de Curso compete:





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

- I. providenciar as condições necessárias para contribuir com o bom andamento das etapas do TCC, no âmbito do curso de Engenharia Florestal;
- II. receber a versão final do TCC enviada pelos discentes com o Termo de Entrega e Autorização para Publicação (ANEXO X) assinado pelo orientador e discente;
- III. realizar o registro e arquivamento de toda a documentação referente ao TCC ofertado para as turmas do curso.

Art. 14. À Coordenação de TCC compete:

- I. orientar sobre as normas da instituição para elaboração e desenvolvimento do TCC, assim como os trâmites e prazos para apresentação e conclusão do TCC;
- II. promover reuniões de orientação e acompanhamento com os acadêmicos que estão matriculados nos respectivos componentes, desenvolvendo o TCC;
- III. sugerir orientadores nas ocasiões em que o acadêmico enfrentar dificuldade de encontrar orientador;
- IV. encaminhar aos acadêmicos os formulários de registros e acompanhamento de TCC;
- V. organizar e operacionalizar as diversas atividades de desenvolvimento e avaliação do TCC que se constituem na construção, entrega do projeto e versão final para defesa;
- VI. organizar e encaminhar os nomes dos orientadores de projetos e as sugestões de bancas examinadoras para definição e homologação pelo colegiado do curso;
- VII. conferir o recebimento das cópias do TCC para avaliação nos prazos definidos, e enviar para os membros da banca examinadora;
- VIII. organizar, em conjunto com a coordenação do curso, as defesas dos trabalhos, providenciando local e equipamentos necessários segundo a disponibilidade e necessidade;
- IX. realizar a divulgação relacionada ao Exame de Qualificação e Defesa Pública de TCC;
- X. conferir o cumprimento das Normas Gerais de TCC da UEAP e do presente regulamento na entrega da versão final do TCC.
- XI. efetuar a divulgação e o lançamento das avaliações referentes ao TCC junto ao DRCA somente após o atendimento as eventuais recomendações da banca e adequação às Normas Gerais de TCC da UEAP e este regulamento.

Art. 15. Ao Orientador compete:

- I. entregar o termo de compromisso (ANEXO II) devidamente preenchido e assinado ao coordenador de TCC;





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

- II. apresentar ao aluno a sistemática do TCC;
- III. acompanhar a execução do projeto e atuar junto ao acadêmico com vistas ao atendimento das normas para apresentação de TCC;
- IV. atender os alunos nas diversas etapas do TCC;
- V. participar das reuniões para as quais for convocado e cumprir decisões tomadas;
- VI. encaminhar, nos prazos determinados, ao coordenador de TCC, devidamente preenchidas e assinadas, as fichas de controle de orientação (ANEXO III), fichas de avaliação (ANEXOS VI e VII) do acadêmico e as atas das bancas examinadoras (ANEXOS VIII e IX);
- VIII. presidir a sessão de exame de qualificação e de defesa final de TCC;
- IX. assinar, juntamente com os membros da banca examinadora, as folhas de avaliação dos trabalhos e os relatórios finais;
- X. sugerir para o coordenador de TCC, quatro membros para banca examinadora e enviar cópia em PDF dos respectivos currículos Lattes deles, para que o colegiado do curso possa eleger os dois membros examinadores e um suplente;
- XI. assinar o termo de encaminhamento da versão de avaliação do TCC (ANEXOS IV e V) e encaminhar ao coordenador de TCC dentro do prazo estipulado pela coordenação;
- XII. assinar o Termo de Entrega e Autorização para Publicação (ANEXO X) da versão final do TCC.

§ 1º. No impedimento do orientador, caberá ao coorientador assumir as prerrogativas atribuídas e as funções determinadas nesta norma.

§ 2º. No impedimento do orientador e coorientador, o coordenador de TCC ou um suplente indicado por ele assumirá as prerrogativas atribuídas e as funções determinadas nesta norma.

Art. 16. À Banca Examinadora compete:

- I. estar no dia, local e horário determinado para avaliação do TCC;
- II. tomar conhecimento dos documentos necessários para registro dos critérios de avaliação;
- III. registrar, de forma legível, as notas e observações inerentes ao processo de avaliação;
- IV. entregar ao presidente da sessão de defesa, no final da avaliação, toda a documentação referente a este processo;
- V. os membros titulares devem informar com antecedência mínima de 24 horas, ao presidente da banca examinadora/orientador, sobre eventual impossibilidade de participar do





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

processo de avaliação, salvo casos emergenciais que impossibilitem a veiculação da informação em tempo hábil.

VI. o membro suplente deve ler o trabalho e efetuar as correções necessárias, bem como estar preparado para a suplência na banca examinadora, no caso da impossibilidade de algum membro titular.

Art. 17. Ao Acadêmico matriculado em TCC compete:

- I. tomar ciência das normas técnicas estabelecidas para elaboração do TCC;
- II. entregar o termo de compromisso (ANEXO I) devidamente preenchido e assinado;
- III. comparecer às reuniões convocadas pela coordenação do TCC e por seu orientador;
- IV. definir o tema e o formato do TCC (trabalho monográfico ou artigo científico) em comum acordo com seu orientador;
- V. cumprir os prazos estabelecidos pela coordenação de TCC e orientador;
- VI. reunir-se, periodicamente, com seu orientador para análise, discussão e adoção de medidas, se necessárias, para o aprimoramento do trabalho;
- VII. informar o(a) orientador(a) sobre o desenvolvimento de sua pesquisa e comunicar eventuais dificuldades na realização de seu trabalho.
- VIII. dedicar-se ao processo de desenvolvimento do TCC de forma a garantir a execução do planejamento acordado com o(a) orientador(a), zelando pelos prazos estabelecidos para cada uma das etapas do trabalho
- IX. preencher e assinar a ficha de controle de orientação (ANEXO III);
- X. elaborar a versão final do TCC para fins de avaliação, de acordo com as instruções do seu orientador e da banca examinadora e das orientações institucionais vigentes para a elaboração do trabalho;
- XI. comparecer em dia, hora e local determinado para a apresentação oral da versão final para avaliação no exame de qualificação ou defesa final, de acordo com o calendário estabelecido pela coordenação de curso.

Parágrafo único. O não comparecimento a um percentual superior a 25% (vinte e cinco) nos encontros agendados pelo Coordenador de TCC, resultará em reprovação nos componentes Trabalho de Conclusão de Curso I e II.

Art. 18. À Divisão de Registro e Controle Acadêmico compete:





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

- I. realizar a matrícula do acadêmico no componente TCC através do sistema de gestão acadêmico – SIGAA;
- II. atestar a integralização da matriz curricular do acadêmico somente após receber, conferir e arquivar toda documentação referente à defesa do Trabalho de Conclusão de Curso dele.

CAPÍTULO VI
DO DESENVOLVIMENTO DO TCC I E TCC II

SEÇÃO I

TCC I

Art. 19. No TCC I, as atividades serão orientadas e supervisionadas pelo coordenador do TCC, que acompanha o desenvolvimento do projeto de pesquisa, o qual deve ser elaborado pelo acadêmico sob a responsabilidade do orientador, para submissão em exame de qualificação promovido pela coordenação de TCC.

Art. 20. O tema para o TCC deverá ser homologado em reunião de colegiado e deve estar inserido em um dos campos de atuação do curso de Engenharia Florestal, conforme linhas de pesquisa previstas no PPC do curso.

Parágrafo único. O colegiado de curso pode, a critério do coordenador de TCC, credenciar docente de outro colegiado da UEAP ou docente externo à UEAP.

Art. 21. O acompanhamento didático-pedagógico voltado para os orientadores e discentes em TCC I será realizado pelo coordenador de TCC.

Art. 22. O projeto do TCC I será elaborado na seguinte estrutura:

- I. Tema;
- II. Introdução;
- III. Revisão Bibliográfica;
- IV. Problemática;
- V. Justificativa;
- VI. Objetivos;
- VII. Metodologia;
- VIII. Resultados Esperados (opcional);
- IX. Referencial bibliográfico.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

X. Apêndices (opcional);

XI. Anexos (opcional).

Art. 23. Para realizar o exame de qualificação, o acadêmico deverá protocolar o termo de encaminhamento com aceite do orientador (ANEXO IV), autorizando a avaliação junto à Coordenação do Curso, no prazo determinado pelo coordenador de TCC.

SEÇÃO II

TCC II

Art. 24. O TCC II caracteriza-se pela execução do projeto consoante a modalidade escolhida pelo acadêmico e seu orientador, devidamente aprovado no exame de qualificação em TCC I, assim como defesa e entrega da versão final do TCC.

§ 1º. Caso a modalidade escolhida seja monografia, o TCC deverá conter os seguintes elementos textuais:

- I. Tema;
- II. Introdução;
- III. Revisão Bibliográfica;
- IV. Problemática;
- V. Justificativa;
- VI. Objetivos;
- VII. Metodologia;
- VIII. Resultados;
- IX. Discussão;
- X. Conclusão/Considerações Finais.

§2º. Caso o acadêmico e seu orientador decidam pela apresentação do TCC na modalidade artigo, deverão entregar uma cópia das diretrizes de publicação da revista científica selecionada ao Coordenador de TCC no momento do depósito da versão final para defesa, assim como para os membros da banca.

Art. 25. A defesa final constitui-se requisito obrigatório para aprovação e será realizada em forma de apresentação pública, divulgada pela coordenação à comunidade acadêmica com, no mínimo, sete dias de antecedência.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

Art. 26. Para realizar a defesa final do TCC, o acadêmico deverá protocolar o termo de encaminhamento com aceite do orientador (ANEXO V), autorizando a defesa final junto à Coordenação do Curso, no prazo determinado pelo coordenador de TCC.

CAPÍTULO VII
DOS PROCESSOS DE ORIENTAÇÃO, APRESENTAÇÃO E AVALIAÇÃO

SEÇÃO I
DA ORIENTAÇÃO

Art. 27. A orientação do TCC deverá ser conduzida por docente da UEAP e, dependendo da especificidade do tema, admitir-se-á a possibilidade de orientador externo, desde que previamente credenciado pelo colegiado do curso.

§1º. A depender do tema escolhido e em comum acordo com seu(ua) orientador(a), o(a) discente poderá requisitar ajuda de um(a) docente que exercerá a função de coorientador(a).

§2º. Admitir-se-á a possibilidade de coorientador(a) externo, desde que previamente credenciado pelo colegiado do curso.

SEÇÃO II
DA APRESENTAÇÃO

Art. 28. A apresentação do TCC ocorrerá nas formas escrita (apresentação textual da pesquisa desenvolvida) e oral (exposição do trabalho e arguição para banca examinadora), para as quais considera-se:

I. **apresentação escrita:** compreende o resultado de todo o percurso teórico-metodológico do trabalho, de acordo com a sua especificidade, devidamente circunscrita ao tema adotado, observando-se o atendimento das normas vigentes da ABNT, em especial o comitê ABNT/CB014, que trata de normas para INFORMAÇÃO E DOCUMENTAÇÃO, assim como orientações específicas contidas neste regulamento.

II. **apresentação oral:** resulta na socialização da trajetória da pesquisa, demonstrando domínio do conteúdo, sequência lógica e clareza na exposição das ideias.

§1º. Para a apresentação oral no TCC I, o acadêmico terá um tempo mínimo de 15 (quinze) minutos e máximo de 20 (vinte) minutos.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

§2º. Para a apresentação oral no TCC II, o acadêmico terá um tempo mínimo de 20 (vinte) minutos e máximo de 30 (trinta) minutos.

Art. 29. No que concerne à apresentação escrita do Trabalho de Conclusão de Curso, em sua versão final para a defesa em TCC II, os elementos textuais devem contemplar o número mínimo de 25 laudas.

Art. 30. A não apresentação do TCC para o processo de avaliação no tempo e prazo previstos pelo colegiado de curso implicará em reprovação automática.

Art. 31. No prazo determinado pela coordenação de TCC que antecede ao exame de qualificação ou defesa do TCC, o aluno deverá entregar 03 (três) cópias impressas e encadernadas do TCC.

SEÇÃO III
DA AVALIAÇÃO

Art. 32. São condições necessárias para aprovação em TCC I:

- I. elaboração de projeto constituído entre o acadêmico e seu respectivo orientador, conforme prazos definidos pelo coordenador de TCC;
- II. submissão e aprovação do projeto com atribuição de nota correspondente à apresentação oral e escrita;
- III. frequência maior ou igual a 75% nas atividades programadas pelo coordenador de TCC e orientador.

Parágrafo único. A nota correspondente à avaliação do TCC I será obtida por meio da média aritmética simples advinda das notas atribuídas pelos membros da banca examinadora constituída para o exame de qualificação.

Art. 33. São condições necessárias para aprovação em TCC II:

- I. execução do projeto aprovado em TCC I, conforme prazos definidos no cronograma e dentro do período definido pela coordenação de TCC;
- II. submissão e aprovação do trabalho com atribuição de nota correspondente à apresentação oral e escrita;
- III. frequência maior ou igual a 75% nas atividades programadas pelo coordenador de TCC e orientador;
- IV. apresentação do trabalho elaborado de acordo com as normas da UEAP e com as orientações deste regulamento;





**GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ**

Art. 34. É vedada a atribuição de nota condicionada à revisão do trabalho após a defesa.

Art. 35. Para aprovação, o TCC deve ser avaliado com o mínimo de pontos previsto no regimento acadêmico, na média final.

Art. 36. O presidente da banca examinadora não atribuirá nota no TCC I e TCCII.

Art. 37. O aluno concluinte que não obtiver aprovação em TCC II durante o período letivo deverá matricular-se novamente no semestre seguinte para a integralização, desde que haja autorização do colegiado para oferta do componente.

Art. 38. A avaliação do trabalho escrito e da apresentação oral do TCC deverão ser realizadas em formulário específico disponibilizado neste regulamento (ANEXO VI e VII).

Art. 39. A nota referente ao TCC II está condicionada à:

- I. averiguação do cumprimento das normas pelo coordenador do TCC;
- II. entrega da versão final com as possíveis alterações sugeridas pela banca examinadora e Termo de Entrega e Autorização para Publicação (ANEXO X) no prazo máximo de 30 (trinta) dias a contar da data da defesa pública.

§1º. O acadêmico deve procurar a Biblioteca Central da UEAP para solicitar a elaboração de ficha catalográfica, a qual deve constar na versão final do TCC, conforme orientações do coordenador do TCC;

§2º. A versão final do TCC deve ser protocolada e encaminhada à coordenação de curso em CD ou DVD (formato PDF) com capa, devidamente identificado com o nome da instituição, curso, título do trabalho, autor, orientador, local/data, para compor o acervo da Biblioteca Central da UEAP e da coordenação do curso de Engenharia Florestal.

CAPÍTULO XII

DAS DISPOSIÇÕES FINAIS

Art. 40. A solução de casos especiais ou em regime de exceção por motivos de força maior devidamente justificados pelo(a) acadêmico(a) ou orientador(a), cujas requisições demandem ajustes é de competência do colegiado de curso.

Art. 41. Toda e qualquer questão que porventura ocorra e que não esteja prevista nestas normas ou na legislação educacional vigente será objeto de deliberação do colegiado do curso, em primeira instância e em última instância no CONSU, no âmbito da Instituição.

Art. 42. O presente regulamento entra em vigor na data de sua aprovação pelo Conselho Superior Universitário da UEAP.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

Macapá (AP), 07 de março de 2023.

Comissão de Reformulação do PPC de Engenharia Florestal

Portaria Nº 480/2021 – UEAP

Aprovado pelo Colegiado do Curso de Engenharia Florestal em 31 de maio de 2023.

Aprovado pelo Conselho Superior Universitário – CONSU em XX de XXXX de 2024,
através da Resolução Nº XXX/2024.





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

**REGULAMENTO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO –
BACHARELADO EM ENGENHARIA FLORESTAL**

ANEXOS





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

**REGULAMENTO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO –
BACHARELADO EM ENGENHARIA FLORESTAL**

**ANEXO I:
TERMO DE COMPROMISSO DO ACADÊMICO**





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

TERMO DE COMPROMISSO DO ACADÊMICO

Eu, **NOME DO ACADÊMICO(A)**, Carteira de Identidade nº _____ emitida pelo(a) **SSP/AP**, aluno(a) regularmente matriculado(a) no Curso de Engenharia Florestal da Universidade do Estado do Amapá, matrícula _____, declaro estar ciente das regras definidas pelo Colegiado do Curso de Engenharia Florestal para o processo de realização do Trabalho de Conclusão de Curso, cumprindo, assim, os créditos do componente curricular Trabalho de Conclusão de Curso _____.

Declaro ainda, que me comprometo a cumprir rigorosamente os prazos definidos para entrega das diversas etapas do Trabalho de Conclusão de Curso, bem como a de estar em todos os encontros previstos com o orientador e com o coordenador de TCC quando assim for acertado.

Macapá, _____ de _____ de _____..

Nome do Acadêmico(a)

Acadêmico(a)

Ciente,

Nome do Orientador(a)

Orientador(a)





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

**REGULAMENTO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO –
BACHARELADO EM ENGENHARIA FLORESTAL**

**ANEXO II:
TERMO DE COMPROMISSO DO ORIENTADOR**





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

Eu, **NOME DO ORIENTADOR**, credenciado pelo Colegiado do Curso de Engenharia Florestal desta Instituição, declaro, para os devidos fins, **estar de acordo em assumir a orientação do Trabalho de Conclusão de Curso** do(a) acadêmico(a) **NOME DO ACADÊMICO**, assumindo as atribuições regimentais e dispostas na norma de elaboração do TCC da UEAP e no Regulamento de Trabalho de Conclusão de Curso de Engenharia Florestal.

Macapá, _____ de _____ de _____ ..

Nome do Orientador(a)

Orientador(a)





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

**REGULAMENTO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO –
BACHARELADO EM ENGENHARIA FLORESTAL**

**ANEXO III:
FICHA DE CONTROLE DE ORIENTAÇÃO**





GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

Projeto Pedagógico do Curso de Engenharia Florestal - 2024

FICHA DE CONTROLE DE ORIENTAÇÃO

ACADÊMICO:
ORIENTADOR:
MÊS DE REFERÊNCIA:

DATA	ATIVIDADE DESENVOLVIDA	ASS. ACADÊMICO	ASS. ORIENTADOR

Ciente em ____ de _____ de 2024.

Nome do Coordenador de TCC
Coordenador do Trabalho de Conclusão de Curso
TURMA/ANO





REGULAMENTO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – BACHARELADO EM ENGENHARIA FLORESTAL

ANEXO IV: TERMO DE ENCAMINHAMENTO PARA EXAME DE QUALIFICAÇÃO





TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA QUALIFICAÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Eu, **NOME DO ORIENTADOR(A)** encaminho para qualificação o projeto de TCC intitulado **TÍTULO DO TCC**, do (a) aluno (a) do Curso de Engenharia Florestal da UEAP, **NOME DO ACADÊMICO(A)**, por considerar que ele atende aos requisitos mínimos estabelecidos pelas normas vigentes da UEAP e do curso de Engenharia Florestal. Considero ainda que o(a) acadêmico(a) está apto(a) a apresentá-lo perante a Banca Examinadora.

Por ser verdade, firmo o presente.

Macapá, _____ de _____ de _____..

Nome do Orientador(a)

Orientador(a)





REGULAMENTO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – BACHARELADO EM ENGENHARIA FLORESTAL

ANEXO V: TERMO DE ENCAMINHAMENTO PARA DEFESA FINAL





TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Eu, **NOME DO ORIENTADOR(A)** encaminho para apresentação e defesa pública o TCC intitulado **TÍTULO DO TCC**, do(a) acadêmico(a) do Curso de Engenharia Florestal, **NOME DO ACADÊMICO(A)**, por considerar que ele atende aos requisitos mínimos estabelecidos pelas normas vigentes da UEAP e do curso de Engenharia Florestal. Considero ainda que o(a) acadêmico(a) apto(a) a apresentá-lo perante a Banca Examinadora.

Por ser verdade, firmo o presente.

Macapá, _____ de _____ de _____ ..

Nome do Orientador(a)

Orientador(a)





REGULAMENTO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – BACHARELADO EM ENGENHARIA FLORESTAL

ANEXO VI: FICHA DE AVALIAÇÃO DO TCC I





FICHA DE AVALIAÇÃO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO I

Título:	
Acadêmico:	
Orientador:	
Examinador:	
Avaliação do Trabalho Escrito	Pontuação A:

1. A introdução está fundamentada, com hipótese condizente com a proposta de trabalho a ser desenvolvido.						
Não	Insuficiente	Razoável	Bom	Muito Bom	Excelente	Pontuação
0,0	0,2	0,4	0,6	0,8	1,0	
2. Consigo identificar a problemática da proposta de estudo e sua relação com o tema escolhido.						
Não	Insuficiente	Razoável	Bom	Muito Bom	Excelente	Pontuação
0,0	0,2	0,4	0,6	0,8	1,0	
3. A justificativa apresentada é condizente e relevante com a proposta de estudo.						
Não	Insuficiente	Razoável	Bom	Muito Bom	Excelente	Pontuação
0,0	0,2	0,4	0,6	0,8	1,0	
4. A revisão de literatura é atualizada (menos de 10 anos), suficiente e adequada.						
Não	Insuficiente	Razoável	Bom	Muito Bom	Excelente	Pontuação
0,0	0,2	0,4	0,6	0,8	1,0	
5. Os objetivos são adequados para responder os por quês da proposta de trabalho.						
Não	Insuficiente	Razoável	Bom	Muito Bom	Excelente	Pontuação
0,0	0,2	0,4	0,6	0,8	1,0	
6. Todos os objetivos apresentam uma descrição metodológica para serem atingidos.						
Não	Insuficiente	Razoável	Bom	Muito Bom	Excelente	Pontuação
0,0	0,1	0,2	0,3	0,4	0,5	
7. A metodologia está adequadamente descrita, fundamentada e sistematizada.						





Não	Insuficiente	Razoável	Bom	Muito Bom	Excelente	Pontuação
0,0	0,4	0,8	1,2	1,6	2,0	
8. O cronograma é condizente com a metodologia proposta e com tempo hábil para execução.						
Não	Insuficiente	Razoável	Bom	Muito Bom	Excelente	Pontuação
0,0	0,1	0,2	0,3	0,4	0,5	
9. O sistema de citação utilizado no projeto está de acordo com as normas da ABNT.						
Não	Insuficiente	Razoável	Bom	Muito Bom	Excelente	Pontuação
0,0	0,1	0,2	0,3	0,4	0,5	
10. A listagem das referências está de acordo com as normas da ABNT.						
Não	Insuficiente	Razoável	Bom	Muito Bom	Excelente	Pontuação
0,0	0,1	0,2	0,3	0,4	0,5	
11. A comunicação escrita apresenta composição bem estruturada, sem erros de sintaxe, de pontuação e/ou de ortografia.						
Não	Insuficiente	Razoável	Bom	Muito Bom	Excelente	Pontuação
0,0	0,2	0,4	0,6	0,8	1,0	

Avaliação da Apresentação Oral e Arguição	Pontuação B:
--	---------------------

1. Iniciou a apresentação com uma abordagem geral do trabalho, com a problemática e justificativa .						
Não	Insuficiente	Razoável	Bom	Muito Bom	Excelente	Pontuação
0,0	0,2	0,4	0,6	0,8	1,0	
2. Apresentou os objetivos de forma clara.						
Não	Insuficiente	Razoável	Bom	Muito Bom	Excelente	Pontuação
0,0	0,1	0,2	0,3	0,4	0,5	
3. Utilizou de forma adequada o referencial teórico abordado no trabalho durante a apresentação.						
Não	Insuficiente	Razoável	Bom	Muito Bom	Excelente	Pontuação
0,0	0,3	0,6	0,9	1,2	1,5	





4. Demonstrou domínio e segurança durante a apresentação do projeto.						
Não	Insuficiente	Razoável	Bom	Muito Bom	Excelente	Pontuação
0,0	0,3	0,6	0,9	1,2	1,5	
5. Apresentou a proposta metodológica para realização do estudo.						
Não	Insuficiente	Razoável	Bom	Muito Bom	Excelente	Pontuação
0,0	0,3	0,6	0,9	1,2	1,5	
6. Demonstrou capacidade de análise e síntese considerando o tempo estipulado para apresentação (15 – 20 minutos).						
Não	Insuficiente	Razoável	Bom	Muito Bom	Excelente	Pontuação
0,0	0,2	0,4	0,6	0,8	1,0	
7. Os recursos visuais (gráficos, imagens, tabelas e texto em geral) estavam legíveis.						
Não	Insuficiente	Razoável	Bom	Muito Bom	Excelente	Pontuação
0,0	0,2	0,4	0,6	0,8	1,0	
8. As respostas aos questionamentos emitidos pela banca foram:						
Não	Insuficiente	Razoável	Bom	Muito Bom	Excelente	Pontuação
0,0	0,4	0,8	1,2	1,6	2,0	
Composição da Nota Final (NF): $NF = \frac{\text{Pontuação A} + \text{Pontuação B}}{2}$						
Resultado: () Aprovado. () Reprovado.						
Considerações:						

Macapá (AP), ____/____/____

Nome do Examinador(a)

Examinador(a)

Nome do Orientador(a)

Orientador(a)





REGULAMENTO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – BACHARELADO EM ENGENHARIA FLORESTAL

ANEXO VII: FICHA DE AVALIAÇÃO DO TCC II





FICHA DE AVALIAÇÃO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II

Título:						
Acadêmico:						
Orientador:						
Examinador:						
Avaliação do Trabalho Escrito					Pontuação A:	

1. A introdução está fundamentada, com hipótese condizente com o tema do trabalho.						
Não	Insuficiente	Razoável	Bom	Muito Bom	Excelente	Pontuação
0,0	0,1	0,2	0,3	0,4	0,5	
2. A problemática e justificativa apresentadas são condizentes e relevantes para o trabalho.						
Não	Insuficiente	Razoável	Bom	Muito Bom	Excelente	Pontuação
0,0	0,1	0,2	0,3	0,4	0,5	
3. A revisão de literatura é atualizada (menos de 10 anos), suficiente e adequada.						
Não	Insuficiente	Razoável	Bom	Muito Bom	Excelente	Pontuação
0,0	0,2	0,4	0,6	0,8	1,0	
4. Os objetivos são adequados para responder os por quês da proposta de trabalho.						
Não	Insuficiente	Razoável	Bom	Muito Bom	Excelente	Pontuação
0,0	0,2	0,4	0,6	0,8	1,0	
5. A metodologia está adequadamente descrita, fundamentada e sistematizada.						
Não	Insuficiente	Razoável	Bom	Muito Bom	Excelente	Pontuação
0,0	0,4	0,8	1,2	1,6	2,0	
6. Os resultados foram apresentados através de gráficos, tabelas e/ou texto de forma clara e condizente com os objetivos do trabalho.						
Não	Insuficiente	Razoável	Bom	Muito Bom	Excelente	Pontuação
0,0	0,2	0,4	0,6	0,8	1,0	
7. A discussão dos resultados foi realizada de forma condizente, com literaturas relevantes e atuais referentes à temática do TCC.						
Não	Insuficiente	Razoável	Bom	Muito Bom	Excelente	Pontuação





0,0	0,2	0,4	0,6	0,8	1,0	
8. O sistema de citação utilizado no projeto está de acordo com as normas da ABNT.						
Não	Insuficiente	Razoável	Bom	Muito Bom	Excelente	Pontuação
0,0	0,1	0,2	0,3	0,4	0,5	
9. A listagem das referências (referências bibliográficas) está de acordo com as normas da ABNT.						
Não	Insuficiente	Razoável	Bom	Muito Bom	Excelente	Pontuação
0,0	0,1	0,2	0,3	0,4	0,5	
10. A comunicação escrita apresenta composição bem estruturada, sem erros de sintaxe, de pontuação e/ou de ortografia.						
Não	Insuficiente	Razoável	Bom	Muito Bom	Excelente	Pontuação
0,0	0,4	0,8	1,2	1,6	2,0	

Avaliação da Apresentação Oral e Arguição					Pontuação B:	
1. Iniciou a apresentação com uma abordagem geral do trabalho, com a problemática e justificativa .						
Não	Insuficiente	Razoável	Bom	Muito Bom	Excelente	Pontuação
0,0	0,1	0,2	0,3	0,4	0,5	
2. Apresentou os objetivos de forma clara.						
Não	Insuficiente	Razoável	Bom	Muito Bom	Excelente	Pontuação
0,0	0,1	0,2	0,3	0,4	0,5	
3. Utilizou de forma adequada o referencial teórico abordado no trabalho durante a apresentação.						
Não	Insuficiente	Razoável	Bom	Muito Bom	Excelente	Pontuação
0,0	0,2	0,4	0,6	0,8	1,0	
4. Demonstrou domínio, clareza, fluência e segurança durante a apresentação do projeto.						
Não	Insuficiente	Razoável	Bom	Muito Bom	Excelente	Pontuação
0,0	0,2	0,4	0,6	0,8	1,0	
5. A metodologia apresentada está clara e concisa, de acordo com o material escrito.						
Não	Insuficiente	Razoável	Bom	Muito Bom	Excelente	Pontuação
				Bom		
0,0	0,3	0,6	0,9	1,2	1,5	





6. Os resultados foram apresentados através de gráficos, tabelas e/ou texto de forma clara e condizente com os objetivos do trabalho.						
Não	Insuficiente	Razoável	Bom	Muito Bom	Excelente	Pontuação
0,0	0,2	0,4	0,6	0,8	1,0	
7. A discussão dos resultados foi apresentada de forma concisa, utilizando autores e atuais referentes à temática do TCC.						
Não	Insuficiente	Razoável	Bom	Muito Bom	Excelente	Pontuação
0,0	0,2	0,4	0,6	0,8	1,0	
8. Demonstrou capacidade de análise e síntese considerando o tempo estipulado para apresentação (20 – 30 minutos).						
Não	Insuficiente	Razoável	Bom	Muito Bom	Excelente	Pontuação
0,0	0,2	0,4	0,6	0,8	1,0	
9. Os gráficos, imagens, tabelas e texto em geral estavam legíveis.						
Não	Insuficiente	Razoável	Bom	Muito Bom	Excelente	Pontuação
0,0	0,2	0,4	0,6	0,8	1,0	
10. As respostas aos questionamentos emitidos pela banca foram:						
Não	Insuficiente	Razoável	Bom	Muito Bom	Excelente	Pontuação
0,0	0,3	0,6	0,9	1,2	1,5	
Composição da Nota Final (NF): $NF = \frac{\text{Pontuação A} + \text{Pontuação B}}{2}$						
Resultado: () Aprovado. () Aprovado, com a obrigatoriedade de apresentação das correções sugeridas pela banca de defesa de TCC. () Reprovado.						
Considerações:						





Macapá (AP), ____/____/____

Nome do Examinador(a)

Examinador(a)

Nome do Orientador(a)

Orientador(a)





REGULAMENTO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – BACHARELADO EM ENGENHARIA FLORESTAL

ANEXO VIII: MODELO DE ATA DE EXAME DE QUALIFICAÇÃO





ATA DE QUALIFICAÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Às horas e minutos do dia **XXXX** de **XXXXX** de dois mil e **XXXX**, reuniu-se na sala **XX** do Campus I da UEAP a Banca Examinadora do Projeto do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “**XXXXXXX**”, do(a) acadêmico(a) **XXXXXXXXXXXX**, composta por **XXXXXX** (Orientador(a)/Presidente), **XXXXXXX** (Examinador(a) 1) e **XXXXXXX** (Examinador(a) 2), para a sessão de defesa **pública** do citado trabalho. Abrindo a sessão o(a) orientador(a) e Presidente da Banca, **XXXXXXX**, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho de Conclusão de Curso, passou a palavra ao acadêmico para apresentação de seu projeto. Seguiu-se a arguição pelos membros da Banca Examinadora e respectiva defesa do acadêmico. Nesta ocasião foi aberta a palavra para os componentes da Banca que fizeram suas considerações e sugestões para o trabalho. Logo após, a Banca se reuniu, sem a presença do acadêmico e do público, para julgamento e expedição do resultado final. O(A) acadêmico(a) foi considerado(a) _____, pelos membros da Banca Examinadora, tendo sido atribuído nota ____ (_____) ao seu projeto de TCC. O resultado foi então comunicado publicamente ao aluno pelo Presidente da Banca. Nada mais havendo a tratar, o Presidente da Banca Examinadora deu por encerrado a sessão que tem por conteúdo o teor desta Ata que, após lida e achada conforme, será assinada por todos os membros da Banca para fins de produção de seus efeitos legais.

Nome do Acadêmico(a)

Acadêmico(a)

Nome do Orientador(a)

Presidente da Banca / Orientador(a)

Nome do Examinador(a)

1º Examinador(a)

Nome do Examinador(a)

2º Examinador(a)

Macapá (AP), _____ de _____ de _____.





REGULAMENTO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – BACHARELADO EM ENGENHARIA FLORESTAL

ANEXO IX: MODELO DE ATA DE DEFESA FINAL





ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Às ____ horas e ____ minutos do dia XXXX de XXXXX de dois mil e XXXX, reuniu-se na sala XX do Campus I da UEAP a Banca Examinadora do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “XXXXXX”, do(a) acadêmico(a) XXXXXXXXXXXX, composta por XXXXXX (Orientador(a)/Presidente), XXXXXXXX (Examinador(a) 1) e XXXXXXXX (Examinador(a) 2), para a sessão de defesa pública do citado trabalho. Abrindo a sessão o(a) orientador(a) e Presidente da Banca, XXXXXXXX, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho de Conclusão de Curso, passou a palavra ao acadêmico para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos membros da Banca Examinadora e respectiva defesa do acadêmico. Nesta ocasião foi aberta a palavra para os componentes da Banca que fizeram suas considerações e sugestões para o trabalho. Logo após, a Banca se reuniu, sem a presença do acadêmico e do público, para julgamento e expedição do resultado final. O(A) acadêmico(a) foi considerado(a) _____, pelos membros da Banca Examinadora, tendo sido atribuído nota _____ (_____) ao seu TCC. Assim sendo, de acordo com art. 39 da Resolução 77/2014 - CONSU, após a defesa do TCC, o acadêmico tem até 15 (quinze) dias para realizar as possíveis alterações sugeridas pela banca examinadora, devendo entregar até o final desse prazo a versão final na Coordenação do Curso com a autorização do seu orientador. O resultado foi então comunicado publicamente ao aluno pelo Presidente da Banca. Nada mais havendo a tratar, o Presidente da Banca Examinadora deu por encerrada a sessão que tem por conteúdo o teor desta Ata que, após lida e achada conforme, será assinada por todos os membros da Banca para fins de produção de seus efeitos legais.

Nome do Acadêmico(a)

Acadêmico(a)

Nome do Orientador(a)

Presidente da Banca / Orientador(a)

Nome do Examinador(a)

1º Examinador(a)

Nome do Examinador(a)

2º Examinador(a)

Macapá (AP), ____ de ____ de ____.





20.4 REGULAMENTO DO NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE DO CURSO DE ENGENHARIA FLORESTAL

CAPÍTULO I

DAS CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Art. 1º. O presente Regulamento disciplina as atribuições e o funcionamento do Núcleo Docente Estruturante (NDE) do Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal, da Universidade do Estado do Amapá.

Art. 2º. O Núcleo Docente Estruturante (NDE) é o órgão consultivo responsável pela concepção do Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Bacharelado em Engenharia Florestal e tem por finalidade zelar pela execução plena do PPC, envolvendo desde a implantação, avaliação, atualização e consolidação.

CAPÍTULO II

DAS ATRIBUIÇÕES DO NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE

Art. 3º. São atribuições do Núcleo Docente Estruturante, entre outras:

- I. Liderar os trabalhos de elaboração, implementação, revisão e consolidação do Projeto Pedagógico do curso, sempre na observância das Diretrizes Curriculares Nacionais vigentes;
- II. Zelar pela efetivação da interdisciplinaridade nas atividades acadêmicas propostas nos Planos de Ensino considerando o PPC, em consonância aos Projetos de pesquisa e aos programas de Extensão Universitária;
- III. Incentivar o desenvolvimento de linhas de Pesquisa e Extensão no âmbito da área de conhecimento do curso, consoantes às necessidades da Graduação, de exigências das demandas sociais e afinadas com as políticas públicas relativas à área de conhecimento do curso;
- IV. Contribuir com a coordenação do curso em relação ao acompanhamento das atividades de ensino, pesquisa e extensão dos docentes lotados no colegiado, emitindo relatórios semestrais para a constante melhoria do curso;
- V. Zelar para a consolidação do perfil profissional do egresso do curso;
- VI. Estabelecer o perfil profissional do egresso do curso, analisando-o de forma periódica, para análise de sua adequação às Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) e principalmente novas demandas dos campos de trabalho ;
- VII. Indicar formas de incentivo ao desenvolvimento de linhas de pesquisa e extensão, oriundas de necessidades da graduação, de exigências do mercado de trabalho e afinadas com as políticas públicas relativas à área de conhecimento do curso;
- VIII. Analisar e avaliar os Planos de Ensino dos componentes curriculares;





- IX. Promover a integração horizontal e vertical do curso, respeitando os objetivos estabelecidos pelo projeto pedagógico;
- X. Acompanhar as atividades do corpo docente;
- XI. Exercer demais atribuições que lhes são explícitas ou implícitas conferidas pelo Regimento da UEAP, bem como legislação e regulamentos a que se subordine;
- XII. Realizar estudos e atualizações periódicas, verificando o impacto do sistema de avaliação de aprendizagem na formação do estudante;
- XIII. Planejar e estabelecer procedimentos para permanência de parte de seus membros, até o ato regulatório seguinte;
- XIV. Planejar e acompanhar as atividades complementares e de extensão executadas pelo curso;
- XV. Referendar a bibliografia no tocante a quantidade, qualidade e títulos para o atendimento as necessidades do formativas do curso;
- XVI. Elaborar relatórios diversos visando auxiliar a Coordenação na gestão do curso;
- XVII. Referendar as características e aderência dos professores que atuarão no âmbito do curso;
- XVIII. Propor ações de melhorias em decorrência de relatórios das avaliações internas, externas; dentre outras.

CAPÍTULO III

CONSTITUIÇÃO E VIGÊNCIA DO NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE

Art. 4º. O Núcleo Docente Estruturante (NDE) do Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal, em atendimento a legislação vigente, terá os seguintes critérios de constituição:

- I. O presidente e o vice-presidente deverão ser escolhidos por eleição, dentre os membros do NDE e designados pela Reitoria da UEAP por Portaria, para mandato de dois anos, com direito a recondução via eleição;
- II. Um mínimo de 5 (cinco) professores pertencentes ao corpo docente do Curso, selecionados pelo Colegiado e nomeados pela Reitoria da UEAP por Portaria, para mandatos de dois anos, com direito a recondução via eleição;
- III. Todos os seus membros devem ter titulação acadêmica obtida em programas de pós-graduação stricto sensu;
- IV. Ter todos os membros em regime de trabalho de tempo integral;
- V. Assegurar estratégia de renovação parcial dos integrantes do NDE de modo a assegurar continuidade no processo de acompanhamento do curso;





VI. O coordenador do curso é membro nato do NDE.

§ 1º. O Presidente do Núcleo será substituído nas faltas e impedimentos pelo vice-presidente e na falta desse membro, pelo membro do Núcleo Docente Estruturante - NDE mais antigo no magistério.

§ 2º. Os membros que assumirem a responsabilidade de pertencimento ao NDE deverão possuir disponibilidade de continuação como membro do NDE até o próximo ato regulatório, de modo a garantir a continuidade das ações e memória gerencial, acadêmico pedagógica do curso.

Art. 5º. O percentual de docentes que compõem o NDE com formação acadêmica em Engenharia Florestal deve ser de, pelo menos, 80% (oitenta por cento).

Art. 6º. São requisitos exigidos dos membros do NDE:

- I. Conhecer as normativas do NDE do curso, Regimento da Instituição e demais normas pertinentes;
- II. Atender as características profissionais, de experiência, titulação e outros estabelecidas no presente, no Regimento da Instituição e outros pertinentes;
- III. Conhecer a legislação educacional aplicável ao Curso;
- IV. Conhecer o estabelecido nas DCN do curso e manter-se atualizado acerca das exigências dos campos de trabalho para alunos e egressos na área;
- V. Comprometer-se com o estabelecido no presente regulamento;
- VI. Ter disponibilidade de cumprir o período de permanência junto ao NDE do curso, disposto no presente.
- VII. Outros necessários ao bom funcionamento do Curso.

Parágrafo único. Para que as ações e manutenção do funcionamento do NDE seja possível, mecanismos e ferramentas e capacitação e incentivos serão sugeridos e estabelecidos pelo NDE e Instituição.

Art. 7º. O NDE do curso de Engenharia Florestal será composto da seguinte forma:

- I. Coordenador do Curso;
- II. No mínimo 1 (um) e no máximo de 3 (três) representantes do corpo docente da área de Manejo Florestal;
- III. No mínimo 1 (um) e no máximo 3 (três) representantes do corpo docente da área de Silvicultura;
- IV. No mínimo 1 (um) e no máximo 3 (três) representantes do corpo docente da área de Tecnologia;





V. No mínimo 1 (um) e no máximo 3 (três) representantes do corpo docente das demais áreas pertinentes ao curso.

Parágrafo único. Os representantes das áreas de Manejo Florestal, Silvicultura e Tecnologia deverão ter formação acadêmica em Engenharia Florestal, enquanto o representante do corpo docente “das demais áreas” será aquele com qualquer formação acadêmica em áreas afins à Engenharia Florestal que estejam lotados no curso.

Art. 8º. O processo eleitoral para seleção de nova composição do NDE deverá ser realizado por comissão institucionalizada, logo após a eleição para coordenador de curso.

§1º. Estarão aptos a se candidatar em suas respectivas vagas todos os docentes lotados no curso de Engenharia Florestal.

CAPÍTULO IV

DAS ATRIBUIÇÕES DO PRESIDENTE DO NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE

Art. 9º. Compete ao Presidente do Núcleo Docente Estruturante:

- I. Convocar e presidir as reuniões, com direito a voto, inclusive o de qualidade;
- II. Representar o NDE junto aos órgãos da instituição;
- III. Encaminhar as deliberações do NDE;
- IV. Designar relator ou comissão para estudo de matéria a ser decidida pelo NDE e um representante do corpo docente para secretariar e lavrar as atas;
- V. Coordenar a integração com os demais Conselhos e setores da instituição.

CAPÍTULO V

DAS REUNIÕES

Art. 10. O NDE reunir-se-á, ordinariamente, por convocação de iniciativa do seu Presidente, 2 (duas) vezes por semestre e, extraordinariamente, sempre que convocado pelo Presidente ou pela maioria de seus membros titulares.

Art. 11. O quórum mínimo para dar início à reunião é de 50% mais 1 (cinquenta por cento mais um) dos membros do NDE.

Art. 12. A pauta dos trabalhos das sessões ordinárias será obrigatoriamente a seguinte:

- a) Leitura e aprovação da Ata da sessão anterior;
- b) Expediente;
- c) Ordem do dia;
- d) Outros assuntos de interesse geral.





§ 1º. Podem ser submetidos à consideração do plenário, assuntos de urgência, a critério do Núcleo Docente Estruturante - NDE, que não constem da Ordem do Dia, se encaminhados por qualquer um de seus membros;

§ 2º. Das reuniões, lavrará um dos membros do Núcleo Docente Estruturante - NDE, ata circunstanciada que, depois de lida e aprovada é assinada pelos membros presentes na reunião.

Art. 13. As decisões do NDE serão tomadas por maioria simples de votos, com base no número de presentes.

Parágrafo único. O presidente do colegiado, além de seu voto, tem, nos casos de empate, o voto de qualidade.

CAPÍTULO VI

DAS DISPOSIÇÕES FINAIS

Art. 14. Os casos omissos serão resolvidos pelo NDE ou órgão superior, de acordo com a competência.

Art. 15. O presente Regulamento entra em vigor após aprovação pelo Conselho Superior Universitário (CONSU) da Universidade do Estado do Amapá.

Macapá (AP), 07 de março de 2023. Comissão de Reformulação do PPC de Engenharia
Florestal
Portaria Nº 480/2021 – UEAP

Aprovado pelo Conselho Superior Universitário – CONSU em XX de XXXX de 2024,
através da
Resolução Nº XXX/2024.





20.5 REGIMENTO INTERNO DO COLEGIADO DO CURSO DE BACHARELADO EM ENGENHARIA FLORESTAL

TÍTULO I

Do Colegiado do Curso

Art. 1º. - O Colegiado de Curso é órgão primário normativo, deliberativo, executivo e consultivo, com composição, competências e funcionamento definidos neste Regimento Interno.

Capítulo I

Das Atribuições do Colegiado

Art. 2º. - São atribuições do Colegiado do Curso:

- I. Auxiliar a Coordenação e o NDE do curso sempre que solicitado.
- II. Elaborar o seu regimento interno, devendo prever questões como: quórum para as reuniões, faltas dos membros, entre outros.
- III. Aprovar os pareceres sobre os planos de ensino e relatórios de disciplinas elaborados pelo NDE do curso, com o apoio da equipe pedagógica.
- IV. Deliberar sobre solicitações discentes com base no Regimento Acadêmico e demais documentos normativos institucionais.
- V. Indicar comissão eleitoral para conduzir o processo de eleição de Coordenador e Vice Coordenador do Curso, observando o regimento próprio para ele.
- VI. Validar o resultado do processo de eleição de Coordenador e Vice Coordenador do Curso.
- VII. Receber, analisar e encaminhar solicitações de ações disciplinares referentes ao corpo docente ou discente do Curso.
- VIII. Apoiar e assessorar o coordenador de curso no desenvolvimento de suas atividades, notadamente na condução das ações de execução dos regimentos institucionais da UEAP e demais normatizações.





- IX. Atuar em conjunto com a Comissão Própria de Avaliação – CPA no processo de autoavaliação institucional, com a responsabilidade de envolver toda a comunidade acadêmica, em auxílio ao NDE.
- X. Analisar os encaminhamentos sugeridos pelo NDE e deliberar ações a respeito desses encaminhamentos e também resultados da autoavaliação.
- XI. Aprovar os quadros de lotação dos períodos letivos referentes ao curso de Engenharia Florestal.
- XII. Coordenar a implementação das ações, propostas pelo NDE e pelo Colegiado de Curso, a partir dos resultados da autoavaliação institucional (CPA) e da autoavaliação do curso.

Capítulo II

Da Constituição do Colegiado

Art. 3º. - O Colegiado do Curso será constituído de:

- I. um presidente;
- II. um vice-presidente;
- III. Todos os docentes efetivos e temporários;
- IV. Todos os técnicos e analistas vinculados ao colegiado;
- V. dois discentes.

Art. 4º. - O Coordenador do Curso ocupará o cargo de Presidente do Colegiado de Curso e o Vice Coordenador o cargo de Vice-Presidente.

Art. 5º. - O Coordenador do Curso terá um mandato de 2 (dois anos), podendo participar de mais um mandato subsequente conforme as normas eleitorais estabelecidas pelo Colegiado do Curso.

Parágrafo Único: O coordenador e o vice coordenador do curso poderão ser destituídos quando desrespeitarem suas competências inerentes.

Art. 6º. - Os docentes representantes da área básica e da área profissional terão o mandato de 4 (quatro) anos.

§ 1º: Os docentes representantes da área básica e da área profissional serão eleitos por seus pares. Serão eleitos também por seus pares os docentes suplentes da área básica e da área profissional.

§ 2º: As quatro vagas para docentes representantes da área profissional do curso serão divididas da seguinte forma:

- I. uma vaga para área de Silvicultura;
- II. uma vaga para área de Manejo;





III. uma vaga para área de Conservação e Meio Ambiente;

IV. uma vaga para área de Tecnologia de Produtos Florestais.

Art. 7º. - A representação do corpo técnico terá mandato de 4 (quatro) anos.

Parágrafo Único: A representação do corpo técnico será eleita pelo segmento, que também elegerá os suplentes.

Art. 8º. - A representação discente terá mandato de 1 (um) ano.

Parágrafo Único: A representação discente será eleita pelo segmento, que também elegerá os suplentes.

Art. 9º. - A Universidade do Estado do Amapá, através de seu representante legal, emitirá a portaria compondo o colegiado do curso, após serem realizadas as eleições de seus representantes.

Art. 10. - As eleições para coordenador e vice coordenador do curso ocorrerão no mês de abril e a posse no cargo acontecerá no primeiro dia útil do mês de julho do mesmo ano.

Parágrafo Único: As inscrições para eleição serão por chapas definindo os cargos de coordenador e vice coordenador do curso.

Art. 11. - O vice coordenador assumirá interinamente o cargo de coordenador do curso e presidência do colegiado nas eventuais faltas do coordenador.

§ 1º: No caso de vacância do coordenador, o vice coordenador assumirá definitivamente o cargo até a finalização do mandato de sua chapa.

§ 2º: Em qualquer situação em que o cargo de vice- coordenador ficar vago, será eleito um membro do colegiado para assumir a vice- coordenação com mandato igual ao do coordenador e haverá eleições entre os pares para recomposição do colegiado.

Art. 12. - Perderá o mandato aquele que, sem causa justificada, faltar a mais de 2 reuniões consecutivas ou 3 alternadas. As justificativas serão analisadas pelo Colegiado de Curso.

Art. 13. - Em casos de vacância será organizada nova eleição para suprir a vaga até o término do mandato da gestão.

Parágrafo Único: Na vacância do titular, o suplente assume o lugar do titular, e será realizada eleição para suplente.

Capítulo III

Das Atribuições do Presidente do Colegiado

Art. 14. - Compete ao Presidente do Colegiado do Curso:

- I. convocar e presidir as reuniões, com direito a voto;
- II. representar o Colegiado junto aos órgãos da UEAP;





- III. encaminhar as deliberações do Colegiado;
- IV. designar relator ou comissão para estudo de matéria a ser decidida pelo Colegiado;
- V. decidir ad referendum, em caso de urgência, sobre matéria de competência do Colegiado;
- VI. elaborar os horários de aula, ouvidas as partes envolvidas;
- VII. orientar os alunos quanto à matrícula e integralização do curso;
- VIII. verificar o cumprimento do currículo do curso e demais exigências para a concessão de grau acadêmico aos alunos concluintes;
- IX. promover a integração de todas as partes envolvidas no Curso;
- X. analisar e decidir os pedidos de transferência e retorno;
- XI. elaborar o Plano de Ação da Coordenação do Curso no início do mandato e dar publicidade.
- XII. exercer outras atribuições previstas em lei ou Regimentos do Curso e da UEAP.

Capítulo IV

Das Reuniões

Art. 15. - O Colegiado do Curso reunir-se-á, no mínimo duas vezes por semestre e extraordinariamente, por convocação de iniciativa do seu presidente ou pela maioria simples de seus membros.

§ 1º: As reuniões extraordinárias serão convocadas com antecedência mínima de 48 (quarenta e oito) horas, mencionando-se a pauta.

§ 2º: Em caso de urgência ou excepcionalidade, o prazo de convocação previsto no parágrafo anterior poderá ser reduzido e a indicação de pauta omitida, justificando-se a medida do início da reunião.

Art. 16. - As reuniões ordinárias deverão ser previamente agendadas preferencialmente ao início do semestre letivo.

Parágrafo Único: Caso não haja assunto para pauta, a reunião deverá ser cancelada atendendo os mesmos critérios e prazos utilizados para sua convocação.

Art. 17. - Nas convocações das reuniões devem ser enviados os documentos necessários para análise com antecedência mínima de 48h da reunião.

Parágrafo Único: No caso de falta de documentação os membros do colegiado poderão pedir vistas, porém este procedimento só poderá acontecer uma vez para cada assunto e o requerente (ou seu suplente) terá a obrigatoriedade de votar sobre o assunto em reunião subsequente.





Art. 18. - As reuniões poderão ter inclusão, exclusão e inversão de pauta desde que aprovado pelo colegiado.

Art. 19. - Nas reuniões os trabalhos serão compostos por:

- a) Aprovação da ata da reunião anterior.
- b) Informes.
- c) Proposições para alteração de pauta.
- d) Pauta.

§ 1º: Para cada assunto constante da pauta, haverá uma fase de discussão e outra de votação.

§ 2º: As atas de reuniões anteriores serão compartilhadas com os membros do colegiado de modo virtual (e-mail ou google drive) antes da reunião em que acontecerá sua aprovação, de modo a dinamizar o processo do item a) Aprovação da ata da reunião anterior.

Art. 20. - As reuniões terão tempo máximo de 2 horas com possibilidade de prorrogação de mais 30 minutos.

Art. 21. - As reuniões só poderão iniciar com um quórum de 50% + 1 dos membros que deverão assinar a lista de presença.

Art. 22. - No caso do impedimento em participar da reunião o membro titular deverá comunicar seu suplente com prazo mínimo de 24h antes da reunião.

Art. 23. - Os trabalhos de cada reunião devem, obrigatoriamente, ser registrados em ata.

§ 1º: As atas das reuniões do Colegiado de Curso serão lavradas por um secretário ad hoc, designado no início da reunião, dentre os membros do colegiado, com revezamento entre seus membros.

§ 2º: Nas atas deve constar as deliberações e pareceres emitidos, sem menção às manifestações individuais, salvo se solicitado por algum membro.

Art. 24. - Na falta ou impedimento do Presidente ou de seu substituto legal, assumirá a Presidência o membro docente do Colegiado mais antigo na docência na UEAP ou, em igualdade de condições, o mais idoso.

Capítulo V

Das Deliberações

Art. 25. - As deliberações serão dadas pela maioria simples dos votos, sendo que para a votação será considerar a lista de presentes.

§ 1º: Os votos dos membros que assinarem a lista de presença e se ausentarem da votação serão considerados como abstenção.





§ 2º: No caso de empate, o voto de desempate caberá ao Coordenador do Curso e em sua ausência a seu substituto legal.

Art. 26. - Os membros do colegiado devem votar em uma das três possibilidades: a favor, contra ou abstenção a proposição.

Art. 27. - O representante suplente somente terá direito a voto quando tiver assinado a lista de presença em substituição ao membro titular.

Art. 28. - As decisões ad referendum deverão ser ratificadas pelo Colegiado de Curso na reunião imediatamente posterior à data em que elas foram tomadas.

Capítulo VI

Das Disposições Transitórias

Art. 29. - Este Regimento Interno entra em vigor na data de aprovação pelo Colegiado do Curso.

Macapá (AP), 05 de abril de 2023

Comissão de Reformulação do PPC de Engenharia Florestal

Portaria Nº 480/2021 – UEAP

Aprovado pelo Colegiado do Curso de Engenharia Florestal em 31 de maio de 2023.

Aprovado pelo Conselho Superior Universitário – CONSU em XX de XXXX de 2024,
através da Resolução Nº XXX/2024.



Outros anexos (em formato digital)

- PPC - Florestal 2023_Versao_11_04_2023.docx